

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Amor e construtos relacionados: evidências de validade de  
instrumentos de medida no Brasil

Vicente Cassepp-Borges

Brasília, DF

2010

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil

Vicente Cassepp-Borges

Brasília, DF

2010

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil

Vicente Cassepp-Borges

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Psicologia Social, do Trabalho e das  
Organizações como requisito parcial à obtenção do  
grau de Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e  
das Organizações

Orientador: Luiz Pasquali

Brasília, DF

julho de 2010

Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil

Tese examinada e aprovada por:

---

Prof. Docteur Luiz Pasquali (Presidente)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações,  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Cristiane Faiad de Moura (Membro)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia,  
Universidade Salgado de Oliveira

---

Prof. Hartmut Günther, Ph.D. (Suplente)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações,  
Universidade de Brasília

---

Prof. Jacob Arie Laros, Ph.D. (Membro)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações,  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Ronaldo Pilati Rodrigues (Membro)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações,  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (Membro)  
Programa de Pós-graduação em Psicologia,  
Universidade Federal da Paraíba

*À cidade de Brasília, pelos seus 50 anos.*

## Soneto Triangular do Amor

Dois cúmplices estão em linda harmonia

Quando sentem carinho e amizade

Pois não ocorre da noite para o dia

O aparecimento da intimidade

Os dois vivem um ardente romance

Quando os beijos trazem excitação

O desejo torna-se a grande nuance

que alimenta a fogueira da paixão

Os dois assumem uma decisão

Que dá sentido para esse feitiço

Para mostrar a força dessa união

Materializam o seu compromisso

Os dois sentem a emoção com ardor

São as três partes da perfeição do amor

O Autor

## Agradecimentos

Ao mestre Luiz Pasquali. A integridade, a ética, a humildade, a simplicidade e a dedicação são características marcantes desse orientador. Sou grato pela paciência e pela disponibilidade incomum. A convivência com Luiz Pasquali é extremamente tranquila. Tê-lo escolhido como orientador foi uma das decisões mais acertadas da minha vida. Luiz Pasquali é um tipo de gênio que não se encontra com facilidade hoje em dia. Ser orientado por ele é uma honra.

À chefe Silvia Helena Koller. Se o fato de eu ter me tornado um acadêmico foi influência de alguma pessoa, essa pessoa é Silvia Helena Koller. Eu tenho pela Silvia um afeto de filho para mãe. Muitas vezes, durante a minha estada em Brasília, a Sílvia foi o único rosto querido de Porto Alegre que eu tive a felicidade de rever, quem esteve aqui em Brasília para enxugar as minhas lágrimas nas derrotas e comemorar junto nas vitórias. Mesmo que eu tenha sido um filho que fugiu de casa, sempre pude contar com o apoio da chefe.

Aos professores Maycoln Leôni Martins Teodoro e Piotr Trzesniak. Ambos despertaram em mim o interesse pelo estudo do amor e me ajudaram a dar os primeiros passos como investigador da área.

A minha mãe, Nazira Salete Cassepp Borges. Nazira me acompanhou durante toda minha vida e antes dela, me incentivou a chegar aonde eu cheguei. Foram muitas as dificuldades, e ela sempre teve fibra para lidar com elas. Embora não pudesse me ver pessoalmente, sempre me acompanhou por telefone. Segurou muitas barras, especialmente no início da minha trajetória em Brasília. Não são todas as mães que fazem o que ela fez por mim. Estendo o agradecimento ao meu irmão, Otávio Cassepp Borges, que foi um grande companheiro.

Às pessoas que leram as versões iniciais dessa tese, Amália Raquel Pérez-Nebra, Carlos Henrique Bohn, Fábio Iglesias e Felipe Valentini. Foram pessoas que enxergaram minha tese com um olhar que eu sou incapaz de ter. As sugestões dadas foram fundamentais.

Ao CNPq pelas bolsa de mestrado e à CAPES, pela bolsa de doutorado depois da minha mudança de nível. As bolsas foram fundamentais para a realização desse doutorado e me proporcionaram um excelente aproveitamento dos meus estudos.

À Universidade de Brasília. É um privilégio receber ensino gratuito e de qualidade. Agradeço à Universidade principalmente pela moradia funcional que pude utilizar dentro do *campus*. Esse apoio foi imprescindível.

Às pessoas que me ajudaram na coleta de dados. Fazer uma pesquisa com amplitude nacional somente foi possível graças à ajuda de colegas. Reconhecendo toda a ajuda recebida, agradeço principalmente àqueles que me ajudaram em coletas fora do Distrito Federal: Alexsandro Luiz de Andrade, Ana Beatriz Rocha Lima, César Romeu de Almeida Quaresma, Élder Cerqueira-Santos, Fabiana Queiroga, Felipe Valentini, Hilma Tereza Tôrres Khoury, Isalena Santos Carvalho, Juliana Ribeiro Diniz Souza, Josemberg Moura de Andrade, Ludgleydson Fernandes de Araújo e Monalisa Muniz Nascimento.

Aos(às) participantes. A pesquisa seria inviável sem os(as) participantes. Se a amostra contou com 1549 pessoas, e a coleta de dados tem duração aproximada de 40 minutos, devo aos(às) participantes praticamente 130 dias de trabalho, com uma jornada de 8 horas e sem direito a fins de semana e feriados. Muitos ainda foram solícitos e participaram da pesquisa novamente após seis meses. Assim, somando o trabalho voluntário de um contingente tão grande de pessoas, posso dizer que esta tese foi feita pelos(as) participantes.

A todas as pessoas que amo. Amar dá mais sentido ao meu trabalho.



## Sumário

Lista de Tabelas .....	xii
Lista de Figuras .....	xiv
Resumo.....	xv
Abstract .....	xvi
1 Introdução.....	1
1.1 Medir o Amor?.....	1
1.2 Definindo o Amor .....	2
1.3 Situando o Amor como Objeto de Estudo .....	4
1.4 A Biologia do Amor.....	6
1.4.1 Neurociências.....	6
1.4.2 Evolucionismo .....	8
1.5 A Psicologia do Amor .....	9
1.5.1 A Teoria Triangular do Amor de Sternberg .....	13
1.5.1.1 Mensuração do triângulo do amor.....	16
1.5.1.2 Aplicações da Teoria Triangular do Amor .....	17
1.5.1.3 Estudos brasileiros sobre a Teoria Triangular do Amor .....	18
1.5.2 A Teoria das Cores do Amor .....	19
1.5.2.1 Instrumentos de Mensuração da Tipologia do Amor .....	25
1.5.3 Satisfação no Relacionamento .....	27
1.5.3.1 Medida da satisfação no relacionamento .....	27
1.5.3.2 Estudos sobre relacionamentos de casais.....	29
1.5.3.3 Estudos transculturais .....	30
1.5.4 O amor e construtos relacionados na teoria das atitudes.....	31
1.6. Instrumentos de Medida do Amor e Construtos Relacionados no Brasil.....	34
1.7 Objetivos.....	36
1.8 Hipóteses .....	37
2 Método .....	41
2.1 Participantes .....	41
2.2 Instrumentos.....	44
2.3 Procedimento .....	45
2.4 Análise dos dados.....	49
3 Resultados e discussão .....	52

3.1	<i>Propriedades psicométricas dos instrumentos</i> .....	52
3.1.1	<i>Relationship Assessment Scale</i> .....	52
3.1.1.1	<i>Análise fatorial e precisão</i> .....	52
3.1.1.2	<i>Análise Fatorial Confirmatória</i> .....	54
3.1.1.3	<i>Teoria de Resposta ao Item</i> .....	57
3.1.2	<i>Escala Triangular do Amor de Sternberg</i> .....	60
3.1.2.1	<i>Análise fatorial e precisão</i> .....	60
3.1.2.2	<i>Teoria de Resposta ao Item</i> .....	63
3.1.3	<i>Escala Triangular do Amor de Sternberg -Reduzida</i> .....	68
3.1.3.1	<i>Análise Fatorial e precisão</i> .....	68
3.1.3.2	<i>Análise Fatorial Confirmatória</i> .....	70
3.1.3.3	<i>Teoria de Resposta ao Item</i> .....	74
3.1.4	<i>Love Attitudes Scale</i> .....	78
3.1.4.1	<i>Análise Fatorial e precisão</i> .....	78
3.1.4.2	<i>Escalonamento Multidimensional</i> .....	82
3.1.4.3	<i>Análise Fatorial Confirmatória</i> .....	86
3.1.4.4	<i>Teoria de Resposta ao Item</i> .....	90
3.2	<i>Relações entre instrumentos</i> .....	94
3.2.1	<i>Normalidade dos escores</i> .....	94
3.2.2	<i>Correlação entre fatores</i> .....	96
3.3	<i>Comparação por grupos</i> .....	97
3.3.1	<i>Sexo e tipo de relacionamento</i> .....	97
3.3.2	<i>Orientação sexual</i> .....	102
3.3.3	<i>Morar ou não com o(a) parceiro(a)</i> .....	103
3.3.4	<i>Filhos(as)</i> .....	105
3.3.5	<i>Percepção de beleza</i> .....	106
3.3.6	<i>Religião</i> .....	108
3.4	<i>Curso temporal do amor</i> .....	111
3.5	<i>Validade preditiva</i> .....	113
3.6	<i>Satisfação no relacionamento e suas variáveis explicativas</i> .....	115
4	<i>Considerações Finais</i> .....	117
5	<i>Referências</i> .....	121
	<i>Anexo A. Questionário</i> .....	133
	<i>Anexo B. Carta de aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa</i> .....	136

Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	137
Anexo D. Correio eletrônico com a devolução dos resultados .....	138
Anexo E. Correio eletrônico com novo pedido de participação .....	141
Anexo F. Teste <i>post hoc</i> nas escalas por tipo de relacionamento.....	143
Anexo G. ANOVAS fatoriais referentes à Tabela 33.....	156

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Resumo esquemático das teorias sobre amor apresentadas na presente tese .....	32
Tabela 2. Instrumentos de medida do amor e do relacionamento em língua portuguesa.....	35
Tabela 3. Descrição das amostras por região e Unidade da Federação .....	42
Tabela 4. Cursos, profissões e ocupações dos(as) participantes .....	43
Tabela 5. Pessoa em quem os(as) participantes se basearam para responder à pesquisa .....	48
Tabela 6. Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da <i>RelAS</i> .....	52
Tabela 7. Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da <i>RelAS</i> .....	53
Tabela 8. Coeficientes <i>pattern</i> e comunalidades da <i>RelAS</i> com o método <i>Principal Axis Factoring</i> .....	54
Tabela 9. Cargas dos itens no fator único e índices ajuste do modelo da <i>RelAS</i> .....	55
Tabela 10. Invariância da <i>RelAS</i> .....	56
Tabela 11. Discriminação e dificuldade dos itens da <i>RelAS</i> .....	58
Tabela 12. Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da ETAS ....	60
Tabela 13. Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da ETAS.....	61
Tabela 14. Cargas fatoriais <i>pattern</i> e comunalidades da ETAS com o método <i>Principal Axis Factoring</i> e rotação <i>Direct Oblimin</i> com normalização de Kaiser .....	62
Tabela 15. Frequência das respostas a todos os itens da ETAS em resposta múltipla.....	64
Tabela 16. Discriminação, dificuldade e correlação item-total da ETAS .....	66
Tabela 17. Estrutura fatorial <i>pattern</i> da ETAS-R com rotação <i>Direct Oblimin</i> e extração pelo método <i>PAF</i> .....	69
Tabela 18. Cargas dos itens da ETAS-R nos três fatores, correlação dos itens com o Fator Geral (Amor) e índices ajuste do modelo .....	72
Tabela 19. Invariância da ETAS-R .....	73
Tabela 20. Parâmetros de discriminação, dificuldade e correlação item-total da ETAS-R ..	75
Tabela 21. Coeficientes alfas de Cronbach em diferentes aplicações da ETAS .....	77
Tabela 22. Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da <i>LAS</i> .....	78
Tabela 23. Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da <i>LAS</i> .....	79
Tabela 24. Estrutura fatorial <i>pattern</i> da <i>LAS</i> reduzida com extração pelo método <i>Alpha Factoring</i> e rotação <i>Promax</i> .....	80
Tabela 25. Matriz de correlação entre os fatores da <i>LAS</i> com método de extração <i>Alpha Factoring</i> e rotação <i>Promax</i> .....	81

Tabela 26. Comparação de percentual de variância explicada e alfas de Cronbach da <i>LAS</i> entre quatro diferentes estudos .....	82
Tabela 27. Cargas <i>pattern</i> dos itens nos fatores e índices ajuste do modelo da <i>LAS</i> .....	88
Tabela 28. Invariância da <i>LAS</i> .....	89
Tabela 29. Parâmetros de discriminação, dificuldade e correlação com o total dos itens da <i>LAS</i> .....	92
Tabela 30. Estatísticas descritivas e verificação da normalidade da <i>RelAS</i> , da <i>ETAS-R</i> e da <i>LAS</i> .....	95
Tabela 31. Correlações de Pearson entre as <i>RelAS</i> , a <i>ETAS-R</i> e a <i>LAS</i> .....	96
Tabela 32. Comparação por sexo e tipo de relacionamento nos escores das escalas .....	98
Tabela 33. ANOVA 2 X 5 das escalas utilizadas com o sexo e o tipo de relacionamento como fatores .....	99
Tabela 34. Escores na <i>RelAS</i> , <i>ETAS-R</i> e <i>LAS</i> por orientação sexual .....	102
Tabela 35. Escores na <i>RelAS</i> , <i>ETAS-R</i> e <i>LAS</i> pelo tempo que passa com o(a) parceiro(a) .	103
Tabela 36. Média da <i>RelAS</i> , da <i>ETAS-R</i> e da <i>LAS</i> por sexo e por ter ou não filhos(as) .....	105
Tabela 37. Correlações de Pearson entre a <i>RelAS</i> , a <i>ETAS-R</i> e a <i>LAS</i> com a percepção da beleza da pessoa amada e a própria beleza por sexo .....	107
Tabela 38. Religiões dos(as) participantes por sexo e religião da pessoa amada .....	108
Tabela 39. Média da <i>RelAS</i> , da <i>ETAS-R</i> e da <i>LAS</i> por sexo e por compartilhar ou não a religião do(a) parceiro(a) .....	110
Tabela 40. Média e desvio padrão nas escalas aplicadas dos(as) participantes que estavam namorando durante a pesquisa e participaram seis meses após a coleta .....	114
Tabela 41. Modelo explicativo da satisfação no relacionamento medida pela <i>RelAS</i> .....	116

## Lista de Figuras

Figura 1. O amor, seu sistema e suas dimensões .....	5
Figura 2. O triângulo do amor de Sternberg (1986).....	14
Figura 3. As cores do amor (Lee,1974).....	20
Figura 4: Os eixos da tipologia do amor.....	24
Figura 5. Modelo tripartite para o amor.....	33
Figura 6. Unidades da Federação nas quais os dados foram coletados (área preenchida) ....	41
Figura 7. <i>Scree Plot</i> dos autovalores empíricos e aleatórios da <i>RelAS</i> .....	53
Figura 8. Modelo de Análise Fatorial Confirmatória da <i>RelAS</i> .....	55
Figura 9. Curvas características dos itens da <i>RelAS</i> .....	58
Figura 10. Faixa de informação da <i>RelAS</i> .....	59
Figura 11. Distribuição dos escores da <i>RelAS</i> em torno da média.....	59
Figura 12. <i>Scree Plot</i> dos autovalores empíricos e aleatórios da <i>ETAS</i> .....	61
Figura 13. Curvas de informação da <i>ETAS</i> completa e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso.....	67
Figura 14. Distribuição dos escores da <i>ETAS</i> completa e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso em torno da média .....	67
Figura 15. Modelo para a Análise Fatorial Confirmatória da <i>ETAS-R</i> .....	71
Figura 16. Curvas de informação total da <i>ETAS-R</i> e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso .....	75
Figura 17. Distribuição dos escores da <i>ETAS-R</i> e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso em torno da média .....	76
Figura 18. <i>Scree Plot</i> dos autovalores empíricos e aleatórios da <i>LAS</i> .....	78
Figura 19. Mapa perceptual dos itens da <i>LAS</i> .....	83
Figura 20. Esquema da teoria das cores do amor com base no Escalonamento Multidimensional.....	85
Figura 21. Modelo para a Análise Fatorial Confirmatória da <i>LAS</i> .....	87
Figura 22. Curvas de informação das subescalas da <i>LAS</i> .....	93
Figura 23. Distribuição dos escores da <i>LAS</i> em torno da média.....	94
Figura 24. Resultados nos instrumentos aplicados por sexo e tipo de relacionamento (as barras representam o Erro Padrão da Média) .....	100
Figura 25. Curso temporal (transversal) das dimensões do amor .....	112

## Resumo

O objetivo foi conhecer evidências de validade no Brasil da *Relationship Assessment Scale* (*RelAS*), da Escala Triangular do Amor de Sternberg completa (ETAS) e reduzida (ETAS-R), e da *Love Attitudes Scale* (*LAS*). As escalas foram aplicadas em 1549 participantes de 13 Unidades da Federação Brasileira, com idade média de 25,17 anos ( $DP = 7,74$ ) e maioria feminina ( $n = 1048, 67,7\%$ ). Os resultados indicaram propriedades psicométricas adequadas, como estruturas fatoriais simples, precisão ( $\alpha_{RelAS} = 0,85$ ;  $\alpha_{ETAS} = 0,92-0,97$ ;  $\alpha_{ETAS-R} = 0,88-0,92$ ;  $\alpha_{LAS} = 0,56-0,82$ ) e validade preditiva após 6 meses da coleta de dados. Dados transversais sugerem crescentes níveis de amor (ETAS-R) nos relacionamentos. Um modelo de regressão apontou que os três fatores da ETAS-R (Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso) predizem satisfação no relacionamento (*RelAS*). A estrutura circular da tipologia do amor, avaliada pela *LAS*, não obteve suporte empírico. Os dados encorajam o aprimoramento das escalas para uso prático.

Palavras-chave: Amor, Avaliação Psicológica, Psicometria, Satisfação no relacionamento, Estilos de amar.

Love and related constructs: validation evidences of measurement instruments in Brazil

Vicente Cassepp-Borges

Abstract

This study aimed at evidencing the validity for Brazil of Relationship Assessment Scale (RelAS), Sternberg's Triangular Love Scale complete (STLS) and reduced (STLS-R), and Love Attitudes Scale (LAS). 1549 participants from 13 Brazilian States, with a mean age of 25.17 years ( $SD = 7.74$ ) and a female majority ( $n = 1048, 67.7\%$ ) completed the scales. The results showed adequate psychometric properties, simple factor structure, reliability ( $\alpha_{\text{RelAS}} = 0.85$ ;  $\alpha_{\text{STLS}} = 0.92$  to  $0.97$ ;  $\alpha_{\text{STLS-R}} = 0.88$  to  $0.92$ ;  $\alpha_{\text{LAS}} = 0.56-0.82$ ) and predictive validity after 6 months of data collection. Cross-sectional data suggest growing levels of love (STLS-R) in relationships. Regression model showed that the three factors of STLS-R (Intimacy, Passion and Decision/commitment) predict relationship satisfaction (RelAS). The circular structure of the typology of love, as assessed by LAS, received no empirical support. The data encourage the improvement of the scales for practical use.

Key words: Love, Psychological Assessment, Psychometrics, Relationship satisfaction, Love Styles.



Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil

Dentre as maneiras pelas quais uma pessoa pode se relacionar com a outra, talvez a mais marcante e profunda seja o amor. O amor é causa de suicídios, crimes passionais ou sofrimento psíquico, portanto deveria ser mais estudado a fim de melhorar a compreensão do fenômeno e as intervenções da Psicologia. Em situações extremas, o amor pode vir a ser tratado como uma nova doença psiquiátrica (Sophia, Tavares, & Zilberman, 2007). O amor, por outro lado, também pode trazer bem-estar, felicidade e as melhores emoções da vida. Como frisou o movimento da Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), este é um fato que torna relevante o seu estudo.

São diversas as teorias sobre o amor. Não se tem conhecimento de uma escola ou abordagem teórica na Psicologia que não tenha buscado explicar o sentimento. Por isso, falar de amor seria falar sobre toda a Psicologia ou ainda falar sobre uma boa parcela do conhecimento produzido em Ciências Humanas, Sociais e Biológicas. Por esse motivo, esta revisão de literatura descreveu algumas das principais abordagens teóricas sobre o amor de maneira resumida, focando nas Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986) e na Teoria das Cores do Amor de Lee (1973), nas quais se baseia este estudo.

### 1.1 Medir o Amor?

*“Se uma coisa existe, ela existe em certa quantidade. Se uma coisa existe em certa quantidade, ela pode ser medida.”* (citado por Cronbach, 1996, p. 53)

Medir o amor é algo tido como impossível. Contudo, se levarmos em consideração a afirmação de Cronbach (1996) que introduz essa sessão, podemos pensar que o amor é algo que existe. Por existir, o amor existe em certa quantidade. Tentar descobrir qual a quantidade ou intensidade de amor que existe em cada pessoa é realizar medidas. Mesmo que o amor seja um sentimento tratado como misterioso, as dificuldades inerentes à sua mensuração são praticamente as mesmas dificuldades inerentes à mensuração da inteligência, da personalidade, da depressão e de outros objetos tradicionalmente avaliados pela Psicometria.

A validação e construção de instrumentos de medida é imprescindível para a compreensão de fenômenos de qualquer tipo, incluindo os psicológicos. Trabalhos que

foquem na criação de instrumentos são progressos importantes para a ciência. O indiano Amartya Sen, por exemplo, recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1998 tendo como principal obra a criação do Índice de Desenvolvimento Humano (Royal Swedish Academy, 2010). Esse é um fato histórico que mostra como trabalhos focados no desenvolvimento de medidas podem ter relevância até maior do que trabalhos que construam teorias a partir dessas medidas. Para que teorias na área do amor sejam construídas e aperfeiçoadas, é necessário que adequadas formas de mensuração do fenômeno sejam construídas e aperfeiçoadas.

Apesar de ser um passo importante e viável, não existe qualquer instrumento de mensuração do amor na lista do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2009). Essa inclusão seria importante, pois os testes existentes não podem ser utilizados pela Psicologia na área aplicada. Mas, a utilização prática dos testes não pode estar desvinculada de pesquisas sólidas a respeito das propriedades psicométricas dos mesmos. Apenas um estudo sobre o amor de proporções nacionais foi realizado, com coleta via *internet* (De Andrade & Garcia, 2009). Dada a relevância deste sentimento para as pessoas, esta área está pouco desenvolvida no Brasil. Por esse motivo, se justificam trabalhos que visem adaptar de instrumentos de medida na área do amor, pois a construção de novos testes seria um processo mais caro, lento e com menores chances de sucesso. Adaptar escalas com boas propriedades psicométricas em estudos estrangeiros é a maneira mais eficaz de ter-se ao menos o primeiro teste de amor na lista do SATEPSI.

O estudo de uma área na Psicologia, no entanto, não se resume apenas à mensuração de um fenômeno. É importante saber como o fenômeno evolui e quais são as variáveis associadas a este fenômeno. Os instrumentos de mensuração, porém, são cruciais para esta finalidade. É importante que eles sejam adequadamente construídos e calibrados para que teorias sejam construídas a partir de medidas consistentes. O objetivo deste estudo foi, portanto, conhecer evidências de validade de instrumentos de mensuração do amor para a população brasileira.

## 1.2 Definindo o Amor

A tarefa de definir qualquer fenômeno psicológico é bastante complicada. Catania (1999), em seu livro “Aprendizagem”, por exemplo, não encontrou uma definição satisfatória para a aprendizagem. Contudo, afirmou que é possível estudar o fenômeno sem

que seja feita esta definição. Barker (1987), para mostrar a dificuldade de definir o seu objeto de estudo, afirmou que definir a comunicação é tão complicado quanto definir o amor. Apesar de estes autores desencorajarem este trabalho na busca de uma definição do seu objeto, Kerlinger (1980) lembra que as definições são essenciais, pois o conhecimento dos termos serve de base para a compreensão de uma ciência ou campo do saber.

Poetas, filósofos e escritores também desencorajam a ideia de definir o amor. Para Roberto Freire (2008), “Quem começa a entender o amor, a explicá-lo, a qualificá-lo e quantificá-lo, já não está amando”. Leo Buscaglia (1982, p. 143) também afirmou que “definir o amor seria limitá-lo”. Ainda existe a célebre frase de Blaise Pascal (1660, p. 53), dizendo que “o coração tem suas razões, as quais a própria razão desconhece”. Todas estas frases são bastante bonitas, embora se contraponham à ideia da ciência de descrição de fenômenos. A beleza da ciência, no entanto, paradoxalmente está no rigor de seus métodos. Assim, o amor também pode ser objeto de estudo de pesquisas. Apesar de ser um campo historicamente pertencente à especulação de artistas e filósofos, o amor cada vez mais vem sendo explorado pela ciência (Reis, 1992).

Diferente do trabalho do literato, o trabalho do cientista possui a definição do objeto de estudo como ponto de partida. Apesar disso, a difícil tarefa de definir o amor se iniciou pela leitura do trabalho de pessoas também vinculadas ao mundo das letras, mais especificamente pela busca nos dicionários. Não tendo a pretensão de encontrar uma representatividade de cada país, uma definição, vinda de Portugal, é a de que o amor é a “viva afeição que nos impele para o *objecto* dos nossos desejos; inclinação da alma e do coração” (Priberam, 2008). Dentre as definições do Brasil, o Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2008) apresenta o amor como uma “grande afeição de uma a outra pessoa de sexo contrário.” Na língua inglesa (Websters, 2009), encontra-se que o amor é “Uma forte emoção positiva de respeito e carinho (*A strong positive emotion of regard and affection*)”. Por fim, a Real Academia Espanhola (2008) define o amor como um “sentimento intenso do ser humano que, partindo de sua própria insuficiência, necessita e busca o encontro e união com outro ser. Sentimento por outra pessoa que naturalmente nos atrai e que, procurando reciprocidade no desejo de união, nos completa, alegra e dá energia para conviver, comunicar-nos e criar (*Sentimiento intenso del ser humano que, partiendo de su propia insuficiencia, necesita y busca el encuentro y unión con otro ser. Sentimiento hacia otra persona que naturalmente nos atrae y que, procurando reciprocidad en el deseo de unión, nos completa, alegra y da energía para convivir, comunicarnos y crear*)”.

Algumas definições, como a oriunda de Portugal (Priberan, 2008), mostram que mesmo instrumentos técnicos, como dicionários, tendem a tratar o sentimento de uma maneira mais poética. A definição do dicionário Michaelis (2008) tem o problema de ignorar as pessoas do mesmo sexo que se amam. A definição espanhola (Real Academia Espanhola, 2008), parece a mais plausível, com a ressalva de que, embora teorias psicanalíticas (Freud, 1920/1987) e filosóficas (Platão, 2003) sugiram que o amor de fato parta de uma insuficiência, não existe um consenso na ciência com relação a isso. Assim, o amor pode ser considerado um sentimento de busca de encontro e união com outro ser.

### 1.3 Situando o Amor como Objeto de Estudo

Pasquali (1999) vê a construção de teorias psicológicas como o primeiro passo para a elaboração de melhores instrumentos de medida. A teoria na qual o teste se sustente deve ser conhecida com profundidade. Embora isso seja pouco frequente na Psicologia, a determinação do sistema psicológico, seus atributos e as dimensões do atributo ajuda a sistematizar o conhecimento sobre determinado assunto. O sistema é o objeto no qual existe interesse de estudo, que não é passível de mensuração. O atributo é uma parcela desse sistema, que pode ser mensurada. Por fim, este atributo pode ser decomposto em dimensões (fatores) que, unidas, formarão novamente o atributo. Portanto, definido o sistema de estudo, deve-se conhecer seus atributos, inclusive aqueles com os quais não se está trabalhando, com a finalidade de delimitar o atributo estudado.

Shaver, Schwartz, Kirson e O'Connor (1987) criaram um modelo para as emoções por meio de análise *cluster* (mais especificamente, pela observação de um dendograma). O modelo estabelece uma hierarquia entre as emoções, que seria o sistema em questão. As emoções são divididas em positivas e negativas. Dentre as emoções positivas, foram descobertas o amor e a alegria, que podem ser considerados atributos da emoção. Cada um desses atributos tem diversas dimensões. A Figura 1 é uma adaptação do dendograma proposto e do resumo do mesmo dendograma feito por Berscheid e Regan (2005).

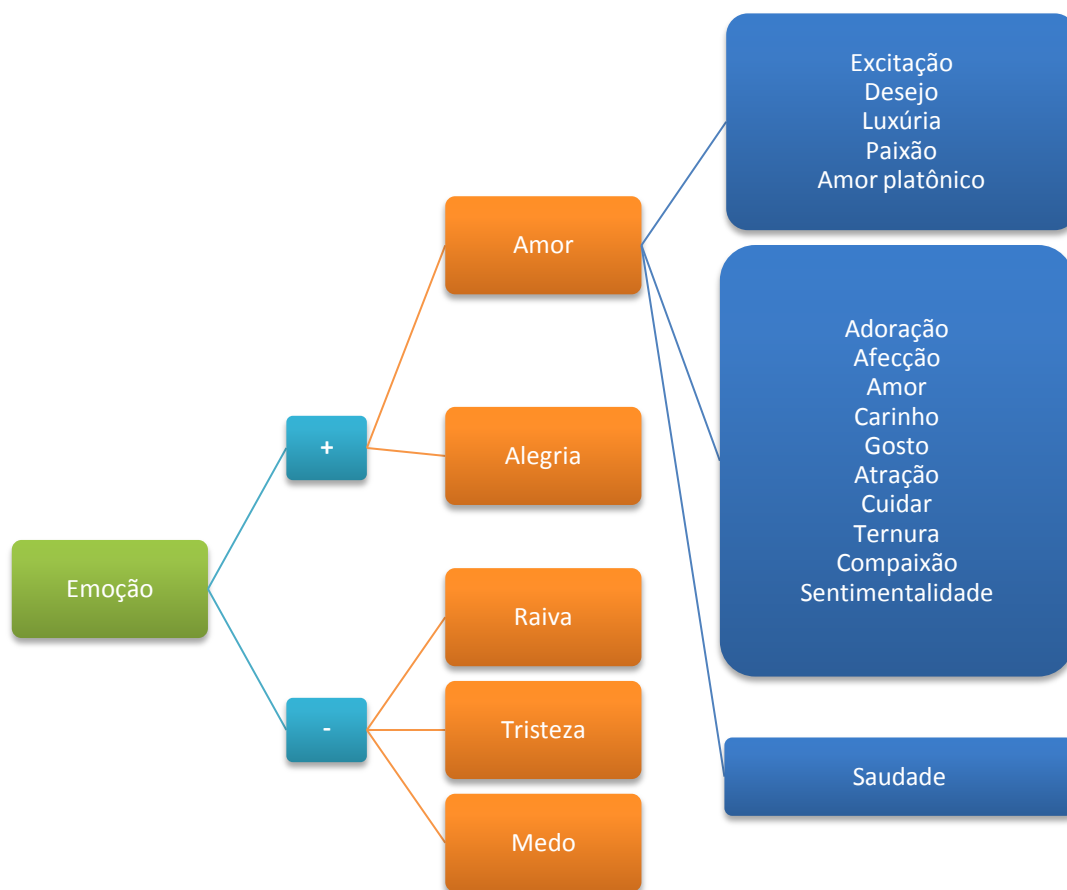


Figura 1. O amor, seu sistema e suas dimensões.

Diversas teorias, que serão apresentadas posteriormente, questionam a dimensionalidade tal como proposta na Figura 1 (Davis, 1985; Hatfield & Walster, 1983; Rubin, 1970; Sternberg, 1986). No entanto, a proposta de Shaver et al. (1987) se adequa à de Pasquali (1999) por definir os sistemas e os atributos que serão trabalhados neste estudo. Uma evidência de que a emoção é o sistema trabalhado está no fato dela não poder ser medida. A mensuração de alegria, raiva, tristeza e medo no máximo nos auxiliaria na criação de um índice de emoções, mas não na medida do sistema. O acesso a esse sistema pode ser feito somente a partir de seus atributos, sendo um deles o amor. Conforme esta tese pretende explicitar, o amor é passível de mensuração, característica de um atributo. O amor é um atributo inerente ao sistema das emoções. Nesse ponto, ele deve ser diferente de outros atributos, ou seja, o que é amor não deve ser alegria, raiva, tristeza ou medo. Embora as outras emoções estejam associadas ao amor, conceitualmente se tratam de emoções diferentes.

Contudo, para Sangrador (1993), o amor é uma emoção, é uma atitude e é um comportamento. Sentir saudades de um amor em outra cidade é uma emoção relacionada ao amor. Ter a predisposição a sorrir quando se menciona o nome da pessoa amada é uma atitude ligada ao amor. Dar flores a uma pessoa é um comportamento e também está vinculado ao amor. Por esse motivo, as emoções não são o único sistema ao qual o amor é um atributo.

Sangrador (1993) continua afirmando que existem tantos tipos de amor quanto pessoas na face da terra. Existem tantas teorias sobre o amor quanto pessoas que se dispuseram a escrever sobre ele. Quase tudo o que for dito sobre o amor será verdade para pelo menos algumas pessoas. Estas afirmações mostram o quanto é difícil para a ciência sistematizar o conhecimento sobre um sentimento tido como único em cada pessoa, um fenômeno que se manifesta em diversos níveis, ou ainda de medir algo descrito como indescritível. De qualquer forma, o desafio de lidar com um fenômeno que se manifesta de diversas formas traz a recompensa de elucidar problemas em diversas categorias.

## 1.4 A Biologia do Amor

### *1.4.1 Neurociências*

Diversas reações comportamentais com base no sistema nervoso estão associadas ao amor, como euforia, perda de apetite, insônia e hiperatividade, além da redução do estresse e da sensação de bem-estar (Ortigue, Bianchi-Demicheli, Hamilton, & Grafton, 2007). Fisher (2006) relata que existem três vias principais no cérebro relacionadas ao amor. E as três estão relacionadas a hormônios e/ou neurotransmissores. A primeira delas é a da luxúria, que se resume em um anseio por satisfação sexual. A luxúria está associada à testosterona, tanto em homens quanto em mulheres. A segunda via é o sistema de recompensa, associado ao amor romântico, definido pela autora como o êxtase e as sensações boas relacionadas ao(à) parceiro(a). Este sentimento está associado principalmente à dopamina, mas também à norepinefrina e à serotonina. A terceira via é a da ligação, ou do sentimento que faz as pessoas permanecer unidas e fiéis por um longo tempo. A monogamia, portanto, está relacionada à vasopressina, no caso dos homens, e à ocitocina, no caso das mulheres.

A influência da testosterona nos casamentos foi estudada por Booth e Dabbs (1993). Eles verificaram os níveis de testosterona em uma amostra aleatória de 4.462 homens, que já haviam sido parte de uma pesquisa sobre a experiência na guerra do Vietnã. A amostra

possuía uma média de idade de 37 anos, com composição étnica e educacional semelhante à da população estadunidense geral com a mesma idade. Os níveis de testosterona foram analisados às 8 horas da manhã, antes do café da manhã. Os resultados indicaram uma relação entre os níveis de testosterona e o fato de não estar casado, além da instabilidade no casamento. A probabilidade dos homens com altos níveis de testosterona se divorciar foi maior. Estes homens ainda apresentavam uma menor interação conjugal. A relação negativa entre os níveis de testosterona e o sucesso conjugal se mostrou linear. Estes dados, contudo, não explicam se os níveis elevados de testosterona causam um padrão conjugal instável ou o contrário. De qualquer forma, existem muitas evidências de que o nível de testosterona está relacionado ao sucesso no casamento.

Com relação ao sistema de recompensa, Aron et al. (2005) estudaram o cérebro de sete homens e dez mulheres destros(as) que estavam intensamente apaixonados(as) entre 1 e 17 meses, utilizando um equipamento de ressonância magnética funcional (fMRI). O estudo comparou a ativação sanguínea cerebral quando se observava por 30 segundos a foto da pessoa amada com relação à foto de um(a) amigo (controle), separadas por uma tarefa de distração. Dentre as áreas com maior diferença, encontraram-se justamente aquelas ricas em dopamina, associadas ao sistema de recompensa, como a área tegmental ventral direita, o corpo dorsal posterior direito e o núcleo caudado medial. Um dos motivos para que isso tenha acontecido é o fato dos(as) autores(as) terem apresentado um estímulo visual, sendo que as pessoas apaixonadas por parceiros(as) esteticamente mais atraentes (classificados por não participantes do estudo em questão) foram as que apresentaram maior ativação da área tegmental ventral esquerda.

Um modelo animal para o estudo do amor que vem sendo bastante utilizado é aquele que compara o rato silvestre das pradarias com o rato silvestre das montanhas. Apesar de ambos os animais possuírem uma organização genética semelhante, o rato das montanhas possui um comportamento promíscuo, uma baixa sociabilidade e apenas a fêmea cuida da prole. Por sua vez, o rato das pradarias é monogâmico, sociável e possui uma divisão do cuidado com os filhos. Quando colocados em uma jaula grande, os ratos das pradarias ficaram metade do tempo em contato físico uns com os outros, enquanto os ratos da montanha fizeram isso em apenas 5% do tempo. A diferença biológica entre as duas espécies pode sugerir estas diferenças comportamentais ocorrem devido à presença do hormônio ocitocina nas fêmeas e da vasopressina nos machos. A administração de ocitocina em ratas das pradarias fêmeas solteiras fez com que elas aumentassem o tempo junto com um parceiro. Por outro lado, um antagonista de ocitocina reduziu o tempo ao

lado do parceiro nas ratas “casadas”. O mesmo efeito foi observado nos ratos das pradarias machos com relação à vasopressina. Estes mesmos hormônios são responsáveis pelo comportamento maternal e paternal. As ratas das montanhas aumentam o volume de ocitocina no organismo quando da chegada da prole (Young, Wang, & Insel, 1998).

Esses estudos exemplificam a complexidade do processamento neurológico do amor. Além da diversidade de vias, hormônios e neurotransmissores envolvidos, os estudos apresentados exemplificam um pouco da diversidade de métodos utilizados pelas Neurociências. Esta perspectiva tem apresentado avanços significativos para a compreensão do amor e possui potencial para novas descobertas.

#### *1.4.2 Evolucionismo*

O Evolucionismo contribuiu principalmente na explicação do comportamento de escolha do(a) parceiro(a). O pioneiro na explicação da seleção sexual foi Darwin (1871). Segundo o autor, a seleção sexual ocorre devido ao sucesso de um indivíduo sobre outros do mesmo sexo e pode ser de dois tipos. No primeiro, existe a luta entre os indivíduos, geralmente machos, para expulsar os concorrentes na disputa pelo sexo oposto. No outro, existe a integração de indivíduos do mesmo sexo com a finalidade de se unir para a conquista. A variabilidade é a essência da seleção sexual, e as leis da hereditariedade auxiliarão a definir quais características vitoriosas nesse processo seguirão para as gerações futuras.

O Evolucionismo contemporâneo trata das diferenças entre tentativas para conquistar um(a) parceiro(a) para relações de curto prazo e de longo prazo. Em algum momento da história, homens e mulheres podem ter tentado com igual ênfase ambos os tipos de relação. Contudo, devido a diferenças biológicas com relação à necessidade de investimento parental para o sucesso reprodutivo, homens passaram a perceber que teriam maiores benefícios e menores custos em relações de curto prazo, enquanto para mulheres a relação custo/benefício tende para o lado das relações de longo prazo. O sucesso reprodutivo dos homens está associado à quantidade de mulheres que eles conseguem inseminar, enquanto o sucesso reprodutivo das mulheres está associado à qualidade dos homens que elas conseguem atrair, principalmente na capacidade do fornecimento de recursos por parte desses homens. Devido a essas diferenças, homens e mulheres desenvolveram mecanismos psicológicos distintos (com suas respectivas manifestações comportamentais), associados à melhor estratégia reprodutiva para cada sexo (Buss & Schmitt, 1993).



### 1.5 A Psicologia do Amor

Muitos psicólogos e pensadores clássicos também contribuíram com o seu olhar sobre o amor. Na Grécia antiga, havia diversas palavras para descrever os diferentes tipos de amor. De acordo com Marcondes (2008), *Eros* descreve o amor como impulso ou desejo. O *Philia* descreve o amor como uma forma de amizade. O *Ágape* fala de um amor de doação, divino. Algumas passagens bíblicas, como “Deus é amor” (João 4:8) e “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 15:12) estão se referindo ao amor *Ágape*. O *Storgé* é um amor familiar. Esses tipos de amor são descritos no poema “Amor em grego”, a seguir. Marcondes complementa a informação com a palavra *Xenía*, que se traduz em um amor por um desconhecido, sentimento conhecido como hospitalidade.

*“Para descrever o amor  
O grego antigo usava  
Quatro palavras diferentes  
Cada uma tinha seu valor  
Uma qualidade destacava  
Todas elas bem prementes.*

*Philia uma palavra linda  
Realçava o carinho amigo  
União e muita sinceridade  
Que devemos cultivar ainda  
A philia era o mote antigo  
Para descrever a amizade.*

*Storgé descrevia um laço  
Que devido ao nascimento  
Uma família estava unindo  
Porém hoje passo a passo  
Quase caído no esquecimento*

*Storgé familiar está sumindo.*

*Eros era o deus do amor*

*Mas a palavra Eros porém,*

*Envolvia o inteiro ser*

*Os sentimentos e o calor*

*Envolvia o coração também*

*Dum homem e duma mulher.*

*Ágape era o mais altruísta*

*Tudo dar sem nada receber*

*Tal amor devemos cultivar*

*Amor ágape jamais é egoísta*

*Em toda relação devemos ter*

*Este modo tão especial de amar.” (Alexandre, 2005).*

Platão (s. d.) descreveu o amor (*Eros*) como o sentimento que faz superar as baixezas do mundo material para elevar ao mundo das ideias. Ele usa a metáfora de que existiam três gêneros, o masculino, o feminino e um ser andrógino. Este seres desafiaram Zeus, que optou por não eliminá-los porque perderia as honras oferecidas a ele por humanos. A solução foi dividir os seres em duas metades, para torná-los mais fracos e mais numerosos, aumentando assim a bajulação que receberia. Depois que isso foi feito, ambas as metades se procuram desesperadamente, para se completar. As pessoas oriundas dos seres andróginos seriam os heterossexuais, enquanto as pessoas oriundas de um ser masculino ou feminino seriam os homossexuais. O amor, para ele, é mais forte do que os deuses, pois parte da falta.

Freud (1915/1987) complementou a ideia de Platão (s. d.), afirmando que o amor está associado aos instintos sexuais. O amor é narcisista, pois é oriundo da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos, buscando obter as outras pessoas como fonte de prazer. Nas fases mais primitivas do desenvolvimento, busca-se somente extinguir a separação com o objeto amado. O amor se torna oposto ao ódio somente depois de estabelecida a organização genital. Freud (1914/1987) também descreveu o amor transferencial, que pode ocorrer em um paciente tendo seu analista como objeto. Apesar de motivado pela situação terapêutica, o amor transferencial é um amor genuíno. Ele possui

grande participação do ego e pouca sensatez ou preocupação com as consequências, se comparado ao amor em situações não clínicas.

Em seu texto “Contribuições à Psicologia do Amor I”, Freud (1910/1987) descreve o sentimento de amor de alguns homens, ligado a um desejo de salvar a mulher amada. Assim, os homens podem ver uma mulher vinculada a outro homem como alguém que está sofrendo. Por esse motivo, têm a fantasia de tomar posse dessa mulher com o intuito de salvá-la. Em “Contribuições à Psicologia do Amor II”, Freud (1912/1987) trata do sentimento de maneira mais genérica, abordando-o por meio de uma corrente afetiva e uma corrente sensual. A corrente afetiva é formada na infância e é aquela que se dirige aos(as) cuidadores(as) da criança. Está ligada à auto-preservação, às necessidades básicas e ao erotismo. A corrente sensual surge na puberdade e influencia a corrente afetiva, fazendo com que o objeto de desejo deixe de ser o pai ou a mãe para ser alguém do sexo oposto, com uma supervalorização psíquica desse objeto. Em “Contribuições à Psicologia do Amor III” (Freud, 1917/1987), a sexualidade feminina é abordada, sendo descrita a constituição psíquica ligada à perda da virgindade. Esse ato traz uma ambiguidade de sentimentos de amor e ódio à pessoa que rompeu com o hímen, pois é uma sensação de prazer intensa, mas também associada à dor e à perda de uma parte do corpo. Esse ato pode estar vinculado à frigidez e inibições eróticas. Em algumas culturas primitivas, o marido não era o responsável por tirar a virgindade de uma moça, justamente para evitar os sentimentos hostis vinculados a esse ato.

Skinner (1991) salientou que o amor é um reforçamento mútuo de comportamentos. Ele retoma três palavras gregas, dizendo que o *Eros* não seriam necessariamente os reforços sexualizados, mas aqueles que são úteis para a seleção natural (por exemplo, o amor de uma mãe com um filho). *Philia* se traduz no amor por objetos não humanos, como o amor por música, por arte, por lugares, ou pelo saber. É um tipo de reforçamento não diretamente vinculado à reprodução ou às necessidades básicas, mas ao processo de condicionamento operante. Por fim, o *Agape* se refere à inversão da direção dos reforços, ou seja, quando nós reforçamos o comportamento de outra pessoa.

Bowlby (1984) descreveu o comportamento de apego das crianças pela figura da mãe. Trazendo a analogia de Bowlby para os relacionamentos íntimos, o apego pelo(a) parceiro(a) pode ser seguro, evitativo ou ambivalente. O apego seguro, presente em 56% dos(as) participantes, refere-se às pessoas que possuem facilidade em ter intimidade com as outras pessoas, sem medo de ser abandonado ou que alguém se aproxime demais. O estilo de apego evitativo [25% dos(as) participantes] se refere às pessoas que sentem

desconforto na aproximação com outras pessoas, tendo dificuldade de confiar nelas e estabelecer vínculo de dependência. O estilo de apego ambivalente (19% da amostra) diz respeito às pessoas que possuem um grau elevado de ansiedade e preocupação em saber se o(a) parceiro(a) o(a) ama (Hazan & Shaver, 1987). A premissa básica dessa teoria é a de que os estilos de apego da infância irão se refletir nos estilos de apego pela pessoa amada na fase adulta.

A partir do final da década de 1960, começaram a surgir teorias para o amor operacionalizáveis psicometricamente. Para Rubin (1970), amar se refere à atração física, predisposição para ajudar, desejar compartilhar emoções e experiências e ao sentimento de exclusividade e absorção. Gostar está relacionado com as relações interpessoais, e inclui sentimentos como o respeito, a confiança e a percepção de que a pessoa amada tem objetivos semelhantes aos seus próprios. Seguindo esta divisão, o autor desenvolveu uma escala de amar e outra de gostar, as quais aplicou em 158 casais da Universidade de Michigan. Ambas as escalas mostraram boa consistência interna ( $\alpha = 0,84$  para homens e  $\alpha = 0,82$  para mulheres na escala de amor e  $\alpha = 0,83$  para homens e  $\alpha = 0,81$  para mulheres na escala de gostar). Os sentimentos de gostar e amar possuíram uma maior correlação em homens ( $r = 0,60$ ) do que em mulheres ( $r = 0,39$ ), havendo significância nesta diferença ( $z = 2,48, p < 0,05$ ). Estes dados sugerem que as mulheres desta amostra possuíam uma capacidade mais acurada de diferenciar os dois sentimentos. Os casais com escores elevados na escala de amor tenderam a permanecer mais tempo nas trocas de olhares do que os casais com escores mais baixos, indicando uma boa validade externa deste instrumento.

De maneira semelhante a Rubin (1970), Hatfield e Walster (1983) mencionaram que o amor pode aparecer na forma de amor-paixão e amor-companheiro. O companheirismo traduz-se numa emoção calma, de afeição, amizade. A diferença entre gostar e amar está apenas na intensidade com que estas emoções são sentidas. O que faz as pessoas terem afeição ou aversão por outras são as leis do reforço. O amor-paixão, que foi mais estudado por Hatfield (Hatfield & Rapson, 1987, Hatfield, Schmitz, Cornelius, & Rapson, 1988), “é um estado desenfreado de emoção, uma confusão de sentimentos: carinho e sexualidade, alegria e dor, ansiedade e alívio, altruísmo e ciúmes” (Hatfield & Walster, 1983, p. 2). O amor-paixão foi mensurado por meio da escala do amor apaixonado (*Pasionate Love Scale – PLS*), de 30 itens e um único fator (que explicou 70% da variância da escala) com elevada confiabilidade ( $\alpha = 0,94$ ). Uma evidência de validade convergente foram as elevadas correlações da escala do amor apaixonado com a escala de amar de Rubin ( $r_{\text{homens}}$

= 0,86 e  $r_{mulheres} = 0,83$ ) e as correlações moderadas com a escala de gostar de Rubin ( $r_{homens} = 0,46$  e  $r_{mulheres} = 0,51$ ). Uma versão reduzida (com 15 itens) da *PLS* manteve o elevado nível da confiabilidade ( $\alpha = 0,91$ ) (Hatfield & Sprecher, 1986). A autora ainda desenvolveu uma escala equivalente à *PLS* para mensurar o amor apaixonado em crianças e adolescentes de 3 a 18 anos (Hatfield, 1988).

Davis (1985) apresentou uma teoria semelhante à de Rubin e à de Hatfield. De acordo com a autora, existem as relações de amizade e de amor. A amizade é caracterizada pelo prazer na companhia do(a) outro(a), aceitação do(a) outro(a) como ele(a) é, pela verdade, respeito, ajuda mútua, entendimento, espontaneidade e confiança na relação. A inovação dessa teoria está na descrição do sentimento de amor que, além das características da amizade, envolve os *clusters* da paixão e do cuidado. A paixão envolve a fascinação, o desejo sexual e o desejo de que o relacionamento seja exclusivo. O cuidado refere-se aos sentimentos de sempre procurar defender o(a) parceiro(a) e de fazer sacrifícios para deixar o(a) outro(a) feliz.

### 1.5.1 A Teoria Triangular do Amor de Sternberg

Sternberg (1986) trata o amor simplesmente como uma conjunção de três elementos, que metaforicamente são vértices de um triângulo. Assim, a Teoria Triangular do Amor decompõe o sentimento nos vértices Intimidade, Paixão, e Decisão/compromisso (Figura 2). Espera-se que os três vértices combinados expliquem todo o fenômeno do amor. A Intimidade é caracterizada pelo sentimento de proximidade e conexão no relacionamento. A Paixão é o componente responsável pela atração física e sexual, pelo romance e o desejo de estar juntos e pela excitação. Por fim, a Decisão/compromisso se refere à certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento em longo prazo. Martson, Hecht, Manke, McDaniel, e Reeder (1998), por meio da análise fatorial de categorias de um questionário aberto sobre os três componentes do amor, sugeriram que a Intimidade é composta pela abertura, sexo, afetividade, capacidade de apoiar e a companhia silenciosa. A experiência da Paixão é composta pelo romantismo e pela intimidade sexual. Por fim, a experiência do compromisso se trata da capacidade de dar suporte, expressões do amor, fidelidade, expressões do compromisso e consideração e devoção.

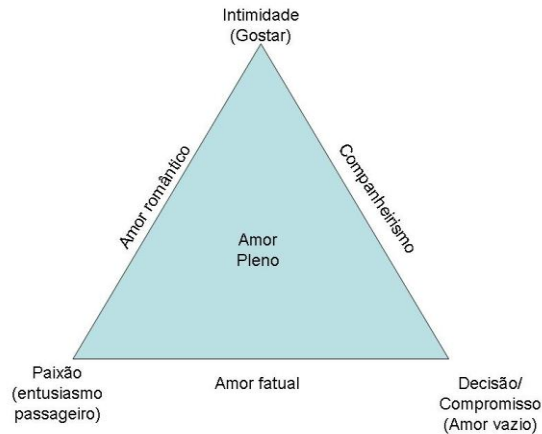


Figura 2. O triângulo do amor de Sternberg (1986).

Para caracterizar o amor de uma pessoa, deve-se observar quais dos três componentes descritos por Sternberg (1986, 1988) estão presentes e quais estão ausentes. O arranjo entre os vértices do triângulo caracterizam os diferentes tipos de amor. A ausência dos três vértices, por exemplo, representa a ausência de amor. O componente Intimidade isolado ocasiona o “gostar”, um sentimento próximo à amizade. O gostar é bastante comum entre colegas de trabalho, por exemplo, pois em ambientes laborais existe uma relação próxima entre as pessoas, que acaba quando acaba. O componente Paixão traz um grau elevado de excitação, que tende a ser momentânea caso não seja acompanhada dos demais componentes. O sentimento de atração por uma pessoa desconhecida é causado pelo componente da Paixão. O componente Decisão/compromisso isolado faz com que um casal fique unido pela aceitação de forças externas, como o medo da reação do parceiro em caso de fim do relacionamento ou a concordância com casamentos arranjados, sendo este chamado de amor vazio.

Os tipos de amor compostos por, pelo menos, dois vértices obviamente representam formas mais intensas de amar. Pelo fato de a maioria dos casais apresentar os três vértices no seu relacionamento, são mostrados exemplos que, apesar de parecerem estereotipados, facilitam a compreensão dos amores apoiados em menos vértices. A Intimidade e a Paixão juntas, por exemplo, produzem o amor romântico. Este é um tipo de amor bastante descrito na ficção. Romeu e Julieta (Shakespeare, s. d.), por exemplo, possuíam uma cumplicidade bastante forte (Intimidade), uma atração física e emocional na mesma proporção (Paixão) sem, porém, terem motivos lógicos para se casar e investir no relacionamento (Decisão/compromisso). A combinação entre as dimensões da Intimidade e

Decisão/compromisso forma o companheirismo, comum entre casais que permanecem unidos (Decisão/compromisso) e amigos (Intimidade) mesmo depois que a atração física termina (Paixão). Este sentimento é muito bem descrito na música *Años*, de Pablo Milanés (1981, “O tempo passa e nós vamos envelhecendo. Eu o amor não o reflito como ontem. E em cada conversa, cada beijo, cada abraço, impõe-se sempre um pedaço de razão - *El tiempo pasa y nos vamos poniendo viejos, yo el amor no lo reflejo como ayer. Y en cada conversación, cada beso, cada abrazo, se impone siempre un pedazo de razón*”). O amor fatural pode ser associado ao amor à primeira vista, quando se verificam as dimensões da Paixão e da Decisão/compromisso de maneira marcada, mas sem que se tenha tido tempo de estabelecer qualquer vínculo de Intimidade. Um exemplo clássico na literatura é o da personagem Cinderela (ver Cassepp-Borges, 2007), que se sentiu atraída fisicamente por um lindo príncipe (Paixão), desejava fortemente o casamento (Decisão/compromisso), mas nem ao menos havia conversado com ele (Intimidade). Por fim, Sternberg (1986, 1988) descreveu o amor pleno, composto pelos três vértices do triângulo.

A maioria dos casais possui as três dimensões presentes nos seus relacionamentos (Sternberg, 1988). Apesar disso, a literatura e mesmo a ficção mostram exemplos de situações nas quais algumas dimensões aparecem de maneira enfática e outras se apagam simultaneamente, sugerindo que se tratam de elementos separados, apesar de dependentes uns dos outros. Deve-se salientar que a dimensão da Intimidade possui semelhanças com o Gostar (Rubin, 1970), e com o tipo *Storge* (Lee, 1974). A Paixão é semelhante ao amar (Rubin), com amor apaixonado (Hatfield & Sprecher 1986) e com o tipo *Eros* (Lee). Por fim, a Decisão/compromisso tem semelhanças com o tipo *Pragma* (Lee)<sup>1</sup>. Do ponto de vista neurofisiológico (Fisher, 2006), pode-se associar a via do sistema de recompensa (dopamina) com a Paixão e a Intimidade (que, juntas, formam o amor romântico), a luxúria (testosterona) com a Paixão e as vias da ligação (vasopressina e ocitocina) com a Decisão/compromisso. Apesar de basear-se em trabalhos anteriores para construir a sua teoria, deve-se mencionar que este modelo com três elementos é uma potencialidade da teoria de Sternberg (1986) que apresenta evidências empíricas de sua validade (Sternberg, 1997). Trata-se de um modelo parcimonioso que, aparentemente, não omite qualquer aspecto do amor.

---

<sup>1</sup> A tipologia de Lee (1974) será apresentada posteriormente.

### 1.5.1.1 Mensuração do triângulo do amor

A Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) possui 45 itens, sendo que 15 devem medir Intimidade, 15 Paixão e 15 Decisão/compromisso. Cada um destes itens é avaliado em uma escala tipo *Likert*, na qual o ponto 1 representa “nada”, o 5 “moderadamente” e o 9 “extremamente”. Não existem rótulos para os pontos intermediários aos indicados. A escala triangular do amor ainda possui a peculiaridade de ter um espaço em branco em todas as 45 afirmativas. Este espaço deve ser preenchido com o nome da pessoa amada.

O estudo da validação de construto da ETAS foi realizado nos Estados Unidos com a participação de 84 adultos heterossexuais. Os(as) participantes responderam à primeira versão da ETAS e às escalas de amar e gostar de Rubin (1970), utilizadas para a validação externa da ETAS. Cada escala foi respondida seis vezes, descrevendo o amor que sente pela mãe, pelo pai, por um irmão, por um amigo do mesmo sexo, pela pessoa que ama e por um amante ideal. A quantificação da importância do amor foi feita por outro grupo de participantes para os seis relacionamentos acima descritos. Os resultados mostraram que o efeito da variável sexo não foi estatisticamente significativo. Apesar disso, as mulheres obtiveram índices de percepção do amor mais altos para o melhor amigo e o amante ideal. Considerando todos(as) os(as) participantes, as médias referentes à pessoa que ama e ao amante ideal foram muito maiores do que as demais, principalmente no componente da Paixão (Sternberg, 1997).

A escala obteve índices excelentes de consistência interna. Todos os valores de alfa foram superiores a 0,90 ( $\alpha_{\text{intimidade}} = 0,91$ ,  $\alpha_{\text{paixão}} = 0,94$ ,  $\alpha_{\text{decisão/compromisso}} = 0,94$ ,  $\alpha_{\text{total}} = 0,97$ ). Os coeficientes de correlação entre as três subescalas variaram entre 0,71 e 0,73. Pode-se creditar estas correlações elevadas ao fato da escala ter sido aplicada em casais, amostra na qual se espera todos componentes do triângulo em seus relacionamentos. Isso permite levantar a hipótese da existência de um fator geral (amor), além dos três fatores de primeira ordem (Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso). Nem todos os itens saturaram de maneira mais forte no fator para o qual era esperado que isto ocorresse (Sternberg, 1997).

Outras aplicações da escala, em diversas partes do mundo, também encontraram as mesmas propriedades apontadas por Sternberg (1997). A análise fatorial de Hendrick e Hendrick (1989), com a versão original da ETAS (apesar do casal ter utilizado uma escala *Likert* de cinco pontos) teve vários itens saturando em mais de um fator, mas encontrou



alfas entre 0,93 e 0,96 para as subescalas e de 0,97 para o escala total. Chojnacki e Walsh (1990) encontraram uma concordância elevada na reaplicação da ETAS após duas semanas, mas citaram a correlação entre os fatores como o ponto fraco da escala. Lemieux e Hale (2000) reduziram o número de itens da ETAS para seis em cada subescala. Desta maneira, os itens carregaram no fator pretendido, e os valores de alfa permaneceram muito bons (entre 0,89 e 0,94), embora menores. Os resultados de Lemieux e Hale foram replicados com adolescentes holandeses(as) (Overbeek, Ha, Scholte, De Kemp, & Engels, 2007), e a escala reduzida mostrou-se um instrumento confiável, com validade convergente (correlação com satisfação no relacionamento) e validade de construto, tanto na análise fatorial exploratória quanto na confirmatória.

#### *1.5.1.2 Aplicações da Teoria Triangular do Amor*

A utilização da ETAS no contexto da pesquisa permitiu uma maior compreensão do fenômeno do amor. Lemieux e Hale (2000) sugeriram que os três componentes do amor são preditores da satisfação nos relacionamentos. Em homens, o modelo explicou 73% da variância total, sendo que a dimensão da Decisão/compromisso foi o preditor mais forte, seguido por Paixão e por Intimidade. Para as mulheres, cujo modelo explicou 87% da variância, a ordem de força de explicação dos fatores se inverteu, ficando Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso. Além da forte relação dos componentes da ETAS com o amor, estes dados sugerem uma independência entre os fatores, pois cada um explica uma parcela própria da variável dependente.

Sternberg (1986) sugeriu que os três fatores seguem cursos diferentes na evolução dos relacionamentos. Porém, para todos os componentes existe um padrão para relacionamentos bem sucedidos e outro para relacionamentos que falham. A Intimidade é um componente que surge ao longo do relacionamento, mas que pode ter uma queda mesmo em relacionamentos bem-sucedidos. A Paixão surge rapidamente, mas também tem uma queda rápida e pode inclusive converter-se em sentimentos opostos, como o ódio. A Decisão/compromisso é uma dimensão que demora mais tempo no relacionamento para surgir, porém tende a manter-se estável durante bastante tempo. Sternberg, entretanto, não apresentou dados empíricos corroborando estas afirmações.

Yela (1997), utilizando dados transversais, sugeriu que as dimensões começam em baixos níveis no início dos relacionamentos, ampliando-se no decorrer deles. Seguindo um modelo de quatro fatores que divide a Paixão em romântica e erótica (Yela, 1996), o autor

verificou que a Intimidade e a Decisão/compromisso assumem níveis elevados em pouco tempo de relação. A Paixão surge de maneira mais lenta, não atingindo os mesmos níveis que as outras dimensões. Apesar do avanço de trazer dados empíricos, esse autor reconhece limitações quanto à representatividade da amostra e ao modelo transversal. A ETAS, todavia, tem itens que claramente representam o construto da Paixão Romântica e o da Paixão Erótica, mas a solução com três fatores apontada por Sternberg (1997) é mais plausível do ponto de vista psicométrico (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). Ainda com dados transversais, Lemieux e Hale (2002) encontraram que a Intimidade e a Paixão evoluem de maneira similar e têm seus níveis mais altos em participantes noivos(as). Os níveis mais altos de Decisão/compromisso estiveram presentes em participantes casados(as).

#### *1.5.1.3 Estudos brasileiros sobre a Teoria Triangular do Amor*

No Brasil, foram encontrados poucos relatos sobre a Teoria Triangular do Amor. Reis (1992) realizou uma revisão de literatura que apresenta diversas teorias sobre o amor. Apesar de não trazer dados de pesquisa empírica, é um artigo pioneiro, de grande valor para a difusão da área no Brasil. É o primeiro artigo brasileiro que menciona essa teoria

A maioria dos estudos brasileiros sobre a teoria utilizou a Escala Triangular do Amor. Neste sentido, o primeiro trabalho encontrado foi o de Hernandez (1999). Este trabalho, porém, possui diversas limitações, como o pequeno tamanho da amostra. O segundo trabalho que se utilizou da ETAS foi a dissertação de mestrado de Custódio (2002). Este estudo não especificou os procedimentos de tradução do instrumento e, com uma amostra de 114 questionários devolvidos de 350 entregues, também não discutiu as propriedades métricas obtidas no Brasil. Este passo foi dado por Cavalcanti (2007), que apresenta uma discussão da análise fatorial da escala em uma amostra maior (610 participantes), propondo uma versão reduzida da ETAS de 15 itens. A ETAS apresentou uma boa validade fatorial e índices de precisão adequados (Cavalcanti, 2007; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009). Em um estudo temporalmente concomitante, Cassepp-Borges e Teodoro (2007) utilizaram uma amostra de 362 participantes, mas enfatizaram a tradução e a validação de conteúdo da ETAS (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010). Este estudo também encontrou propriedades psicométricas adequadas para a sua aplicação no Brasil.

Os principais dados encontrados no Brasil são os de que as dimensões do amor

possuem uma relação praticamente nula com o ciúme e as reações a cenários de infidelidade (Cavalcanti, 2007). Cassepp-Borges e Teodoro (2009) encontraram que as três dimensões do amor relacionam-se positivamente com a satisfação nos relacionamentos (medida por uma questão direta em escala tipo *Likert*), embora a Paixão entre no modelo de regressão linear múltipla de maneira negativa, devido a um efeito de supressão. Outro dado importante do mesmo estudo é o que sugere que as dimensões do amor atingem níveis cada vez mais altos conforme a fase temporal da relação.

Os dados brasileiros, contudo, ainda são bastante limitados. Não se descarta a possibilidade de que existam mais pessoas investigando sobre o tema no Brasil, e que os estudos não tenham sido localizados nesse trabalho de revisão. Com exceção do estudo de Gouveia et al. (2009), realizado na Paraíba, os outros três apresentam dados de populações do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Paraná). Todos os estudos ainda trabalharam com amostras universitárias. De qualquer forma, cabe notar que a maioria dos trabalhos são recentes, o que pode representar um crescimento do interesse na Teoria Triangular do Amor.

### 1.5.2 A Teoria das Cores do Amor

Diferentemente de Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986), a Teoria das Cores do Amor (Lee, 1973, 1974, 1977) não avalia a intensidade do sentimento, mas maneiras de sentir. Ela faz a analogia do dos estilos de amar com um disco de cores, no qual existem três cores primárias que dão origem a três cores secundárias. Os três estilos “primários” do amor foram denominados o *Eros*, *Storge* e *Ludus*. Os três estilos secundários são o *Agape*, o *Mania* e o *Pragma*. Cada estilo secundário é composto por elementos dos dois estilos primários adjacentes no disco. Desta maneira, a Figura 3 apresenta um resumo desta teoria (Lee, 1973; Lasswell & Lasswell, 1976)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> As frases que ilustram os estilos de amar foram extraídas do sítio [http://www.pensador.info/expressoes\\_de\\_amor\\_em\\_grego/](http://www.pensador.info/expressoes_de_amor_em_grego/) no dia 04/04/2010.

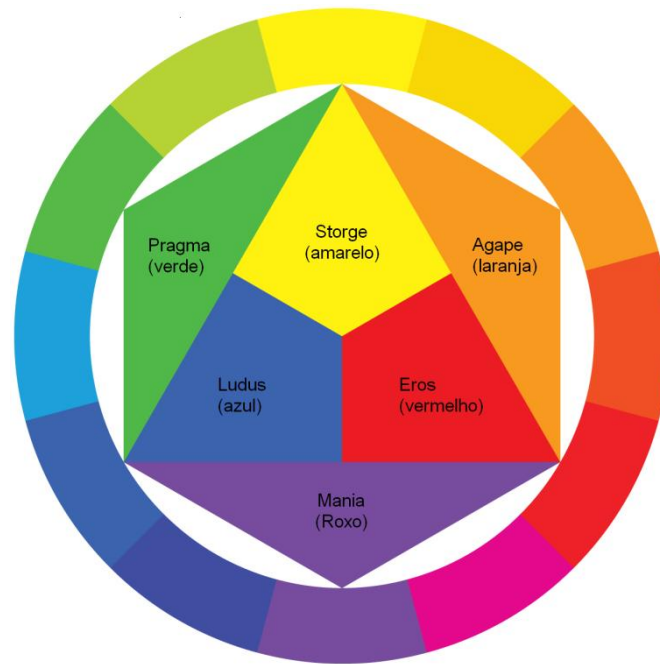


Figura 3. As cores do amor (Lee, 1974).

*“A melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada.”* (Machado de Assis)

O *Eros* é um estilo de amor no qual o indivíduo preocupa-se com a imagem, sendo marcado por uma forte e imediata atração pelo físico do(a) parceiro(a). São pessoas que procuram um(a) parceiro(a) que corresponda ao seu ideal de beleza. Possuem prazer ao falar da pele, cheiro, cabelo, músculos e de outras características físicas da pessoa amada. As pessoas de *Eros* têm diversas reações químicas apenas ao olhar para pessoas bonitas. A maioria delas tem relações sexuais logo após o primeiro encontro. Embora não procure ansiosamente pelo amor, está preparado(a) para os riscos relacionados a ele.

*“Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.”* (William Shakespeare)

O *Storge* é baseado na amizade e no companheirismo. Trata-se de um estilo de amor no qual as pessoas se envolvem no relacionamento sem pressa, loucura ou desatino. Deixam com que o sentimento se desenvolva ao seu tempo, conforme compartilham atividades com a pessoa amada. Conscientes dos riscos do amor, eles evitam sentimentos intensos. Para eles(as), o sexo é a forma mais íntima de auto-revelação, portanto, deve-se

esperar para que ele ocorra. Possuem a expectativa de relacionamento em longo prazo. Os(as) *Storges* acham inconcebível que duas pessoas briguem pelo simples fato de terminar uma relação.

*“O adultério é a aplicação dos princípios democráticos ao amor.”* (Henry Mencker)

O *Ludus* é o estilo daqueles(as) que buscam diversos(as) parceiros(as), vivendo o amor como um jogo. Embora sejam tidos como promíscuos por pessoas mais moralistas, os amantes *Ludus* conhecem bem as regras do jogo do amor e jogam de acordo com elas. Uma das estratégias para isso é o controle sobre seus sentimentos, procurando com que seus(suas) parceiros(as) também não se envolvam. Assim, nunca procuram fazer planos em longo prazo e marcam encontros casualmente, a fim de não criar expectativas na outra pessoa. O sexo para eles(as) é apenas diversão, não possui o objetivo de envolvimento emocional. Assim como no *Eros*, os amantes *Ludus* devem possuir a segurança de si. Não são possessivos nem ciumentos. Mesmo que o relacionamento esteja perto do fim, eles(as) não tomam a iniciativa de terminá-lo, por consideração ao(à) parceiro(a), deixando que a chama do amor se apague lentamente.

*“O senhor não daria banho a um leproso nem por um milhão de dólares? Eu também não. Só por amor se pode dar banho a um leproso.”* (Madre Tereza de Calcutá)

O *Agape* (junção do *Eros* com o *Storge*) é um estilo altruísta de amar. Este estilo herda do *Eros* o fascínio pelo(a) parceiro(a), e do *Storge* a baixa sexualização desta fascinação. É a clássica visão do amor cristão, de dar sem receber. O(a) amante com este tipo tem uma preocupação com o(a) parceiro(a) maior do que a que tem consigo mesmo(a), sendo totalmente centrado(a) nele(a). É alguém disposto a amar sem a expectativa de reciprocidade, sendo muito gentil, cuidadoso(a) e atencioso(a). É capaz de ter uma boa tolerância a comportamentos inadequados do(a) parceiro(a) como a traição e o alcoolismo, por exemplo, sendo mais apoiador(a) do que punitivo(a).

*“Ah o amor... que nasce não sei onde, vem não sei como e dói não sei porque...”* (Carlos Drummond de Andrade)

O *Mania* (presença de *Eros* e *Ludus*) é o estilo no qual o amante é obsessivo,

possessivo e ciumento com o objeto amado. Assim como o(a) *Eros*, desenvolve a paixão de forma rápida. Assim como o(a) *Ludus*, tenta ter o controle de seus sentimentos [embora o(a) *Mania* tenha mais dificuldades do que o(a) *Ludus*]. É um estilo caracterizado pela necessidade de reassegurar-se repetidamente que é amado(a) e pela dependência intensa. Possui um sentimento muito forte, que tem dificuldades de controlar. Alguns sintomas físicos relacionados à pessoa amada, como agitação, ansiedade, dificuldades para dormir são comuns nos(as) *Manias*. Desenvolvem paixões rápidas e fortes por pessoas inapropriadas. São muito sensíveis ao amor, alternando alegrias enormes, quando a pessoa amada dá um pequeno sinal de correspondência, e tristezas profundas, na ausência desta pessoa.

“*O dinheiro compra até o amor verdadeiro.*” (Nelson Rodrigues)

O *Pragma* (formado pelo *Storge* e pelo *Ludus*) retrata os amantes que buscam um(a) parceiro(a) que seja adequado mais aos seus padrões sociais do que aos seus sentimentos. Usa as manipulações da consciência para procurar o parceiro (característica do *Ludus*) e tem calma para escolher o(a) parceiro(a) (característica do *Storge*). A compatibilidade é baseada em critérios práticos. Assim, pessoas com este estilo buscam um(a) parceiro(a) que corresponda a características demográficas como idade, religião, escolaridade, profissão, visão política, dentre outras, deixando que o sentimento por esta pessoa apareça após a verificação da compatibilidade destas características.

Todavia, esses tipos constituem apenas construtos idealizados. Dificilmente encontraremos alguém que possua somente um estilo de maneira pura. O mais frequente é ter-se pessoas com características fortes em alguns tipos e baixas em outros. Essas características dependem do perfil cognitivo e da personalidade de cada indivíduo (Lasswell & Lasswell, 1976). Apesar de se tratarem de objetos de estudo diferentes, pode-se fazer uma analogia das cores do amor com a teoria dos valores humanos (Schwartz, 1994) ou com os seis estilos vocacionais (Holland, 1959, 1996), pelo fato de que os três modelos resumem-se em um círculo no qual pontos próximos representam características parecidas, ao mesmo tempo em que pontos opostos no círculo representam características opostas. Neto (2002), no entanto, questiona a analogia dos seis estilos de amar com o disco das cores. Após descrever a tipologia para sua amostra, os estilos não foram relacionados às cores previstas por Lee (1974). Assim, a afirmação de que existem seis tipos de amor tem maior suporte empírico do que a afirmação de que seriam três estilos primários e três

secundários.

Analisando-se o modelo de Lee (1973, 1974) como circunflexo, pode-se fazer uma releitura da teoria. De acordo com ela, existem seis tipos do amor, apresentados na introdução desta tese. O que pode ser acrescentado na teoria é que, no disco das cores, cada cor possui uma cor complementar, ou seja, cada cor primária possui uma cor secundária no lado oposto deste disco, chamada de complementar. Dessa maneira, o tipo *Eros* seria complementar ao *Pragma*, o *Ludus* complementar ao *Agape* e o *Storge* complementar ao *Mania*.

Saber que este tipo de relação funciona para o disco das cores em nada ajuda a descobrir que a mesma relação irá funcionar para os estilos de amar. Porém, se analisarmos a descrição de cada um dos estilos, veremos que isso é plausível. As pessoas tipificadas como *Storge* vivem o amor sem pressa, deixando as coisas acontecerem ao seu tempo. Não correm atrás do seu amor, deixam que ele apareça naturalmente, de uma maneira passiva. Com a dimensão complementar *Mania* é justamente o oposto. Estas pessoas desenvolvem amores muito fortes de maneira muito rápida. Procuram desesperadamente o objeto de sua paixão, de modo ativo. Analisando-se ambas as descrições, é perceptível que existe esta relação de complementaridade. Ela baseia-se principalmente na pressa com que a pessoa desenvolve o amor.

A mesma relação de complementaridade também pode ser percebida com relação às dimensões *Ludus* e *Agape*. O(a) *Ludus* é aquele(a) pessoa que controla seu envolvimento, procura por diversos(as) parceiros(as). Já o(a) *Agape*, possui uma devoção ao(à) parceiro(a) algumas vezes maior do que consigo mesmo. Ainda centraliza-se em uma pessoa apenas. A relação inversa entre *Ludus* e *Agape* se dá na quantidade de parceiros(as) e na dedicação a eles.

Por fim, o *Eros* e o *Pragma* também são complementares. Um(a) sujeito(a) *Eros* é aquele(a) que escolhe seus(suas) parceiros(as) baseado na aparência física. Valorizam aspectos como o beijo e o desempenho sexual do(a) parceiro(a). O(a) *Pragma* já possui critérios mais racionais para escolher seus(suas) parceiros(as), valorizando características como inteligência, escolaridade e *status* social do(a) parceiro(a). Assim, podemos dizer que o(a) *Eros* vive o amor de uma maneira mais instintiva, enquanto o(a) *Pragma* o faz de maneira mais racional.

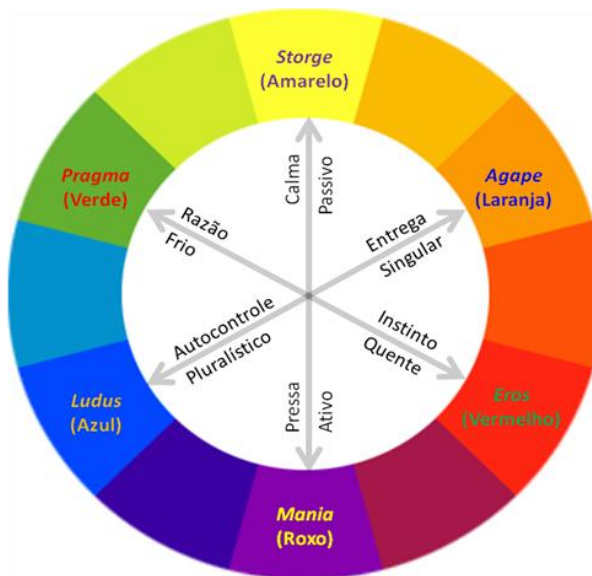


Figura 4. Os eixos da tipologia do amor.

A Figura 4 mostra como ficariam configurados os três eixos que sustentam a tipologia do amor (Lee, 1974). No eixo *Storge-Mania*, pode-se perceber que, se de um lado os(as) *Storges* são passivos e calmos, pois esperam que o amor ocorra, por outro lado os(as) *Manias* têm pressa para viver o amor, e correm atrás dele de maneira ativa. No eixo *Ludus-Agape*, o(a) *Ludus* é uma pessoa que controla seu sentimentos com a finalidade de ter parceiros(as) no plural. Em oposição, o *Agape* entrega todos os seus sentimentos a uma pessoa só. O eixo *Eros-Pragma* mostra de um lado o *Eros*, que segue seus instintos em busca de relações quentes, e de outro o *Pragma*, que possui frieza para escolher um(a) parceiro(a) de maneira racional.

Esta releitura do modelo de Lee (1974) não mudou o fato de que a teoria continua no nível das atitudes, que possuem um pólo positivo e um negativo (Eagly & Chaiken, 1998). Assim o modelo dos eixos do amor também leva em consideração esses critérios. Os indivíduos no pólo *Ludus* devem apresentar uma atitude positiva com relação a ter diversos parceiros(as), enquanto os indivíduos no pólo *Agape* devem apresentar uma atitude negativa. A atitude sobre ter um relacionamento estável é positiva para o pólo *Agape* e negativa para o pólo *Ludus*. As pessoas no pólo *Eros* devem ter uma atitude positiva com relação a escolher um parceiro pela sua aparência física e uma atitude negativa com relação a casamentos por interesses, atitude antagônica ao pólo *Pragma*. A atitude do pólo *Storge* com relação ao amor à primeira vista deve ser negativa, pois este pólo possui uma atitude



positiva com relação a ampliar o tempo no qual as pessoas estão se conhecendo. A atitude das pessoas no pólo *Mania* deve ser exatamente oposta a esta.

A criação de eixos não é nova, tendo tido sucesso no modelo hexagonal de Holland (1959). Prediger (1982) resumiu os seis estilos vocacionais em dois eixos, dados-ideias e coisas-pessoas. Assim, sendo factível esta reorganização da teoria por meio de eixos, surge a ideia de, ao invés de mensurar os seis tipos do amor, mensurar os três eixos. A grande vantagem em se fazer isso está na questão da parcimônia, princípio norteador da ciência. Além de se tratar de um modelo teórico mais simples, provavelmente o seu respectivo instrumento de mensuração deve ser mais curto. Caso o modelo seja circunflexo, como previsto por Lee (1973), devem existir eixos ligando pólos opostos no modelo.

#### *1.5.2.1 Instrumentos de Mensuração da Tipologia do Amor*

Existem diversos tipos de instrumentos para mensurar o amor de acordo com a tipologia de Lee (1973). O autor propôs 35 questões e uma suposição da maneira como as pessoas de cada estilo deveria responder a cada uma delas (Lee, 1974). Lasswell e Lasswell (1976) também propuseram um instrumento de mensuração, mas, assim como Lee, não apresentaram suas propriedades psicométricas no artigo. Este instrumento foi investigado no Brasil por Barros e Calvano (2005), que traduziram o instrumento para o português e o aplicaram em uma amostra de 305 sujeitos. Os autores encontraram uma estrutura de seis fatores, compatíveis com os tipos de Lee (1973).

A versão de Hendrick e Hendrick (1986), contudo, é aquela que vem sendo mais amplamente utilizada na literatura científica. Este teste possui sete itens para cada um dos seis tipos. O instrumento possui consistência interna razoável, com valores de alfa de 0,69 (*Storge*), 0,70 (*Eros*), 0,72 (*Mania*), 0,74 (*Ludus* e *Pragma*) e 0,83 (*Agape*). Porém, outras propriedades mostraram-se interessantes, como a baixa correlação entre as tipos e adequadas cargas fatoriais (> 0,30) em todos os itens. Foram propostas duas formas reduzidas do instrumento (Hendrick, Hendrick, & Dicke, 1989), uma com quatro itens por tipo e a outra com três. Ambas as alterações pouco afetaram a consistência interna da escala.

Uma tradução para língua portuguesa da versão de Hendrick e Hendrick (1986) tem sido usada por Neto (1993, 1994, 1998, 2002), e mantém as propriedades do instrumento original. Um estudo transcultural utilizou a versão da escala de Neto em países de língua portuguesa (Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil), além da França, Suíça e

Macau, que responderam à escala em Cantonês (Macau) e Francês (Suíça e França). A análise fatorial confirmatória da versão reduzida com quatro itens em cada subescala indicou cargas superiores a 0,40. O Brasil foi o país de língua portuguesa com escores mais altos nas dimensões *Storge* e *Agape*. Deve-se notar que, no referido estudo, escores baixos representam elevados níveis de comportamento (Neto et al., 2000). Em Portugal, o instrumento teve 39 dos 42 itens carregando fortemente no fator pretendido e coeficientes alfas um pouco menores que os encontrados por Hendrick e Hendrick, ainda assim toleráveis para a finalidade de pesquisa ( $\alpha_{eros} = 0,67$ ,  $\alpha_{ludus} = 0,59$ ,  $\alpha_{storge} = 0,71$ ,  $\alpha_{pragma} = 0,76$ ,  $\alpha_{mania} = 0,69$ ,  $\alpha_{agape} = 0,80$ ).

Outra versão traduzida para o português da escala de Hendrick e Hendrick (1986) foi utilizada por De Andrade e Garcia (2009). A coleta de dados foi realizada por meio eletrônico, com 509 participantes recrutados(as) em um sítio (*site*) de relacionamentos. Apesar de um valor de KMO moderado (0,77), o instrumento dividiu-se nos seis fatores previstos pela teoria. Os resultados ainda indicaram que os seis fatores não possuem correlações maiores do que 0,3 entre si, sugerindo ortogonalidade entre eles. Com exceção da dimensão *Ludus* ( $\alpha = 0,55$ ), todas as outras apresentaram valores de alfa de Cronbach superiores a 0,74. As pessoas que se declararam apaixonadas possuíram escores significativamente mais altos nas dimensões *Eros*, *Agape*, *Ludus* e *Mania*.

Com relação à variável sexo, a literatura tem encontrado diferenças significativas em determinadas dimensões. Hendrick e Hendrick (1986) sugerem que os homens possuem uma atitude significativamente mais alta na dimensão *Ludus*, enquanto as mulheres possuem uma atitude mais alta na dimensão *Storge*, *Pragma* e *Mania*. Não há diferença significativa em *Eros* e *Agape*. Cabe ressaltar que este estudo utilizou uma grande amostra (446 homens e 341 mulheres). Neto (1998) encontrou diferenças significativas nas dimensões *Ludus* e *Agape*, ambas indicando que homens possuem níveis mais altos nos referidos estilos. Os resultados apresentados por Davies (2001) indicaram que os homens endossam mais a dimensão *Ludus* e o *Eros*, enquanto as mulheres endossam mais o *Mania* e o *Agape*, sempre em comparação ao sexo oposto. Os dados de uma amostra de 1351 espanhóis (Ferrer Pérez, Bosch Fiol, Navarro Guzmán, Ramis Palmer, & García Buades, 2008) sugerem que os homens possuem os estilos *Ludus*, *Eros* e *Agape* de modo mais forte que as mulheres, que por sua vez possuem o estilo *Pragma* significativamente maior do que os masculinos. Assim, pode-se perceber que, com exceção do *Ludus*, a literatura está em desencontro sobre qual sexo possui uma atitude mais elevada em cada estilo. Não se sabe, todavia, se isso reflete uma imprecisão do teste ou diferenças geográficas e culturais

entre os participantes de cada estudo.

Apesar de algumas limitações com relação à precisão, a escala de atitudes em relação ao amor (Hendrick & Hendrick, 1986) segue sendo muito utilizada. Sua principal potencialidade está numa boa estrutura fatorial, condizente com a teoria de Lee (1974), apesar de se tratar de um modelo com muitos elementos (seis). Mesmo assim, é um teste que ainda precisa de estudos e aperfeiçoamentos, principalmente no que tange à sua consistência interna.

### *1.5.3 Satisfação no Relacionamento*

A satisfação no relacionamento é um dos construtos que mais vem sendo trabalhados na área de avaliação dos relacionamentos (Hendrick, 1988). Mais especificamente, a investigação de relações entre amor e satisfação no relacionamento tem sido um tema de pesquisa frequente no exterior (Masuda, 2003). A satisfação no relacionamento é uma avaliação subjetiva bastante próxima ao bem-estar (Gable & Poore, 2008). Refere-se a uma avaliação cognitiva positiva do relacionamento. Além de ser avaliada no nível individual, trata-se de comparação de outras relações com a sua própria. Este conceito engloba relacionamentos de casal, noivos, namorados, “ficantes”, ou mesmo relacionamentos sem compromisso (Wachelke, De Andrade, Cruz, Faggiani, & Natividade, 2004). A satisfação conjugal pode ser definida como uma atitude frente à interação conjugal e às características do(a) cônjuge (Dela Coleta, 1989).

#### *1.5.3.1 Medida da satisfação no relacionamento*

Existem diversos instrumentos para a mensuração deste construto. A Escala de Ajuste Diádico (*Dyadic Adjustment Scale - DAS*) foi desenvolvida por Spanier (1976) e possui 32 itens que devem ser respondidos por casais que moram juntos. A análise fatorial distinguiu claramente os fatores Consenso da díade ( $\alpha = 0,90$ , 13 itens), Satisfação da díade ( $\alpha = 0,94$ , 10 itens), Coesão da díade ( $\alpha = 0,86$ , 5 itens) e Expressão da afetividade ( $\alpha = 0,73$ , 4 itens) e demonstrou consistência interna geral ( $\alpha = 0,92$ , 32 itens). Cabe salientar que a *DAS* mede ajustamento da díade e a satisfação no relacionamento é apenas um dos elementos deste ajustamento. Esta escala vem sendo bastante utilizada, e uma busca em bases de dados encontrou pesquisas recentes em amostras dos cinco continentes, em países como China (Shek & Cheung, 2008), África do Sul (Lesch & Engelbrecht, 2008), França

(Antoine, Christophe, & Nandrino, 2008), Alemanha (Dinkel & Balck, 2008), Austrália (Hundertmark, Esterman, Ben-Tovim, Austin, & Dougherty, 2007) e Estados Unidos (Funk & Rogge, 2007). Embora não sejam relatados dados psicométricos do instrumento, a DAS foi utilizado no Brasil por Perlin (2001, 2006; Perlin & Diniz, 2005). Hernandez (2008), em uma amostra porto-alegrense, encontrou itens carregando em mais de um fator, o que o autor atribuiu à inter-relação entre as subescalas. Os coeficientes *Alfas de Cronbach* variaram de 0,62 a 0,86, o que sugere que a escala também precisa ser melhorada em alguns fatores.

Wachelke et al. (2004) desenvolveram a Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento, um instrumento de nove itens (dois inversos) e dois fatores (Satisfação com a Atração Física e Sexualidade – SAFS - e Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos - SAIC). A escala foi aplicado em 364 participantes de Porto Alegre e Florianópolis envolvidos(as) em relacionamentos. Apesar dos itens terem apresentado cargas fatoriais adequadas (maiores que 0,3), os valores de alfa ( $\alpha_{SAFS} = 0,76$  e  $\alpha_{SAIC} = 0,61$ ) indicaram problemas em relação à sua confiabilidade. Em um segundo estudo (Wachelke, De Andrade, Souza, & Cruz, 2007), o instrumento teve um item reformulado por uma questão semântica e foi aplicado em outros 342 universitários. As cargas fatoriais foram maiores que 0,48, a exceção de um item retirado do instrumento. Os valores alfas também melhoraram ( $\alpha_{SAFS} = 0,80$  e  $\alpha_{SAIC} = 0,68$ ), apesar de que não se pode afirmar que a escala encontrou total confiabilidade. Porém, em uma aplicação via *internet* com 545 sujeitos, a obteve-se alfa de 0,78 para a SAFS e 0,76 para a SAIC (De Andrade & Wachelke, 2006).

A *Relationship Assessment Scale (RelAS)* é uma medida simples da satisfação no relacionamento, com apenas sete itens e estrutura unifatorial (Hendrick, 1988). Todos os itens estão em uma escala tipo *Likert*, variando de 1 a 7, sendo que os itens 4 e 7 devem ter os seus escores invertidos para fazer o somatório com os demais. Apesar de ter poucos itens, a *RelAS* demonstra um bom nível de consistência interna ( $\alpha = 0,86$ ). A confiabilidade teste-reteste em uma amostra de 65 universitários estadunidenses, com um intervalo de seis a sete semanas, foi de 0,85 (Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1998). Não se tem conhecimento da uso da *RelAS* no Brasil.

Estudar a satisfação nos relacionamentos é tão importante quanto estudar o amor. Mensurar o amor nos mostra o tamanho do sentimento, mas a satisfação no relacionamento mostra se isso é bom ou se é ruim. Num casamento, por exemplo, é interessante que se mantenha níveis elevados de amor e satisfação conjugal, pois tem-se ambos como

elementos de uma relação bem sucedida. No caso de um amor platônico, por outro lado, níveis elevados de amor podem trazer insatisfação com o relacionamento, pois um amor muito elevado por alguém que não corresponda pode levar a um elevado nível de sofrimento psíquico. Assim, o amor e a satisfação devem ser estudados em conjunto, verificando-se a associação de ambas as variáveis.

### 1.5.3.2 Estudos sobre relacionamentos de casais

O amor conduz as pessoas a relacionar-se, o que traz alguns desafios para o estudo do fenômeno. O primeiro é que se trata de um sistema com pelo menos cinco níveis de análise (indivíduo, casal, família, família ampliada e a sociedade em que os outros níveis estão inseridos). O segundo desafio é o de que normalmente esta avaliação é feita por medidas de auto-relato, o que sempre pode enviesar os resultados da pesquisa. O terceiro é o de que, na maioria das vezes, as amostras nas pesquisas com casais são de conveniência (Kashy & Snyder, 1995). Assim, todas as análises de dados devem ao menos considerar que os indivíduos avaliados são parte de um casal.

Sprecher (1999; Sprecher & Felmler, 1992) realizou um estudo longitudinal investigando casais de namorados, recrutados em um campus universitário. O estudo iniciou com 101 casais heterossexuais e teve cinco coletas de dados, em 1988, 1989, 1990, 1991 e 1992. Na quinta coleta de dados, 41 permaneceram juntos, dos quais 29 (71%) se casaram. A perda de participantes foi extremamente baixa (10%), mesmo entre os casais que romperam o relacionamento (14%). Os casais que continuaram o relacionamento, geralmente relataram que seus sentimentos aumentaram ao longo do tempo, apesar de seus escores de amor, compromisso e satisfação no relacionamento (medida pela *Relationship Assessment Scale - RelAS*) terem permanecido semelhantes desde a primeira coleta de dados. Por outro lado, aqueles casais que terminaram o relacionamento, relataram que houve um decréscimo nos afetos positivos nos meses que antecederam a separação.

No Brasil, Perlin (2001; Perlin & Diniz, 2005), por meio da utilização da *Dyadic Adjustment Scale (DAS)*, encontrou que os homens de sua amostra apresentaram níveis significativamente mais elevados de satisfação no relacionamento do que suas parceiras do sexo feminino. Outro ponto que chama a atenção no mesmo trabalho é o fato de existir uma correlação na satisfação entre homens e mulheres de um mesmo casal. Em outro estudo, de caráter qualitativo, Perlin (2006) conclui que o consenso dos parceiros em torno da filosofia de vida é um elemento importante para a manutenção da relação conjugal.

Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) investigaram a satisfação de 38 casais heterossexuais da região metropolitana de São Paulo. Esta satisfação foi medida por meio da *DAS*, aplicada em ambos os membros do casal. O estudo concluiu que as relações extraconjugais são mais comuns entre membros da díade que estão insatisfeitos com o casamento. O fato de ser praticante de uma religião (90% da amostra era católica) é uma variável que influencia na satisfação com o casamento. Uma análise de regressão indicou que as variáveis proximidade, capacidade para solucionar problemas, coesão, comunicação, status econômico e praticar uma religião (em ordem de importância) explicam 75,8% da variância da satisfação no relacionamento (os valores de beta não foram informados).

Dela Coleta (1991) investigou as causas que as pessoas atribuem ao sucesso em uma relação. A principal delas foi o amor (mencionado por 88,3% da amostra), seguido por compreensão (57,8%), respeito (53,4%), lealdade, fidelidade (40,8%), companheirismo, amizade (34,5%), diálogo, comunicação (33,0%), sexo (30,6%) e dinheiro (24,3%). Houve poucas diferenças de sexo com relação à frequência com que cada causa foi mencionada. Estes dados corroboram a necessidade de conhecer as variáveis associadas a relações bem-sucedidas, pois elas podem promover o sucesso das relações e, conseqüentemente, prevenir o fracasso.

Parte da complexidade do estudo dos relacionamentos está na necessidade de se investigar ambos os membros da díade. Mesmo quando não se tem acesso a um(a) dos(as) parceiros(as), a pesquisa deve considerar que ele(a) existe, investigando-o(a) sob o olhar do(a) participante. Conhecer as variáveis associadas ao sucesso ou ao fracasso em uma relação é relevante para o psicólogo que trabalha com casais, pois este é constantemente o objetivo das psicoterapias (auxiliar a construir o sucesso e evitar o fracasso).

### *1.5.3.3 Estudos transculturais*

As diferenças e semelhanças entre culturas são um problema de pesquisa antigo, mas de difícil acesso. Buss (1989b) investigou 10.047 sujeitos distribuídos em 37 amostras espalhadas pelo mundo, sendo quatro na África, oito na Ásia, quatro no Leste Europeu, doze na Europa Ocidental, quatro na América do Norte, três na América do Sul e duas na Oceania. Os resultados indicaram que as mulheres valorizam uma boa perspectiva financeira em um potencial pretendente de modo significativamente maior do que os homens em 36 amostras (na Espanha, esta diferença existiu, mas não foi significativa). Em

todas as culturas, foi constatado que os homens preferem parceiras mais jovens e as mulheres preferem parceiros mais velhos. As diferenças culturais mais marcantes na escolha de um(a) potencial parceiro(a) estão na questão da castidade. Amostras da China, Indonésia, Irã, Taiwan e Israel (palestinos) endossaram bastante esta qualidade, enquanto as amostras da Suécia, Noruega, Finlândia, Holanda, Alemanha Ocidental e França foram as que mais consideraram esta característica irrelevante.

Mais recentemente, o *International Sexuality Description Project* investigou 16.954 participantes de 53 países (28 idiomas). Apesar das diferenças culturais, os resultados indicaram que 56,9% dos homens e 34,9% das mulheres tentaram conquistar um(a) parceiro(a) para uma relação de curto prazo, enquanto 57,1% dos homens e 43,6% das mulheres tentaram conquistar um(a) parceiro(a) para uma relação de longo prazo (a mesma pessoa poderia ao mesmo tempo tentar relações de curto e de longo prazo). As mulheres que tentaram, no entanto, tiveram um sucesso significativamente maior do que os homens na conquista de um parceiro a curto prazo. Não houve diferença significativa de sexo na conquista de longo prazo (Schmitt, Alcalay, Allik, et al., 2004). Outros artigos referentes a este projeto foram publicados, tendo uma pequena variação no número de países, sujeitos e idiomas envolvidos. Os resultados indicaram que os homens desejam ter um número maior de parceiras do que as mulheres em todas as regiões do mundo (Schmitt, Alcalay, Allik, et al., 2003).

O *International Sexuality Description Project* também investigou o apego (*attachment*). O apego romântico seguro (*secure*) foi predominante em 79% das culturas. Foi encontrada uma correlação do índice de fertilidade das culturas com o apego romântico amedrontado (*fearful*) ( $r = 0,38$ ) e afastado (*dismissing*) ( $r = 0,32$ ) (Schmitt, Alcalay, Allensworth, et al., 2004). Além do índice de fertilidade, o apego romântico afastado (*dismissing*) também foi correlacionado com o índice de HIV/AIDS entre adultos ( $r = 0,43$ ), expectativa de vida ( $r = - 0,47$ ), Índice de Desenvolvimento Humano ( $r = - 0,48$ ) e Índice de Desenvolvimento de Gênero ( $r = - 0,49$ ) (Schmitt, Alcalay, Allensworth, et al., 2003). Estes dados mostram que existe uma ligação entre os sentimentos e a cultura. Mesmo índices sociais e econômicos podem encontrar relação com a maneira como as pessoas por trás dos números se relacionam.

#### 1.5.4 O amor e construtos relacionados na teoria das atitudes

Conforme mencionado diversas vezes nesta tese, existe uma abundância de teorias

sobre o amor, e grande parte delas tem sustentação empírica para suas afirmações. Praticamente todas as teorias sobre amor possuem pelo menos um elemento da atração física e outro de afeto entre amigos(as), independente do nome com o qual estes elementos são chamados. Embora parecidas, seria precipitado afirmar que algumas teorias são desnecessárias. Primeiramente, porque a ciência do amor vive um momento em que a efervescência de teorias é necessária, pois o campo está surgindo e novas teorias podem discutir as velhas teorias. Ou, ainda, as velhas teorias podem afirmar suas potencialidades diante das teorias que surgem. Em segundo lugar, as teorias podem ser vistas como complementares, pois abordam o fenômeno em ângulos distintos. A Tabela 1 mostra as teorias sobre amor apresentadas na introdução desta tese de maneira sintética.

Tabela 1 - *Resumo esquemático das teorias sobre amor apresentadas na presente tese*

Teoria	Autor(a)	Elemento	Significado
Bases biológicas	Fisher (2006)	Testosterona Sistema de recompensa Vasopressina e ocitocina	Luxúria Amor romântico Fidelidade
Psicanálise	Freud (1912/1987)	Corrente afetiva Corrente sensual	Amor aos cuidadores Amor a alguém do sexo oposto
Behaviorismo	Skinner (1991)	<i>Eros</i> <i>Philia</i> <i>Agape</i>	Reforços sexualizados e vinculados à seleção natural Amor por objetos não humanos por condicionamento operante Reforços por reforçar o comportamento de outra pessoa
Teoria do apego	Bowlby (1984)	Apego seguro  Apego evitativo  Apego ambivalente	Facilidade para estabelecer vínculos afetivos Desconforto para estabelecer vínculos afetivos Desconfiança para estabelecer vínculos afetivos
Amar e gostar	Rubin (1970)	Amar Gostar	Atração física Relações de intimidade
Amor-paixão e amor-companheiro	Hatfield & Walster (1983)	Companheirismo Paixão	Emoção calma Confusão de sentimentos
<i>Clusters</i>	Davis (1985)	Amizade Amor – Paixão Amor – Cuidado	Intimidade Sexualidade Defesa do(a) parceiro(a)
Teoria triangular do amor	Sternberg (1986)	Intimidade Paixão Decisão/ compromisso	Proximidade Sexualidade e romantismo Racionalidade do amor
Cores do amor	Lee (1973)	<i>Eros</i> <i>Storge</i> <i>Ludus</i> <i>Agape</i> <i>Mania</i>  <i>Pragma</i>	Atração física Companheirismo Promiscuidade Altruísmo Amor intenso Busca por parceiro(a) com características desejáveis



Como pode ser observado, existem elementos semelhantes nas diferentes teorias. Para tentar elucidar a questão sobre qual o nível de análise cada teoria sobre o amor está abordando, é interessante fazer uma analogia com o modelo tripartite das atitudes (Eagly & Chaiken, 1998). De acordo com o referido modelo, as atitudes são uma tendência psicológica expressa na avaliação de algo favoravelmente ou desfavoravelmente. Elas são formadas pelo componente cognitivo (pensamentos e crenças), afetivo (emoções e sentimentos) e comportamental (ações e intenções de agir). O comportamento humano é influenciado pelas atitudes.

Dessa maneira, torna-se importante determinar em qual parte do modelo tripartite das atitudes (Eagly & Chaiken, 1998) se encontram os construtos abordados neste trabalho. A teoria de Sternberg (1986) descreve componentes afetivos ou emocionais nas dimensões da Intimidade e da Paixão, por exemplo. dentro da dimensão Decisão/Compromisso se refere aos elementos cognitivos (decisão) e comportamentais (compromisso) do amor. A teoria de Lee (1974) é uma tipologia do amor, que aborda suas atitudes. A satisfação no relacionamento também está no nível das atitudes, não em relação ao amor, mas em relação ao relacionamento. A Figura 5 apresenta um esquema integrativo do modelo tripartite das atitudes com as teorias trabalhadas nesta tese.

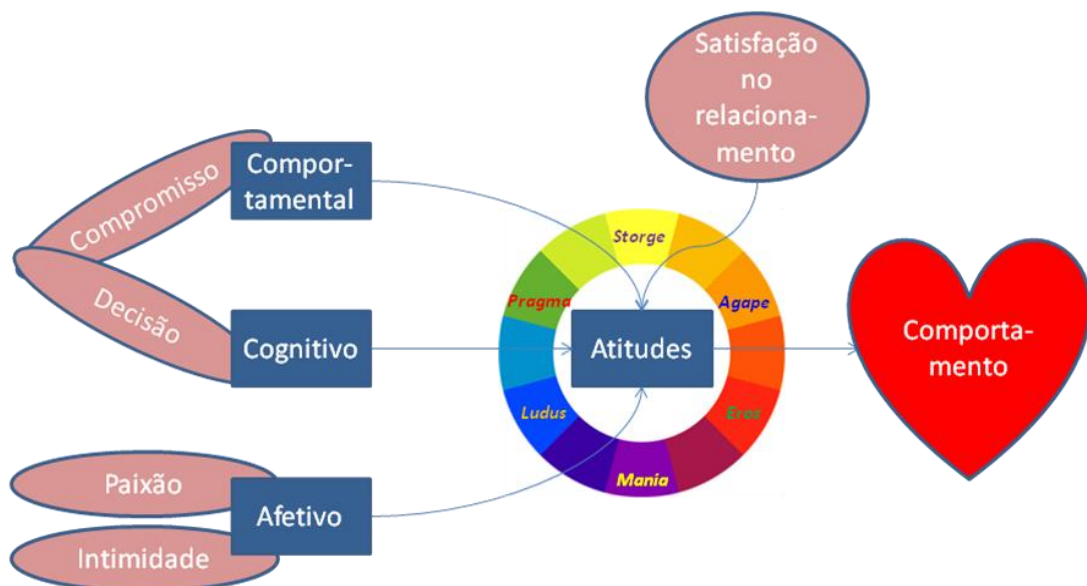


Figura 5. Modelo tripartite para o amor.

Assim, percebe-se que a Teoria Triangular do Amor está avaliando os elementos que formam as atitudes, enquanto a Teoria das Cores do Amor trabalha com a atitude já

consolidada. Dessa maneira, as dimensões do amor de Sternberg (1986) atuam em componentes diferentes das atitudes. Cada um dos estilos do amor (Lee, 1974) é uma atitude e, como tal, possui componentes afetivos, cognitivos e comportamentais. As atitudes, ou os estilos do amor, são antecedentes do comportamento.

De uma maneira sintética, uma atitude *Agape* é uma predisposição ao comportamento de agradar o(a) parceiro(a); uma atitude *Storge* leva a tratar o parceiro como amigo; uma atitude *Pragma* leva ao comportamento de procurar um(a) parceiro(a) com *status* social; uma atitude *Eros* ocasiona o comportamento de procurar parceiros(as) bonitos(as); a atitude *Ludus* leva a comportamentos de promiscuidade; e a atitude *Mania* pode levar à expressão do ciúme. Apesar das atitudes possuírem os componentes cognitivos, comportamentais e afetivos, pode-se afirmar que o tipo *Pragma* está mais embasado em componentes cognitivos, a *Ludus* em comportamentais, enquanto os demais se sustentam de maneira mais balizada nos componentes afetivos. As atitudes nem sempre são compostas pelos seus três elementos (Eagly & Chaiken, 1998), sendo possível que estilos de amar existam sustentados em apenas um elemento do modelo tripartite.

Os comportamentos retroalimentam os componentes das atitudes, de acordo com as teorias do reforço (Skinner, 1967). Logo, as experiências de amor do passado irão gerar novas cognições a respeito do amor, novos afetos, novas intenções comportamentais e, conseqüentemente, novas atitudes. Um comportamento gerado por uma atitude *Ludus*, por exemplo, pode ter conseqüências reforçadoras [como o prazer sexual de múltiplos(as) parceiros(as)] e gerar a manutenção deste comportamento, mas pode gerar uma conseqüência punitiva (como o término de um relacionamento estável) e tender a se extinguir. Não se pode esquecer que, de acordo com a teoria da auto-percepção (Bem, 1972), as pessoas podem formar atitudes condizentes com a observação do seu próprio comportamento. Dessa maneira, alguém com um comportamento de fugir do ato sexual, por exemplo, poderá formar uma atitude *Storge*.

## 1.6 Instrumentos de Medida do Amor e Construtos Relacionados no Brasil

A área de estudos com medidas do relacionamento tem crescido bastante em nível internacional. Diversos instrumentos de medida do amor e de construtos vinculados aos relacionamentos existem no mundo. Alguns deles foram traduzidos para língua portuguesa, e houve algumas pesquisas brasileiras que inclusive criaram seus próprios instrumentos de medida. A Tabela 2 sintetiza as pesquisas com os instrumentos de medida da área no

Brasil. Apesar do fato de que alguns instrumentos podem não ter sido encontrados por esta revisão, estima-se que o número de testes seja escasso. Deve-se levar em consideração que algumas das referências são de teses e dissertações não publicadas e trabalhos apresentados em congressos, que são trabalhos de difícil localização.

Tabela 2 - Instrumentos de medida do amor e do relacionamento em língua portuguesa

Escala	Autor(a)	Língua Portuguesa
Escala do Ajustamento Diádico (DAS)	Spanier (1976)	Hernandez (2008), Karwowski-Marques (2008), Perlin (2001, 2006), Perlin e Diniz (2005), Scorsolini-Comin (2009)
Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento <i>Relationship Assessment Scale (RelAS)</i>	Wachelke, et al. (2004) Hendrick (1988)	De Andrade e Wachelke (2006), Wachelke, et al. (2004), Wachelke, et al. (2007) Presente estudo
Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS)	Sternberg (1997)	Cassepp-Borges e Teodoro (2007, 2009), Cavalcanti (2007), Custódio (2002), Gouveia et al. (2009), Hernandez (1999), Karwowski-Marques (2008)
Teste de Avaliação da Tipologia do Amor ( <i>SAMPLE Scale</i> ) <i>Love Attitudes Scale (LAS)</i> (Teoria das Cores do Amor)	Lasswell e Lasswell (1976) Hendrick e Hendrick (1986)	Barros e Calvano (2005) De Andrade e Garcia (2009), Neto (1993, 1994, 1998, 2002), Neto, et al. (2000)
Escala de Satisfação Conjugal	Pick de Weiss e Andrade Palos (1988)	Dela Coleta (1989), Scorsolini-Comin (2009)
Escala ERA - Atitudes frente a relações afetivas estáveis	Reis (1995)	Milfont, Gouveia, Jesus, Gusmão, Chaves e Coelho (2008), Reis (1995)
Escala do Ciúme Romântico	Ramos, Yazawa e Salazar (1994)	Ramos, Yazawa e Salazar (1994), Ramos (1998)
Inventário de Ciúme Romântico	Carvalho, Bueno e Kleberis (2008)	Carvalho, Bueno e Kleberis (2008)
Escala de Atração Intersexual e Autoconceito (EAA)	Ramos, Santos e Costa (1994)	Ramos, Santos e Costa (1994), Ramos (1998)
Inventário de Habilidades Sociais Conjugais	Villa (2005)	Villa (2005)

Também não se pode esquecer que nenhum desses instrumentos pode ser utilizado por psicólogos, excetuando-se uma situação de pesquisa, pois eles não se encontram na lista do SATEPSI (CFP, 2003, 2009). Dessa maneira, tratam-se de estudos que contribuem para a ciência, mas que não contribuem para a prática do(a) psicólogo(a). A elaboração de manuais e submissão ao CFP é um passo importante que deveria ter sido dado por pelo menos alguns desse estudos. A aplicação do conhecimento produzido pelas pesquisas em Avaliação Psicológica depende do trabalho dos cientistas, se adequando às exigências do órgão que rege classe dos(as) psicólogos(as).

## 1.7 Objetivos

O principal objetivo deste estudo foi verificar evidências de validade no Brasil de algumas das principais escalas que avaliam amor e construtos associados existentes no exterior, a *RelAS*, a *ETAS* e a *LAS*. Não existe nenhum teste para medir o amor ou a satisfação no relacionamento à disposição do(a) psicólogo(a) brasileiro(a) (CFP, 2009), o que faz com que estudos sobre as escalas sejam necessários. Embora já possua estudos sobre suas propriedades (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009; Hernandez, 1999), a versão brasileira da *ETAS* possui algumas traduções diferentes e ainda não foi aplicada a nível nacional. Apesar de que encontrar as mesmas propriedades psicométricas com diferentes traduções possa ser uma evidência de validade, para a elaboração de tabelas normativas seria mais interessante que todas as pesquisas trabalhem com a mesma versão. A *Love Attitudes Scale* possui dados com uma amostra de várias Unidades da Federação do Brasil, mas teve sua coleta de dados feita de maneira eletrônica (De Andrade & Garcia, 2009). As coletas em lápis e papel são importantes pelo fato de que ainda são a maneira como os psicólogos usam os testes para psicodiagnóstico, sendo útil a consonância da padronização dos procedimentos da pesquisa e da utilização prática. A presente revisão de literatura não encontrou qualquer utilização da *RelAS* no Brasil. Nesse sentido, o objetivo foi conhecer a precisão e a validade das escalas, principalmente a validade de construto (fatorial, convergente-discriminante) e de critério (concorrente e preditiva). Também se teve o objetivo de verificar a discriminação e a dificuldade dos itens das escalas e a estabilidade das estruturas fatoriais.

Outros objetivos foram reconhecer variáveis preditoras da permanência na relação, conhecer as variáveis relacionadas à satisfação no relacionamento, descrever o curso temporal (transversal) do amor e comparar grupos com relação aos níveis de amor, satisfação no relacionamento e estilos de amar. Cabe mencionar, no entanto, que esses são objetivos específicos de trabalho. Por se tratar primariamente de um trabalho na área da Psicometria, conhecer as propriedades psicométricas dos instrumentos e suas evidências de validade e precisão foram o principal objetivo. Os objetivos específicos se vinculam ao principal por que eles permitem analisar evidências adicionais de validade das escalas utilizadas, especialmente a validade de critério.

## 1.8 Hipóteses

A partir dos objetivos e da revisão de literatura exposta, são levantadas as seguintes hipóteses:

H1. A *RelAS* deve ser unifatorial, com valor de alfa de Cronbach próximo de 0,85.

Hipótese embasada nos dados do estudo original de Hendrick (1988) e Hendrick, Dicke e Hendrick (1998).

H2. A estrutura fatorial da *RelAS* deve ser confirmada em subamostras.

Essa confirmação deve sugerir validade de construto para a escala, mostrando que ela possui uma estrutura fatorial estável.

H3. Os itens da *RelAS* devem se distribuir nas faixas de dificuldade e ser discriminativos.

Essa evidência de validade é esperada para quaisquer escalas.

H4. A *ETAS* deve se possuir três fatores, Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso, todos com alfas superiores a 0,90.

Os estudos com a *ETAS* no Brasil e no exterior que utilizaram a *ETAS* com 45 itens encontraram valores de alfa superiores a 0,90 (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Hernandez, 1999; Sternberg, 1997).

H5. A estrutura fatorial da *ETAS* deve ser confirmada em subamostras.

Essa confirmação deve sugerir validade de construto para a escala, mostrando que ela possui uma estrutura fatorial estável.

H6. Os itens da *ETAS* devem se distribuir nas faixas de dificuldade e ser discriminativos.

Essa evidência de validade é esperada para quaisquer escalas.

H7. A *LAS* deve possuir seis fatores, *Eros*, *Agape*, *Storge*, *Pragma*, *Ludus* e *Mania*. São esperados valores de alfa superiores a 0,70 para todas as escalas.

Os estudos com a *LAS* (De Andrade & Garcia, 2009; Hendrick & Hendrick, 1986; Neto, 1998) encontraram esses valores de alfa. O tipo *Storge* teve valor um pouco inferior a esse no estudo original ( $\alpha = 0,69$ , Hendrick & Hendrick), enquanto o tipo *Ludus* encontrou problemas nos estudos em língua portuguesa ( $\alpha = 0,55$ , De Andrade & Garcia;  $\alpha = 0,60$ , Neto).

H8. A estrutura fatorial da *LAS* deve ser confirmada em subamostras.

Essa confirmação deve sugerir validade de construto para a escala, mostrando que ela possui uma estrutura fatorial estável.

H9. Os itens da *LAS* devem se distribuir nas faixas de dificuldade e ser discriminativos.

Essa evidência de validade é esperada para quaisquer escalas.

H10. Em uma análise de escalonamento multidimensional, os itens da *LAS* devem estar agrupados por fatores e estar dispostos na ordem *Eros*, *Agape*, *Storge*, *Pragma*, *Ludus* e *Mania*.

Essa hipótese se baseia na teoria de Lee (1973), que prevê que a estrutura das cores do amor seja circular. Não foram encontrados estudos que analisassem a estrutura circular do referido modelo.

H11. Correlações entre os fatores.

As correlações entre os fatores permitem avaliar a validade convergente-discriminante. Caso haja correlações entre fatores, são esperadas correlações lineares. Diversos estudos apóiam hipótese de que os fatores da ETAS serão todos correlacionados entre si e com a satisfação no relacionamento (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007, 2009; Hendrick & Hendrick, 1989; Lemieux & Hale, 2000; Masuda, 2003). Tendo em vista a semelhança conceitual, pode-se levantar a hipótese de que os tipos *Eros* e *Mania* encontrem correlações positivas com a dimensão da Paixão. Os tipos *Storge* e *Agape* devem se relacionar com a Intimidade. Por fim, o *Pragma* deve se relacionar com a Decisão/compromisso. Hendrick e Hendrick encontraram correlações positivas e elevadas entre *Eros* e *Agape* com as três dimensões do amor. *Mania* e *Ludus* tiveram correlações pequenas com a ETAS, mas a correlação do tipo *Ludus* foi negativa.

H12. O sexo deve ter pouca influência nos resultados da *RelAS*, da ETAS, mas deve influenciar os escores na *LAS*.

Cassepp-Borges e Teodoro (2009) e Sternberg (1997) encontraram poucas diferenças de gênero em seus estudos. Gouveia, et al. (2009), no entanto, encontraram médias de Decisão/compromisso maiores para mulheres. Contudo, os traços tipológicos apresentam influência de gênero. Diversos estudos (Davies, 2001; Hendrick & Hendrick, 1986; Neto, 1998; Ferrer Pérez, Bosch Fiol, Navarro Guzmán, Ramis Palmer, & García Buades, 2008) mostraram que homens possuem níveis maiores na dimensão *Ludus*. Os demais tipos não tem encontrado resultados estáveis na literatura.

H13. O tipo de relacionamento deve influenciar os resultados da *RelAS*, da ETAS.

Cassepp-Borges e Teodoro (2009) e Gupta e Singh (1982) encontraram influências do tipo de relacionamento no amor. É esperado, para este estudo, que relacionamentos românticos (Namoro, noivado e casamento) tenham níveis de amor e satisfação no

relacionamento mais elevados que outros relacionamentos (amizade e parentesco). A LAS, por se referir a traços mais estáveis, deve sofrer pouca influência do tipo de relacionamento vivenciado.

H14. A orientação sexual deve ter pouca influência nos resultados da *RelAS*, da ETAS e da LAS.

Embora os dados encontrados por Cassepp-Borges e Teodoro (2009) mostrem que homo e bissexuais possuíssem níveis de Paixão e Decisão/compromisso maiores do que heterossexuais, é mais prudente hipotetizar semelhanças entre as médias, pois o número de homo e bissexuais do referido estudo foi reduzido e as diferenças não foram estatisticamente significativas. Além disso, não há razão teórica para supor que a orientação sexual aumente ou diminua os níveis de amor.

H15. As pessoas que moram com o(a) parceiro(a) devem apresentar maiores níveis de satisfação no relacionamento (*RelAS*) e amor (ETAS) do que as que não moram com eles(as).

Ambos níveis devem ser maiores do que os dos(as) participantes sem parceiros(as). A Decisão/compromisso deve ser maior em relacionamentos de participantes que moram juntos em relação àqueles(as) que moram separados(as). Os níveis na LAS devem ser semelhantes em todos os grupos. Caso essa hipótese seja confirmada, ter-se-á uma evidência de validade de critério concorrente.

H16. Ter filhos(as) deve aumentar os níveis de *Agape* e Decisão/compromisso.

Ter filhos(as) é a consolidação do compromisso em uma relação. Espera-se que o comprometimento aumente com a chegada dos(as) filhos(as), ou que a decisão de ter filhos somente ocorra quando o compromisso estiver sólido. O *Agape* é a dimensão do cuidado com o parceiro(a), que se torna mais importante quando se tem filhos(as). Caso essa hipótese seja confirmada, ter-se-á uma evidência de validade de critério concorrente.

H17. A percepção da beleza da pessoa amada deve se correlacionar positivamente com os níveis de satisfação no relacionamento, amor e de *Eros*.

Espera-se que participantes que possuam parceiro(as) que considerem bonitos(as) estejam mais satisfeitos com o seu relacionamento. Espera-se que a Paixão seja a dimensão mais correlacionada com a beleza do(a) parceiro(a), por tratar da do componente mais sexualizado do amor. Pela mesma razão, o tipo Eros também deve se correlacionar com a beleza da pessoa amada. Caso essa hipótese seja confirmada, ter-se-á uma evidência de validade de critério concorrente.

H18. São esperadas influências da variável religião nos níveis de amor, satisfação no

relacionamento e *Agape*.

A influência da variável religião sobre o amor foi demonstrada por Norgren et al. (2004). Sprecher e Fehr (2005) encontraram correlações positivas e moderadas do amor com uma escala de espiritualidade, uma auto-pontuação da espiritualidade, uma auto-pontuação da religiosidade e frequência à igreja. Com relação ao tipo *Agape*, por se tratar de um estilo de amor descrito como cristão, altruísta e centrado no(a) próximo(a), também são esperadas relações com a variável religião.

H19. É esperado um crescimento do amor conforme evolua a relação.

Sternberg (1986), sem dados empíricos, sugeriu um aumento da Intimidade e da Decisão/compromisso ao longo do tempo. A Paixão surgiria mais rápido, mas começaria a diminuir mais rápido. Os dados de Yela (1997), que consideram o tempo de relação, mostram esse crescimento para a Intimidade e para a Decisão/compromisso. Para as Paixões Romântica e Erótica, existe um decréscimo por volta do segundo ano de relacionamento. Os dados de Cassepp-Borges e Teodoro (2009) mostram que as três dimensões do amor vão evoluindo conforme muda o tipo de relação, sendo que os(as) participantes casados(as) sem filhos(as) apresentavam maiores níveis de amor nas 3 dimensões. Assim como no estudo de Cassepp-Borges e Teodoro, é esperada uma redução drástica nos níveis de amor para uma relação que evolua para a separação. Lemieux e Hale (2002) também apóiam empiricamente a hipótese de crescimento do amor ao logo do tempo.

H20. É esperado que participantes que estivessem namorando durante a coleta de dados com maiores níveis de amor e satisfação no relacionamento tenham maior probabilidade de ter se casado, noivado ou decido morar juntos. Participantes com menores níveis nessas dimensões devem ter apresentado maior probabilidade de ter terminado a relação. Os escores na *LAS* não devem ter influenciado o rumo do relacionamento.

H21. As três dimensões do amor (Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso) devem explicar a variável satisfação no relacionamento.

Diversos trabalhos apontam para a relação entre satisfação no relacionamento e o amor (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Hendrick & Hendrick, 1989; Lemieux & Hale, 2000; Masuda, 2003). Mesmo em um trabalho qualitativo (Dela Coleta, 1991), percebe-se a relação entre Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso com a satisfação no relacionamento. Prevê-se, ainda, que os níveis mais elevados de amor também estejam relacionados com níveis maiores de satisfação no relacionamento para aqueles(as) participantes que efetivamente estiverem se relacionando.



## 2 Método

### 2.1 Participantes

Este estudo teve a participação de 1.549 pessoas. A média de idade foi de 25,17 anos ( $DP = 7,74$ ). Os(as) participantes eram oriundos(as) de doze estados brasileiros e do Distrito Federal. As coletas de dados foram realizadas em pelo menos um terço das Unidades da Federação de cada uma das cinco regiões geográficas do Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2009), como mostra a Figura 6. Embora não tenha sido possível fazer um levantamento preciso dessa variável, pelo menos 90% da amostra foi composta por estudantes universitários(as), mas houve participantes de outros segmentos da sociedade, conforme pode ser observado na Tabela 3. A amostra total incluiu 1.048 (67,7%) mulheres, 500 (32,3%) homens e um(a) participante que não informou o sexo.

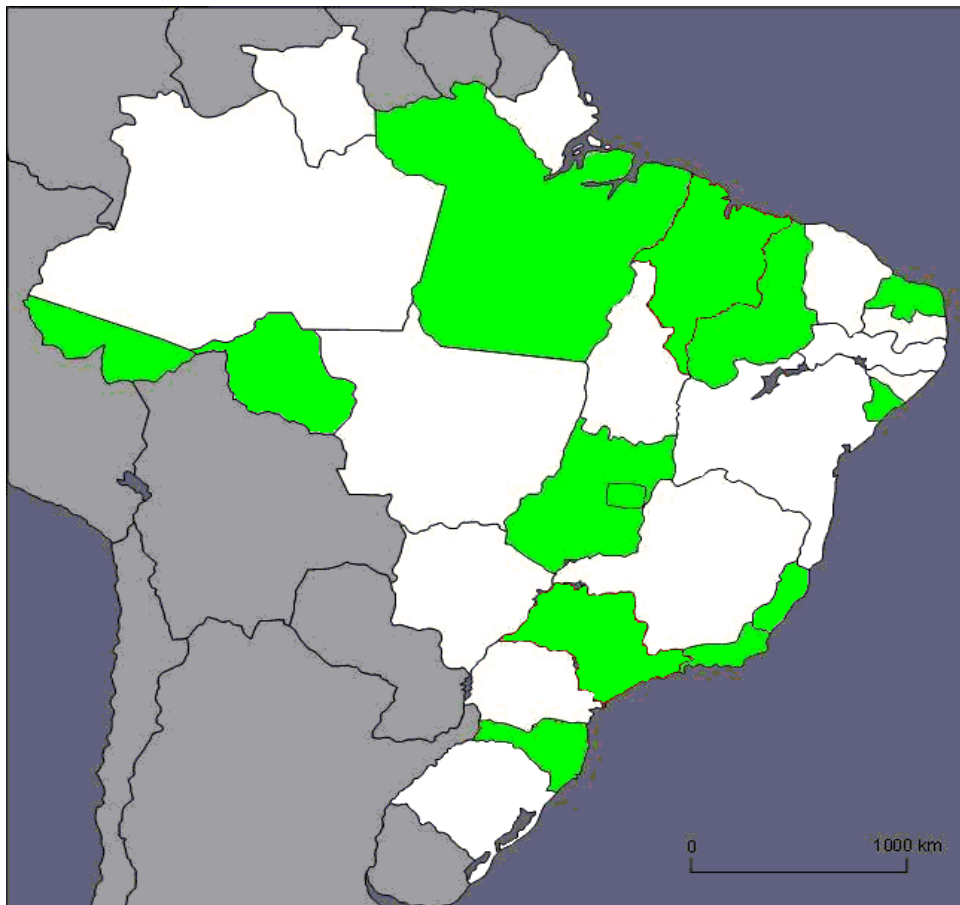


Figura 6. Unidades da Federação nas quais os dados foram coletados (área preenchida).

Tabela 3 - Descrição das amostras por região e Unidade da Federação

Local	Características principais*	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%) - mulheres	Idade em anos ( <i>DP</i> )
Centro-Oeste		612 (39,5%)	362 (59,2%)	25,7 (7,3)
Distrito Federal	Policiais militares e estudantes diversos cursos de cinco universidades públicas e particulares de Brasília e Taguatinga	583 (37,6%)	347 (59,6%)	25,7 (7,3)
Goiás	Estudantes de Hotelaria e Administração de universidade particular da cidade de Formosa, no entorno do Distrito Federal	29 (1,9%)	15 (51,7%)	25,9 (6,9)
Norte		206 (13,3%)	154 (74,8%)	23,8 (6,8)
Rondônia	Estudantes de Psicologia e Educação Física de universidade particular de Porto Velho	73 (4,7%)	53 (72,6%)	26,2 (8,7)
Acre	Estudantes de Ciências Biológicas de universidade pública de Rio Branco	66 (4,3%)	49 (74,2%)	21,4 (3,3)
Pará	Estudantes Odontologia e Psicologia de universidade pública de Belém	67 (4,3%)	52 (77,6%)	23,4 (6,2)
Nordeste		482 (31,1%)	335 (69,5%)	25,1 (8,3)
Maranhão	Dados coletados no círculo de amizade de 11 estudantes de Psicologia de São Luís	217 (14,0%)	146 (67,3%)	28,1 (10,2)
Piauí	Estudantes de Psicologia de universidade pública de Parnaíba, segunda cidade do estado em população	98 (6,3%)	68 (69,4%)	21,8 (4,2)
Rio Grande do Norte	Estudantes de Psicologia e Ciências Contábeis de três universidades públicas e particulares de Natal	113 (7,3%)	88 (77,9%)	23,1 (5,4)
Sergipe	Estudantes de Matemática e Psicologia de universidade pública de São Cristóvão, periferia de Aracaju	54 (3,5%)	33 (61,1%)	23,4 (5,9)
Sudeste		184 (11,9%)	144 (78,3%)	23,4 (5,9)
Espírito Santo	Estudantes de Ciências Biológicas e Psicologia de universidade pública de Vitória	19 (1,2%)	13 (68,4%)	22,0 (1,5)
Rio de Janeiro	Estudantes de Ciências Contábeis e Psicologia de universidade pública de Niterói, periferia da capital Rio de Janeiro	95 (6,1%)	72 (75,8%)	22,1 (2,8)
São Paulo	Estudantes de Psicologia de universidade particular de Limeira e Jundiaí, no interior do estado	70 (4,5%)	59 (84,3%)	25,7 (8,6)
Sul		65 (4,2%)	53 (81,5%)	29,3 (11,7)
Santa Catarina	Moradores de Balneário Camboriú e estudantes de Psicologia e de Mestrado em Educação de universidade particular de Itajaí, cidades vizinhas no norte do estado	65 (4,2%)	53 (81,5%)	29,3 (11,7)
Total		1549 (100%)	1048 (67,7%)	25,17 (7,74)

\* Nota: Algumas exceções, com poucos casos, não foram contempladas nas descrições. As descrições se referem à composição majoritária da amostra.

Ainda com relação à ocupação, a amostra chama a atenção pelo fato de ter um terço de estudantes de Psicologia ( $n = 553$ , 35,7%). Contudo, há um elevado número de estudantes

de áreas correlatas da Administração e Gestão ( $n = 360$ , 23,2%). Apesar de mais da metade da amostra se concentrar nessas duas áreas, houve diversidade, pois foram incluídos 85 diferentes cursos superiores, de pós-graduação, profissões ou (Tabela 4).

Tabela 4 - *Cursos, profissões e ocupações dos(as) participantes*

	<i>n</i>	%	% Cumulativo
Psicologia	553	35,7	35,7
Administração	241	15,6	51,3
Ciências Contábeis	86	5,6	56,8
Ciências Biológicas	76	4,9	61,7
Letras	57	3,7	65,4
Gestão de RH	55	3,6	68,9
Gestão Empresarial	38	2,5	71,4
Matemática	32	2,1	73,5
Educação Física	28	1,8	75,3
Gestão em Marketing	27	1,7	77,0
Direito	25	1,6	78,6
Odontologia	25	1,6	80,2
Militar	17	1,1	81,3
Ciências da Computação	15	1,0	82,3
Hotelaria	14	0,9	83,2
Arquivologia	13	0,8	84,1
Enfermagem	13	0,8	84,9
História	13	0,8	85,7
Comunicação Social	11	0,7	86,4
Medicina Veterinária	11	0,7	87,2
Outros (62, com $n < \text{ou} = 8$ )	133	8,6	95,7
Não informado	66	4,3	100,0
Total	1549	100	

A amostra foi composta basicamente por participantes heterossexuais ( $n = 1452$ , 93,7%), porém com um número razoável de bissexuais ( $n = 27$ , 1,7%) e homossexuais ( $n = 23$ , 1,5%). Três (0,2%) participantes afirmaram possuir outra orientação sexual. Sabe-se que, muitas vezes, por se tratar de uma informação obtida por auto-relato, este dado pode não corresponder à realidade, o que também pode ser percebido pelo número de casos omissos ( $n = 44$ , 2,8%). A maioria da amostra ( $n = 1165$ , 75,2%) estava solteira quando os dados foram coletados, seguidos por casados(as) ( $n = 246$ , 15,9%), noivos(as) ( $n = 60$ , 3,9%), divorciados(as) ( $n = 34$ , 2,2%) e viúvos(as) ( $n = 4$ , 0,3%). Trinta e duas (2,1%) pessoas encontravam-se em outra situação, enquanto oito (0,5%) não responderam à questão. Assim, diferentemente de grande parte dos estudos da área, este teve a participação de pessoas não envolvidas em relacionamentos. De qualquer forma, praticamente metade dos(as) solteiros(as) ( $n = 596$ , 51,2%) e dos(as) divorciados(as) ( $n = 16$ , 47,1%) afirmaram estar namorando. A maioria dos(as) participantes não possuía filhos(as) ( $n = 1242$ , 80,2%) na ocasião da coleta de dados. Esse número elevado se deve

ao fato de que a amostra tenha diversas pessoas solteiras sem filhos ( $n = 1083$ , 93,0%). O percentual de pessoas que não tiveram filhos é muito menor entre os casados ( $n = 80$ , 32,5%) e entre os divorciados ( $n = 6$ , 17,6%).

## 2.2 Instrumentos

Foram aplicados um questionário inicial, a *RelAS*, a *ETAS* e a *LAS*, que serão descritos a seguir. Cabe salientar que os quatro instrumentos se tratam de questionários de auto-relato. Assim, quando esta tese estiver se referindo a níveis de amor, por exemplo, na verdade está se referindo a níveis de amor de acordo com a percepção do(a) próprio(a) participante.

O questionário inicial foi composto por perguntas demográficas, como sexo, data de nascimento, curso [caso fosse universitário(a)] e orientação sexual. Nesse questionário, foi solicitado que a pessoa escrevesse o nome de alguma pessoa que ama. A partir daí, foram feitas perguntas sobre o tipo e o tempo de relacionamento, além de perguntas sobre a beleza, as condições sócio-econômicas, a religião e a escolaridade de si próprio e da pessoa amada. Havia perguntas abertas, nas quais os(as) participantes eram solicitados(as) a indicar três adjetivos que caracterizem a si próprios e a pessoa que amam, além de uma descrição do sentimento do(a) participante pela pessoa amada e da pessoa amada pelo(a) participante, ambos de acordo com a percepção do(a) respondente. Este questionário encontra-se no Anexo A.

A *Relationship Assessment Scale (RelAS)*, conforme já mencionado, é composta por 7 itens que medem o construto da satisfação no relacionamento. Trata-se de um instrumento unidimensional (Hendrick, 1988). Por ser uma escala curta, ela foi traduzida diretamente para o português, sem a realização de tradução reversa. A tradução, no entanto, foi revisada por duas pessoas bilíngues.

Foi também utilizada a versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg (*ETAS* - Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). Esta versão foi adaptada do original em inglês (Sternberg, 1997) e possui 45 itens, sendo previstos 15 para Intimidade, 15 para Paixão e 15 para Decisão/compromisso. Ela foi traduzida para o português por meio do procedimento de dupla tradução reversa. Posteriormente, todos os itens passaram por análise semântica e de juízes. Os procedimentos de adaptação da *ETAS* anteriores à coleta de dados são detalhados por Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010).

A versão em Português da *Love Attitudes Scale (LAS)* - Hendrick & Hendrick, 1986)

foi adaptada por Neto (1993). Esta adaptação foi feita para português de Portugal antes de existir a reforma ortográfica que unificou a escrita do português do Brasil e de Portugal (Brasil, 2008). Portanto, foram necessárias pequenas mudanças no instrumento. Este instrumento já tem tradição de pesquisa em Portugal (Neto, 1994, 1998, 2002; Neto et al., 2000), mas foi pouco usado no Brasil.

### 2.3 Procedimento

Apesar de não haver um controle sobre o número exato, as aplicações dos questionários, de maneira geral, foram coletivas. Em alguns casos, houve aplicações individuais. Os instrumentos foram apresentados aos(as) participantes na ordem em que foram descritos na seção “instrumentos”. O tempo de aplicação de todos os questionários girou em torno de 40 minutos. Apesar de se tratar de uma coleta de dados longa, alguns(mas) participantes relataram que foi agradável, em função do tema do estudo. Sempre que possível, a coleta de dados foi feita pelo próprio pesquisador, o que ocorreu em 40,8% dos casos ( $n = 632$ ). Contudo, a coleta teve auxílio de outros(as) aplicadores(as), principalmente em locais do Brasil que não o Centro-Oeste. Nesses casos, os questionários foram entregues e devolvidos por correio, quando não houve a oportunidade de um encontro pessoal. Em todas as ocasiões nas quais o pesquisador não pode fazer a aplicação dos questionários pessoalmente, foram entregues instruções impressas para a aplicação dos mesmos. Dentre as coletas de dados das quais se tem o registro do turno de aplicação ( $n = 1022$ , 66,0%), houve uma distribuição relativamente equitativa entre os turnos da manhã ( $n = 250$ , 24,5%), tarde ( $n = 288$ , 28,2%) e noite ( $n = 484$ , 47,4%).

Alguns(mas) participantes não responderam às escalas, somente ao questionário inicial. Ainda assim, foram mantidos na amostra, uma vez que os dados deste questionário puderam ser aproveitados. Os questionários não possuíam recurso de leitura ótica, o que fez com que eles tivessem que ser digitados manualmente. A maioria dos questionários ( $n = 953$ , 61,5%) foi digitada pelo próprio pesquisador, e o restante feito por sete outras pessoas, remuneradas para isso. O trabalho foi supervisionado e, sempre que eram encontrados erros de digitação por meio de análises de frequência, retornava-se ao questionário para verificar a resposta dada pelo(a) participante. Mesmo com estes cuidados, não se descarta a hipótese de terem remanescido erros resultantes do processo de digitação.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto

de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (Anexo B) no dia 02 de outubro de 2009, atendendo às recomendações da resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. Todos(as) os(as) participantes foram solicitados(as) a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias, sendo que uma via permaneceu com o(a) participante e a outra foi entregue ao pesquisador (Anexo C). A via do pesquisador possui a diferença de ter um espaço na qual o(a) participante pode preencher com o seu endereço de correio eletrônico, caso desejasse receber uma devolução dos resultados.

Aproximadamente seis meses depois da coleta de dados, foi enviada uma mensagem com os escores individuais do(a) participante, solicitando a resposta de três perguntas breves (Anexo D). Àqueles que não retornaram a mensagem, foi enviado um novo correio eletrônico solicitando esta resposta (Anexo E). Cada participante que forneceu um endereço de correio eletrônico legível e correto recebeu pelo menos três mensagens, num total de 4060 correios eletrônicos enviados. Houve uma pequena variação no tempo do envio das mensagens, inferior a um mês, pois esse procedimento não foi automatizado. Dezenove participantes não receberam a devolução dos dados pelo fato de ainda não terem se passado seis meses da coleta. Foi obtido retorno de aproximadamente 20% ( $n = 303$ ) dos(as) participantes. Este procedimento de devolução dos resultados da pesquisa já foi utilizado em outra oportunidade, embora sem a finalidade de coleta de dados (Cassepp-Borges, 2009).

Uma tarefa dos(as) participantes foi escolher uma pessoa que amassem, para responder à pesquisa baseando-se nessa pessoa. Pediu-se que, de preferência fosse escolhido alguém com quem eles compunham um par amoroso. Por esta razão, a maioria dos(as) participantes baseou-se em um relacionamento romântico estável ( $n = 831$ , 53,6%), nome dado ao agrupamento das categorias namorado(a), noivo(a), casado(a) e morando juntos(as). Talvez pela idade, a maioria dos(as) participantes em um relacionamento romântico estável ( $n = 473$ , 56,9%) estava namorando. Praticamente um quinto dos(as) respondentes preencheram os instrumentos pensando em um objeto amado que não possuíam ( $n = 301$ , 19,4%), sendo um amor platônico ( $n = 118$ , 39,2%) ou um(a) ex ( $n = 183$ , 60,8%). Um número considerável de participantes se baseou em um relacionamento romântico não estável ( $n = 166$ , 10,7%), e também houve pessoas que responderam baseando-se em alguém com quem possuíam parentesco ( $n = 69$ , 4,5%). A descrição da pessoa escolhida para responder aos questionários encontra-se na Tabela 5.

A maneira como foi feita a separação dos tipos de relacionamento trouxe diversos problemas. O primeiro deles é que existem diversas maneiras como as pessoas podem se

relacionar, e é difícil enumerar todas elas. Essas categorias surgiram a partir de uma questão aberta utilizada por Cassepp-Borges e Teodoro (2009). As questões abertas trazem a vantagem de conhecer as especificidades do relacionamento de cada participante.

Contudo, em pesquisas com grandes amostras, a categorização é um processo que deve ser feito para a análise de dados qualitativos. Uma vez que já haviam categorias criadas a partir de um número razoável de participantes ( $n = 362$ ), para esta pesquisa, as pessoas por quem os(as) participantes responderiam os questionários foram categorizadas *à priori*.

Contudo, muitas vezes a questão foi incompreendida e, embora solicitados(as) a marcarem somente a alternativa que mais se encaixava com seu relacionamento, os(as) participantes marcavam mais do que uma. Torna-se compreensível, pois um(a) namorado(a) ou cônjuge também pode ser um(a) amigo(a). Nos casos em que foram marcadas mais do que uma alternativa, a análise foi qualitativa, e observação de outras questões abertas e fechadas fez com que o digitador escolhesse apenas uma alternativa para categorizar o relacionamento. Quando não foi possível determinar, o sujeito foi tratado como caso omissos ( $n = 58$ ).

Outro problema gerado foi com a criação de cinco grandes categorias e com seus respectivos subníveis. Por exemplo, amigos(as) que gostariam de ir além da amizade poderiam ser enquadrados dentro da categoria daqueles(as) que desejam e não possuem o objeto amado. Ou, pessoas que moram juntas e não estão em uma relação amorosa, poderiam ser tratadas como amigo(as) (embora seja possível inferir uma relação nas duas participantes que afirmaram somente morar juntos). Optou-se por manter todos os relacionamentos de uma mesma categoria em um mesmo nível. Esta questão se assemelha com a decisão de um(a) bibliotecário(a): Deve-se colocar um livro de Psicologia na estante das Ciências Humanas ou da Saúde? A decisão de dividir os livros Psicologia de acordo com a área mais próxima não é interessante, pois os usuários psicólogos teriam que procurar os livros em toda a biblioteca. Esse exemplo mostra como é difícil lidar com categorias que não sejam excludentes.

Tabela 5 - Pessoa em quem os(as) participantes se basearam para responder à pesquisa

Tipo de relação	N	% no grupo	% total	% válidos
Amigo(a)	108	7,0	7,0	7,3
Amigo(a)	108	100,0	7,0	7,3
Gostaria que sempre fosse amigo(a)	49	49,5	3,2	3,3
Gostaria de ter mais do que a amizade	50	50,5	3,2	3,4
Desejam e não possuem o objeto amado	301	19,4	19,4	20,5
Amor platônico	118	39,2	7,6	7,9
A pessoa sabe do meu sentimento	49	43,4	3,2	3,3
Suspeito que saiba do meu sentimento	43	38,1	2,8	2,9
Não sabe do meu sentimento	21	18,6	1,4	1,4
Ex	183	60,8	11,8	12,3
Ex - Namorado(a)	150	84,3	9,7	10,1
Ex - Noivo(a)	10	5,6	0,6	0,7
Ex - Marido/esposa	14	7,9	0,9	0,9
Ex - _____	4	2,2	0,3	0,3
Relacionamento romântico não estável	166	10,7	10,7	11,3
Relacionamento eventual (“Ficante”)	73	44,0	4,7	4,9
Ainda não sei se já estou namorando	26	15,7	1,7	1,7
Relacionamento sem compromisso	56	33,7	3,6	3,8
Combinado entre o casal	29	60,4	1,9	1,9
Não combinado entre o casal	19	39,6	1,2	1,3
Amante	11	6,6	0,7	0,7
Relacionamento romântico estável	831	53,6	53,6	56,3
Namorado(a)	473	56,9	30,5	31,7
Moramos juntos	88	10,6	5,7	5,9
Temos uma relação amorosa	82	97,6	5,3	5,5
Somente moramos juntos	2	2,4	0,1	0,1
Noivo(a)	55	6,6	3,6	3,7
Casado(a)	215	25,9	13,9	14,4
Civil	88	43,1	5,7	5,9
Religioso	5	2,5	0,3	0,3
Ambos	111	54,4	7,2	7,4
Parente	69	4,5	4,5	4,7
Mãe/madrasta	52	75,4	3,4	3,5
Pai/padrasto	11	15,9	0,7	0,7
Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc.	6	8,7	0,4	0,4
Outros e casos omissos	74	4,8	4,8	1,1
Outros	16	21,6	1,0	1,1
Casos omissos	58	78,4	3,7	-

Nota: Nem todas as pessoas que especificaram o segundo nível especificaram o terceiro nível, razão pela qual a soma de níveis inferiores é inferior à de níveis superiores.



## 2.4 Análise dos dados

Embora descritas nessa seção, nem todas as análises foram realizadas para todos os testes. Os parágrafos seguintes apresentam uma descrição do roteiro básico de análise. Algumas decisões tiveram de ser tomadas no durante esse procedimento e, apresentando desvios nas análises previstas. Nesses casos, a seção de resultados e discussão apresenta a alternativa adotada e a justificativa para isso.

Com o objetivo de verificar se a estrutura fatorial das escalas corrobora a estrutura prevista pela teoria, foi realizada uma análise fatorial exploratória para cada escala. O método utilizado para determinar o número de fatores foi a Análise dos Componentes Principais, seguindo-se os critérios de Kaiser (o número máximo de fatores extraídos deve possuir autovalores maiores do que um), de Harman (todo fator deve explicar pelo menos 3% da variância total da escala), da inspeção visual do *Scree plot* (entendendo-se o gráfico dos autovalores como uma montanha e um chão, aquilo que faz parte da montanha é considerado como fator, e aquilo que faz parte do chão não é), da análise paralela (comparando-se os autovalores encontrados empiricamente com autovalores aleatórios) e pelo critério teórico previsto para cada instrumento. Todos os critérios foram considerados, embora a análise paralela tenha sido mais considerada na decisão do número de fatores. A fatorabilidade da matriz foi analisada pelo valor do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Embora relatado, o teste de esfericidade de Bartlett não foi levado em consideração, por ser um indicador muito sensível ao tamanho da amostra. Para essas análises, usou-se o método *pairwise* para lidar com os casos omissos, pois ele aproveita aquilo que o sujeito respondeu para calcular a matriz de correlações. Assim, escolheu-se aquele item com menor número de respondentes para determinar o tamanho da amostra para efeitos de realização da análise paralela.

Posteriormente foi realizada a extração *Principal Axis Factoring* (PAF - exceto para a LAS) para determinar as cargas fatoriais dos itens. Utilizou-se a covariância residual não explicada com a finalidade de revisar a decisão sobre o número de fatores. Esse é um critério *a posteriori*, pois é feito depois da extração dos fatores com a PAF. Os itens com cargas razoáveis em um mesmo fator ( $> 0,32$ ) na matriz *pattern* foram agrupados em uma mesma subescala, da qual sua consistência interna foi calculada por meio dos coeficientes *alfa de Cronbach* e *lambda 2 de Guttman*.

Feitas as análises fatoriais exploratórias, os modelos encontrados foram analisados mediante Análises Fatoriais Confirmatórias, por Modelagem por Equações Estruturais

(Byrne, 2001; Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005; Pilati & Laros, 2007). Para esse passo, inicialmente foi verificada a quantidade de casos extremos (*outliers*) multivariados, por meio da distância Mahalanobis, e a normalidade multivariada, por meio da do coeficiente de curtose multivariada (Mardia, 1970). O *software* utilizado foi o *AMOS 18 for Windows*®. Essa análise teve por objetivo verificar se a estrutura fatorial encontrada nas análises exploratórias se mantinha em diferentes grupos. Como critérios de ajuste do modelo, foram utilizados o *Comparative Fit Index* (CFI), o *Normed Fit Index* (NFI) e o *Tucker-Lewis Index* (TLI) no qual valores superiores a 0,90 indicam ajuste (0,95 para um bom ajuste). O *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) também foi utilizado, com ajuste para valores inferiores a 0,08 (Pilati & Laros).

Os procedimentos para verificar a invariância das escalas entre grupos foi feito por meio de 4 modelos. No Modelo 1, restringe-se o número de fatores entre os grupos (*configural invariance*). No Modelo 2, além das restrições do Modelo 1, restringe-se as cargas fatoriais entre os grupos (*weak invariance*). O Modelo 3 apresenta os resultados após a restrição dos interceptos (*strong invariance*). Por fim, No Modelo 4, avalia-se o ajuste após a restrição dos resíduos (*strict invariance*). Cada passo analisa também as hipóteses anteriores. Assim, o modelo 3 analisa a invariância da estrutura da escala, das cargas fatoriais, dos interceptos e dos resíduos nos grupos analisados (Thompson, 2004). As mudanças nos índices de ajuste devem ser pequenas de um modelo para o outro para afirmar que existe invariância. O critério utilizado foi de que a variação no CFI, no TLI, no NFI e no RMSEA deveria ser menor do que 0,01. A invariância foi testada entre os diferentes sexos, tipos de relacionamento e regiões do país onde os questionários foram aplicados.

A dificuldade e a discriminação dos itens foram analisadas à luz da Teoria de Resposta ao Item (TRI) (Pasquali, 2007), com o *software PARSCALE 4.1 for Windows*®. Essa teoria foi utilizada com a finalidade de determinar esses dois parâmetros. De acordo com Vendramini e Dias (2005), itens com parâmetro *a* (discriminação) menor do que 0,30, ou com o parâmetro *b* (dificuldade) fora da faixa na qual se espera que ele se situe (entre -2,95 e +2,95) seriam considerados problemáticos. Baker (2001), no entanto, sugere categorias de discriminação, tratando uma discriminação inferior a 0,64 como baixa e até 1,34 como moderada. Os índices de discriminação altos seriam superiores a 1,35. Os itens ainda deveriam estar distribuídos em diferentes faixas de dificuldade (Pasquali, 2004). Chama-se a atenção que, em análise de instrumentos com escala tipo *Likert* pela TRI, quando um item é classificado como fácil ou difícil, está-se referindo à facilidade ou à

dificuldade que os(as) participantes tem de concordar ou discordar das afirmativas.

Para avaliar a validade convergente-discriminante, todos os fatores das diferentes escalas foram correlacionados (*Pearson*) uns com os outros. Foram realizadas análises descritivas de toda a base de dados. Nesta etapa, foram verificados os pressupostos estatísticos para as análises posteriores. Um segundo passo foi a comparação de médias entre sexos com relação aos tipos do amor, à satisfação nos relacionamentos e às dimensões do amor. Estas análises levaram em consideração se o(a) participante estava ou não envolvido(a) em um relacionamento, e qual tipo de relacionamento. Outros testes de comparação de grupos como a ANOVA foram ser utilizados para comparar os resultados das escalas entre participantes que moram com o(a) parceiro(a), que moram parte do tempo, que não moram e que não têm parceiro(a). As comparações também foram realizadas entre grupos de orientação sexual, religião e pessoas com e sem filhos(as). A associação da percepção de beleza com as escalas foi avaliada por meio de correlação de *Pearson*. Esse estudo também criou um modelo explicativo da satisfação nos relacionamentos com análises de regressão linear múltipla. As dimensões do amor foram utilizadas como variáveis independentes.

O amor foi avaliado em uma perspectiva temporal. Para isso, os tipos de relacionamentos foram distribuídos pela ordem em que normalmente ocorrem (amizade, “ficar”, namoro, noivado, casamento e separação). Foram analisados os níveis do amor em cada um destes estágios. Este estudo não teve um desenho longitudinal (coleta do mesmo instrumento duas ou mais vezes), mas dados transversais são uma alternativa rápida, simples e barata para responder a questões que envolvam temporalidade (Hirakata, 2009).

A mensagem de correio eletrônico enviada após seis meses foi analisada apenas para os(as) participantes que estavam namorando durante a primeira coleta de dados, pois esse foi o grupo cujos dados melhor respondem à questão sobre a validade preditiva. Foram comparados(as) participantes que, na mensagem de correio eletrônico, responderam ter terminado o namoro, permanecido na relação e tomado a decisão de morar juntos, noivar ou casar-se. Por meio de comparação de médias, foi verificado se níveis mais fortes de amor favorecem de fato uma evolução, ou se existem tipos de amor relacionados a uma evolução ou término da relação.

### 3 Resultados e discussão

Optou-se por escrever uma seção de resultados e discussão, ao invés de separá-las. Essa junção permite aproximar a discussão dos resultados à análise dos dados. Algumas vezes, as discussões originaram novas análises de dados, razão pela qual julgou-se ser essa a melhor maneira de apresentar a tese. Contudo, essa configuração exige do(a) leitor(a) uma capacidade de discriminar o que é resultado e o que é discussão. A discussão é a parte do texto científico na qual se têm a liberdade para opinar sobre a literatura com base nos dados obtidos no estudo e, por esse motivo, as seções de resultados e discussão podem ser apresentadas juntas (Sabadini, Sampaio, & Koller, 2009).

#### 3.1 Propriedades psicométricas dos instrumentos

##### 3.1.1 Relationship Assessment Scale (RelAS)

###### 3.1.1.1 Análise fatorial e precisão

O primeiro instrumento analisado foi a *RelAS*. Primeiramente, foi realizada uma análise dos componentes principais, com a finalidade de determinar a fatorabilidade da matriz de intercorrelações e o número de fatores. Os resultados indicaram um valor de KMO de 0,883, com o teste de esfericidade de Bartlett significativo ( $\chi^2 = 5202,785$ ,  $gl = 21$ ,  $p < 0,001$ ), indicando que a matriz de correlações é fatorável. Ademais, procurou-se estabelecer o número de componentes da *RelAS* por diversos critérios (Tabela 6). Concluiu-se por aceitar o critério teórico de um único fator, que é a solução mais parcimoniosa e coerente com a maioria dos outros critérios.

Tabela 6 - Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da *RelAS*

Critério	Número de fatores	Comentários
Kaiser (K-1)	Pelo menos 2	O segundo autovalor é bastante próximo de um, o que sugere que o segundo fator tem pouca força (Tabela 7).
Harman	6	Critério fraco, devido à baixa quantidade de itens (Tabela 7).
Inspeção visual do <i>Scree plot</i>	1	A partir do segundo autovalor, o desenho vira uma reta (Figura 7).
Análise Paralela	1	O segundo autovalor empírico é inferior ao segundo autovalor aleatório (Figura 7).
Critério teórico	1	Satisfação no relacionamento

Tabela 7 -Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da RelAS

Componente	Autovalores Empíricos	Autovalores aleatórios	% de variância	% acumulado
1	3,87	1,10	55,3	55,3
2	1,03	1,06	14,7	70,0
3	0,73	1,03	10,5	80,5
4	0,56	1,00	8,0	88,5
5	0,30	0,97	4,3	92,9
6	0,30	0,94	4,3	97,1
7	0,20	0,91	2,9	100,0

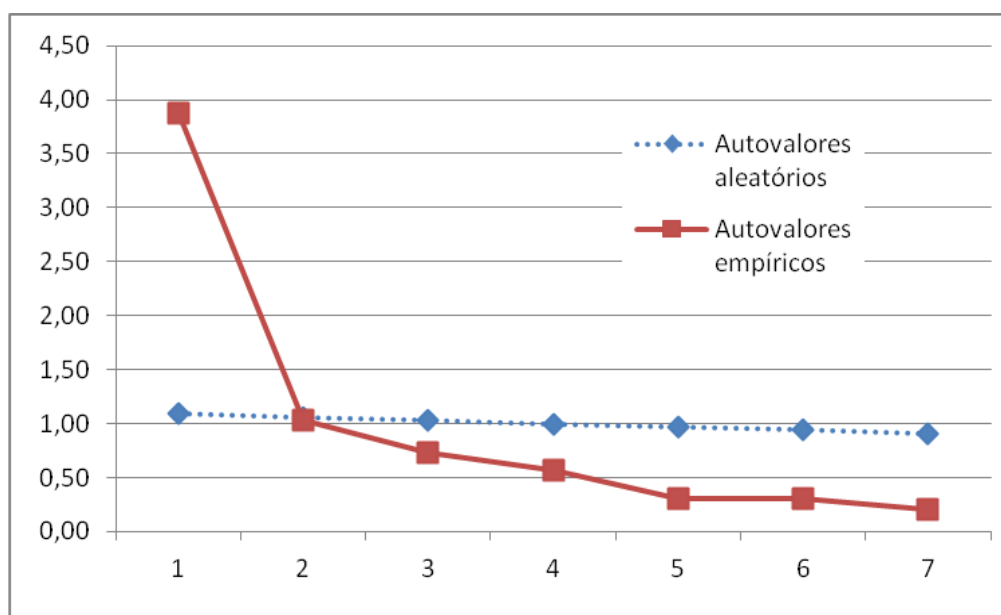


Figura 7. Scree Plot dos autovalores empíricos e aleatórios da RelAS.

Depois de decidir por um fator único, consonante com a análise paralela, com a inspeção visual do *scree plot* e com a teoria, procedeu-se pela extração dele. Chama-se a atenção para o fato de que não existe rotação quando se realiza a análise de um fator único. Foi utilizado o método de extração *PAF*, que permite realizar a inferência de que o traço latente é o causador do comportamento descrito pelos itens. De acordo com a Tabela 8, pode-se notar que as cargas fatoriais mais baixas referem-se aos dois itens que devem ser invertidos na escala (4 e 7). Apesar disso, quatro itens possuem cargas fatoriais superiores a 0,8, o que pode ser considerado excelente. Além disso, mesmo com poucos itens, a escala mostrou um bom nível de consistência interna ( $\alpha = 0,85$ ).

Tabela 8 - Coeficientes *pattern* e comunalidades da *RelAS* com o método *Principal Axis Factoring*

	Carga (método PAF)	$h^2$
RelAS_2	0,91	0,82
RelAS_3	0,85	0,72
RelAS_5	0,85	0,71
RelAS_1	0,81	0,66
RelAS_6	0,53	0,28
RelAS_4	-0,44	0,20
RelAS_7	-0,34	0,12
Carga média	0,68	
Autovalor	3,87	
% variância explicada	55,3%	
Alfa de Cronbach	0,847	
Lambda 2 de Guttman	0,860	
Itens	7	

Nota: Variância explicada: 1 fator = 50,05%; 2 fatores = 58,63%.

Covariância Residual: 1 fator = 14%; 2 fatores = 0%.

A estrutura fatorial com um fator único pode ser corroborada pelo nível de apenas 14% de covariância residual não explicada. Não vale a pena inserir outro fator para explicar somente 3 (14%) covariâncias residuais, pois isso dobraria a complexidade da solução fatorial, ferindo o corolário da parcimônia. Conforme já demonstrado em outros estudos (Hendrick, 1988; Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1998), a *RelAS* possui adequados indicadores psicométricos. É um instrumento capaz de medir de maneira breve e precisa a satisfação no relacionamento. A estrutura unifatorial também é uma propriedade interessante, pois a parcimônia é um corolário importante da análise fatorial.

### 3.1.1.2 Análise Fatorial Confirmatória

Com a finalidade de verificar invariância entre os fatores, foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória da *RelAS*. Inicialmente, buscou-se verificar o ajuste do modelo encontrado na Análise Fatorial Exploratória. Para isso, replicou-se o modelo com uma variável latente e sete observadas (cada um dos sete itens da *RelAS*), conforme pode ser observado na Figura 8. Com relação a pressupostos, inicialmente cabe salientar que houve 51 participantes com distância Mahalanobis superior a 24,32, valor que os(as) classificaria como *outliers* multivariados. Chama a atenção que 22 (43,1%) *outliers* responderam à escala baseando-se em sua relação com um amor platônico ou um(a) ex, o que sugere que

se referem a grupos diferentes. Um teste qui-quadrado com a variável binária ser ou não *outlier* na *RelAS* e o tipo de relacionamento foi significativo ( $\chi^2 = 32,61$ ;  $gl = 3$ ;  $p < 0,001$ ), indicando que os(as) participantes em relacionamento estável tinham menores chances de ser *outliers*, enquanto os(as) que se basearam em um amor platônico ou relacionamento terminado possuíam maiores probabilidades de pertencer ao grupo dos *outliers* na *RelAS*. Não houve diferenças significativas com relação ao sexo ( $\chi^2 = 0,88$ ;  $gl = 1$ ;  $p < n. s.$ ) e a região de coleta de dados ( $\chi^2 = 4,10$ ;  $gl = 3$ ;  $p < n. s.$ ). A *RelAS* apresentou problemas de normalidade multivariada, (curtose = 33,62; razão crítica = 57,18). Hair et al. (2005), no entanto, afirmam que esse problema pode ser compensado quando a amostra possui um elevado número de participantes, o que ocorre nessa análise.

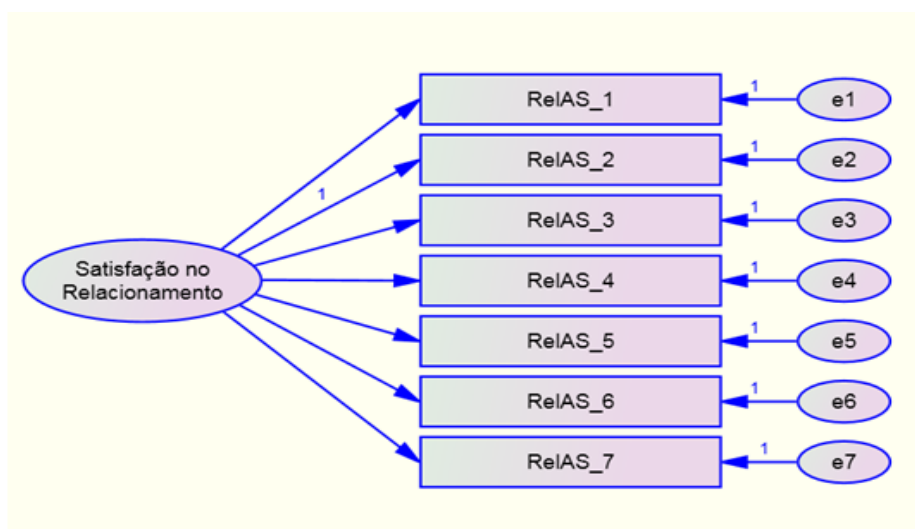


Figura 8. Modelo de Análise Fatorial Confirmatória da *RelAS*.

Tabela 9 - Cargas dos itens no fator único e índices ajuste do modelo da *RelAS*

Item	Carga (Satisfação no relacionamento)
RelAS 1	0,819
RelAS 2	0,910
RelAS 3	0,854
RelAS 4	-0,426
RelAS 5	0,830
RelAS 6	0,537
RelAS 7	-0,344
Índices de ajuste	
$\chi^2$ (gl)	161,117 (14)
$\chi^2$ /gl	11,51
CFI	0,972
NFI	0,969
TLI	0,944
RMSEA (IC 90%)	0,082 (0,071 – 0,094)

Nota: Índices de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado;  $gl$  = graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; NFI = *Normed Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*, IC = intervalo de confiança.

Os resultados mostraram que as variáveis apresentaram boas cargas fatoriais. A Tabela 9 mostra que os ajustes foram muito bons nos índices NFI e CFI. O TLI, embora com um valor um pouco menor que 0,95, também pode ser considerado bom. Apesar do RMSEA estar um pouco acima do desejável, pode-se dizer que o modelo encontrou um bom ajuste. Ressalta-se ainda que as cargas dos itens no fator único são elevadas e que, a exemplo da análise exploratória, os dois itens invertidos possuem as menores cargas. Assim, a Análise Fatorial Confirmatória corrobora o modelo encontrado na Análise Fatorial Exploratória.

Dessa maneira, buscou-se verificar se houve invariância da estrutura entre os subgrupos da amostra. Foi analisada a invariância da *RelAS* entre sexos, regiões do país e tipo de relacionamento. Os sexos foram o masculino ( $n = 500$ ) e o feminino ( $n = 1048$ ), as regiões foram Norte ( $n = 206$ ), Nordeste ( $n = 482$ ), Centro-oeste ( $n = 612$ ) e Sul/Sudeste ( $n = 249$ ) e os tipos de relacionamento foram amigo/parente ( $n = 177$ ), Amor platônico/ex ( $n = 301$ ), relacionamento romântico não estável ( $n = 166$ ) e relacionamento romântico estável ( $n = 831$ ). A Tabela 10 mostra os resultados dessas análises.

Tabela 10 - Invariância da *RelAS*

	NFI	TLI	CFI	RMSEA	$\chi^2$ (gl)	Razão Crítica	Nº de Parâmetros
<b>Sexo</b>							
Modelo 1	0,968	0,945	0,973	0,058 (0,049-0,066)	171,58 (28)		42
Modelo 2	0,964	0,950	0,970	0,055 (0,048-0,063)	194,10 (34)	3,75	36
Modelo 3	0,958	0,953	0,966	0,054 (0,047-0,061)	222,60 (41)	4,07	29
Modelo 4	0,954	0,956	0,963	0,052 (0,045-0,058)	244,92 (48)	3,19	22
<b>Região</b>							
Modelo 1	0,944	0,956	0,962	0,036 (0,032-0,041)	299,65 (98)		42
Modelo 2	0,943	0,959	0,961	0,035 (0,031-0,040)	305,89 (104)	1,04	36
Modelo 3	0,941	0,961	0,961	0,034 (0,030-0,039)	314,53 (111)	1,24	29
Modelo 4	0,938	0,962	0,960	0,034 (0,030-0,038)	330,16 (118)	2,23	22
<b>Tipo de relacionamento</b>							
Modelo 1	0,757	0,742	0,775	0,079 (0,075-0,084)	1008,58 (98)		42
Modelo 2	0,747	0,747	0,765	0,079 (0,074-0,083)	1052,49 (104)	7,32	36
Modelo 3	0,693	0,710	0,712	0,084 (0,080-0,089)	1273,87 (111)	31,63	29
Modelo 4	0,592	0,630	0,610	0,095 (0,091-0,099)	1694,22 (118)	60,05	22

*Nota:* Indicadores de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado; gl= graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; NFI = *Normed Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; RMSEA = *Root Mean Square error of approximation*, IC = intervalo de confiança. Modelo 1 – Restrição do número de fatores; Modelo 2 – Restrição das cargas; Modelo 3 – Restrição dos Interceptos; Modelo 4 – Restrição dos resíduos.

Os resultados mostram que a escala tem a propriedade da invariância estrita (*strict invariance*) com relação aos grupos de sexo e região, apresentando valores de NFI, TLI e CFI próximos de 0,95 para os 4 modelos em todos os passos. O RMSEA também se mantém em valores adequados nos 4 modelos para os grupos de sexo e região, indicando



que os modelos são semelhantes independente do sexo ou região avaliada. O qui-quadrado apresenta níveis de razão crítica baixos de um modelo para o outro, podendo ser relevados os casos um pouco acima de 1,96, devido à elevada possibilidade de erros do tipo I com esse critério. Porém, com relação ao tipo de relação, o modelo mostrou tem fraca invariância (*weak invariance*). Embora o RMSEA não sugira uma instabilidade tão grande para o modelo, os índices de ajuste NFI, TLI e CFI em geral apresentam valores muito abaixo de 0,90, indicando que os modelos por tipo de relação são inadequados. Nota-se, no entanto, que as diferenças nos índices de ajuste NFI, TLI e GFI são inferiores a 0,01, do modelo 1 para o modelo 2, o que sugere essa fraca invariância. Aparentemente, de acordo com a Tabela 10, existe uma relativa invariância e relacionamento quando restringe-se o número de fatores, bem como as cargas fatoriais (*weak invariance*), o que não ocorre com a restrição dos resíduos e dos interceptos.

O fato de haver invariância entre sexo e região é uma propriedade interessante da *RelAS*. Contudo, o tipo de relação é um aspecto crucial da escala. Os(as) *outliers*, de acordo com a distância Mahalanobis, estiveram basicamente no grupo de participantes que respondeu baseando-se em um amor platônico ou um(a) ex. Assim, supõe-se que a estrutura fatorial tenha variado nesse dois grupos. O amor platônico é uma relação imaginária e idealizada, enquanto o(a) ex é uma relação passada, que não estava acontecendo no momento da participação na pesquisa. Assim, sugere-se cautela ao utilizar a *RelAS* para avaliar uma relacionamentos que não os contemplados na categoria relacionamentos estáveis. A análise para os tipos de relacionamentos foi replicada com a exclusão dos *outliers* multivariados. Contudo, essa exclusão diminuiu a invariância da escala, motivo pelo qual foi optou-se por apresentar o modelo com toda a amostra.

### 3.1.1.3 Teoria de Resposta ao Item

Por ser um instrumento curto, a análise de TRI da *RelAS* foi feita utilizando-se o tratamento *listwise* para casos omissos, restando 1462 participantes que responderam aos sete itens da escala. Contudo, a matriz das intercorrelações se mostrou singular, ou seja, seu determinante foi igual a zero, impossibilitando o cálculo da inversa da matriz. Dessa maneira, a solução encontrada para resolver essa situação foi alterar o parâmetro “*Scale*” (constante *D*) para a realização das análises, de 1,7 para 1,0. A constante *D* tem seu valor fixado em 1,7 para que sua métrica logística se equipare à da métrica normal. Uma vez que os dados não seguem essa métrica, o modelo logístico fez-se necessário. Ao fixar a

constante D em 1,0, elimina-se a correção para a métrica normal para utilizar-se o modelo logístico (Pasquali, 2007).

Os resultados (vide Tabela 11) indicaram que os itens são discriminativos, pois o valor mais baixo no parâmetro  $a$  foi 1,09 e a média foi de 2,55. Os itens ainda são relativamente “fáceis”. Apenas o item 7 apresentou uma dificuldade (parâmetro  $b$ ) próxima de zero. Mesmo sendo o item com carga fatorial mais baixa, sua presença no instrumento se justifica pelo fato de ser o item mais difícil, que avalia uma parcela da amostra com maior satisfação no relacionamento. Em média, a dificuldade dos itens foi de -0,86. Contudo, pode-se dizer que a escala é composta por itens médios e fáceis. A Figura 9 mostra os gráficos com as curvas características dos itens, ou seja, a representação gráfica dos seus parâmetros. Aqueles itens com as curvas menos inclinadas são os mais discriminativos. A dificuldade pode ser observada pelo posicionamento dos itens (enquanto mais à direita, mais difícil é o item).

Tabela 11 - *Discriminação e dificuldade dos itens da RelAS*

Item	Discriminação	Erro Padrão	Dificuldade	Erro Padrão
1	3,445	0,103	-0,828	0,037
2	3,768	0,124	-0,686	0,033
3	2,906	0,094	-0,988	0,036
4	1,094	0,037	-1,216	0,055
5	3,224	0,093	-0,699	0,034
6	1,815	0,054	-1,512	0,047
7	1,644	0,039	-0,058	0,053
Média	2,556		-0,855	

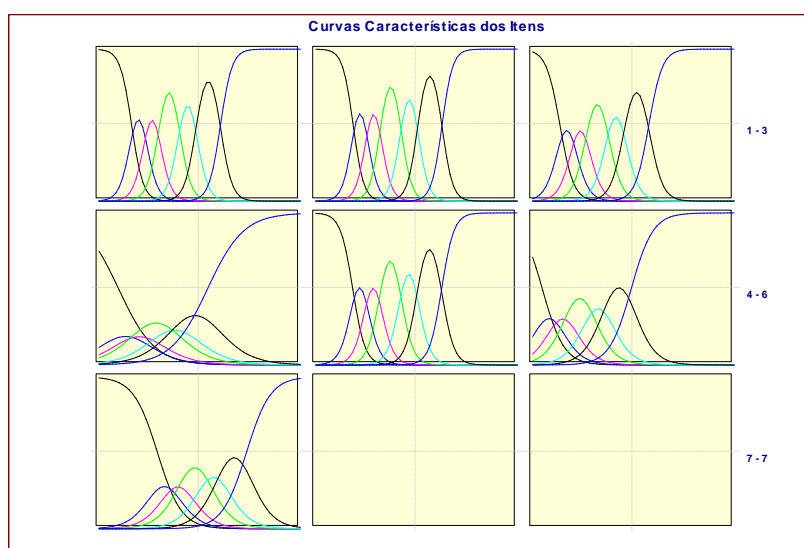


Figura 9. Curvas características dos itens da RelAS

A Figura 10 apresenta a curva de informação da *RelAS*. A escala é informativa para aqueles(as) participantes com  $\theta$  abaixo de 0,85, sugerindo que a informação é baixa para participantes com elevada satisfação no relacionamento. De qualquer forma, a escala é útil para os sujeitos localizados aproximadamente entre o percentil 0 e o percentil 80. Isso significa que a *RelAS* tem dificuldade de discriminar a quantidade de satisfação no relacionamento dos sujeitos mais satisfeitos. O fato de ser composta em sua maioria por itens fáceis não altera somente a informação da escala, mas pode alterar também a normalidade. Porém, como indica a Figura 11, a distribuição foi praticamente normal em torno da média.

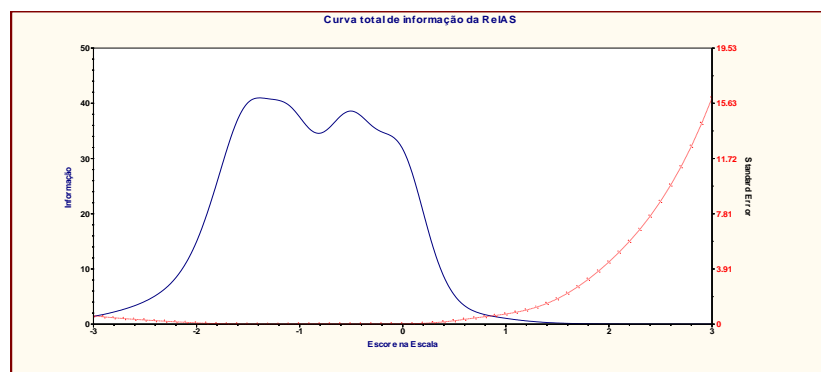


Figura 10. Faixa de informação da *RelAS*.

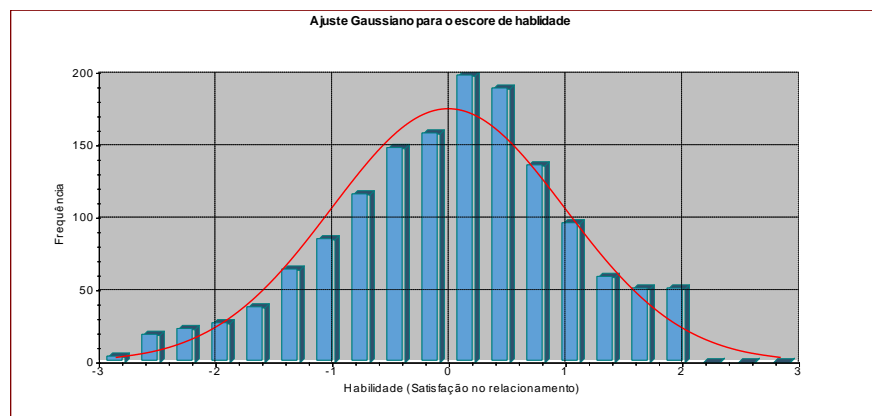


Figura 11. Distribuição dos escores da *RelAS* em torno da média.

A *RelAS* é uma escala útil por ser breve, precisa e informativa. O fato de ter apenas sete itens facilita sua aplicação e correção. Os níveis de precisão se mantiveram, pois o valor de alfa de 0,85, é muito parecido com o do estudo original ( $\alpha = 0,86$ , Hendrick, 1989). É um instrumento que, embora menor do que a *DAS* (Spanier, 1976), avalia o

mesmo construto. A *DAS* possui quatro dimensões (Consenso, satisfação, coesão e expressão afetiva) e é o instrumento mais utilizado para avaliar satisfação no relacionamento. Suas dimensões, no entanto, são bastante correlacionadas, sendo plausível inferir um fator geral (*g*). Apesar de não ser possível fazer essa afirmação sustentada nos dados empíricos dessa pesquisa, uma comparação dos itens da *RelAS* com as dimensões da *DAS* sugere que a *RelAS* provavelmente esteja medindo o fator *g* da satisfação no relacionamento. Faz-se necessária a comparação com uma escala que avalie o mesmo construto, como é o caso da *DAS*, para melhor avaliar a validade convergente da *RelAS*. Contudo, pelo fato da *RelAS* ser informativa para sujeitos aproximadamente entre o percentil zero e 80, torna-se um teste útil para uso clínico, pois avalia a faixa com problemas de satisfação no relacionamento, na qual é útil realizar intervenções.

### 3.1.2 Escala Triangular do Amor de Sternberg

#### 3.1.2.1 Análise Fatorial e precisão

A análise fatorial da ETAS seguiu os mesmos passos da análise da *RelAS*. Inicialmente, foi feita uma análise dos componentes principais para determinar o número de fatores do instrumento. Os níveis de fatorabilidade da matriz foram excelentes ( $KMO = 0,980$ ,  $\chi^2_{\text{Bartlett}} = 54223,748$ ,  $gl = 990$ ,  $p < 0,001$ ). A partir daí, tomou-se como critério para a decisão do número de componentes os autovalores empíricos e aleatórios e a variância explicada pelos componentes da ETAS (Tabela 12). Para facilitar a visualização, a análise paralela foi plotada em um gráfico (Figura 12).

Tabela 12 - Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da ETAS

Componente	Autovalores empíricos	Autovalores aleatórios	% de variância	% acumulado
1	22,58	1,35	50,2	50,2
2	3,14	1,31	7,0	57,2
3	1,82	1,29	4,0	61,2
4	1,22	1,27	2,7	63,9
5	1,04	1,24	2,3	66,2
6	0,98	1,23	2,2	68,4
...				
45	0,12	0,70	0,3	100,0

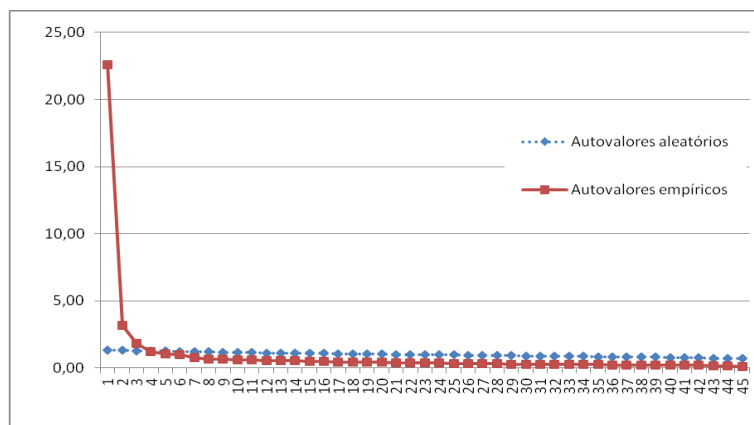


Figura 12. Scree Plot dos autovalores empíricos e aleatórios da ETAS.

A Tabela 12 mostra que apenas três fatores são suficientes para explicar um elevado percentual da variância da ETAS (61,2%). Com base na Tabela 12 e na Figura 12, foi construída a Tabela 13, que permitiu a conclusão de que de fato a ETAS possui três fatores. Esta decisão se apóia no critério de Harman, mas principalmente na análise paralela. A escolha por três fatores ainda é corroborada pela análise de covariância residual não explicada.

Tabela 13 - Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da ETAS

Critério	Número de fatores	Comentários
Kaiser (K-1)	Pelo menos 5	O quinto e o sexto autovalor estão bastante próximos de um (Tabela 12)
Harman	3	O quarto fator explica 2,7% da variância (Tabela 12)
Inspeção visual do <i>Scree plot</i>	1, 2 ou 3	O <i>Scree plot</i> indica três componentes, embora as soluções com um ou dois também seja plausível (Figura 12).
Análise Paralela	3	Os três fatores são bastante claros pela análise paralela (Figura 12).
Critério teórico	3	Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso

Utilizou-se o método de extração *PAF* com uma rotação oblíqua (*Direct Oblimin*). Chama-se a atenção para o fato de que provavelmente existe um fator geral, sugerido pelos valores das correlações entre os fatores ( $r_{\text{Intimidade e Paixão}} = 0,68, p < 0,001$ ;  $r_{\text{Paixão e Decisão/compromisso}} = 0,75, p < 0,001$ ; e  $r_{\text{Intimidade e Decisão/compromisso}} = 0,89, p < 0,001$ ). Por este motivo, a Tabela 14 apresenta as cargas fatoriais nos três fatores extraídos e em um único fator geral. As comunalidades ( $h^2$ ) indicam a relação do item com o construto geral da escala (amor). A fim de facilitar a compreensão da Tabela 14, os itens são identificados de acordo com o fator previsto para eles por Sternberg (1997).

Tabela 14 - Cargas fatoriais *pattern* e comunalidades da ETAS com o método *Principal Axis Factoring* e rotação *Direct Oblimin* com normalização de Kaiser

	Intimidade	Paixão	Decisão/ compromisso*	$h^2$	Fator único (Amor)
ETAS_34_Intimidade	0,85			0,69	0,75
ETAS_17_Intimidade	0,84			0,59	0,68
ETAS_41_Intimidade	0,78			0,66	0,73
ETAS_14_Intimidade	0,78			0,64	0,73
ETAS_21_Intimidade	0,74			0,65	0,76
ETAS_11_Intimidade	0,72			0,57	0,70
ETAS_39_Intimidade	0,70			0,59	0,73
ETAS_36_Intimidade	0,66			0,54	0,70
ETAS_10_Intimidade	0,65			0,55	0,71
ETAS_35_Decisão	0,61			0,55	0,71
ETAS_06_Intimidade	0,60			0,53	0,70
ETAS_03_Intimidade	0,59			0,55	0,67
ETAS_24_Intimidade	0,57			0,38	0,58
ETAS_44_Intimidade	0,56		0,37	0,72	0,82
ETAS_20_Paixão	0,45	0,37		0,58	0,72
ETAS_04_Intimidade	0,41		0,38	0,59	0,76
ETAS_37_Decisão	0,40		0,37	0,56	0,75
ETAS_09_Paixão				0,42	0,64
ETAS_25_Paixão		0,74		0,58	0,47
ETAS_27_Paixão		0,74		0,58	0,49
ETAS_15_Paixão		0,73		0,55	0,45
ETAS_13_Paixão		0,66		0,50	0,48
ETAS_30_Paixão		0,66		0,62	0,59
ETAS_12_Paixão		0,63		0,59	0,62
ETAS_40_Paixão		0,43	0,38	0,38	0,49
ETAS_08_Paixão		0,39		0,59	0,74
ETAS_22_Decisão			0,83	0,75	0,81
ETAS_45_Decisão			0,82	0,77	0,81
ETAS_23_Decisão			0,77	0,52	0,65
ETAS_31_Decisão			0,76	0,75	0,84
ETAS_16_Paixão			0,74	0,57	0,70
ETAS_32_Decisão			0,73	0,63	0,76
ETAS_43_Decisão			0,73	0,77	0,82
ETAS_26_Decisão			0,70	0,68	0,80
ETAS_29_Intimidade			0,64	0,62	0,75
ETAS_02_Decisão			0,62	0,57	0,74
ETAS_18_Paixão			0,61	0,60	0,74
ETAS_01_Paixão			0,60	0,33	0,53
ETAS_42_Decisão			0,55	0,54	0,72
ETAS_07_Decisão	0,46		0,52	0,72	0,79
ETAS_28_Decisão			0,49	0,62	0,79
ETAS_05_Paixão		0,33	0,46	0,52	0,68
ETAS_33_Decisão	0,34		0,46	0,58	0,76
ETAS_19_Decisão			0,46	0,48	0,68
ETAS_38_Paixão		0,36	0,38	0,55	0,71
Carga/Comunalidade média	0,617	0,548	0,581	0,585	0,694
Autovalor (depois da rotação)	18,84	9,87	19,52		22,6
% de Variância	41,87	21,93	43,38		40,1
$\alpha$	0,959	0,915	0,966		0,976
Lambda 2 de Guttman	0,961	0,917	0,968		0,978
Itens	19	11	23		45

Nota: \* Todas as cargas do fator Decisão/compromisso foram multiplicadas por - 1, de modo a facilitar a sua compreensão.

Omitidas cargas fatoriais inferiores a 0,30.

Variância explicada: 1 fator = 49,1%; 2 fatores = 55,2% 3 fatores = 58,5%  
 Covariância Residual: 1 fator = 43,0%; 2 fatores = 24,0% 3 fatores = 11,0%.  
 Comunalidades ( $h^2$ ) referentes ao modelo com três fatores e estimadas antes da rotação.

Conforme pode ser observado, os três fatores encontrados de fato são os previstos pela Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986). O primeiro fator possui itens de Intimidade, o segundo de Paixão e o terceiro de Decisão/compromisso. Para o cálculo da consistência interna de cada fator (medida tanto pelo alfa de Cronbach quanto pelo Lambda 2 de Guttman), foram considerados aqueles itens com carga superior a 0,32 no fator, independentemente do valor da carga nos outros fatores. Os itens complexos foram incluídos em ambos os fatores por que eles representam os dois fatores. A consistência interna das escalas de Intimidade ( $\alpha = 0,96$ ; 19 itens), Paixão ( $\alpha = 0,92$ ; 11 itens) e de Decisão/compromisso ( $\alpha = 0,97$ ; 23 itens) é excelente. Todos os itens foram considerados para o cálculo da precisão da ETAS, uma vez que a comunalidade mais baixa foi de 0,452 (item 15). Desta maneira, a escala obteve valor de alfa igual a 0,98 (45 itens), corroborando que a ETAS é um teste com excelente consistência interna.

### 3.1.2.2 Teoria de Resposta ao Item

A ETAS apresenta itens complexos, o que dificulta sua utilização em algumas análises de dados posteriores. Por esse motivo, a escala não teve sua estrutura fatorial analisada a nível confirmatório. A ETAS, no entanto, também foi analisada de acordo com a Teoria de Resposta ao Item, para verificar as propriedades dos itens e tomar decisões sobre formas de melhorar a escala com melhor embasamento. Para esta análise, os pressupostos da unidimensionalidade e da independência local devem ser atendidos. Conforme demonstraram as análises fatoriais, o pressuposto da unidimensionalidade foi atendido, tanto para subescalas quanto para a ETAS completa. O pressuposto da independência local afirma que as correlações entre os itens se devem ao fato de serem influenciados por uma mesma variável latente, não por que a resposta a um item influenciou a resposta a outro. Este segundo pressuposto é mais difícil de ser verificado empiricamente (Pasquali, 2007).

Para as análises com a TRI, a escala foi avaliada completa e nas dimensões Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso. As primeiras análises indicaram que a matriz de correlações era singular, ou seja, com determinante igual a zero, impossibilitando o prosseguimento das análises. Para resolver esse problema, o parâmetro “Scale” foi fixado

em 1,0, eliminado a correção do modelo logístico para o modelo normal.

Além disso, reduziu-se o número de alternativas possíveis para a resposta aos itens. Provavelmente com a finalidade de ampliar a variabilidade das respostas, Sternberg (1997) optou por utilizar escalas tipo *Likert* com maior número de alternativas. Todavia, o aumento nas alternativas faz com que se tenha maior número de estimações a se fazer. E, muitas vezes itens com três ou quatro alternativas de resposta fornecem a mesma informação que itens com sete ou nove (Nunes, Primi, Nunes, Muniz, Cunha, & Couto, 2008). Por este motivo, a fim de tentar obter-se uma matriz não singular, procedeu-se ao agrupamento de alternativas a fim de reduzir o número das mesmas. A transformação foi reduzir a escala do tipo *Likert* que varia de 1 a 9 em uma escala que varia de 1 a 5. Assim, agruparam-se as alternativas 1, 2 e 3; 4 e 5; 6 e 7; 8; e 9. Embora inicialmente aparente ser um agrupamento desigual, existe um padrão assimétrico das respostas, conforme pode ser observado na análise da frequência de todas as respostas aos itens (Tabela 15). Pode-se perceber que as alternativas 7, 8 e 9 concentram 63,6% das repostas ( $n = 42.904$ ). Por esse motivo, mais alternativas foram agrupadas no início da escala. Conforme previsto, a perda da informação é muito pequena, pois a correlação entre a ETAS original e a ETAS transformada é elevada ( $r = 0,98$ ;  $p < 0,001$ ).

Tabela 15 - *Frequência das respostas a todos os itens da ETAS em resposta múltipla*

Alternativa	Respostas		Nova codificação
	<i>n</i>	%	
1	5045	7,5%	1
2	1993	3,0%	1
3	2451	3,6%	1
4	2494	3,7%	2
5	8279	12,3%	2
6	4302	6,4%	3
7	8117	12,0%	3
8	10800	16,0%	4
9	24027	35,6%	5
Total	67508	100,0%	

Todos os itens têm distribuição assimétrica negativa, variando de -0,215 (item 16) até - 2,974 (item 45), sendo que todos os erros padrões da assimetria foram 0,63. Essa ocorrência, porém, não se traduz em uma quebra de pressuposto da TRI (Pasquali, 2007). As escalas devem mesclar itens fáceis, médios e difíceis (Pasquali, 2003), e uma



distribuição assimétrica pode ser resultado da dificuldade ou facilidade dos itens. Assim, a Tabela 16 apresenta a análise dos itens da ETAS de acordo com TRI. Os itens mostraram-se bastante discriminativos, com valores semelhantes no fator geral e nos fatores específicos do amor. De maneira geral, os itens são fáceis, ou seja, as pessoas tendem a concordar com eles. Apenas três itens (1, 16 e 23) possuem valores positivos na dificuldade e, mesmo assim, próximos de zero. As correlações item-total ( $r_{it}$ ), contudo, são elevadas, sugerindo que todos os itens estão medindo o mesmo construto. Não existem itens “difíceis” na ETAS, o que atrapalha a distribuição por faixa de dificuldade e a informação da escala. Isso pode ser explicado em parte pelo fenômeno da desejabilidade social. É desejável que as pessoas sintam amor pelo(a) seu(sua) parceiro(a), e alguns(as) participantes da pesquisa podem ter tido dificuldades em afirmar que seu sentimento de amor não tinha tanta força.

A Figura 13 mostra as curvas de informação da ETAS total e das subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso. As faixas de informação das quatro escalas são muito parecidas. De maneira geral, as escalas são úteis para avaliar sujeitos cujo escore  $\theta$  é inferior a + 1,1 desvio padrão, ou seja, algo em torno do percentil 85. Isso significa que a escala tem dificuldades para discriminar o grupo dos 15% com maiores níveis de amor. Apesar dessa limitação, causada principalmente pela falta de itens difíceis no instrumento, a parcela da população que ETAS avalia é elevada. A Figura 14 mostra que, em torno de média, a ETAS geral e as suas subescalas se aproximaram do modelo normal. Em função da elevada correlação entre os fatores e de itens compondo duas subescalas, as curvas de informação e as distribuições dos níveis  $\theta$  em torno da média foram semelhantes para a ETAS completa e para os fatores Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso.

Tabela 16 - Discriminação, dificuldade e correlação item-total da ETAS

Item	Amor Parâmetros		Intimidade Parâmetros		Paixão Parâmetros		Decisão/Compr. Parâmetros		$r_{it}$	$r$ polis- serial
	$a$	$b$	$a$	$b$	$a$	$b$	$a$	$b$		
1	1,52	0,20					1,78	0,21	0,54	0,58
2	2,03	-0,58					2,33	-0,48	0,72	0,79
3	1,55	-0,62	1,74	-0,58					0,63	0,69
4	2,36	-0,79	2,39	-0,71			2,53	-0,69	0,74	0,81
5	1,86	-0,42			1,88	-0,34	2,02	-0,33	0,65	0,70
6	1,58	-0,27	1,76	-0,20					0,66	0,71
7	1,94	-0,10	2,06	-0,10			2,34	-0,11	0,75	0,81
8	1,99	-0,34			2,01	-0,31			0,74	0,80
9	1,81	-0,88							0,66	0,74
10	2,15	-0,39	2,45	-0,33					0,66	0,70
11	2,09	-0,16	2,54	-0,05					0,65	0,68
12	1,65	-0,42			2,77	-0,44			0,61	0,65
13	1,66	-1,05			2,28	-0,69			0,51	0,55
14	1,83	-0,39	2,25	-0,38					0,71	0,77
15	1,19	-0,52			1,74	-0,34			0,50	0,53
16	1,93	0,41					2,37	0,40	0,66	0,70
17	1,86	-0,45	2,33	-0,38					0,65	0,69
18	2,00	-0,06					2,30	-0,03	0,74	0,79
19	1,46	-0,13					1,72	-0,14	0,68	0,74
20	1,97	-0,01	2,03	0,06	1,94	0,07			0,71	0,76
21	2,38	-0,71	2,70	-0,63					0,74	0,81
22	1,87	-0,55					2,66	-0,46	0,79	0,89
23	1,46	0,04					1,87	0,02	0,66	0,72
24	1,64	-1,83	1,72	-1,65					0,57	0,73
25	1,20	-0,69			1,72	-0,52			0,52	0,57
26	2,01	-0,90					2,65	-0,72	0,79	0,90
27	1,19	-1,30			1,99	-1,10			0,53	0,62
28	2,28	-0,82					2,62	-0,70	0,77	0,86
29	1,80	-0,48					2,21	-0,42	0,74	0,81
30	1,46	-0,54			2,17	-0,42			0,60	0,65
31	2,25	-0,64					3,25	-0,55	0,82	0,91
32	2,20	-0,39					2,67	-0,31	0,75	0,81
33	2,22	-0,63	2,21	-0,56			2,49	-0,54	0,74	0,80
34	2,29	-0,86	2,86	-0,76					0,73	0,81
35	2,13	-1,28	2,36	-1,14					0,70	0,82
36	2,05	-0,29	2,49	-0,26					0,65	0,69
37	2,10	-0,56	2,13	-0,49			2,30	-0,48	0,72	0,78
38	1,79	-0,18			1,90	-0,15	1,94	-0,13	0,69	0,74
39	2,02	-0,64	2,40	-0,56					0,71	0,76
40	1,48	-0,14			1,70	-0,11	1,60	-0,14	0,49	0,52
41	1,88	-0,89	2,29	-0,76					0,69	0,78
42	1,889	-0,210					2,194	-0,171	0,69	0,74
43	2,120	-0,360					2,872	-0,211	0,80	0,87
44	2,510	-0,578	2,696	-0,504			2,749	-0,497	0,80	0,87
45	1,978	-0,137					2,745	-0,200	0,79	0,87
Média	1,880	-0,501	2,283	-0,525	2,008	-0,396	2,357	-0,290	0,68	0,74
(DP)	(0,32)	(0,41)	(0,32)	(0,40)	(0,31)	(0,31)	(0,41)	(0,29)		

Nota: parâmetro  $a$  = discriminação; parâmetro  $b$  = dificuldade.

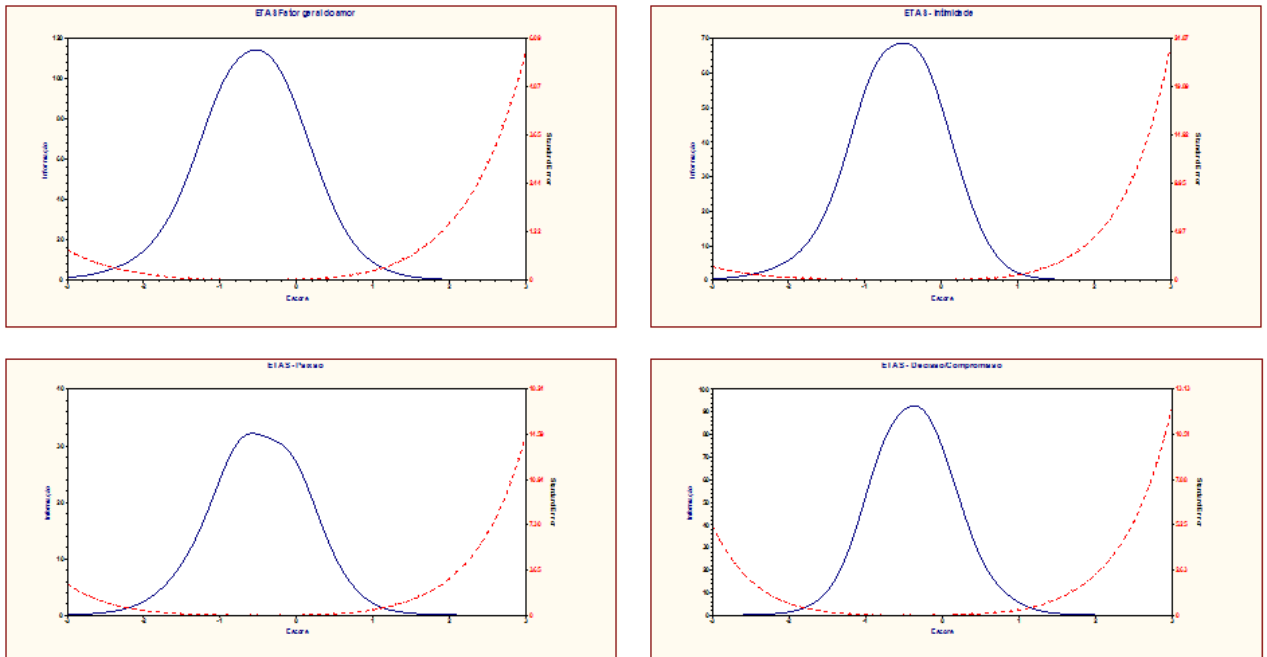


Figura 13. Curvas de informação da ETAS completa e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso.

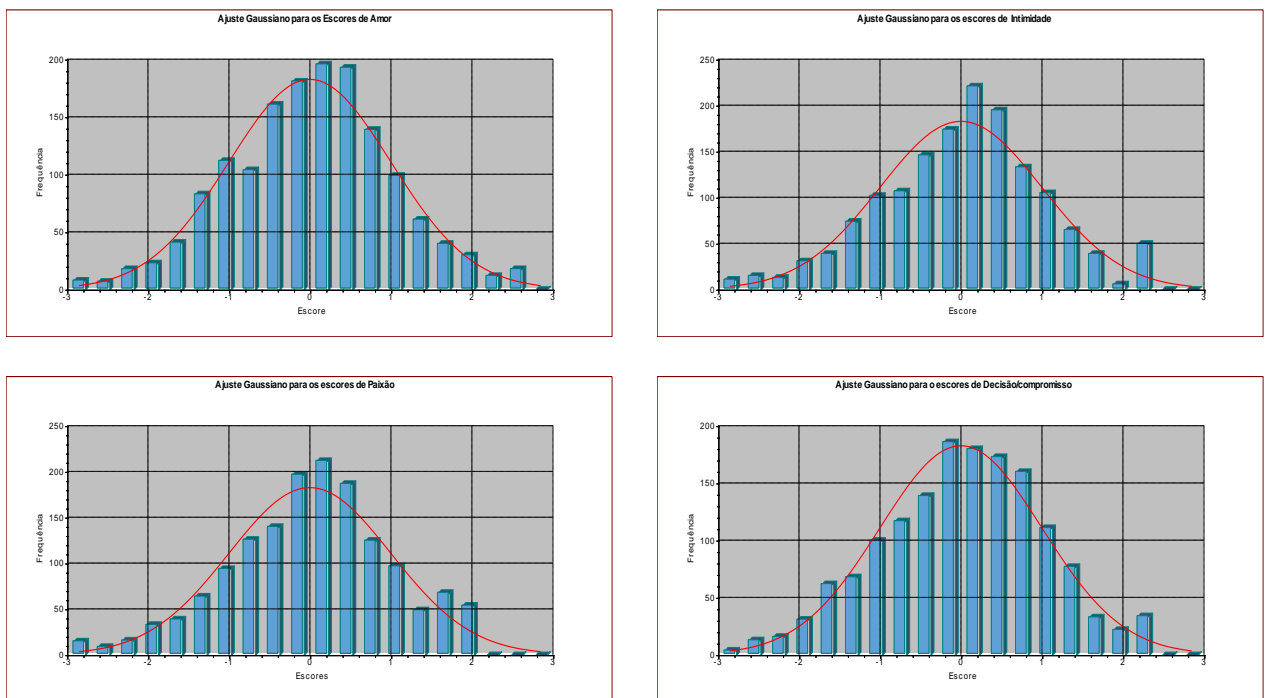


Figura 14. Distribuição dos escores da ETAS completa e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso em torno da média.

A ETAS é o instrumento com melhores propriedades psicométricas neste estudo. Ela possui uma matriz bastante fatorável, cargas elevadas, excelentes níveis de precisão e itens discriminativos. A estrutura fatorial da ETAS ainda é um suporte empírico à Teoria

Triangular do Amor. A ETAS, contudo, apresenta itens complexos (com carga em mais de um fator), o que matematicamente não representa um problema, embora dificulte a interpretação dos resultados.

### *3.1.3 Escala Triangular do Amor de Sternberg -Reduzida*

Conforme mencionado, a ETAS apresenta uma boa propriedade psicométrica nas suas cargas fatoriais elevadas. Porém, existe o problema de diversos itens com cargas em mais de um fator. O fato dos fatores serem correlacionados explica este fenômeno. Comumente, a solução adotada é a exclusão dos itens complexos. Este tipo de decisão, contudo, pode ser questionado. Um item com carga elevada nos três fatores, por exemplo, seria um excelente indicador de amor, apesar de não discriminar qual tipo de amor. Por este motivo, é interessante manter uma versão da ETAS completa, sem a retirada de itens, para permanecer com uma medida do amor precisa. Mas, para facilitar a separação dos fatores entre si, sugere-se uma escala mais compacta, que ainda teria a vantagem de reduzir o tempo de aplicação. A decisão de construir uma versão reduzida da ETAS foi tomada tanto em estudos no exterior (Lemieux & Hale, 2000, 2002) como no Brasil (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009).

#### *3.1.3.1 Análise Fatorial e precisão*

Dessa maneira, optou-se pela confecção de uma escala menor, chamada de ETAS-R, com 20 itens no total. Esta opção permitiu selecionar apenas aqueles itens que possuísem uma carga forte no seu fator e cargas inferiores a 0,32 nos demais. Procurou-se manter itens de diferentes faixas de dificuldade nos seus fatores. Ainda foi observado o poder discriminativo dos itens para compor a versão reduzida da ETAS. A matriz de correlações manteve seus bons indicadores de fatorabilidade ( $KMO = 0,948$ ;  $\chi^2_{\text{Bartlett}} = 19536,762$ ,  $gl = 190$ ,  $p < 0,001$ ). As dimensões da Intimidade e da Decisão/compromisso ficaram com sete itens cada, enquanto a dimensão da Paixão ficou com seis. A Paixão foi escolhida para ter um item a menos por já possuir um número bastante inferior de itens na versão completa. A matriz fatorial da ETAS-R é apresentada na Tabela 17.

Tabela 17 - Estrutura fatorial pattern da ETAS-R com rotação Direct Oblimin e extração pelo método PAF

	Intimidade	Paixão	Decisão/ compromisso*	$h^2$	Carga no fator único (Amor)
ETAS_17_Intimidade	0,83			0,61	0,69
ETAS_14_Intimidade	0,81			0,68	0,74
ETAS_34_Intimidade	0,79			0,66	0,74
ETAS_11_Intimidade	0,78			0,63	0,71
ETAS_41_Intimidade	0,77			0,65	0,72
ETAS_36_Intimidade	0,65			0,54	0,69
ETAS_39_Intimidade	0,65			0,56	0,71
ETAS_27_Paixão		0,79		0,61	0,51
ETAS_15_Paixão		0,77		0,57	0,48
ETAS_25_Paixão		0,76		0,56	0,48
ETAS_13_Paixão		0,70		0,52	0,51
ETAS_30_Paixão		0,67		0,60	0,60
ETAS_12_Paixão		0,63		0,57	0,63
ETAS_23_Decisão			0,81	0,57	0,66
ETAS_22_Decisão			0,78	0,74	0,80
ETAS_45_Decisão			0,75	0,75	0,79
ETAS_32_Decisão			0,70	0,64	0,76
ETAS_31_Decisão			0,69	0,73	0,83
ETAS_16_Paixão			0,68	0,55	0,70
ETAS_01_Paixão			0,62	0,36	0,52
Carga média	0,75	0,72	0,72		0,66
Autovalor	7,67	5,38	7,64		9,00
% de Variância	38,36	26,89	38,18		45,0
$\alpha$	0,918	0,881	0,913		0,939
Lambda 2 de Guttman	0,919	0,883	0,916		0,943
Itens	7	6	7		20

Nota: \*As cargas fatoriais do itens do fator Decisão/compromisso foram multiplicadas por -1 para facilitar a compreensão.

Omitidas cargas fatoriais inferiores a 0,30.

Variância explicada: 1 fator = 45,0%; 2 fatores = 55,5% 3 fatores = 60,5%.

Covariância Residual: 1 fator = 66,0%; 2 fatores = 33,0% 3 fatores = 7,0%.

Comunalidades ( $h^2$ ) referentes ao modelo com três fatores e estimadas antes da rotação.

A Análise Fatorial Exploratória mostra que os fatores permanecem os mesmos, sendo Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso. A redução de itens da escala fez com que todos os itens tivessem carga superior a 0,6 dentro de seu fator e carga inferior a 0,3 nos demais. Este dado mostra que a escala reduzida é um instrumento que discrimina seus fatores. Conforme esperado, a escala diminui a precisão nas dimensões da Intimidade ( $\alpha = 0,92$ ) e Decisão/compromisso ( $\alpha = 0,91$ ), as quais sofreram as reduções mais drásticas no número de itens. De qualquer forma, tanto estas duas dimensões quanto a paixão ( $\alpha = 0,88$ ) permaneceram com níveis de consistência interna muito bons. A consistência interna geral da ETAS-R foi de 0,94, sugerindo que também se manteve a precisão na medida do fator

geral (amor). Todas as comunalidades são elevadas (superiores a 0,5), mostrando que todos os itens se referem ao fator geral Amor, apesar da eliminação de itens complexos. Foi mantida uma propriedade marcante das dimensões, que é a correlação entre elas ( $r_{\text{Intimidade e Paixão}} = 0,44, p < 0,001$ ;  $r_{\text{Paixão e Decisão/compromisso}} = 0,49, p < 0,001$ ; e  $r_{\text{Intimidade e Decisão/compromisso}} = 0,73, p < 0,001$ ). Nota-se, no entanto, que as reduções nos valores das correlações foram drásticas. A viabilidade da versão reduzida também é sugerida pelos índices elevados de correlação com a versão completa das escalas de Intimidade ( $r = 0,96, p < 0,001$ ), Paixão ( $r = 0,94, p < 0,001$ ), Decisão/compromisso ( $r = 0,96, p < 0,001$ ) e Amor ( $r = 0,98, p < 0,001$ ).

### 3.1.3.2 Análise Fatorial Confirmatória

A ETAS-R teve sua estrutura corroborada por meio de Modelagem por Equações Estruturais. Primeiramente, foram verificados os pressupostos para a análise. Com relação aos outliers multivariados, foram verificados 102 participantes com distância Mahalanobis superior a 45, valor crítico para 20 variáveis. A exemplo do que ocorreu com a *RelAS*, não houve relação significativa entre os outliers de acordo com o sexo ( $\chi^2 = 2,41; gl = 1; p = n. s.$ ) e a região da coleta de dados ( $\chi^2 = 2,66; gl = 1; p = n. s.$ ), sendo a única diferença significativa vinculada ao tipo de relação ( $\chi^2 = 80,58; gl = 3; p < 0,001$ ). E a diferença esteve no fato de que o grupo em relacionamento estável possui menores chances de pertencer ao grupo dos casos extremos, enquanto aqueles(as) que responderam à ETAS-R baseando-se em um amor platônico ou ex tem maiores probabilidades de ser *outliers*. Assim, pode-se concluir que os casos extremos não ocorrem ao acaso, tratando-se de uma amostra diferente. A ETAS-R teve problemas de normalidade multivariada (curtose = 225,07; razão crítica = 129,20). Contudo, não foi tomada nenhuma medida para a correção do problema pelo fato de que o número de participantes permite a realização das equações estruturais (Hair et al., 2005).

Foram testados dois modelos: um com a Intimidade, a Paixão, e a Decisão/compromisso intercorrelacionadas e outro com um fator geral explicando os três fatores. Apesar dos índices de ajuste terem sido os mesmos, optou-se por utilizar o segundo modelo (Figura 15) pelo fato dele trazer estimativas sobre a relação dos três fatores previstos por Sternberg (1986) com o fator geral, dado não verificado nas análises exploratórias. A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada utilizando-se a máxima verossimilhança. Os resultados mostraram que os três fatores específicos possuem elevada

carga no fator geral, sendo que a Decisão/compromisso teve essa relação de modo mais forte.

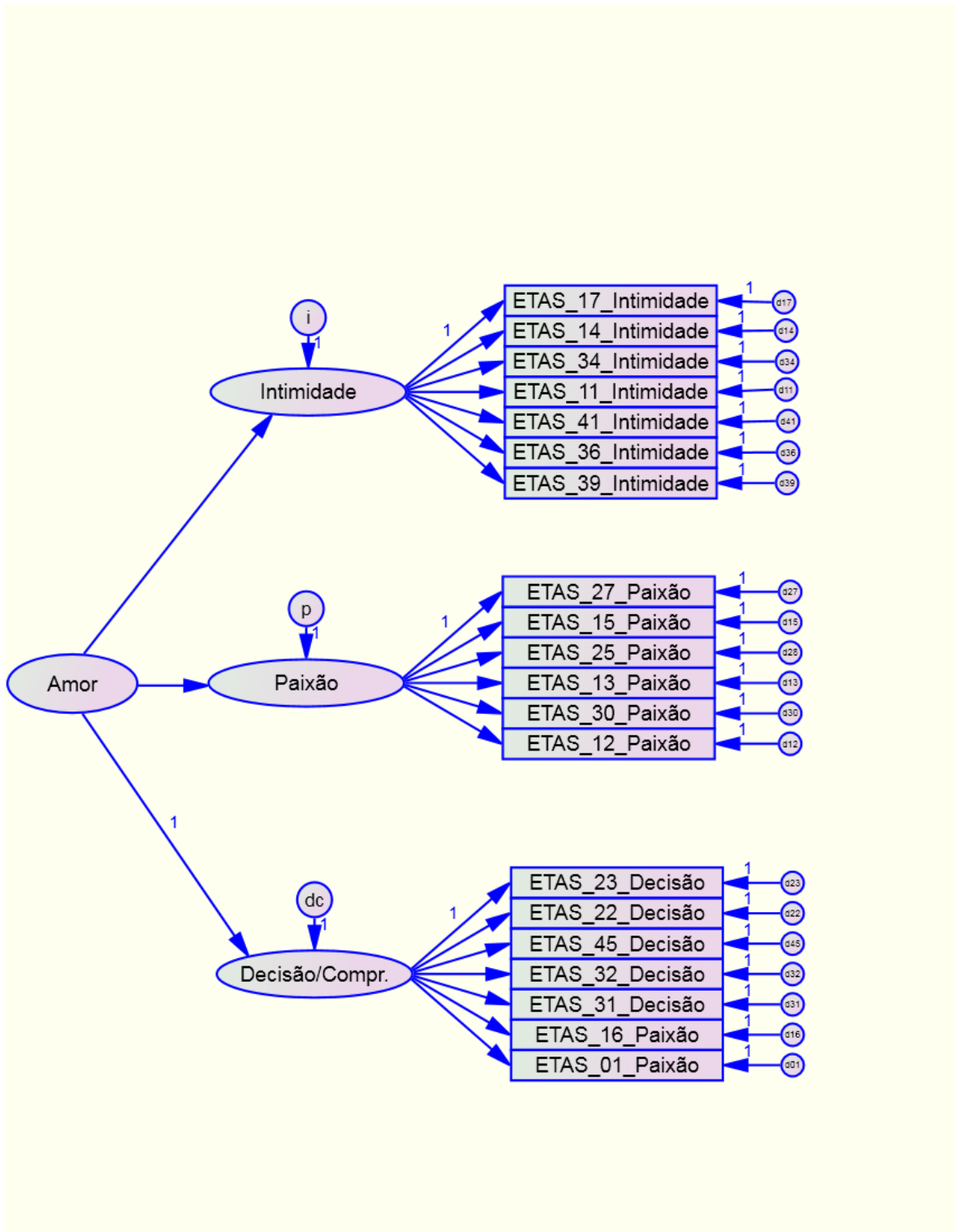


Figura 15. Modelo para a Análise Fatorial Confirmatória da ETAS-R.

Tabela 18 - Cargas dos itens da ETAS-R nos três fatores, correlações dos itens com o Fator Geral (Amor) e índices ajuste do modelo

	Pattern			Structure			Amor*
	Decisão/ /Compr.	Paixão	Intimi- dade	Decisão/ Compr.	Paixão	Intimi- dade	
ETAS_01	0,562			0,562	0,315	0,449	0,528
ETAS_16	0,720			0,720	0,403	0,575	0,678
ETAS_31	0,879			0,879	0,492	0,702	0,827
ETAS_32	0,795			0,795	0,445	0,635	0,748
ETAS_45	0,867			0,867	0,486	0,693	0,816
ETAS_22	0,865			0,865	0,484	0,691	0,814
ETAS_23	0,721			0,721	0,404	0,576	0,678
ETAS_12		0,757		0,424	0,757	0,383	0,451
ETAS_30		0,765		0,428	0,765	0,387	0,455
ETAS_13		0,725		0,406	0,725	0,366	0,431
ETAS_25		0,738		0,413	0,738	0,373	0,439
ETAS_15		0,737		0,413	0,737	0,373	0,439
ETAS_27		0,763		0,427	0,763	0,386	0,454
ETAS_39			0,750	0,599	0,379	0,750	0,637
ETAS_36			0,731	0,584	0,369	0,731	0,621
ETAS_41			0,802	0,641	0,405	0,802	0,681
ETAS_11			0,792	0,633	0,401	0,792	0,673
ETAS_34			0,805	0,643	0,407	0,805	0,684
ETAS_14			0,829	0,663	0,419	0,829	0,704
ETAS_17			0,769	0,615	0,389	0,769	0,653
Decisão/Compr.							0,941
Paixão							0,595
Intimidade							0,849
$\chi^2$ (gl)		1659,91 (167)					
$\chi^2$ /gl		9,94					
CFI		0,926					
NFI		0,918					
TLI		0,906					
RMSEA (IC 90%)		0,076 (0,073 - 0,079)					

Nota: Índices de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado; gl= graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; NFI = *Normed Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*, IC = intervalo de confiança.

A Tabela 18 mostra que os itens mantiveram as elevadas cargas nos fatores, conforme já havia sido verificado na Análise Fatorial Exploratória (Tabela 17). As cargas de Intimidade (0,85), Paixão (0,60) e Decisão/compromisso (0,94) no Fator Geral foram elevadas. O modelo encontrou um ajuste adequado nos quatro índices de ajuste utilizados nesse estudo (CFI, TLI, NFI e RMSEA). Assim, pode-se dizer que a ETAS-R evidências de que sua boa estrutura fatorial é corroborada a nível confirmatório.

Para analisar a invariância da ETAS-R, foram verificados os mesmos subgrupos de sexo, região e tipo de relação que haviam sido utilizados na verificação da invariância da *RelAS*. Conforme pode ser observado na Tabela 19, A ETAS-R apresenta invariância estrita para as variáveis sexo e região de aplicação. Contudo, a invariância da ETAS-R é fraca para a variável tipo de relação. Outra vez, pode-se levantar a hipótese de que



participantes que responderam à escala baseando-se em um amor platônico ou relacionamento terminado influenciaram na invariância da escala. Essa hipótese se sustenta principalmente no fato de que esse grupo contém o maior número de *outliers* multivariados.

Tabela 19 - Invariância da ETAS-R

	NFI	TLI	CFI	RMSEA (IC 90%)	$\chi^2$ (gl)	Razão crítica	Nº de Parâmetros
<b>Sexo</b>							
Modelo 1	0,909	0,904	0,924	0,055 (0,052 - 0,057)	1876,63 (334)		126
Modelo 2	0,906	0,907	0,922	0,054 (0,052 - 0,056)	1930,08 (351)	3,14	109
Modelo 3	0,901	0,906	0,917	0,054 (0,052 - 0,056)	2053,07 (371)	6,15	89
Modelo 4	0,898	0,908	0,915	0,053 (0,051 - 0,056)	2115,24 (391)	3,11	69
<b>Região</b>							
Modelo 1	0,881	0,886	0,909	0,042 (0,041 - 0,044)	2520,74 (668)	2,32	252
Modelo 2	0,876	0,890	0,906	0,042 (0,040 - 0,043)	2639,15 (719)	1,46	201
Modelo 3	0,872	0,897	0,905	0,040 (0,039 - 0,042)	2726,89 (779)	2,42	141
Modelo 4	0,865	0,900	0,900	0,040 (0,038 - 0,041)	2871,99 (839)	2,32	81
<b>Tipo de relacionamento</b>							
Modelo 1	0,870	0,878	0,903	0,041 (0,039 - 0,042)	2287,86 (668)		252
Modelo 2	0,863	0,882	0,899	0,040 (0,038 - 0,042)	2417,22 (719)	2,54	201
Modelo 3	0,809	0,834	0,846	0,047 (0,046 - 0,049)	3356,53 (779)	15,66	141
Modelo 4	0,682	0,716	0,716	0,062 (0,061 - 0,064)	5600,15 (839)	37,39	81

Nota: Indicadores de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado; gl= graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; NFI = *Normed Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*, IC = intervalo de confiança. Modelo 1 – Restrição do número de fatores; Modelo 2 – Restrição das cargas; Modelo 3– Restrição dos Interceptos; Modelo 4 – Restrição dos resíduos.

Para o modelo com a variável sexo, os índices NFI, TLI e CFI são iguais ou superiores a 0,90 nos quatro modelos (o modelo 4 atinge esse critério no NFI devido ao arredondamento). O RMSEA para sexo tem um nível adequado (0,05) e também se mantém estável. Os níveis de razão crítica do modelo por sexo são superiores a 1,96, mas esse critério pode ser relevado por ser bastante liberal e pelo fato dos outros indicadores sugerirem invariância da ETAS-R com relação a sexo.

Também pode-se perceber a invariância do modelo confirmatório com relação à região geográfica na qual foram aplicados os questionários. Apesar do NFI e do TLI serem um pouco menores do que 0,90, o que indicaria problemas de ajuste, o modelo apresentou invariância estrita, pois as diferenças de um modelo para o outro foram inferiores a 0,01 nesses dois indicadores, no CFI e no RMSEA. Esse último índice, em contraste com os demais, apresentou um ajuste muito bom. O baixo valor nas razões críticas é mais um indicador da estabilidade da estrutura fatorial com relação à região do Brasil.

Os dados sobre o tipo de relacionamento, contudo, mostram apenas uma fraca invariância. A estrutura resiste à restrição do número de fatores e cargas, mas não

apresenta invariância quando se restringem os interceptos e os resíduos. As diferenças no NFI, TLI e CFI são superiores a 0,05, do modelo 2 para o modelo 3 e do modelo 3 para o modelo 4, sendo que o critério para considerar variação é de 0,01. Esse problema pode estar sendo causado pelas pessoas que responderam baseando-se em relacionamento terminado ou idealizado, pois esse grupo constituiu a maior parte dos *outliers* multivariados. A exemplo da *RelAS*, esses dados sugerem que deve-se ter cautela ao aplicar a ETAS-R em pessoas que amam um objeto que não possuem, ou seja, pessoas que amam sem receber amor em troca. Apesar dos problemas na invariância com relação ao tipo de relacionamento, ressalta-se que essa propriedade foi mantida nos sexos e nas regiões, o que sugere a validade da escala nesses grupos. Uma replicação da análise com a exclusão dos casos extremos na ETAS-R mantém a variação da escala pelos tipos de relacionamento.

### 3.1.3.3 Teoria de Resposta ao Item

Outra questão importante é se a versão reduzida mantém as propriedades com relação à discriminação e dificuldade dos itens. Como pode ser observado na Tabela 20, todos os itens mantiveram bons valores de discriminação. Os três fatores tiveram uma melhora na média de discriminação dos itens, mas a discriminação da ETAS-R é ligeiramente menor que a da ETAS completa. Um indicador positivo é que a média de dificuldade dos itens está mais próxima do zero para a ETAS-R, e suas dimensões Intimidade e Decisão/compromisso, indicando que a versão reduzida é menos fácil do que a completa.

Tabela 20 - Parâmetros de discriminação, dificuldade e correlação item-total da ETAS-R

Item	Amor		Intimidade		Paixão		Decisão/Compr.		$r_{it}$	$r$ polis-serial
	$a$	$b$	$a$	$b$	$a$	$b$	$a$	$b$		
01	1,52	0,25					1,99	0,24	0,55	0,60
11	2,28	-0,09	2,85	-0,04					0,66	0,70
12	1,90	-0,44			2,77	-0,45			0,64	0,68
13	1,68	-0,83			2,67	-0,67			0,55	0,60
14	1,95	-0,42	2,35	-0,38					0,72	0,78
15	1,28	-0,42			1,96	-0,34			0,55	0,59
16	1,95	0,43					2,52	0,40	0,65	0,70
17	2,04	-0,43	2,56	-0,38					0,66	0,71
22	1,68	-0,54					3,06	-0,39	0,77	0,87
23	1,45	0,04					2,27	0,04	0,67	0,73
25	1,22	-0,65			1,79	-0,52			0,55	0,61
27	1,31	-1,28			2,26	-1,05			0,57	0,67
30	1,52	-0,49			2,14	-0,42			0,62	0,67
31	2,12	-0,66					3,44	-0,50	0,80	0,90
32	2,15	-0,34					2,90	-0,26	0,76	0,82
34	2,32	-0,83	2,69	-0,77					0,72	0,80
36	2,21	-0,28	2,53	-0,26					0,66	0,69
39	2,04	-0,61	2,25	-0,56					0,70	0,76
41	1,85	-0,84	2,19	-0,77					0,68	0,76
45	1,68	-0,27					2,97	-0,17	0,77	0,85
Média	1,807	-0,435	2,487	-0,488	2,264	-0,575	2,735	-0,091	0,66	0,72
(DP)	(0,34)	(0,39)	(0,24)	(2,27)	(0,39)	(0,26)	(0,50)	(0,33)		
ETAS	1,880	-0,501	2,283	-0,525	2,008	-0,396	2,357	-0,290	0,68	0,74
(DP)	(0,32)	(0,41)	(0,32)	(0,40)	(0,31)	(0,31)	(0,41)	(0,29)		

Nota: parâmetro  $a$  = discriminação; parâmetro  $b$  = dificuldade.

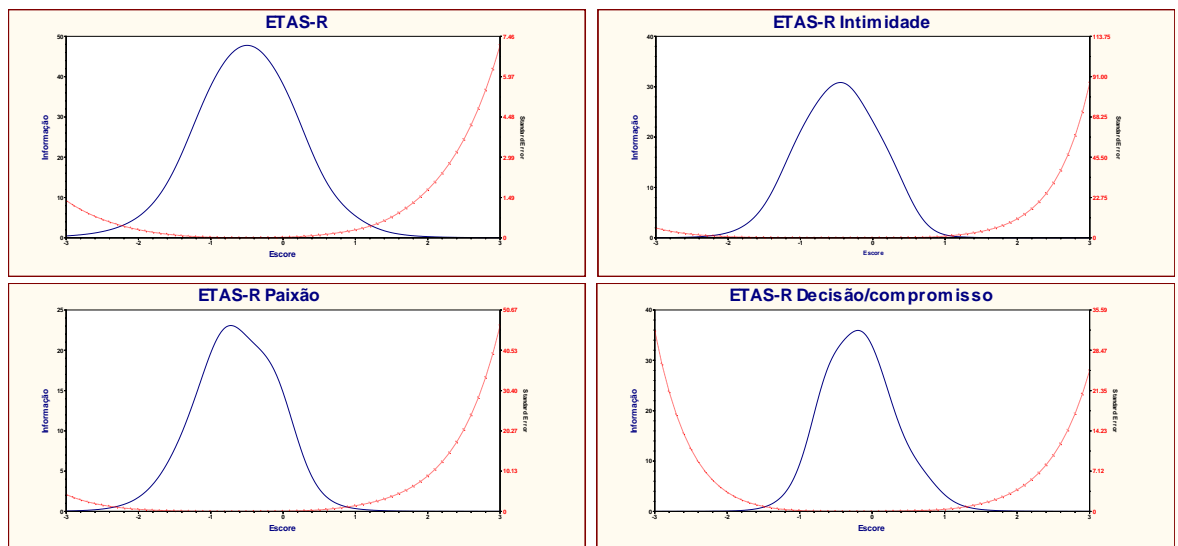


Figura 16. Curvas de informação total da ETAS-R e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso.

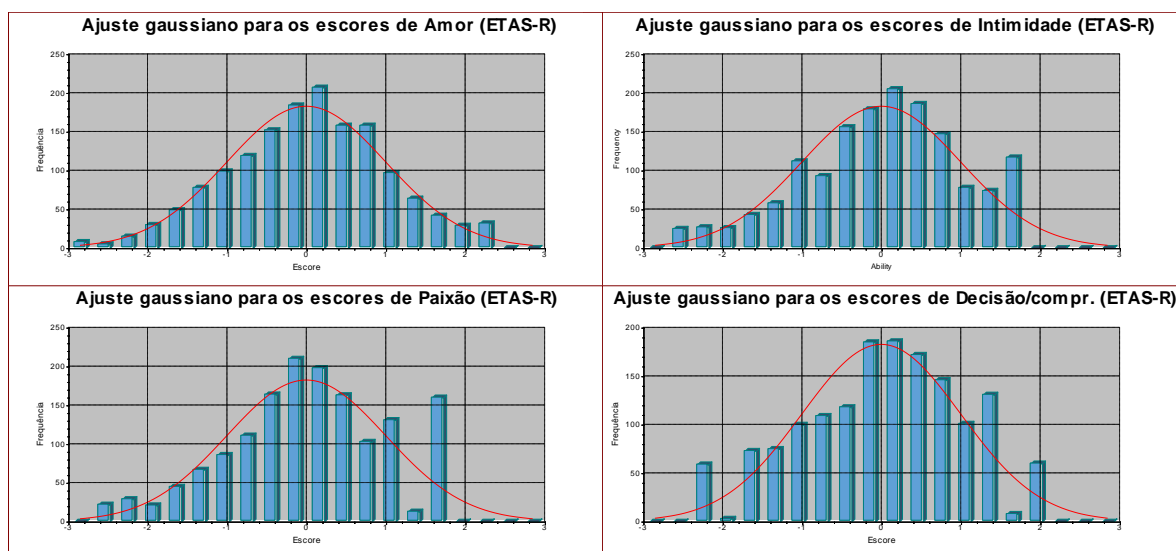


Figura 17. Distribuição dos escores da ETAS-R e de suas subescalas de Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso em torno da média.

A redução do número de itens pode ser considerada bem sucedida, pois diminuiu muito pouco a informação total fornecida (Figura 16). A ETAS-R fornece informação para aqueles(as) participantes cujo nível  $\theta$  de amor se situa aproximadamente entre  $-2,2$  e mais  $+1,2$  desvios padrões, nível semelhante ao da ETAS completa. As subescalas de Intimidade (aproximadamente entre  $-2$  e  $+1$  desvios padrões), Paixão (aproximadamente entre  $-2,3$  e  $+0,9$  desvios padrões) e Decisão/compromisso (aproximadamente entre  $-1,5$  e  $+1,3$  desvios padrões) também fornecem informação muito semelhante à da escala completa, que é muito boa. Esta diminuição de itens, contudo, fez com que a distribuição dos dados perdesse um pouco do padrão da normalidade em torno da média (Figura 17).

A ETAS-R apresenta somente itens simples, representando uma solução para elevado número de itens complexos da ETAS. A ETAS-R ainda mantém as propriedades de discriminação e dificuldade dos itens e, ainda, a informação total da escala. A versão reduzida para a ETAS foi a alternativa de diversos autores (Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz, & Dória, 2009; Lemieux & Hale, 2000, 2002). Contudo, a única versão reduzida da ETAS que possui a mesma tradução utilizada nesta tese é a de Cassepp-Borges e Teodoro (2007), aplicada em 362 universitários do Rio Grande do Sul. Em relação a esse estudo, ocorreram mudanças na redução da escala. A primeira delas é a de que o presente estudo concluiu por 20 itens ao invés dos 18 propostos anteriormente, acrescentando um item na dimensão Intimidade e outro na Decisão/compromisso. Com relação à Intimidade, a dimensão perdeu os itens 10 e 21 e foram acrescentados os itens 17, 34 e 41. A Paixão teve

apenas a substituição do item 20 pelo 12, os itens com carga fatorial mais baixa no estudo de Cassepp-Borges e Teodoro e nesse estudo, respectivamente. A dimensão Decisão/compromisso teve excluídos seus itens 02 e 19, sendo acrescentados os itens 45, 16 e 01. Os dois últimos itens eram previstos por Sternberg (1997) para compor a dimensão da Paixão, contudo os dados empíricos os mostram como itens exclusivos de Decisão/compromisso.

Como pode ser notado, houve mudanças notáveis de uma versão para a outra. Contudo, este estudo possui uma amostra nacional e maior do que a de Cassepp-Borges e Teodoro (2007), oferecendo maior suporte empírico à estrutura fatorial da ETAS-R. A redução da escala de Gouveia et al. (2009) contou com cinco itens em cada fator. Acredita-se que a redução para seis ou sete itens em cada fator é interessante, pois mantém alfas superiores a 0,90, o que não ocorreu com a redução para cinco itens. Apesar disso, os níveis de alfa de Gouveia et al. são muito bons (de 0,86 a 0,88), com um instrumento mais breve. Ter menos itens é interessante, mas diminuir a precisão é uma consequência indesejada disso. Os critérios para estabelecer o quanto a redução de itens afeta a precisão são subjetivos, portanto as decisões de Cassepp-Borges e Teodoro, Gouveia et al. e da presente tese são válidas. A Tabela 21 apresenta os alfas de Cronbach de alguns estudos que utilizaram a ETAS no Brasil e no mundo, mostrando que a escala mantém uma boa precisão em diversos contextos, com alfas superiores a 0,85 (exceto na Paixão de Overbeck et al., 2007,  $\alpha = 0,80$ ). Os níveis de precisão elevados foram mantidos nesse estudo.

Tabela 21 - Coeficientes alfas de Cronbach em diferentes aplicações da ETAS

Escala	Alfa						
	Sternberg (1997)	Hernandez (1999)	Cassepp-Borges & Teodoro (2007)	Gouveia et al. (2009)	Overbeck et al. (2007).	Lemieux & Hale (2000)	Presente estudo
<i>n</i>	101	98	362	307/610	2425	213	1549
Local	New Haven (EUA)	Rio Grande do Sul (Brasil)	Rio Grande do Sul (Brasil)	Parafba (Brasil)	Nijmegen e proximidades (Holanda)	Geórgia (EUA)	13 UFs (Brasil)
Versão completa							
Intimidade	0,91	0,90	0,95				0,96
Paixão	0,94	0,91	0,93				0,92
Dec./compr.	0,94	0,91	0,96				0,97
Amor	0,97	0,95	0,98				0,98
Versão reduzida							
Intimidade			0,90	0,86	0,87	0,89	0,92
Paixão			0,90	0,87	0,89	0,94	0,88
Dec./compr.			0,91	0,88	0,80	0,89	0,91
Amor			0,94	0,93			0,94

### 3.1.4 Love Attitudes Scale

#### 3.1.4.1 Análise Fatorial e precisão

Por fim, foi analisada a validade e a precisão da LAS. Trata-se de um instrumento mais complexo, uma vez que a teoria das cores do amor prevê a existência de seis estilos de amar. Embora não trazendo resultados excelentes, tanto o KMO (0,838) quanto o teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2 = 14116,7$   $gl = 861$ ,  $p < 0,001$ ) apontaram para a fatorabilidade da matriz de correlações. Desta maneira, a Figura 18 apresenta o gráfico *Scree plot* com os autovalores empíricos e aleatórios obtidos para a análise paralela, como forma de determinar o número de fatores da escala. A Tabela 22 mostra os autovalores obtidos na extração inicial, com o método de extração dos componentes principais.

Tabela 22 - Análise Paralela e total da variância explicada pelos componentes da LAS

Componente	Autovalores	Autovalores Aleatórios	% de Variância	% de variância acumulado
1	4,912	1,34	11,695	11,695
2	4,002	1,31	9,528	21,223
3	3,050	1,28	7,263	28,486
4	2,285	1,26	5,441	33,926
5	1,878	1,24	4,472	38,399
6	1,729	1,22	4,117	42,516
7	1,183	1,20	2,818	45,334
8	1,129	1,18	2,688	48,022
9	1,011	1,16	2,407	50,430
10	0,966	1,15	2,301	52,731
...				
42	,295		,703	100,000

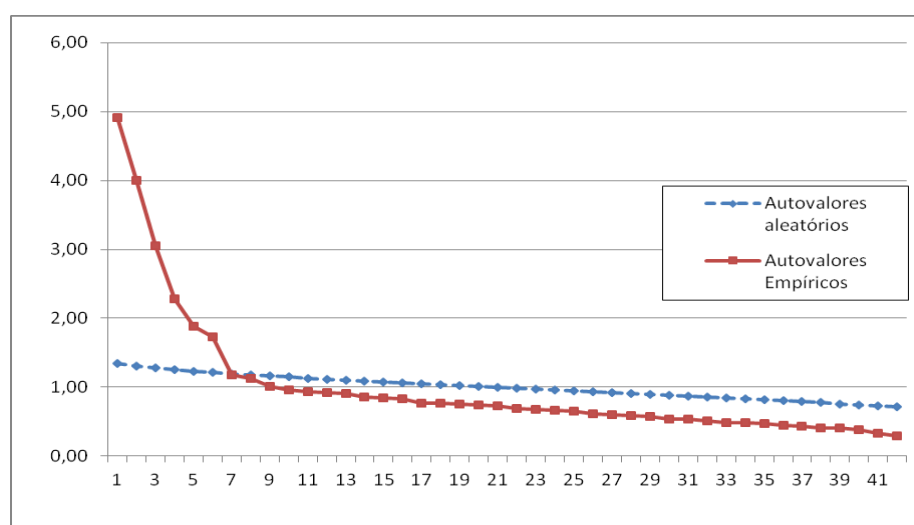


Figura 18. Scree Plot dos autovalores empíricos e aleatórios da LAS.

Tabela 23 - Critérios considerados na decisão do número de fatores a extrair da LAS

Critério	Número de fatores	Comentários
Kaiser	Pelo menos 9	O nono autovalor é pouco superior a um (Tabela 22).
Harman	6	O sétimo fator explica 2,8% da variância (Tabela 22).
Inspeção visual do <i>Scree plot</i>	6	A maior quebra está entre o sexto e sétimo fatores (Figura 18).
Análise Paralela	6	O sétimo autovalor aleatório é superior ao sétimo autovalor empírico (Figura 18).
Critério teórico	6	<i>Storge, Agape, Mania, Pragma, Ludus e Eros.</i>

Assim, os critérios teóricos e estatísticos apontaram para a solução com seis fatores, o que permitiu um bom embasamento para a tomada desta decisão (Tabela 23). Dessa maneira, foi realizada a análise com seis fatores com o método de extração *Alpha Factoring* e rotação *Promax*. O referido método de extração foi escolhido pelo fato de estudo anteriores já terem demonstrado que a escala possui problemas nos níveis de consistência interna (De Andrade & Garcia, 2009). A extração *Alpha Factoring* maximiza a confiabilidade dos fatores (SPSS, 2006), focando a atenção naquelas variáveis necessárias para elevar o coeficiente alfa, embora tragam como desvantagem a pouca familiaridade dos pesquisadores com este procedimento (Tabachnick & Fidel, 1989). Existem pequenas correlações (ver Tabela 25) entre os fatores, o que levou este estudo à optar pela rotação oblíqua *Promax* ( $kappa = 4$ ). As rotações oblíquas podem ser utilizadas com dados ortogonais, embora o contrário seja inadequado (Pasquali, 2008). A Tabela 24 apresenta a estrutura fatorial da LAS.

A partir da Tabela 24, pode-se observar que, de maneira geral, os itens se alocaram no fator previsto. O item *sAmple\_36* (“tento sempre ajudar o(a) meu(minha) namorado(a) em situações de dificuldade”), contudo, estava previsto para o fator *Agape* e carregou no fator *Eros*. Os itens *sampLe\_12* e *sampLe\_09* carregaram no fator previsto (*Ludus*), mas com carga fatorial insuficiente ( $<0,32$ ). As cargas fatoriais foram de razoáveis a boas. A Tabela 25 mostra as correlações entre os fatores. Existe uma relativa ortogonalidade entre os fatores. Contudo, as dimensões *Agape* e *Eros*, *Agape* e *Mania*, e *Storge* e *Pragma* apresentam correlações fracas, mas existentes. Assim, a rotação oblíqua utilizada mostra-se adequada, pois considera a pequena correlação entre esses fatores e respeita a ortogonalidade existente entre as demais correlações.

Tabela 24 - Estrutura fatorial pattern da LAS reduzida com extração pelo método Alpha Factoring e rotação Promax

Item*	Eros	Agape	Mania	Pragma	Storge	Ludus	$h^2$
sample_2	0,77						0,53
sample_3	0,71						0,45
sample_4	0,62						0,52
sample_6	0,52						0,39
sample_5	0,51						0,29
sample_1	0,50						0,28
sample_7	0,47						0,25
sAmple_36	0,37						0,27
sAmple_38		0,80					0,58
sAmple_39		0,72					0,53
sAmple_42		0,68					0,45
sAmple_37		0,59					0,44
sAmple_40		0,48					0,36
sAmple_41		0,43					0,35
saMple_33			0,64				0,42
saMple_34			0,59				0,32
saMple_32			0,57				0,42
saMple_31			0,55				0,31
saMple_35			0,49				0,34
saMple_30			0,42				0,23
saMple_29			0,42				0,18
samPle_25				0,67			0,41
samPle_26				0,67			0,43
samPle_27				0,62			0,36
samPle_22				0,50			0,34
samPle_23				0,47			0,32
samPle_24				0,44			0,23
samPle_28				0,43			0,27
Sample_18					0,77		0,58
Sample_19					0,65		0,42
Sample_21					0,60		0,39
Sample_20					0,39		0,23
Sample_16					0,39		0,21
Sample_17					0,36		0,22
Sample_15					0,33		0,17
sampLe_14						0,59	0,37
sampLe_8						0,56	0,34
sampLe_10						0,54	0,29
sampLe_11						0,41	0,20
sampLe_13						0,32	0,14
sampLe_12							0,13
sampLe_9							0,04
Autovalor	3,30	3,35	2,71	2,74	2,65	2,16	
% de Variância	7,87	7,97	6,46	6,51	6,31	5,14	
% de Variância acumulada	11,69	21,22	28,49	33,93	38,40	42,52	
Alfa	0,786	0,818	0,749	0,755	0,718	0,564	
Lambda 2 de Guttman	0,794	0,821	0,752	0,758	0,736	0,572	
Itens	8	6	7	7	7	5	42

Nota: \*A letra maiúscula no nome de cada item indica a inicial do fator para o qual era prevista a maior carga fatorial do item.

Omitidas cargas fatoriais inferiores a 0,30.

Variância explicada: 2 fatores = 13%, 3 fatores = 22%, 4 fatores = 27%, 5 fatores = 30%, 6 fatores = 33%.

Covariância Residual: 2 fatores = 39% 3 fatores = 30% 4 fatores = 21%; 5 fatores = 13%, 6 fatores = 6%.

Comunalidades ( $h^2$ ) estimadas antes da rotação.



Tabela 25 - Matriz de correlação entre os fatores da LAS com método de extração Alpha Factoring e rotação Promax

Fator	<i>Eros</i>	<i>Agape</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Storge</i>
<i>Agape</i>	0,300	-			
<i>Mania</i>	0,046	0,324	-		
<i>Pragma</i>	0,075	0,106	0,115	-	
<i>Storge</i>	0,025	0,192	0,015	0,373	-
<i>Ludus</i>	-0,275	-0,092	0,222	0,199	0,087

Essas correlações, no entanto, não sugerem uma circularidade do modelo, pelo menos da maneira como Lee (1973) hipotetizou. Para que o modelo apresentasse características de circularidade, cada tipo deveria ser correlacionado com as dimensões que estivessem ao lado no modelo e não correlacionadas com as demais. *Agape* e *Eros* são tipos de amor próximos e que, portanto deveriam estar correlacionados, o que ocorreu. *Storge* e *Pragma* também estão próximas no modelo desenvolvido por Lee e aparecem correlacionadas. *Agape* e *Mania*, contudo, possuem a dimensão *Eros* entre elas no disco das cores, e não tem sua correlação explicada pela teoria dos cores do amor. Os dados das correlações, contudo, não sugerem a ausência de circularidade, apenas que a posição de cada tipo no disco das cores pode ser revista.

Assim, a *LAS* possui uma boa validade fatorial, bem como fatores simples (os itens carregam em apenas um fator). Sua precisão, no entanto, não tem índices tão elevados. O valor de 0,56 para o alfa da escala *Ludus* torna o uso da mesma uso precário. Os demais fatores obtiveram alfas superiores a 0,70, mostrando que são relativamente precisos. Assim, a consistência interna da *LAS* pode ser tratada como aceitável, embora exista espaço para melhorar.

A *LAS* possui a propriedade interessante da independência entre seus fatores. Murthy, Rotzien e Vacha-Haase (1996) afirmam ter encontrado um fator de segunda ordem na *LAS*, contudo sua análise considerou 11 fatores de primeira ordem com autovalores maiores do que 1, critério tido como fraco para a extração dos fatores. É bastante clara a corroboração da teoria por meio da divisão entre seus seis fatores. Contudo, o fator *Ludus* possui um baixo nível de precisão, em virtude principalmente da perda de itens com carga fatorial insuficiente. Com relação ao instrumento original (Hendrick & Hendrick, 1986), chama a atenção que o item sAmple\_36 havia apresentado carga mais elevada no fator *Eros* que no *Agape*, o que os autores atribuíram ao fato do item não falar de auto-abnegação. De Andrade e Garcia (2009) excluíram esse item e dois previstos para o fator *Storge*, mas o

restante dos itens carregou nos mesmos fatores que o presente estudo, apesar das traduções diferentes dos testes e procedimentos *on line* de aplicação.

Tabela 26 - Comparação de percentual de variância explicada e alfas de Cronbach da LAS entre quatro diferentes estudos

Dado	Hendrick & Hendrick (1986)	Neto (1998)	De Andrade & Garcia (2009)	Presente estudo
<i>n</i>	567	177	509	1549
País	EUA	Portugal	Brasil ( <i>internet</i> )	Brasil (lápis e papel)
% de variância	43%	Não relatado*	42%	43%
$\alpha$ <i>Eros</i>	0,70, 7 itens	0,75, 7 itens	0,75, 7 itens	0,79, 8 itens
$\alpha$ <i>Agape</i>	0,83, 7 itens	0,78, 7 itens	0,81, 6 itens	0,82, 6 itens
$\alpha$ <i>Mania</i>	0,72, 7 itens	0,76, 7 itens	0,76, 7 itens	0,75, 7 itens
$\alpha$ <i>Pragma</i>	0,74, 7 itens	0,77, 7 itens	0,75, 7 itens	0,76, 7 itens
$\alpha$ <i>Storge</i>	0,69, 7 itens	0,75, 7 itens	0,74, 5 itens	0,72, 7 itens
$\alpha$ <i>Ludus</i>	0,74, 7 itens	0,60, 7 itens	0,55, 5 itens	0,56, 5 itens

\* Neto (1998) usou Análise Fatorial Confirmatória para validar seu instrumento.

A Tabela 26 apresenta os valores de alfa e de variância explicada de outros estudos. Foram escolhidos o trabalho de De Andrade e Garcia (2009), como comparativo de um estudo no Brasil; o de Neto (1998), como comparativo de um estudo com a mesma versão da escala utilizada; e o de Hendrick e Hendrick (1986), por ser o estudo original. Como pode ser observado, o percentual de variância explicado pelos três estudos que relataram esse dado é semelhante. Os valores de alfa são bastante semelhantes nos quatro estudos, exceto pelo *Ludus*, dimensão na qual a precisão das aplicações em língua portuguesa é menor. Dessa maneira, pode-se dizer que este estudo com a LAS manteve propriedades psicométricas que vinham sendo mostradas na literatura, inclusive a estrutura fatorial.

### 3.1.4.2 Escalonamento Multidimensional

A análise fatorial é um instrumento interessante para agrupar as variáveis explicadas por um mesmo construto latente dentro dos seus fatores. Todavia, a análise fatorial não testa a hipótese da circularidade de um modelo. E, a teoria das cores do amor prevê que o modelo seja circumplexo, ou seja, estilos de amor próximos no esquema do disco das cores devem ter uma relação mais próxima com estilos ao lado e mais distante com estilos no lado oposto no disco das cores. No entanto, não foi encontrado na literatura nenhum trabalho que analisasse a circularidade das cores do amor. Para verificar como os itens se comportam em um modelo que verificasse as distâncias, foi feita uma análise de

escalonamento multidimensional (*Multidimensional Scaling*), colocando os itens num mapa perceptual (Figura 19). Porém, deve-se observar que, enquanto a análise fatorial trabalha com correlações entre os itens, o escalonamento multidimensional trabalha com distâncias e proximidades entre eles.

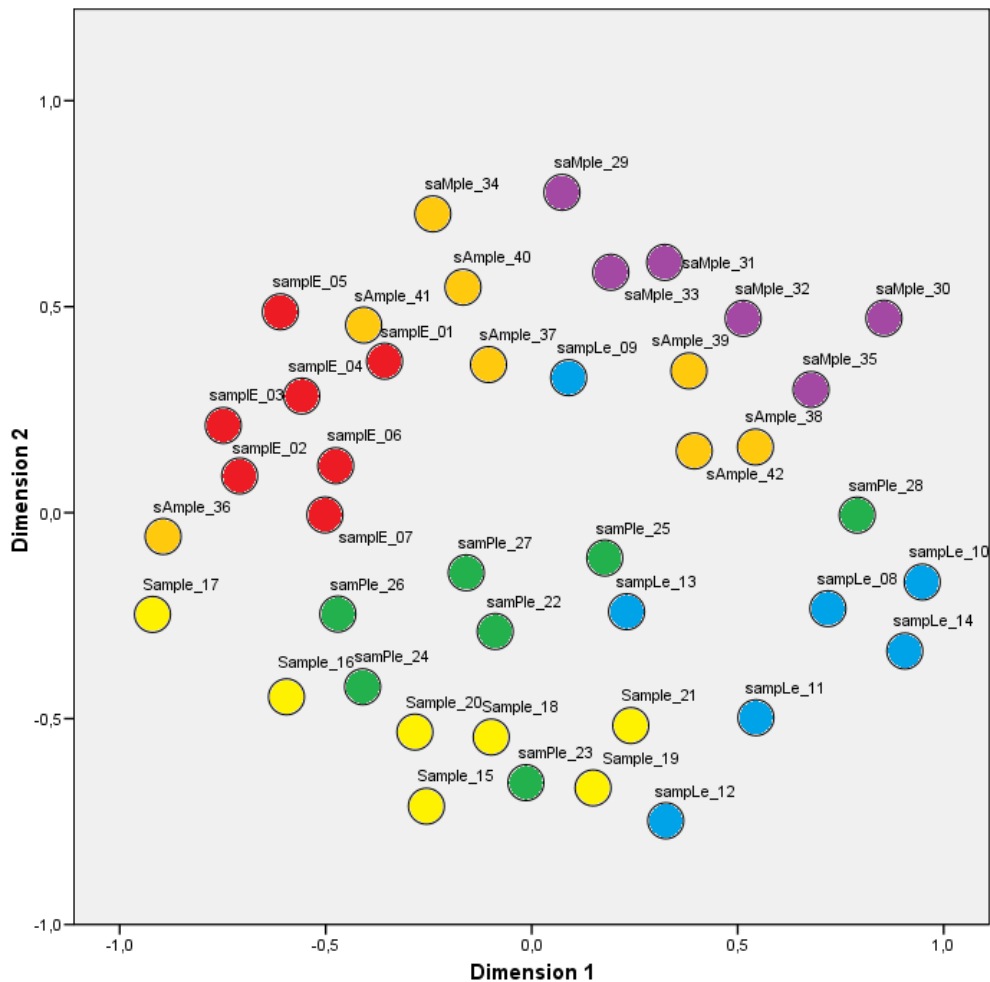


Figura 19. Mapa perceptual dos itens da LAS.

A análise de Escalonamento Multidimensional usada foi do tipo *PROXSCAL*. Foi solicitado um modelo bidimensional, com intervalos construídos a partir da distância euclidiana (raiz quadrada da soma das diferenças entre os valores dos itens ao quadrado). O modelo foi construído a partir de 72% dos casos ( $n = 1116$ ) devido à adoção do método *listwise* para casos omissos. Os coeficientes de saturação e ajuste obtidos foram os que seguem: *Normalized Raw Stress* = 0,095, *Stress-I* = 0,309 (*Optimal scaling factor* = 1,105), *Stress-II* = 0,754 (*Optimal scaling factor* = 1,105), *S-Stress* = 0,185 (*Optimal scaling factor* = 0,904), *Dispersion Accounted For (D.A.F.)* = 0,904 e *Tucker's Coefficient*

of Congruence = 0,951. Embora adequados, esses coeficientes, não necessariamente são bons indicadores, pois o modelo pode ter excelentes índices de ajuste e não possuir uma estrutura circular e vice-versa (Fabrigar, Visser & Browne, 1997).

A Figura 19 mostra que o modelo é circular e se aproxima de um disco das cores. O verde (*Pragma*), de maneira geral, está entre o amarelo (*Storge*) e o Azul (*Ludus*). A próxima cor no modelo é o roxo (*Mania*), também de acordo com o disco das cores. Porém, ocorre uma inversão, entre o laranja (*Agape*) e o vermelho (*Eros*) no mapa perceptual pois, de acordo com o disco das cores e o modelo das cores do amor, o vermelho (*Eros*) deve estar próximo do roxo (mistura entre vermelho e azul – *Mania*), e não o laranja (*Agape*). O laranja (*Agape*) é a mistura de vermelho (*Eros*) e amarelo (*Storge*), e deveria estar entre estas duas cores.

Para uma compreensão geral deste modelo, faz-se necessária a explicação do papel de alguns itens individualmente. Com relação à dimensão *Ludus*, apenas o item *sampLe\_09* ficou localizado em um local muito distante aos demais da sua dimensão. Este mesmo item havia sido aquele com carga mais baixa no seu fator, de acordo com a Tabela 24, sendo provável que ele tenha problemas na sua construção ou na adaptação para o português. O item *sampLe\_12*, que também havia demonstrado problemas na análise fatorial, agrupou-se com os demais da dimensão *Ludus*. De qualquer forma, este é um item que pertence ao fator *Ludus*, apesar da baixa carga fatorial. A dimensão *Pragma* também teve alguns itens espalhados no mapa perceptual, como o *sampLe\_28* (“antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária para o caso de virmos a ter filhos”). O fato de este item ter se aproximado do *Ludus* pode ser atribuído ao fato dele abordar um autocontrole de sentimento característico desta dimensão. A dimensão *Pragma*, contudo, encontra-se acima do *Storge*, o que leva à suposição de que o *Pragma* possa ser um *Storge* menos intenso.

O item *sAmple\_36* (“tento sempre ajudar o(a) meu(minha) namorado(a) em situações de dificuldade”) foi o único item previsto para a dimensão *Agape* (laranja) que se posicionou entre as dimensões *Eros* (vermelho – dimensão à qual o item pertence de acordo com a análise fatorial) e *Storge* (amarelo). Esse item aborda um aspecto diferente da dimensão *Agape*, pois é o único que trata da ajuda sem colocar o(a) parceiro(a) à frente de si próprio(a) (por exemplo, *sAmple\_38* – “Só posso ser feliz colocando a felicidade do(a) meu(minha) namorado(a) antes da minha”). Por esse motivo, surge a hipótese de que os itens do fator *Agape* tenham se encontrado num nível inferior ao *Mania* no mapa perceptual. Sacrificar as próprias vontades em prol do(a) parceiro(a) (*Agape*) seria o

primeiro passo para que a vida da pessoa girasse em torno deste(a) parceiro(a), ou um sofrimento por amor (*Mania*). Em outras palavras, pode-se inferir pela Figura 19 que o *Agape* seja um *Mania* mais fraco. Contudo, o fato do item sAmple\_36 estar no lugar previsto pela teoria leva a crer que a construção de itens que aborde um aspecto do altruísmo sem auto-sacrifício poderiam criar uma nova dimensão na teoria das cores do amor (Lee, 1973). A Figura 20 apresenta o esboço de uma nova proposta para a teoria das cores do amor, com base no mapa perceptual da Figura 19.

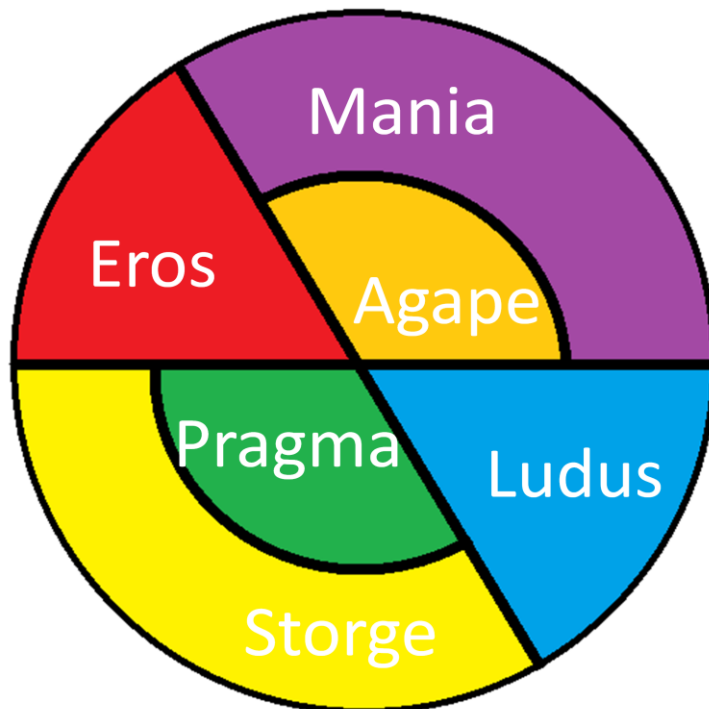


Figura 20. Esquema da teoria das cores do amor com base no Escalonamento Multidimensional.

Ao analisar a estrutura da Figura 20, percebe-se que o modelo com eixos mais adequado seria dividir as atitudes em relação ao amor em *Eros X Ludus* e *Mania-Agape X Pragma/Storge*. Estar-se-ia considerando o *Agape* como um nível menor de *Mania* e o *Pragma* como um nível menor de *Storge*. Apesar desse rearranjo da teoria ter feito sentido do ponto de vista empírico, deve-se ter em mente que facetas como ajudar o parceiro sem colocá-lo a frente de si próprio podem estar originando um novo fator, o que geraria um rearranjo de todo esse esquema teórico. Retomando o estudo de Neto (2002), não foram encontradas analogias entre os estilos de amar e as cores. Cabe salientar ainda que este estudo analisou a circularidade em apenas duas dimensões. Embora não apresente um

modelo final, o presente estudo problematiza a teoria, havendo uma necessidade de reformulação da mesma.

### 3.1.4.3 Análise Fatorial Confirmatória

Conforme a Figura 21, a *LAS* foi analisada sem considerar correlações entre os fatores, exceto aquelas que as análises exploratórias mostraram como superiores a 0,30. O modelo inicial encontrou um adequado ajuste no índice RMSEA (0,052), mas um ajuste fraco no CFI (0,80), NFI (0,78) e no TLI (0,76). A Tabela 27 também mostra que as cargas da *LAS* são mais baixas do que as dos demais instrumentos desse estudo mas, ainda assim, aceitáveis. As correlações entre *Agape-Eros* (0,315), *Agape-Mania* (0,369) e *Storge-Pragma* (0,403) permaneceram em níveis semelhantes aos apontados pela Análise Fatorial Exploratória.

Com relação aos pressupostos para a análise, a distância Mahalanobis apontou para 43 *outliers* multivariados, sendo essa a escala do estudo com menor número de casos extremos. Contudo, diferentemente da *RelAS* e da *ETAS*, não houve uma associação significativa do tipo de relacionamento com o fato de ser ou não *outlier* ( $\chi^2 = 5,83$ ;  $gl = 3$ ;  $p = n. s.$ ). Tampouco houve relação entre ser ou não *outlier* com o a região ( $\chi^2 = 1,64$ ;  $gl = 3$ ;  $p = n. s.$ ). Mas, houve uma tendência maior do sexo masculino em pertencer ao grupo dos *outliers* que, no entanto, não foi significativa ( $\chi^2 = 3,636$ ;  $gl = 1$ ;  $p = 0,057$ ). A exemplo das demais escalas utilizadas nesta tese, a *LAS* também encontrou problemas com a normalidade multivariada (curtose = 157,00; razão crítica = 45,24), o que pode ser relevado devido ao tamanho da amostra (Hair et al., 2005).

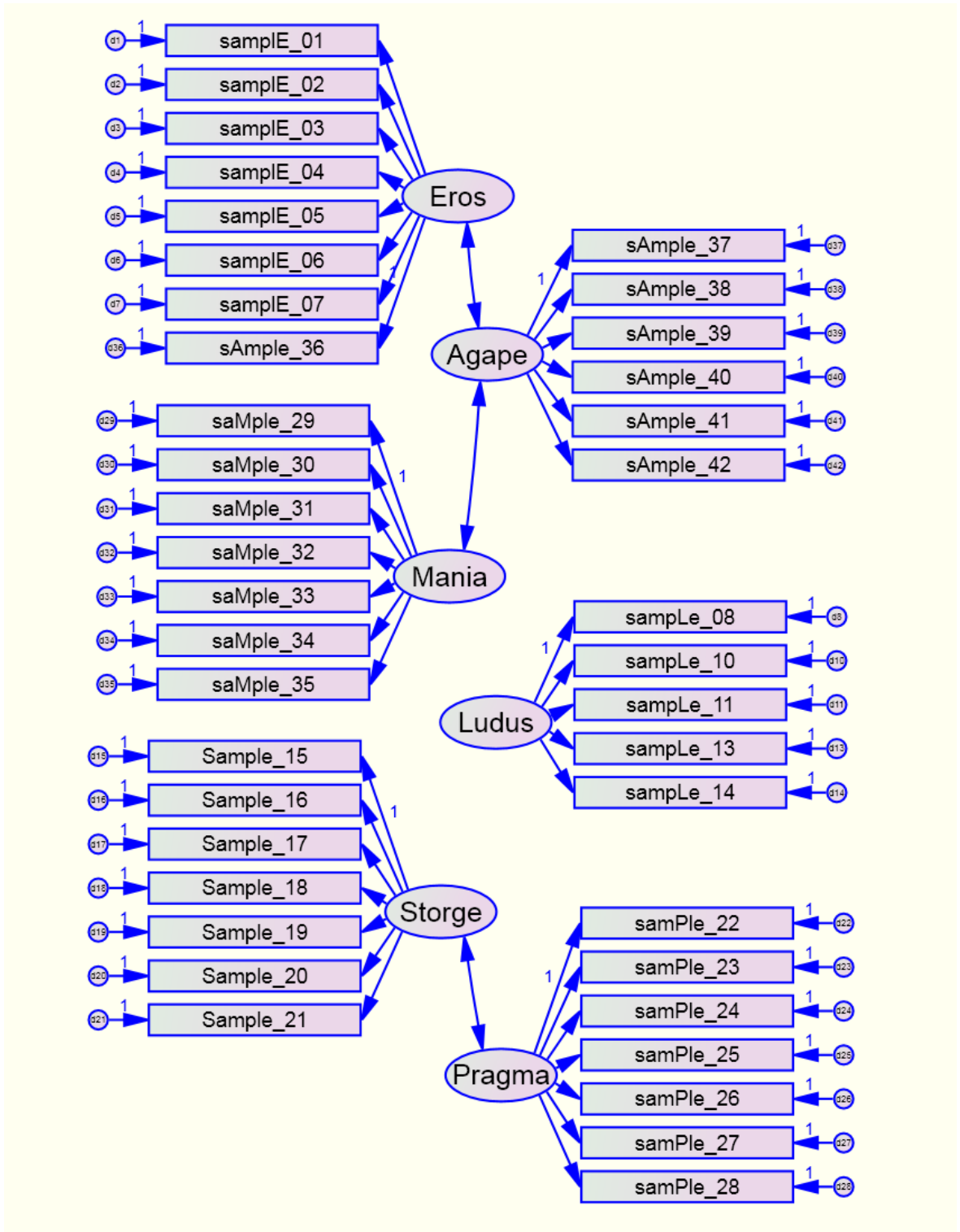


Figura 21. Modelo para a Análise Fatorial Confirmatória da LAS.

Tabela 27 - Cargas pattern dos itens nos fatores e índices ajuste do modelo da LAS

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Storge</i>	<i>Pragma</i>	<i>Mania</i>	<i>Agape</i>
LAS_01	0,396					
LAS_02	0,749					
LAS_03	0,691					
LAS_04	0,722					
LAS_05	0,474					
LAS_06	0,569					
LAS_07	0,494					
LAS_08		0,479				
LAS_10		0,564				
LAS_11		0,310				
LAS_13		0,269				
LAS_14		0,672				
LAS_15			0,300			
LAS_16			0,426			
LAS_17			0,265			
LAS_18			0,771			
LAS_19			0,677			
LAS_20			0,466			
LAS_21			0,679			
LAS_22				0,570		
LAS_23				0,535		
LAS_24				0,478		
LAS_25				0,613		
LAS_26				0,598		
LAS_27				0,595		
LAS_28				0,481		
LAS_29					0,389	
LAS_30					0,439	
LAS_31					0,554	
LAS_32					0,660	
LAS_33					0,643	
LAS_34					0,524	
LAS_35					0,582	
LAS_36	0,375					
LAS_37						0,648
LAS_38						0,741
LAS_39						0,760
LAS_40						0,579
LAS_41						0,524
LAS_42						0,662
$\chi^2$ (gl)		3483,50 (737)				
$\chi^2$ /gl		4,73				
CFI		0,80				
NFI		0,78				
TLI		0,76				
RMSEA (IC 90%)		0,049 (0,047 - 0,051)				

Nota: Índices de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado; gl= graus de liberdade; CFI = Comparative Fit Index; NFI = Normed Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation, IC = intervalo de confiança.



A partir do modelo inicial, foi testada a invariância da estrutura a partir dos grupos de sexo, Região e tipo de relação. Com relação à última variável, cabe mencionar que a LAS foi o único teste do estudo que não exigia a tarefa de basear-se em uma pessoa para responder às questões. Pelo fato de partir de um modelo com problemas nos índices de ajuste, os modelos apresentados também tem problemas com o CFI, o NFI e o TLI. O RMSEA, que mostrou-se adequado no modelo inicial, encontrou índices muito bons nos testes de invariância. A Tabela 28 mostra os resultados dessa análise.

Tabela 28 - Invariância da LAS

	NFI	TLI	CFI	RMSEA (IC 90%)	$\chi^2$ (gl)	Razão crítica	Nº de Parâmetros
<b>Sexo</b>							
Modelo 1	0,718	0,769	0,793	0,035 (0,034 - 0,036)	4297,83 (1474)		246
Modelo 2	0,715	0,773	0,791	0,035 (0,034 - 0,036)	4353,75 (1508)	1,64	212
Modelo 3	0,685	0,746	0,760	0,037 (0,036 - 0,038)	4813,87 (1548)	11,50	172
Modelo 4	0,676	0,745	0,753	0,037 (0,036 - 0,038)	4951,16 (1588)	3,43	132
<b>Região</b>							
Modelo 1	0,648	0,753	0,778	0,026 (0,025 - 0,027)	6029,05 (2948)		492
Modelo 2	0,641	0,759	0,776	0,026 (0,025 - 0,027)	6159,29 (3050)	1,28	390
Modelo 3	0,624	0,756	0,764	0,026 (0,025 - 0,027)	6441,02 (3170)	2,35	270
Modelo 4	0,616	0,763	0,762	0,025 (0,025 - 0,026)	6589,91 (3290)	1,24	150
<b>Tipo de relacionamento</b>							
Modelo 1	0,616	0,718	0,746	0,028 (0,027 - 0,028)	6232,91 (2948)		492
Modelo 2	0,605	0,721	0,741	0,027 (0,026 - 0,028)	6406,00 (3050)	1,71	390
Modelo 3	0,549	0,669	0,680	0,030 (0,029 - 0,031)	7312,58 (3170)	7,55	270
Modelo 4	0,519	0,652	0,651	0,031 (0,030 - 0,031)	7810,02 (3290)	4,15	150

Nota: Indicadores de ajuste do modelo -  $\chi^2$  = Qui-quadrado; gl= graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; NFI = *Normed Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*, IC = intervalo de confiança. Modelo 1 – Restrição do número de fatores; Modelo 2 – Restrição das cargas; Modelo 3– Restrição dos Interceptos; Modelo 4 – Restrição dos resíduos.

Com relação ao sexo, pode-se notar que a variação do modelo 1 para o modelo 2 é praticamente nula. Porém, o TLI, o CFI e o NFI perdem aproximadamente 0,03 pontos cada um, sugerindo que a restrição dos interceptos provoca variância nos sexos. O modelo 4 apresenta indicadores semelhantes ao modelo 3. Mesmo assim, a invariância por sexo da LAS é fraca. O tipo de relacionamento também foi a outra variável que apresentou invariância fraca. Ao restringir-se os interceptos, a escala perde aproximadamente 0,05 pontos nos índices de ajuste TLI, CFI e NFI, apresentando uma fraca invariância. Os dados por região, no entanto, mostraram uma invariância estrita. Apenas a razão crítica do modelo 2 para o modelo 3 é significativa e, ainda assim, baixa (2,35). O TLI, o CFI, o NFI e o RMSEA se mantém estáveis nos quatro modelos.

Assim, o modelo confirmatório da LAS tem invariância fraca para os sexos e tipos de relacionamento. Essas variáveis influenciam na estabilidade da estrutura da escala. As

variáveis que tiveram influência na questão do(a) participante ser *outlier* multivariado foram as que provocaram maior instabilidade do modelo. Contudo, uma replicação da análise com a exclusão dos *outliers* multivariados não resolve o problema de variância da escala por sexo e tipo de relacionamento. O modelo encontrado ainda tem a característica de não reproduzir o modelo circular previsto por Lee (1973), pois as correlações entre os fatores são diferentes das que o autor hipotetizou. As correlações encontradas entre os fatores na análise fatorial exploratória, confirmadas por modelagem por equações estruturais, dão algum suporte ao modelo apresentado na Figura 20.

#### 3.1.4.4 Teoria de Resposta ao Item

A escala também teve suas propriedades verificadas de acordo com a TRI. Por ter fatores pouco correlacionados, cada dimensão foi analisada separadamente. A Tabela 29 mostra que, diferente da ETAS, algumas dimensões, como o *Ludus* e o *Mania*, apresentam dificuldade positiva. Essas são dimensões nas quais a desejabilidade social funciona de maneira inversa, ou seja, as pessoas têm problemas em admitir que sofrem por amor de maneira quase patológica ou que são promíscuas. Da mesma maneira, é desejável afirmar romantismo, motivo pelo qual o *Eros* é a escala mais fácil, com dificuldade negativa. Por se tratar de uma medida de auto-relato, a *LAS* pode estar sendo influenciada pela desejabilidade social. Com relação ao caso específico do fator *Ludus*, os dois itens mais difíceis (sampLe\_10 e sampLe\_14) são justamente aqueles que tratam de mais de um(a) parceiro(a) nas suas afirmativas. Os fatores *Agape* e *Pragma* têm dificuldade mais próxima da neutra, e é difícil afirmar se é desejável ou não admitir ter características como centrar-se no(a) parceiro(a) ou escolher racionalmente. O fator *Agape*, contudo, tem igual número de itens com dificuldade negativa e positiva, enquanto o fator *Pragma* tem a média de dificuldade afetada por um item extremamente difícil (samPle\_28). Os fatores *Eros* e *Storge* talvez sejam os mais desejáveis, não sendo necessário um nível de  $\theta$  muito elevado para concordar com as afirmativas. Apesar disso, a dificuldade do fator *Storge* é afetada pelo item Sample\_17 (“espero ser sempre amigo de quem amo”), com o qual os(as) participantes tiveram muita facilidade em concordar.

Os fatores são bastante informativos. Com exceção do fator *Ludus*, com menor número de itens, os demais tiveram média de discriminação dos itens superiores a 1,3. Contudo, conforme pode ser observado na Figura 22, a subescala *Ludus* se mostrou capaz de fornecer informações sobre os(as) participantes com  $\theta$  superior a -1,7, ou seja, mais de

95% da população. A subescala *Agape*, com os melhores índices de discriminação e melhor distribuição das respostas em faixas de dificuldade, fornece informação para participante com  $\theta$  entre aproximadamente -1,9 e + 1,75 (cerca de 93% da população). As subescalas *Eros* e *Storge*, por possuírem itens fáceis, são úteis para avaliar o extrato com menor nível de  $\theta$  nessas características. *Pragma* (informação para participantes com  $\theta$  entre -2 a +1,4) e *Mania* (informação para participantes com  $\theta$  entre -1,6 a +1,9) também são escalas informativas. E, conforme se observa na Figura 23, as seis dimensões têm distribuição de seus níveis de  $\theta$  se aproximando de uma curva normal em torno da média.

Tabela 29 - Parâmetros de discriminação, dificuldade e correlação com o total dos itens da LAS

Item	<i>a</i>	<i>b</i>	Correlação Polisserial	Correlação Item/Total	Carga
<i>Eros</i>					
1	1,014	-0,425	0,57	0,53	0,504
2	1,882	-1,022	0,80	0,73	0,771
3	1,510	-1,081	0,75	0,68	0,714
4	1,716	-0,611	0,78	0,72	0,623
5	1,091	-0,825	0,66	0,61	0,510
6	1,657	-0,605	0,66	0,62	0,516
7	1,433	-0,716	0,62	0,58	0,470
36	1,257	-2,174	0,52	0,42	0,371
<i>Ludus</i>					
8	0,920	1,200	0,70	0,63	0,560
10	0,611	2,654	0,80	0,65	0,537
11	0,935	0,691	0,60	0,55	0,413
13	1,250	0,005	0,55	0,52	0,322
14	0,964	2,390	0,82	0,65	0,590
<i>Storge</i>					
15	1,082	-0,317	0,52	0,48	0,331
16	1,292	-0,858	0,59	0,55	0,393
17	0,889	-2,717	0,52	0,39	0,362
18	1,946	-0,297	0,79	0,74	0,765
19	1,187	0,006	0,77	0,71	0,654
20	1,232	-0,311	0,62	0,58	0,394
21	1,507	0,005	0,73	0,69	0,596
<i>Pragma</i>					
22	1,425	-0,241	0,68	0,64	0,500
23	1,171	-0,172	0,66	0,62	0,469
24	1,217	-0,517	0,62	0,58	0,437
25	1,430	0,136	0,72	0,68	0,671
26	1,373	-0,661	0,71	0,65	0,671
27	1,505	-0,288	0,70	0,66	0,615
28	1,148	1,409	0,65	0,57	0,427
<i>Mania</i>					
29	0,991	0,056	0,59	0,54	0,424
30	0,919	2,201	0,68	0,53	0,424
31	1,383	0,260	0,67	0,63	0,545
32	1,710	0,578	0,74	0,69	0,568
33	1,691	0,132	0,73	0,68	0,643
34	1,239	-0,430	0,67	0,62	0,594
35	1,425	0,792	0,70	0,64	0,485
<i>Agape</i>					
37	1,787	-0,205	0,75	0,71	0,590
38	1,978	0,658	0,82	0,76	0,796
39	2,221	0,480	0,82	0,77	0,721
40	1,472	-0,207	0,73	0,69	0,479
41	1,522	-0,594	0,69	0,65	0,433
42	1,742	0,483	0,79	0,74	0,683
<i>Médias</i>					
<i>Eros</i>	1,445	-0,932	0,670	0,611	0,560
<i>Ludus</i>	0,936	1,388	0,694	0,600	0,484
<i>Storge</i>	1,305	-0,641	0,649	0,591	0,499
<i>Pragma</i>	1,324	-0,048	0,677	0,629	0,541
<i>Mania</i>	1,337	0,513	0,683	0,619	0,526
<i>Agape</i>	1,787	0,103	0,767	0,720	0,617

Nota: parâmetro *a* = discriminação; parâmetro *b* = dificuldade.

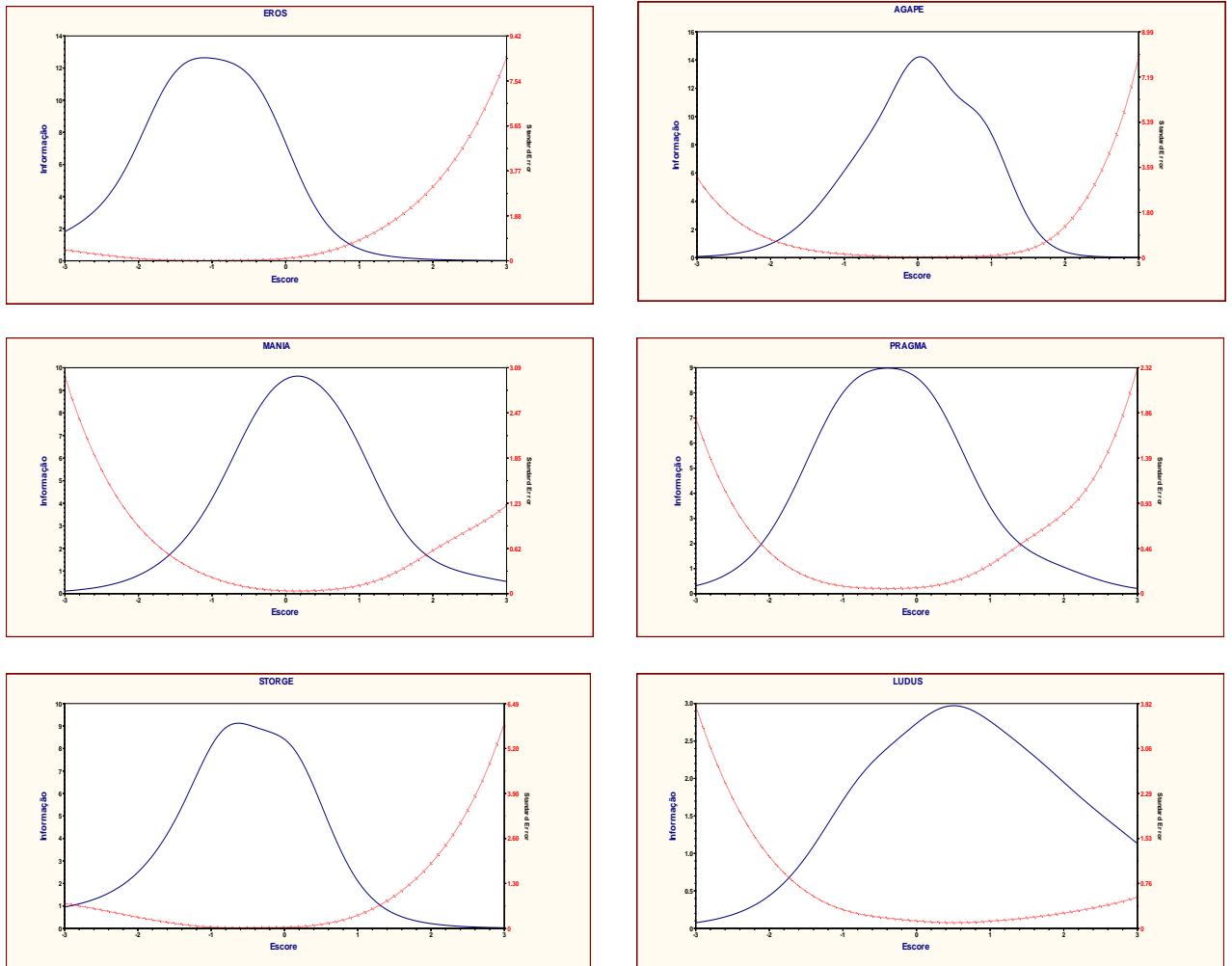


Figura 22. Curvas de informação das subescalas da LAS.

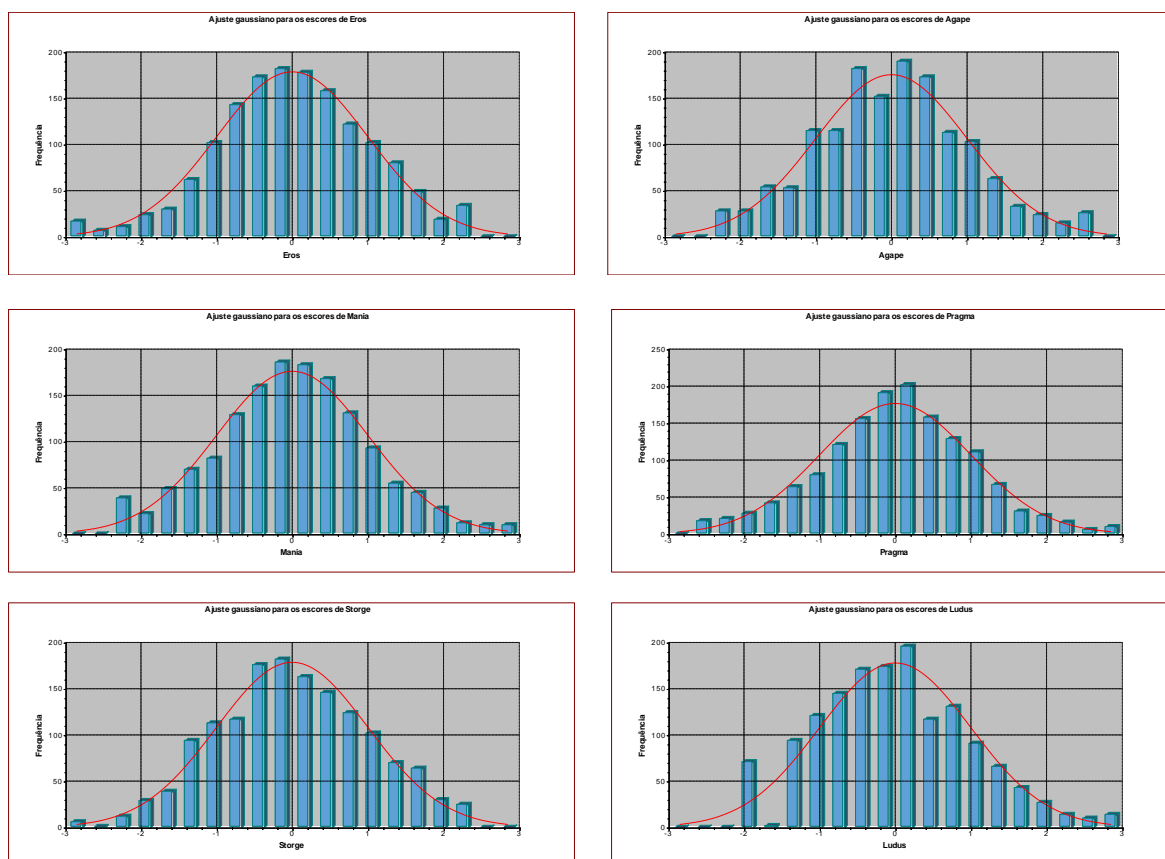


Figura 23. Distribuição dos escores da LAS em torno da média.

### 3.2 Relações entre instrumentos

#### 3.2.1 Normalidade dos escores

Foram criados escores para cada um dos fatores das três escalas e para as escalas gerais. Para isso, foi calculada a média nos itens que compunham cada fator para cada participante (score fatorial). A *RelAS*, unifatorial, teve apenas um score geral para a escala, calculado a partir da média dos itens, tendo-se invertido os itens 4 e 7. Para a *ETAS-R*, além dos escores para os três fatores, foi criado um score geral de amor. Foi escolhida a versão reduzida pelo fato de separar melhor os fatores. Apesar do score total de amor da *ETAS* completa ser um indicador mais preciso, optou-se por trabalhar com o score da versão reduzida devido à correlação quase perfeita entre ambos. A *LAS* não teve um score geral, pois seus seis fatores são pouco correlacionados.

O próximo passo foi a verificação da normalidade desses escores (Tabela 30). Todos os escores apresentam problemas de assimetria e a maioria de curtose, tendo como critério que tanto a assimetria quanto a curtose devem ser menores do que o dobro do erro padrão. O teste Kolmogorov-Smirnov é significativo para todos os casos, indicando que esses

escores são estatisticamente diferentes de uma distribuição normal.

Tabela 30 - Estatísticas descritivas e verificação da normalidade da RelAS, da ETAS-R e da LAS

	N	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Erro Padrão	Curtose	Erro Padrão	Kolmogorov-Smirnov Z
RelAS	1527	5,07	1,25	-0,657	0,063	-0,151	0,125	3,640***
ETAS-R_Intimidade	1526	6,87	1,87	-1,067	0,063	0,491	0,125	5,294***
ETAS-R_Paixão	1523	7,01	1,83	-1,168	0,063	0,808	0,125	5,423***
ETAS-R_Dec./Compr.	1526	6,10	2,23	-0,617	0,063	-0,673	0,125	4,002***
ETAS-R_Amor	1526	6,65	1,68	-0,781	0,063	-0,019	0,125	3,597***
LAS_Eros	1493	3,73	0,77	-1,074	0,063	0,522	0,125	5,373***
LAS_Agape	1467	2,91	0,95	-1,123	0,063	0,778	0,125	4,747***
LAS_Mania	1472	2,66	0,86	-0,751	0,063	-0,406	0,125	4,503***
LAS_Pragma	1476	3,08	0,85	-0,864	0,063	0,078	0,125	4,039***
LAS_Storge	1493	3,43	0,83	-0,667	0,063	0,374	0,127	3,034***
LAS_Ludus	1487	2,26	0,80	0,042	0,064	-0,655	0,128	1,946***

\*\*\*  $p < 0,001$ .

Decidiu-se por não se proceder a transformações nas variáveis para a correção do problema de normalidade. Uma solução seria a multiplicação dos escores por alguma constante de correção, cujo resultado se aproximaria da distribuição normal. Todavia, muitas vezes esta solução não melhora os resultados das análises, além de complicar a interpretabilidade da variável. A exclusão de casos extremos também foi descartada. Pelo fato dos dados serem assimétricos, com muitos participantes com escores altos, os *outliers* estariam na ponta da curva com escores baixos. Se já existem poucos participantes com escores baixos na amostra, não é interessante excluir os poucos que existem, pois os modelos devem explicar tanto escores altos quanto baixos dos(as) participantes.

A ausência de normalidade das escalas é algo que pode ser relevado. Como, de maneira geral, essa média está próxima do extremo, os testes acabam mostrando problemas na assimetria e na curtose. Mas, de acordo com o que foi mostrado pela TRI, os instrumentos são aproximadamente normais em torno da média. Hays (1963) demonstrou matematicamente que, se o número de observações é grande, a curva normal é uma aproximação adequada para os dados. Portanto, os problemas de assimetria e curtose pouco afetam as análises dos dados.

### 3.2.2 Correlação entre fatores

Para a análise da validade convergente e discriminante das escalas foi verificada a correlação entre os fatores dos três instrumentos aplicados. A Tabela 31 apresenta essas correlações. A *RelAS* possui elevada correlação com as dimensões da ETAS-R, que também são correlacionadas entre si. Também chama a atenção que as tipos *Eros* e *Agape* estão relacionados com a satisfação no relacionamento, enquanto *Ludus* e *Mania* se correlacionam negativamente, ou seja, estariam associadas com a insatisfação. A Paixão, todavia, foi a dimensão que encontrou valores de correlação mais baixo com as demais que compõem a ETAS-R. Os fatores da *LAS* são pouco correlacionados entre si. Porém, o fator *Eros* possui bons índices correlação com a ETAS-R e a *RelAS*. O fator *Agape* também apresentou estas correlações, embora mais fracas. As correlações do fator *Ludus* com e ETAS-R e a *RelAS* também foram fracas, porém negativas. As análises dos *Scatter plots* mostraram que o padrão das correlações é linear, exceto quando não há correlação.

Tabela 31 - Correlações de Pearson entre as *RelAS*, a *ETAS-R* e a *LAS*

	RelAS	ETAS-R_Intimidade	ETAS-R_Paixão	ETAS-R_Dec./compr.	ETAS-R_Amor	LAS_Eros	LAS_Agape	LAS_Mania	LAS_Pragma	LAS_Storage
ETAS-R_Intimidade	0,74**	-								
ETAS-R_Paixão	0,36**	0,45**	-							
ETAS-R_Dec./compr.	0,71**	0,73**	0,49**	-						
ETAS-R_Amor	0,73**	0,87**	0,73**	0,91**	-					
LAS_Eros	0,46**	0,48**	0,57**	0,50**	0,61**	-				
LAS_Agape	0,25**	0,25**	0,28**	0,39**	0,37**	0,32**	-			
LAS_Mania	-0,16**	-0,13**	0,12**	0,02	-0,00	0,06*	0,29**	-		
LAS_Pragma	-0,06*	-0,03	-0,06*	-0,03	-0,04	0,04	0,09**	0,11**	-	
LAS_Storage	-0,00	0,08**	-0,03	0,02	0,03	0,01	0,13**	0,07**	0,34**	-
LAS_Ludus	-0,23**	-0,19**	-0,21**	-0,24**	-0,25**	-0,10*	-0,08**	0,10**	0,20**	0,18**

\*  $p < 0,05$  (bi-caudal). \*\*  $p < 0,01$  (bi-caudal).

As correlações entre a *RelAS* e a *ETAS-R* ocorreram dentro do previsto. Era esperado que as três dimensões do amor se relacionassem com a satisfação no relacionamento. A *LAS* também teve suas dimensões correlacionadas com as demais escalas, embora em níveis menores. *Agape* e *Eros* foram as dimensões que mais se correlacionaram com o amor e a satisfação no relacionamento. O *Ludus*, que no escalonamento multidimensional estava em um lado oposto ao *Agape* e *Eros*, encontrou correlações negativas com a *ETAS-R* e a *RelAS*, outra evidência empírica do modelo descrito na Figura 20.

Diferentemente do que era esperado, a correlação entre o fator *Storage* e o fator



Intimidade foi bastante fraca ( $r = 0,08, p < 0,01$ ). Ambas as dimensões centram-se na amizade, por isso esse dado não condiz suficientemente com a teoria. A Intimidade, no entanto, foi a dimensão do amor com correlação mais forte com o *Storge*. Da mesma maneira, era presumida uma correlação entre a Decisão/compromisso e o *Pragma*, aspectos racionais do amor, que não foi encontrada ( $r = - 0,03, p = n. s.$ ). Por outro lado, a correlação entre o *Ágape* e a Decisão/compromisso ( $r = 0,39, p < 0,01$ ) encontra sentido teórico, pois ambas tratam de devoção ao(à) parceiro(a). O tipo *Eros* possui a peculiaridade de apresentar itens nos quais é evocado(a) um(a) parceiro(a), o que pode ter elevado sua correlação com as outras escalas, que solicitavam pela mesma tarefa. Não se descarta a hipótese de que o fato das dimensões estarem em diferentes níveis de análise (vide Figura 5) esteja diminuindo as correlações. As baixas correlações inviabilizaram o teste do modelo da figura 5 por meio de *path analysis*. Cabe salientar que as Intimidade, Paixão e Decisão/compromisso são bastante intercorrelacionadas, enquanto os tipos de amor apresentam baixas correlações entre si. Assim, mesmo que os fatores sejam conceitualmente semelhantes, é difícil corroborar todas as hipóteses de correlações entre a ETAS-R e a *RelAS*.

### 3.3 Comparação por grupos

#### 3.3.1 Sexo e tipo de relacionamento

De maneira geral, houve poucas diferenças entre os sexos nos escores das escalas aplicadas. A Tabela 32 mostra que as médias masculinas e femininas na *RelAS* e na ETAS-R foram inferiores a um décimo de ponto nas três subescalas da ETAS-R. Contudo, as médias masculinas foram significativamente mais elevadas nas dimensões *Ludus* ( $t_{(831,5)} = 7,301, p < 0,001$ ), *Agape* ( $t_{(1464)} = 9,434, p < 0,001$ ) e *Storge* ( $t_{(1490)} = 2,153, p < 0,05$ ). Para a compreensão da Tabela 32, deve-se observar que duas variáveis foram consideradas para a comparação dos escores das escalas aplicadas, o sexo e o tipo de relacionamento. Dessa maneira, nas linhas dentro do espaço referente a cada escala encontram-se as informações referentes a cada sexo no total e dentro dos tipos de relacionamento. Um ou mais asteriscos representam diferenças significativas na comparação entre sexos por meio de teste *t*, tanto no total dos sexos quanto dentro do tipo de relacionamento específico. A última coluna da Tabela 32 mostra o valor da ANOVA comparativa dos tipos de relacionamento dentro de cada sexo, tendo o resultado das escalas aplicadas como variáveis dependentes.

Tabela 32 - Comparação por sexo e tipo de relacionamento nos escores das escalas

Fator	Sexo	Total	Tipo de relacionamento – <i>M (DP)</i> – comparação entre sexos por teste <i>t</i>					Comparação entre os tipos de relaciona- mento ( <i>F</i> )
			Amigo(a)	Deseja e não possui o objeto	Relacio- namento não estável	Relacio- namento estável	Parente	
RelAS_Total	Masculino	5,11 (1,17)	4,58 (1,21)	4,39 (1,17)**	4,57 (0,91)*	5,62 (0,94)	5,76 (0,77)	37,464**
	Feminino	5,05 (1,29)	4,61 (1,48)	3,95 (1,25)	4,19 (1,16)	5,57 (0,93)	5,88 (0,99)	112,513**
ETAS-R_ Intimidade	Masculino	6,81 (1,83)	5,88 (1,98)	5,93 (2,09)*	6,14 (1,88)	7,52 (1,33)	7,28 (1,52)	24,081**
	Feminino	6,90 (1,90)	6,39 (1,99)	5,39 (2,08)	5,98 (2,05)	7,58 (1,35)	7,82 (1,11)	80,070**
ETAS-R_ Paixão	Masculino	7,01 (1,74)	6,17 (1,94)	6,99 (1,56)**	6,68 (1,72)	7,54 (1,37)	4,29 (2,08)	27,501**
	Feminino	7,02 (1,87)	5,53 (2,29)	6,38 (2,03)	7,15 (1,65)	7,57 (1,46)	4,93 (1,99)	50,947**
ETAS-R_ Dec./Compr.	Masculino	6,10 (2,13)	4,98 (2,04)	4,94 (2,12)**	4,62 (2,02)	7,04 (1,56)	7,71 (1,57)	45,402**
	Feminino	6,10 (2,28)	5,15 (2,30)	4,06 (2,10)	4,53 (2,00)	7,00 (1,69)	8,05 (1,11)	131,183**
ETAS-R_Amor	Masculino	6,62 (1,63)	5,65 (1,59)	5,90 (1,69)**	5,77 (1,69)	7,36 (1,25)	6,55 (1,15)	31,746**
	Feminino	6,66 (1,71)	5,69 (1,76)	5,24 (1,64)	5,82 (1,56)	7,37 (1,31)	7,12 (1,14)	101,707**
LAS_Eros	Masculino	3,70 (0,80)	3,24 (0,82)	3,46 (0,87)	3,40 (0,73)	4,02 (0,63)	3,11 (1,06)	23,313**
	Feminino	3,75 (0,76)	3,36 (0,88)	3,47 (0,80)	3,57 (0,69)	3,96 (0,63)	3,02 (1,03)	36,788**
LAS_Agape	Masculino	3,25 (0,94)**	2,95 (0,99)	3,11 (0,95)**	2,83 (0,96)**	3,50 (0,84)**	2,89 (0,92)	9,975**
	Feminino	2,76 (0,92)	2,67 (1,01)	2,53 (0,86)	2,39 (0,84)	2,90 (0,88)	2,76 (1,12)	11,322**
LAS_Mania	Masculino	2,62 (0,86)	2,69 (1,05)	2,76 (0,84)	2,52 (0,75)	2,55 (0,86)	2,68 (0,90)	1,305
	Feminino	2,67 (0,86)	2,54 (0,87)	2,78 (0,85)	2,71 (0,89)	2,67 (0,86)	2,34 (0,71)	2,585*
LAS_Pragma	Masculino	3,06 (0,88)	3,07 (0,86)	3,13 (0,84)	3,02 (0,73)	3,01 (0,91)	3,18 (1,03)	0,479
	Feminino	3,09 (0,84)	3,11 (0,93)	3,23 (0,84)	3,16 (0,88)	3,01 (0,81)	3,27 (0,84)	3,116*
LAS_Storage	Masculino	3,50 (0,85)*	3,62 (0,80)	3,52 (0,87)	3,55 (0,82)	3,46 (0,85)*	3,56 (0,95)	0,419
	Feminino	3,40 (0,82)	3,76 (0,86)	3,44 (0,81)	3,54 (0,73)	3,31 (0,8)	3,71 (0,86)	7,061**
LAS_Ludus	Masculino	2,49 (0,85)**	2,76 (0,80)**	2,49 (0,80)	3,00 (0,78)**	2,27 (0,84)**	2,67 (0,85)	11,438**
	Feminino	2,16 (0,75)	2,19 (0,79)	2,33 (0,73)	2,54 (0,90)	2,00 (0,64)	2,36 (0,91)	18,640**

\*Teste *t* de Student ou ANOVA significativa com  $p < 0,05$ \*\* Teste *t* de Student ou ANOVA significativa com  $p < 0,01$ .

Percebeu-se que existem diferenças no tipo de pessoa escolhida para responder aos questionários com relação aos níveis de amor e satisfação no relacionamento. A satisfação com o relacionamento, a Intimidade e a Decisão/compromisso são maiores no caso de um parente ou um relacionamento estável. A Paixão é maior quando se relaciona a uma relação estável e menor quando se trata de parentes. Chegou-se a essas conclusões observando-se não apenas as médias, mas as comparações por pares do teste *post hoc* Tukey (Anexo F).

A tipologia do amor, medidas pela LAS, conforme esperado, foi mais estável, dependendo menos do tipo de relacionamento em questão. Contudo, os níveis dos tipos *Eros* e *Agape* foram significativamente maiores para os(as) participantes que se encontravam em um relacionamento estável. Com o tipo *Ludus*, ocorreu o oposto. Esse estilo teve maiores escores para participantes envolvidos(as) em relacionamentos não estáveis e menor para aqueles(as) que estavam em relacionamentos estáveis. Ambos os dados sugerem validade concorrente.

Foi realizada uma ANOVA 2 X 5, observando-se os resultados da Tabela 32. A Tabela 33 e a Figura 24 mostram os resultados dessa análise. Conforme pode ser observado, há um efeito de interação entre o tipo de relação e o sexo que tem influência sobre a satisfação no relacionamento e sobre as três dimensões do amor medidas pela ETAS-R. Voltando à Tabela 32, pode-se notar que os níveis de satisfação no relacionamento e de amor de homens que desejam mas não possuem o seu objeto (amor platônico ou ex) são maiores do que os de mulheres na mesma condição. Embora não existam diferenças significativas, os níveis de amor das mulheres são maiores quando se trata de relação com parente (pai, mãe, filho(a), dentre outros). O Anexo G mostra as tabelas completas das ANOVAS Fatoriais.

Tabela 33 - ANOVA 2 X 5 das escalas utilizadas com o sexo e o tipo de relacionamento como fatores

	R <sup>2</sup>	F			
		Modelo	Tipo de Relação	Sexo	Interação Tipo de relação X Sexo
RelAS	0,294	67,23***	120,57***	3,05	2,53*
ETAS-R_Intimidade	0,223	46,23***	81,86***	0,40	2,89*
ETAS-R_Paixão	0,178	34,70***	64,65***	0,04	4,38**
ETAS-R_Dec./compr.	0,328	78,62***	143,22***	0,51	3,17*
ETAS-R_Amor	0,269	59,22***	105,36***	0,00	3,76**
LAS_Eros	0,147	27,05***	55,80***	0,27	1,02
LAS_Agape	0,112	19,55***	19,45***	30,15***	1,41
LAS_Mania	0,012	1,90*	2,03	0,22	1,49
LAS_Pragma	0,010	1,63	2,35	1,21	0,26
LAS_Storage	0,023	3,75***	4,34*	0,02	1,07
LAS_Ludus	0,115	20,40***	27,13***	33,55***	1,97

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$ .

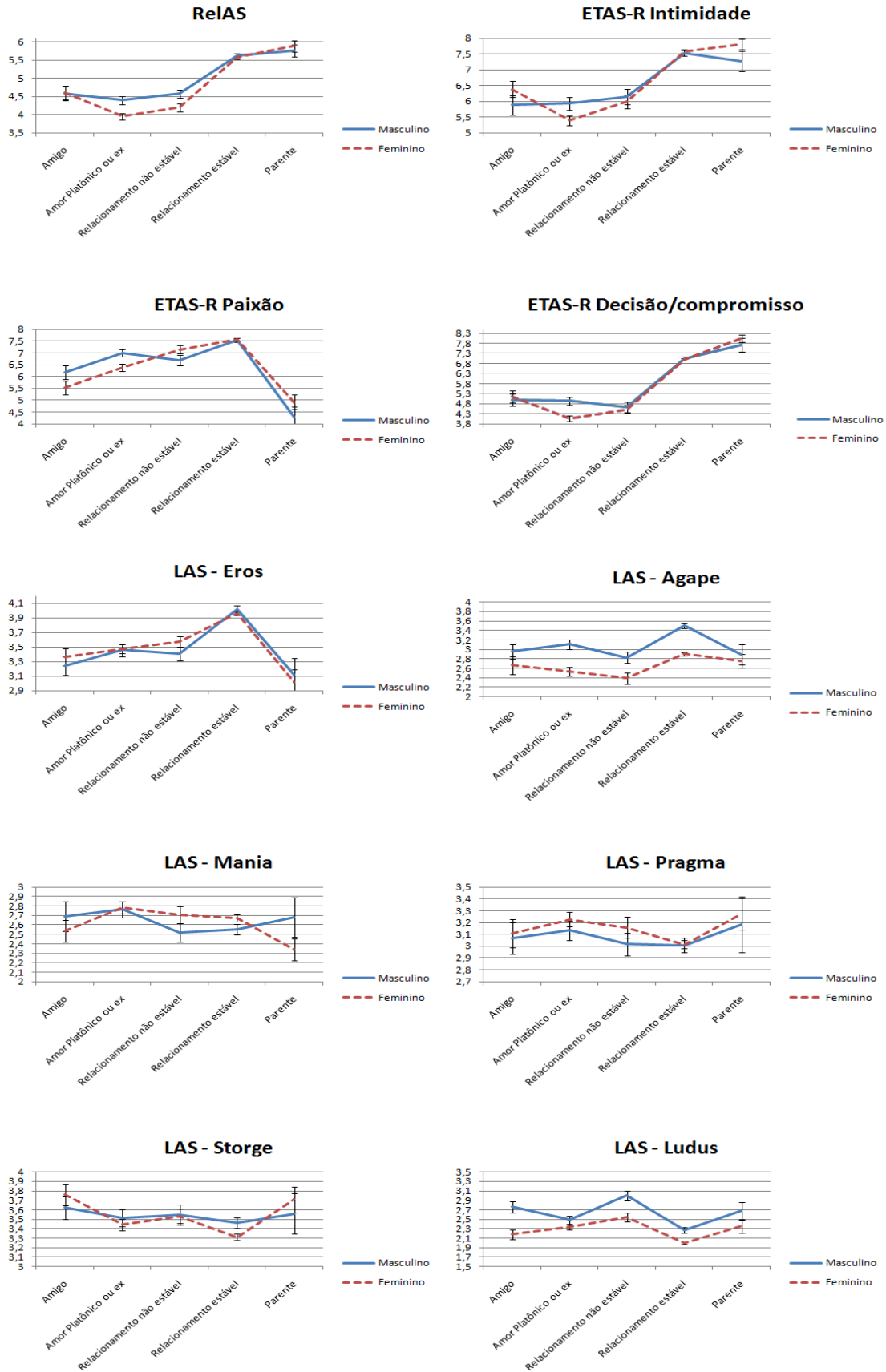


Figura 24. Resultados nos instrumentos aplicados por sexo e tipo de relacionamento (as barras representam o Erro Padrão da Média).

O fato de não haver diferenças entre sexos nos resultados da ETAS-R corrobora os achados de Cassepp-Borges e Teodoro (2009). Também de acordo com esse trabalho, a influência da variável sexo se deu por meio da interação com o tipo de relacionamento. Homens apresentaram níveis de amor maiores que os de mulheres quando respondem aos questionários baseados em um amor platônico ou um relacionamento passado. Esse dado pode ser interpretado como os homens apresentando menor necessidade de contato com o objeto amado para sentir amor. Uma vez que cabe ao homem realizar o comportamento de cortejar a mulher, o amor pode ser a força propulsora para isso. Por outro lado, mulheres tem a função de cuidar da prole, o que explicaria maiores níveis de amor por figuras familiares.

Um estudo indiano (Gupta & Singh, 1982) encontrou uma interação entre tipo e duração do casamento com relação aos níveis de amar e gostar (escala de Rubin, 1970). No início da relação, os níveis de amar e de gostar são maiores nos casamentos por amor. A longo prazo (pelo menos 5 anos de casamento), os(as) participantes em casamentos arranjados obtiveram maiores níveis nas escalas. Contudo, diferentemente do presente trabalho, o estudo da Índia não encontrou uma interação entre sexo e tipo de relacionamento, provavelmente por avaliar tipos de relacionamento diferentes desta tese.

Com relação à *LAS*, os resultados desse estudo corroboram a diferença entre sexos significativa encontrada na dimensão *Ludus*. Esse achado foi encontrado em todos os estudos consultados que fizeram a referida comparação (Davies, 2001, Ferrer Pérez et al., 2008; Hendrick & Hendrick, 1986; Neto, 1998). A diferença significativa no tipo *Agape* em favor dos homens foi encontrada em dois estudos com amostras ibéricas (Ferrer Pérez et al., 2008; Neto, 1998), mas os achados de Davies (2001) foram opostos, ou seja, o *Agape* foi significativamente maior em mulheres. Talvez as culturas de língua latina tenham algum componente que favoreça o *Agape* no sexo masculino. De qualquer forma, os dados encontram explicação na Psicologia Evolutiva (Buss & Schmitt, 1993). Os homens se enfocam em relações de curto prazo por não ter seu sucesso reprodutivo tão vinculado ao cuidado da prole quanto as mulheres, o que favoreceria uma atitude *Ludus*. As mulheres tem seu sucesso reprodutivo, dentre outras coisas, vinculado não ao número de homens que tem acesso, mas à quantidade de recursos que esses homens possam oferecer. Assim, as mulheres podem exigir que os homens centrem-se nelas, fazendo com que eles tenham atitudes *Agape*.

### 3.3.2 Orientação sexual

Houve poucas diferenças com relação à orientação sexual. A Tabela 34 mostra que apenas a dimensão *Pragma* teve diferença significativa, sendo a diferença entre hétero e homossexuais a única encontrada pelo *post hoc Tukey*. Os maiores índices de *Pragma* por parte de heterossexuais, contudo, devem ser observado com cautela, pois esta foi a única análise da Tabela 34 que teve o pressuposto da homogeneidade de variância quebrado (teste de Levene = 3,328,  $p < 0,05$ ). Outra limitação para esta ANOVA é que o número de participantes homo e bissexuais é reduzido, o que pode aumentar a chance de cometer erros do tipo II.

Tabela 34 - Escores na *RelAS*, *ETAS-R* e *LAS* por orientação sexual

Fator	Média (DP)			F
	Heterossexual	Bissexual	Homossexual	
<i>n</i>	1406	27	23	
RelAS_total	5,07 (1,25)	4,68 (1,40)	5,09 (1,25)	1,277
ETAS-R_Intimidade	6,87 (1,86)	6,76 (2,01)	6,70 (2,32)	0,133
ETAS-R_Paixão	6,99 (1,84)	7,26 (2,01)	7,51 (1,32)	1,137
ETAS-R_Dec./compr.	6,10 (2,22)	5,58 (2,26)	5,77 (2,39)	0,941
ETAS-R_Amor	6,64 (1,67)	6,49 (1,84)	6,62 (1,85)	0,108
LAS_Eros	3,73 (0,77)	3,63 (0,78)	3,76 (0,86)	0,218
LAS_Agape	2,90 (0,95)	2,97 (0,78)	2,93 (0,91)	0,084
LAS_Mania	2,64 (0,86)	2,78 (0,77)	2,93 (0,88)	1,587
LAS_Pragma	3,08 (0,84)	2,81 (0,83)	2,45 (1,11)	7,501***
LAS_Storge	3,42 (0,82)	3,35 (0,79)	3,16 (0,86)	1,225
LAS_Ludus	2,24 (0,79)	2,52 (0,82)	2,48 (0,85)	2,561

Nota: O número de heterossexuais respondentes tem variações, para cada escala, devido a participantes que responderam apenas parte dos instrumentos. A *RelAS* foi respondida por 1431 heterossexuais, e a subescala de *Mania* por 1377. O *n* para heterossexuais representa a média de respondentes. Os homo e bissexuais responderam a todas as escalas. \*\*\*  $p < 0,001$ .

As diferenças nos níveis de amor por orientação sexual já haviam sido estudadas por Cassepp-Borges & Teodoro (2009). Contudo, o estudo anterior havia juntado homo e bissexuais em um mesmo grupo, pelo fato de que o número de participantes era insuficiente ( $n = 9$ ). Esta tese teve uma amostra maior (27 pessoas que afirmaram ser bissexuais e 23 homossexuais) do que o trabalho de Cassepp-Borges e Teodoro, o que permitiu a realização de análises inferenciais. As diferenças apontadas nos níveis de amor pelo citado estudo não foram confirmadas. Apesar de algumas diferenças serem numericamente elevadas, os desvios padrões também são elevados dentro dos grupos, o que faz com que a análise de variância não tenha menor probabilidade de ser significativa. Os dados, contudo, mostram que também é possível sentir amor por alguém do mesmo

sexo e que o amor da população de homo e bissexuais também pode ser medido. A diferença significativa no *Pragma* pode encontrar explicação no fato de que esse tipo está associado a obter um(a) parceiro(a) com o objetivo de mostrá-lo(a) à sociedade. Não é esperado que as pessoas queiram apresentar à outras pessoas alguém do mesmo sexo para obter *status* social, o que pode estar se refletindo em médias maiores para *Pragma* em heterossexuais.

### 3.3.3 Morar ou não com o(a) parceiro(a)

Os(as) participantes também foram comparados(as) com relação ao fato de morar ou não com o(a) parceiro(a). A Tabela 35 mostra que, de maneira geral, as diferenças entre grupos são significativas. Porém, esta significância é influenciada pelo fato do grupo que não possui parceiro(a) apresentar níveis de satisfação no relacionamento e amor (nas três dimensões) menores, o que era previsto. Espera-se que o nível de amor seja maior quando se tem para quem direcionar este amor e a satisfação no relacionamento seja maior quando se tem um relacionamento. Por esse motivo, o teste ANOVA foi feito, excluindo os(as) participantes que não estavam envolvidos(as) em um relacionamento amoroso. Isso permitiu comparar se morar junto com o(a) parceiro(a) influencia os escores nas escalas aplicadas. Dessa maneira, a diferença significativa permaneceu para a satisfação no relacionamento e para a Decisão/compromisso. Em ambos os casos, os níveis foram maiores para aqueles que moravam com o(a) parceiro(a) em detrimento daqueles(as) que moram separados(as).

Tabela 35 - Escores na RelAS, ETAS-R e LAS pelo tempo que passa com o(a) parceiro(a)

Fator	Situação de moradia com o parceiro(a) - Média (DP)				F	F (excluindo quem não possui parceiro(a))
	Moram juntos	Moram parte do tempo juntos	Moram separados	Não possuem parceiro(a)		
RelAS_total	5,47 (1,06)	5,31 (0,94)	5,24 (1,16)	4,37 (1,30)	64,95***	4,44*
ETAS-R_Intimidade	7,28 (1,64)	7,33 (1,45)	7,14 (1,73)	5,97 (2,02)	46,28***	0,99
ETAS-R_Paixão	7,14 (1,66)	7,15 (1,84)	7,38 (1,59)	6,19 (2,08)	40,24***	2,64
ETAS-R_Dec./compr.	7,12 (1,72)	6,60 (1,76)	6,31 (2,08)	4,81 (2,28)	80,64***	17,90***
ETAS-R_Amor	7,18 (1,52)	7,02 (1,49)	6,92 (1,57)	5,64 (1,57)	75,65***	2,95
LAS_Eros	3,93 (0,69)	3,92 (0,72)	3,82 (0,72)	3,36 (0,80)	45,78***	2,95
LAS_Agape	3,11 (0,95)	3,20 (0,88)	2,93 (0,92)	2,66 (0,96)	15,80***	5,30**
LAS_Mania	2,58 (0,86)	2,91 (0,92)	2,66 (0,85)	2,66 (0,85)	2,59	3,86*
LAS_Pragma	3,09 (0,86)	2,97 (0,86)	3,03 (0,83)	3,16 (0,86)	2,20	0,70
LAS_Storage	3,37 (0,80)	3,32 (0,86)	3,38 (0,84)	3,57 (0,79)	5,50***	0,15
LAS_Ludus	2,18 (0,73)	2,21 (0,78)	2,22 (0,81)	2,41 (0,79)	6,03***	0,27
n	298	63	735	392		

Nota: Devido aos casos omissos em algumas medidas, existem pequenas oscilações no número de participantes de cada grupo (inferiores a 1%). O *n* representa uma aproximação média do número de participantes.

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$ .

De maneira oposta à satisfação no relacionamento e ao amor, seria esperado que houvesse pouca influência em ter ou não um parceiro(a), ou morar ou não com ele(a), nos níveis dos tipos do amor. A teoria (Lee, 1973) prevê que estes sejam traços associados à personalidade e, conseqüentemente, mais estáveis. Assim, a presença ou ausência de uma relação amorosa na vida da pessoa deveria ter pouca influência sobre os tipos de amor. Contudo, os níveis de *Storge* e *Ludus* dos(as) participantes sem parceiro(a) são maiores que do restante da amostra, enquanto os níveis de *Eros* e *Agape* são menores. A Tabela 35 ainda mostra que, dentre os(as) participantes envolvidos(as) em relacionamentos, aqueles(as) que moram parte do tempo juntos apresentam maiores níveis de *Mania* e *Agape*.

O estilo *Storge* descreve pessoas passivas que esperam o relacionamento acontecer, enquanto o *Ludus* trata de pessoas que procuram ter pouco envolvimento afetivo nas suas relações. Pessoas que endossam esses estilos podem ser favorecidas a não ter parceiros(as), ou o fato de não ter parceiro(a) pode fazer com que o(a) participante tenha maiores níveis nesses dois estilos de amar. O *Eros* e o *Agape* tratam respectivamente do romantismo e do cuidado com o(a) parceiro(a), fazendo sentido o fato de serem mais comum em pessoas que possuem parceiro(a). Os níveis superiores de *Mania* e *Agape* para participantes que moram parte do tempo juntos com seu(sua) amado(a) podem ser explicados por uma insegurança quando o(a) parceiro(a) sai de casa, típica do *Mania*. Isso deve aumentar o foco no(a) parceiro(a), característica do *Agape*. Estes resultados podem ser analisados em conjunto com o escalonamento multidimensional (Figura 19), pois *Agape* e *Mania* são estilos próximos, bem como *Storge* e *Ludus*, além de *Eros* e *Agape*. A situação de moradia parece ter algum efeito sobre o modelo das cores do amor.

Esta tese apoiou os dados de Cassepp-Borges e Teodoro (2009) com relação às diferenças significativas entre quem mora junto ou separado. Mas, em ambos estudos, as diferenças existiram porque o grupo que não possuía parceiro(a) apresentou menores níveis de amor, o que é esperado. A análise dos(as) participantes envolvidos(as) em relação mostra as diferenças entre morar junto ou separado. Assim, chama a atenção que as pessoas que moram com o(a) parceiro(a) tiveram maiores níveis de satisfação no relacionamento e Decisão/compromisso. Essas diferenças são compreensíveis, pois morar



juntos é uma decisão, que só é tomada quando se está satisfeito(a) com o relacionamento. Contudo, dados correlacionais como os apresentados nesta tese não permitem verificar se é a Decisão/compromisso e a satisfação no relacionamento que levam as pessoas a morar juntas ou se morar junto eleva os níveis de decisão/compromisso e satisfação no relacionamento.

### 3.3.4 Filhos(as)

Os(as) participantes também foram analisado(as) com relação a ter ou não ter filhos(as). A Tabela 36 mostra que, em geral, os(as) filhos não interferem no resultado das escalas aplicadas. Contudo, a dimensão da Decisão/compromisso é maior para os(as) participantes com filhos(as). O mesmo acontece com os tipos *Eros* e *Agape*, embora com um efeito menor sobre o segundo. Dentro dos sexos, chama a atenção o efeito que a variável ter filhos(as) exerce sobre as mulheres na dimensão *Mania*. Os escores femininos de *Mania* são praticamente idênticos aos masculinos para participantes sem filhos(as), contudo são significativamente maiores quando se compara mulheres e homens com filhos(as).

Tabela 36 - Média da RelAS, da ETAS-R e da LAS por sexo e por ter ou não filhos(as)

Fator	Não possuem filhos(as)			Possuem filhos(as)			t (tem ou não filhos(as))
	Homens	Mulheres	t (sexo)	Homens	Mulheres	t (sexo)	
RelAS	5,06 (1,15)	5,07 (1,28)	-0,058	5,30 (1,22)	4,99 (1,32)	1,936	0,251
ETAS-R_Intimidade	6,82 (1,77)	6,91 (1,87)	-0,829	6,80 (2,03)	6,84 (1,94)	-0,167	-0,441
ETAS-R_Paixão	7,02 (1,73)	7,06 (1,83)	-0,304	6,95 (1,80)	6,85 (2,01)	0,375	-1,356
ETAS-R_Dec./Compromisso	6,01 (2,10)	6,01 (2,27)	0,010	6,46 (2,19)	6,48 (2,25)	-0,100	3,233**
ETAS-R_Amor	6,60 (1,57)	6,65 (1,66)	-0,498	6,72 (1,83)	6,72 (1,86)	0,012	0,758
LAS_Eros	3,65 (0,81)	3,72 (0,75)	-1,613	3,91 (0,70)	3,83 (0,78)	0,830	3,145**
LAS_Agape	3,19 (0,94)	2,73 (0,89)	8,022***	3,43 (0,87)	2,83 (0,98)	5,005***	2,405*
LAS_Mania	2,66 (0,84)	2,65 (0,85)	0,188	2,43 (0,91)	2,73 (0,92)	-2,511*	-0,396
LAS_Pragma	3,04 (0,87)	3,06 (0,83)	-0,361	3,10 (0,93)	3,18 (0,82)	-0,723	1,798
LAS_Storage	3,48 (0,84)	3,39 (0,80)	1,693	3,56 (0,82)	3,43 (0,83)	1,216	0,986
LAS_Ludus	2,47 (0,85)	2,15 (0,74)	6,255***	2,55 (0,88)	2,15 (0,77)	3,773***	0,501
n	401	841		96	201		

Nota: O n representa o número total de participantes na condição, que pode ser um pouco menor devido aos casos omissos.

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$ .

As diferenças encontradas entre quem possui filhos(as) e quem não possui são condizentes com a Psicologia Evolucionista. Foram encontrados maiores níveis de Decisão/compromisso, *Eros* e *Agape* nas pessoas com filhos(as). O *Agape* refere-se a abrir

mão das próprias necessidades para ajudar o(a) outro(a), algo importante para o cuidado dos(as) filhos(as). O *Eros* se refere ao romantismo e está próximo ao *Agape*, e a diferença significativa deveu-se ao aumento dos escores no sexo masculino. É importante para os homens cortejar a sua mulher depois do nascimento da prole. Por fim, a Decisão/compromisso torna-se também uma dimensão importante nesse momento do nascimento dos filhos. Uma vez que a espécie humana possui uma gravidez longa, manter um parceiro comprometido na gravidez e depois dela significa uma grande vantagem evolutiva para a mulher (Buss, 1995). Deve-se observar, no entanto, que a Decisão/compromisso também é elevada entre participantes que moram junto com o(a) parceiro(a). Provavelmente, os(as) participantes que possuem filhos(as) moram juntos(as) com seu(sua) parceiro(a).

### 3.3.5 Percepção de beleza

A percepção da beleza da pessoa amada é mais um elemento a ser considerado na explicação dos escores das escalas aplicadas, conforme mostra a Tabela 37. Existem correlações pequenas, mas significativas, entre a beleza que os(as) participantes percebem no(a) parceiro(a) com os escores de satisfação no relacionamento, Intimidade, Paixão, Decisão/Compromisso, *Eros* e *Agape*. Outro aspecto relevante é o de que a beleza do parceiro encontra correlações mais fortes com os aspectos citados nas mulheres. Conforme esperado, a correlação mais forte é com a Paixão, que é a dimensão do amor que envolve aspectos da sexualidade. *Eros* é o estilo de amar que envolve sexualidade e o gosto pelo físico, também sendo o mais correlacionado com a percepção da beleza do(a) parceiro(a). Outro dado importante é que os níveis de percepção de beleza são maiores quando se trata do sexo feminino. Mulheres ( $M = 3,81, DP = 0,66$ ) percebem-se significativamente mais bonitas ( $t_{(887,09)} = 3,66, p < 0,001$ ) do que homens ( $M = 3,67, DP = 0,73$ ). Ao mesmo tempo, os objetos amados do sexo feminino ( $M = 4,36, DP = 0,65$ ) têm sua beleza significativamente melhor avaliada ( $t_{(1095,05)} = 9,995, p < 0,001$ ) que os objetos amados do sexo masculino ( $M = 4,00, DP = 0,69$ ).

Tabela 37 - Correlações de Pearson entre a RelAS, a ETAS-R e a LAS com a percepção da beleza da pessoa amada e a própria beleza por sexo

Fator	Percepção da beleza					
	Homens		Mulheres		Total	
	Própria	Pessoa Amada	Própria	Pessoa Amada	Própria	Pessoa Amada
RelAS	0,108*	0,145**	0,127***	0,293***	0,118***	0,248***
ETAS-R_Intimidade	0,073	0,119**	0,100**	0,271***	0,093***	0,215***
ETAS-R_Paixão	0,079	0,294***	0,106**	0,342***	0,097***	0,318***
ETAS-R_Dec./Compr.	0,032	0,147**	0,060	0,321***	0,051*	0,263***
ETAS-R_Amor	0,069	0,210***	0,100**	0,368***	0,091***	0,310***
LAS_Eros	0,163***	0,236***	0,131***	0,303***	0,145***	0,266***
LAS_Agape	-0,063	0,163***	-0,004	0,212***	-0,048	0,241***
LAS_Mania	-0,038	0,054	-0,068*	-0,020	-0,054*	-0,004
LAS_Pragma	0,124**	0,008	0,076*	-0,055	0,094***	-0,037
LAS_Storge	0,033	0,014	0,001	-0,022	0,006	0,004
LAS_Ludus	0,087	0,034	0,043	-0,176***	0,038	-0,053*
Beleza própria		0,241***		0,248***		0,213***

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$ .

Sobre a beleza dos(as) participantes, primeiramente cabe salientar que o que foi avaliado é a percepção da beleza própria e da pessoa amada, não a beleza em si. A avaliação da beleza ainda sofre o viés de que gostar de outra pessoa influencia as percepções de atratividade física e que o construto da beleza é formado culturalmente (Smith & Mackie, 1995). O método utilizado para avaliar a beleza, contudo, tem relativa validade, uma vez que Weeden e Sabini (2007) encontraram correlações de 0,40 para homens e 0,47 para mulheres entre a auto-percepção de beleza e a avaliação da foto por outras pessoas. A dimensão do amor e o tipo que mais se correlacionaram com a percepção de beleza da pessoa amada foram a Paixão e o *Eros*, respectivamente. Ambas as dimensões são as mais sexualizadas, sendo um indicador de validade concorrente das escalas.

A importância da beleza para as relações interpessoais já vem sendo demonstrada em experimentos antigos. Walster, Aronson, Abrahams e Rottmann (1966) juntaram calouros(as) de uma universidade em um baile de boas-vindas, sendo que eles(as) deveriam dançar cerca de duas horas com pares sorteados(as) aleatoriamente. Medidas de personalidade, auto-estima e de aptidão intelectual foram aplicadas nos(as) participantes, mas não foram bons preditores de compatibilidade do casal. A variável que mais associada à compatibilidade e à vontade de dançar novamente com a mesma pessoa foi a atratividade física de ambos, medida por meio de nota atribuída por estudantes do segundo ano da mesma universidade.

Embora estudos como o de Walster et al. (1966) mostrem os efeitos da beleza para a escolha de um(a) parceiro(a), esta tese trabalhou com relações já consolidadas. De

qualquer forma, existe um consenso na literatura de que existe uma concordância entre avaliadores na avaliação da beleza física das pessoas. Pessoas atrativas são julgadas mais positivamente e melhor tratadas do que pessoas não atrativas, mesmo se o julgador conhecer a pessoa. As pessoas atrativas ainda exibem mais traços e comportamentos positivos do que pessoas não atrativas (Langlois, Kalakanis, Rubenstein, Larson, Hallam & Smoot, 2000). Dessa maneira, existe suporte para o dado de que a beleza amplie a capacidade de dar e receber amor.

### 3.3.6 Religião

Os(as) participantes foram divididos(as) em oito grupos de religiões ou crenças, todos com mais de 50 participantes. Conforme pode ser observado na Tabela 38, o ateísmo/agnosticismo é a crença mais masculina e com menor concordância entre os casais. O espiritismo também é pouco frequente nos dois membros de um mesmo casal, e é a crença mais feminina na amostra estudada. Talvez por ser a religião mais popular na amostra ( $n = 804$ , 51,9%), o catolicismo possui elevada concordância entre parceiros(as). Contudo, chama a atenção o percentual de evangélicos(as) e protestantes que amam pessoas da mesma religião, tendo em vista que, do ponto de vista estritamente estatístico, é menos provável para pessoas de religiões menores encontrarem alguém da mesma religião na sociedade. Para todas as religiões, o percentual de participantes que compartilha a crença com a pessoa amada é maior do que o percentual de seguidores dessa religião na sociedade. Esse dado mostra o efeito da religião para a escolha do(a) parceiro(a) pois, caso ela não tivesse relevância, o percentual de pessoas que compartilham a religião do(a) amado(a) deveria ser semelhante ao percentual de seguidores da religião na sociedade.

Tabela 38 - Religiões dos(as) participantes por sexo e religião da pessoa amada

Religião	Sexo			Religião do casal			Total	%
	Masculino	Feminino	% Mulheres	Religiões diferentes	Mesma religião	% Mesma		
Católico	230	574	71,4	162	621	79,3	804	53,7
Espírita	17	73	81,1	59	28	32,2	90	6,0
Evangélico	57	121	68,0	59	114	65,9	178	11,9
Protestante	29	55	65,5	34	48	58,5	84	5,6
Ateu/Agnóstico	31	23	42,6	40	13	24,5	54	3,6
Não Sabe/Não tem	62	103	62,4	91	73	44,5	165	11,0
Espiritualista/Cristão/Acredita em Deus	27	42	60,9	39	28	41,8	69	4,6
Outras	25	28	52,8	29	24	45,3	53	3,5
Total	478	1019	68,1	513	949	64,9	1497	100

A religião exerceu pouca influência sobre as escalas avaliadas. A análise das diferenças entre os grupos nas escalas (ANOVA) encontrou diferença significativa apenas para as dimensões *Agape* ( $F_{(7,1418)} = 3,646, p < 0,001$ ) e *Pragma* ( $F_{(7,1427)} = 15,156, p < 0,001$ ). No caso do *Agape*, o teste *post hoc Tukey* apontou diferença significativa entre evangélicos(as) ( $M = 3,19, DP = 1,01$ ) comparados(as) a católicos(as) ( $M = 2,88, DP = 0,94$ ), espíritas ( $M = 2,65, DP = 0,88$ ) e participantes que não possuem ou não sabem a própria religião ( $M = 2,84, DP = 0,94$ ). Não se acredita que a crença evangélica tenha uma maior ênfase no cuidado ao próximo, mas que as pessoas evangélicas sejam mais praticantes da religião, ampliando seus níveis de *Agape*. Com relação ao *Pragma*, apesar da quebra do pressuposto da homogeneidade das variâncias (Levene =  $3,85_{(7,1427)}, p < 0,001$ ), houve um maior nível da dimensão entre os(as) participantes evangélicos(as) ( $M = 3,40, DP = 0,79$ ), seguidos(as) por outras religiões (católicos(as),  $M = 3,15, DP = 0,80$ ; protestantes,  $M = 3,12, DP = 0,82$ ; e outras,  $M = 3,24, DP = 0,90$ ) em detrimento dos ateus(ateias)/agnósticos(as) ( $M = 2,66, DP = 0,65$ ), que não sabem/não têm ( $M = 2,66, DP = 0,94$ ) e espíritas ( $M = 2,77, DP = 0,89$ ). As diferenças significativas nas três escalas, contudo, limitam-se a esses dois tipos.

Embora nenhuma religião específica tenha tendência de influenciar a satisfação no relacionamento e os níveis de amor, o fato de compartilhar a religião com o(a) parceiro(a) parece favorecer o amor e a satisfação com o relacionamento. A Tabela 39 mostra que principalmente a satisfação no relacionamento, a Intimidade e a Decisão/compromisso são maiores para participantes que compartilham a religião da pessoa amada. A Paixão também é significativamente maior. Com relação à tipologia do amor, os(as) participantes que compartilham a religião de quem amam apresentaram maiores escores em *Eros*, *Agape* e *Pragma*, e menores em *Mania*. Chama a atenção o fato de que, aparentemente, esse efeito existe em ambos os sexos, pois as diferenças significativas entre homens e mulheres que existem nos casais com religião diferente também ocorrem nos casais com a mesma religião (a exceção foi a dimensão *Storge*, mas o valor de  $p$  foi semelhante nos dois casos). Provavelmente pelo fato de aumentar os níveis de amor e satisfação no relacionamento, as pessoas procuram relacionamentos com parceiros(as) da mesma religião.

Tabela 39 - Média da RelAS, da ETAS-R e da LAS por sexo e por compartilhar ou não a religião do(a) parceiro(a)

Fator	Mesma religião			Religiões diferentes			t (Religião igual ou diferente)
	Homens	Mulheres	t (sexo)	Homens	Mulheres	t (sexo)	
RelAS	5,23 (1,11)	5,18 (1,24)	0,565	4,98 (1,18)	4,83 (1,32)	1,292	4,562***
ETAS-R_Intimidade	7,02 (1,72)	7,10 (1,75)	-0,675	6,57 (1,82)	6,52 (2,04)	0,282	5,181***
ETAS-R_Paixão	7,05 (1,71)	7,11 (1,83)	-0,507	6,98 (1,76)	6,84 (1,96)	0,838	2,033*
ETAS-R_Dec./Compromisso	6,26 (2,10)	6,38 (2,20)	-0,748	5,97 (2,07)	5,65 (2,30)	1,556	4,820***
ETAS-R_Amor	6,76 (1,56)	6,85 (1,63)	-0,795	6,48 (1,62)	6,31 (1,77)	1,066	4,890***
LAS_Eros	3,73 (0,80)	3,79 (0,75)	-1,101	3,67 (0,78)	3,67 (0,76)	0,041	2,459*
LAS_Agape	3,28 (0,95)	2,84 (0,88)	6,826***	3,18 (0,91)	2,63 (0,95)	6,089***	2,949**
LAS_Mania	2,54 (0,87)	2,64 (0,82)	-1,667	2,72 (0,83)	2,72 (0,93)	-0,024	-2,096*
LAS_Pragma	3,19 (0,90)	3,12 (0,83)	1,069	2,84 (0,83)	2,98 (0,83)	-1,809	4,459***
LAS_Storge	3,52 (0,79)	3,40 (0,80)	2,027*	3,44 (0,92)	3,36 (0,82)	0,967	1,121
LAS_Ludus	2,51 (0,86)	2,12 (0,74)	6,587***	2,41 (0,82)	2,18 (0,73)	3,088**	-0,321
n	292	657		175	338		

Nota: O n representa o número total de participantes na condição, que pode ser um pouco menor devido aos casos omissos.

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$ .

Assim, é forte o papel da religião no amor, principalmente o fato do casal compartilhar uma crença em comum. Sternberg e Whitney (1991) citam o exemplo de um casal que tinha diferenças, mas que sabia lidar com elas. Durante o namoro, foi fácil, mas as diferenças se transformaram em discussões na hora de educar os filhos. Por mais que um casal de namorados saiba lidar com as diferenças de religiões e crenças, talvez exista um problema em relação a qual igreja frequentar em família. Conforme salientado por Almeida e Montero (2001), as trocas de religião no Brasil são um fenômeno crescente, e devem ser atribuídos ao nível individual, não apenas analisando a lógica mercadológica sobre qual igreja consegue atrair mais fieis. Apesar disso, este estudo sugere que níveis de amor e satisfação no relacionamento são maiores para participantes que compartilham a religião com a pessoa que amam, principalmente no que se refere à Intimidade e à Decisão/compromisso. A literatura nacional já indicava a influência de ser praticante de uma religião na satisfação no relacionamento (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

As comparações entre grupos são um suporte à validade de critério das escalas. Os instrumentos demonstraram validade concorrente, ou seja, seus resultados estão associados a um critério medido no mesmo tempo da coleta de dados. Foi evidenciado que os escores dos testes são capazes de discriminar a qual grupo o(a) participante pertence. Por exemplo, se teoricamente a Paixão é uma dimensão sexualizada (Sternberg, 1986), espera-se que ela seja que mais tem correlações com a beleza do(a) parceiro(a) para evidenciar-se a validade de critério concorrente, o que de fato aconteceu. O mesmo pode ser dito com relação à

associação entre o tipo *Agape* (descrito como amor cristão, Lee, 1973) e a religião. Essas associações sugerem que de fato as escalas estão medindo aquilo que se propõe medir.

### *3.4 Curso temporal do amor*

As análises também foram realizadas seguindo uma perspectiva temporal. Trata-se de uma análise transversal do amor. Contudo, a variável tempo de relacionamento não se mostrou a mais adequada para a análise do curso temporal do amor. O tipo de relacionamento é a variável que permite analisar essa evolução, pois mais importante que o tempo no qual as pessoas estão juntas é como as pessoas vivenciam a relação. Os relacionamentos foram ordenados de acordo com uma sequência aparentemente lógica para o relacionamento evoluir. Pode-se imaginar alguém que tenha um amigo(a), no qual surge um desejo (amor platônico). A partir daí, começam os relacionamentos eventuais, que vão aumentando a frequência até não se saber se iniciou um namoro. Então, a relação se oficializa em namoro, evoluindo para noivado e, posteriormente, casamento. Em qualquer uma dessas etapas a relação pode terminar, e o objeto amado se tornar ex. Essa linearidade com que os relacionamentos advêm pode ser contestada, pois esse estudo não responde à questão sobre em qual ordem os tipos de relacionamento acontecem. Contudo, trata-se de uma ordenação que faz sentido quando se observa a maioria dos casais e já utilizada anteriormente (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009).

A Figura 25 apresenta a evolução das três dimensões do amor. Como pode ser observado, a partir da fase do relacionamento eventual, existe um crescimento que atinge seu pico na relação de noivado. Após o casamento, a curva mostra um pequeno decréscimo que, como esperado, é maior quando ocorre a separação do casal. A Decisão/compromisso é a dimensão com níveis mais baixos, apresentando valores equivalentes às demais apenas na relação de casamento. Contudo, deve-se observar esse dado com cuidado, pois essa subescala da ETAS-R se mostrou a menos facilmente aceita de acordo com o parâmetro de dificuldade da TRI (vide Tabela 20). A Paixão é a dimensão mais estável, sendo a mais elevada nas fases iniciais e no término do relacionamento.

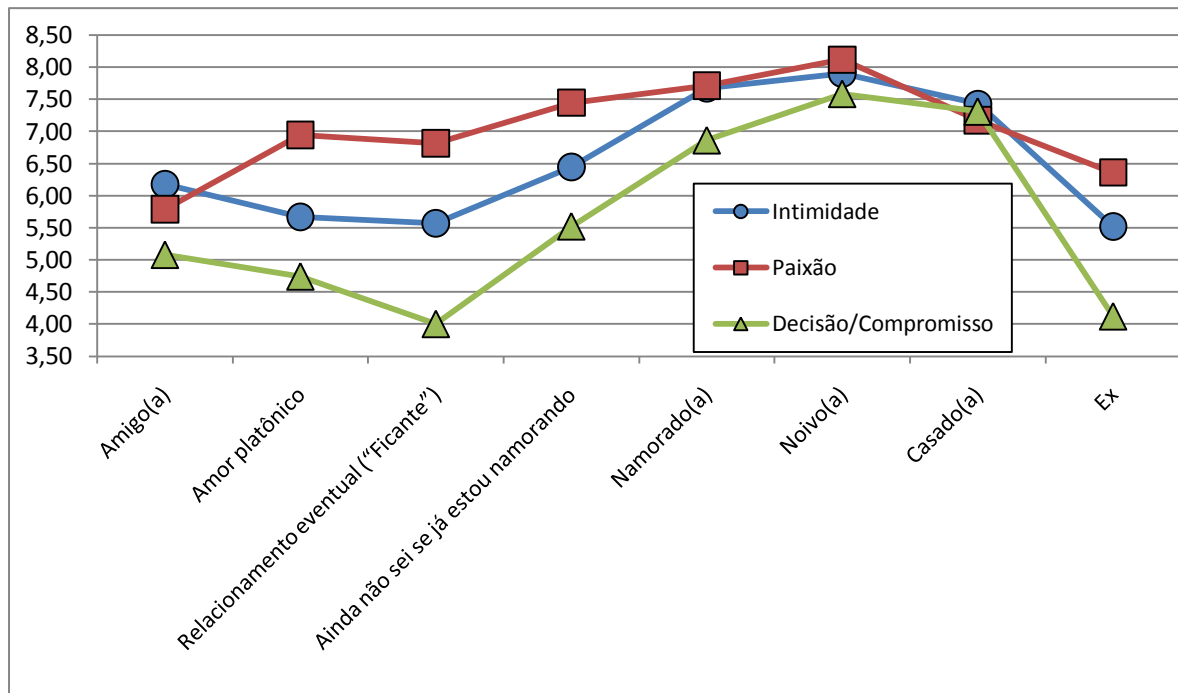


Figura 25. Curso temporal (transversal) das dimensões do amor.

Os dados transversais mostram que de fato a Paixão é uma dimensão importante no início da relação. A sexualidade é importante para a atração interpessoal. Contudo, esses dados não corroboram a expectativa de que a chama da Paixão se apaga ao longo do tempo. A evolução da Intimidade é perfeitamente explicável, pois é esperado um aumento dessa dimensão conforme o casal se conhece. Por esse motivo, e curioso o achado de que noivos(as) apresentem níveis maiores de Intimidade do que casados(as). Esse dado pode ter explicação nos esquemas de relacionamento, com o qual as pessoas podem automatizar o comportamentos de relacionar-se com a outra pessoa (Baldwin, 1992), diminuindo assim a vivência da Intimidade. A Decisão/compromisso é a dimensão com maior diferença da fase do “ficar” para o noivado e o casamento. Cada mudança no tipo de relacionamento é uma decisão conjunta de um casal, portanto essa dimensão deve acompanhar essa evolução. Baumeister e Bratslavisky (1999) sugerem que a Paixão é uma função da Intimidade ao longo do tempo. Segundo os autores, a percepção de que a Intimidade está aumentando. Porém, a percepção de estabilidade dos níveis de Intimidade diminuiriam drasticamente os níveis de Paixão.

A evolução temporal do amor encontrou uma figura em “U” invertido, semelhante à de Cassepp-Borges e Teodoro (2009). Cabe salientar que, anteriormente a esses estudos, Yela (1998) também traçou a evolução temporal do amor, porém utilizando seu modelo



tetragonal. Diferentemente desta tese, foram encontradas curvas ascendentes para a Intimidade e a Decisão/compromisso. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de Yela não ter apresentado dados sobre relacionamentos terminados. Contudo, os dados de Yela corroboram as especulações de Sternberg (1986) de que haveria uma queda na Paixão ao longo do tempo. O presente estudo não compartilha esse resultado, talvez pelo fato da maioria da amostra se encontrar nas fases mais iniciais da relação. Os dados apresentados na Figura 25 são semelhantes aos encontrados por Lemieux e Hale (2002), que analisaram quatro tipos de relacionamento (namoro casual, namoro exclusivo, noivado e casamento). Os dados dos autores mostraram que os níveis de amor nas três dimensões crescem durante as fases da relação, mas com uma pequena diminuição da Intimidade e da Paixão do noivado para o casamento (retornado aos níveis de sentimento do namoro).

Modelos transversais, todavia, trazem o viés de que casais insatisfeitos têm maior tendência de terminar o relacionamento, não fazendo parte da amostra no grupo posterior. O grupo de participantes que noivos(as), por exemplo, é composto somente por participantes que tiveram uma fase de namoro bem sucedida, mas alguns participantes que estão namorando evoluirão para o noivado e outros não. Assim, estudos transversais não fornecem informações diretas sobre a evolução temporal dos relacionamentos, embora sejam sugestivos (Berscheid & Regan, 2005). Isso pode explicar em parte o crescimento das dimensões do amor ao longo do tempo. O estudo longitudinal de Sprecher (1999), por exemplo, sugere escores semelhantes de amor ao longo dos anos para os casais que permaneceram no relacionamento.

São necessários modelos que expliquem o amor de maneira temporal (Berscheid, 2010) e, embora esses dados não sejam suficientes para isso, pode ser um primeiro passo. Esse dado reforça a importância da análise dos tipos de relacionamento ao invés do tempo de relacionamento para avaliar a perspectiva temporal. Acredita-se que esse crescimento nos níveis de amor possa ser encontrado mesmo em estudos longitudinais, se a variável utilizada para avaliar a evolução for o tipo de relacionamento.

### *3.5 Validade preditiva*

A validade preditiva das escalas foi analisada a partir das mensagens de correio enviada aos(as) participantes seis meses após a coleta. Dos 303 correios eletrônicos respondidos, foram escolhidos para a análise os(as) participantes que estavam namorando durante a coleta de dados ( $n = 129, 42,6\%$ ). Dentre esses(as) participantes, 93 (72,1%)

permaneceram no namoro, 22 (17,1%) terminaram o relacionamento e 4 (3,1%) afirmaram terem tornado-se amigos(as) dessa pessoa. Houve ainda 4 (3,1%) participantes que noivaram, 2 (1,6%) que foram morar juntos e 1 (0,8%) que se casou.

A Tabela 40 apresenta uma comparação dos resultados das escalas aplicadas do grupo de participantes que estava namorando durante a coleta de dados (tempo 1) pela maneira como suas relações evoluíram. Apesar de termos um dos grupos com apenas 7 participantes, optou-se por fazer um teste paramétrico (ANOVA), pois nenhum dos testes de Levene foi significativo, um indício de que as variâncias não são heterogêneas. Pode-se observar que o grupo que se casou, foi morar junto ou noivou apresenta níveis mais altos no amor e nas suas três dimensões (Sternberg, 1986). O grupo que se separou [considerando-se ex-namorado(a) ou amigo(a) no tempo 2] apresentava os escores mais baixos nas escalas no tempo 1. A diferença, no entanto, é significativa apenas para o amor geral e a Decisão/compromisso. Para a Intimidade, houve uma tendência à significância, sendo que o teste é significativo quando se utiliza o teste não paramétrico Kruskal Wallis ( $\chi^2 = 6,116$ ;  $gl = 2$ ;  $p = 0,047$ ).

Tabela 40 - Média e desvio padrão nas escalas aplicadas dos(as) participantes que estavam namorando durante a pesquisa e participaram seis meses após a coleta

Escala	M (DP)			F	p
	Ex ou amigo(a)	Namorado(a)	Moram juntos, Noivo(a) ou Casado(a)		
RelAS	5,33 (0,69)	5,87 (0,70)	5,65 (0,51)	6,856	0,001
ETAS-R_Intimidade	7,31 (1,03)	7,78 (1,06)	7,98 (0,65)	2,589	0,079
ETAS-R_Paixão	7,72 (1,21)	7,91 (1,00)	8,26 (0,77)	0,851	0,429
ETAS-R_Dec./Compromisso	6,32 (1,61)	7,14 (1,39)	7,50 (1,05)	4,171	0,018
ETAS-R_Amor	7,09 (1,06)	7,59 (0,95)	7,90 (0,49)	3,709	0,027
LAS_Eros	3,89 (0,62)	4,01 (0,60)	3,90 (0,45)	0,423	0,656
LAS_Agape	2,70 (1,05)	2,85 (0,86)	3,07 (0,66)	0,548	0,580
LAS_Mania	2,56 (0,78)	2,60 (0,90)	3,04 (0,71)	0,926	0,399
LAS_Pragma	2,83 (0,61)	2,72 (0,76)	3,38 (0,61)	2,818	0,064
LAS_Storage	3,09 (0,73)	3,29 (0,84)	3,06 (1,08)	0,754	0,473
LAS_Ludus	2,19 (0,64)	1,89 (0,50)	2,00 (0,63)	3,24	0,043
n	29	93	7		

A *RelAS* também apresentou diferenças significativas. Mas, diferente do esperado, o grupo que permaneceu no namoro teve escores de satisfação no relacionamento menores do que os do grupo que noivou. A *LAS* apresentou esse mesmo efeito no tipo *Eros*. Contudo, a única diferença significativa foi no tipo *Ludus*. Os(as) participantes que terminaram o namoro possuíam escores mais altos nessa dimensão durante a coleta de dados (tempo 1). O tipo *Pragma* teve uma tendência à significância, sendo mais elevada no

grupo dos(as) participantes que noivaram, casaram ou foram morar juntos(as).

Sobre a satisfação no relacionamento, os casais de namorados com maiores escores foram aqueles que permaneceram no namoro após seis meses. Assim, pode-se levantar a hipótese de que é necessário algum grau de insatisfação para que namorados(as) decidam morar juntos(as), noivar ou casar. Um grau de satisfação muito elevado pode fazer as pessoas continuarem com a relação da maneira como está. O amor se mostrou um preditor da continuidade da relação. Aparentemente, a Decisão/compromisso é a dimensão que mais deve ser observada no intuito de avaliar o futuro de um casal. Por outro lado, é consonante com a teoria que pessoas que endossam a dimensão *Ludus* tenham maior tendência de terminar o relacionamento, pessoas que endossam o *Pragma* e o *Agape* tenham maior tendência de buscar o noivado, o casamento ou compartilhar a moradia.

Estas são evidências de validade preditiva das escalas aplicadas. Poucos instrumentos apresentam estudos sobre essa propriedade psicométrica, portanto esse é um dado importante. Embora não tenham havido diferenças significativas, devido também ao tamanho da amostra para essas análises, os dados também apresentam suporte à validade preditiva da LAS. A verificação da validade preditiva da ETAS também corroborou a hipótese de que os dados transversais podem estar enviesados pela limitação de que participantes com menores níveis de amor são aqueles(as) que terminam o relacionamento e não fazem parte da amostra no momento seguinte (Berscheid & Regan, 2005).

### 3.6 Satisfação no relacionamento e suas variáveis explicativas

Este estudo também buscou um modelo explicativo para a satisfação no relacionamento. Estar satisfeito é objetivo final de um relacionamento, e o amor pode estar relacionado com essa satisfação. Assim, procedeu-se a criação de um modelo de regressão linear múltipla no qual a satisfação no relacionamento fosse a variável dependente e as três dimensões do amor medidas pela ETAS-R as variáveis independentes. Foi utilizado o método *Enter* para a inserção das variáveis no modelo. Conforme demonstrado na Tabela 31, as três dimensões do amor são correlacionadas com a satisfação no relacionamento. O modelo foi significativo ( $F = 792,2$ ,  $p < 0,001$ ) e as três dimensões do amor explicaram mais da metade da satisfação no relacionamento ( $R^2 = 0,612$ ).

A Tabela 41 mostra que as três variáveis são significativas na explicação da satisfação no relacionamento, sendo que a Intimidade ( $\beta = 0,496$ ) e a Decisão/Compromisso ( $\beta = 0,373$ ) têm uma relação bastante forte com a variável dependente. A Paixão possui uma

relação pequena e negativa ( $\beta = -0,054$ ), mas significativa. A correlação linear da Paixão com a satisfação no relacionamento, no entanto, é positiva ( $r = 0,36$ ). O fato de uma variável com correlação positiva apresentar um valor de  $\beta$  negativo é um efeito de supressão, que pode ser explicado pelo fenômeno da multicolinearidade. Como a Paixão também é correlacionada com as demais variáveis independentes do modelo, essas acabaram assumindo uma parte da explicação que conjunta com a Paixão.

Tabela 41 - Modelo explicativo da satisfação no relacionamento medida pela RelAS

	Qualquer tipo de relacionamento		Relacionamento estável	
	$\beta$ padronizado	<i>t</i>	$\beta$ padronizado	<i>t</i>
<b>Homens</b>				
ETAS-R_Intimidade	0,455	10,277***	0,430	7,120***
ETAS-R_Paixão	-0,036	-1,040*	0,222	3,441***
ETAS-R_Decisão/Compr.	0,389	8,932***	0,210	3,500***
$R^2$ /ANOVA	0,589	230,6***	0,585	109,5***
<b>Mulheres</b>				
ETAS-R_Intimidade	0,513	18,353***	0,499	14,183***
ETAS-R_Paixão	-0,058	-2,615**	0,147	3,901***
ETAS-R_Decisão/Compr.	0,364	12,504***	0,220	5,632***
$R^2$ /ANOVA	0,623	563,3***	0,584	275,8***
<b>Total</b>				
ETAS-R_Intimidade	0,496	21,023***	0,483	15,960***
ETAS-R_Paixão	-0,054	-2,869**	0,164	5,052***
ETAS-R_Decisão/Compr.	0,373	15,397***	0,218	6,670***
$R^2$ /ANOVA	0,612	792,2***	0,583	384,2***

\*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . \*\*\*  $p < 0,001$

A análise foi replicada apenas para os(as) participantes em relação estável. A explicação que as três dimensões do amor (Sternberg, 1986) possuem sobre a satisfação no relacionamento continuou elevada ( $R^2 = 0,583$ ). Para participantes envolvidos(as) em relacionamento, a Paixão ocupa um papel de maior explicação da variável dependente ( $\beta = 0,164$ ), mas continua sendo a variável com menor contribuição no modelo. Tanto para homens quanto para mulheres, os modelos são relativamente estáveis, sendo significativos com as variáveis independentes mantendo os elevados índices de explicação da dependente ( $R^2$ ). Porém, o modelo para homens se relacionando endossa a Paixão e a Decisão/compromisso com importância praticamente igual para a satisfação no relacionamento. Para as mulheres, a Decisão/compromisso mostrou-se mais importante do

que a Paixão, embora para ambos os sexos a Intimidade seja a principal variável associada à satisfação no relacionamento.

Conforme previsto, as três dimensões do amor propostas por Sternberg (1986) se adequam em um modelo de regressão como preditoras da satisfação no relacionamento. E, de maneira semelhante ao que foi encontrado por Cassepp-Borges e Teodoro (2009), a Paixão entrou no modelo com uma relação negativa com a satisfação no relacionamento quando se considera toda a amostra (efeito de supressão), mas é positiva quando se considera as pessoas envolvidas em relacionamento. A Intimidade é a dimensão com maior ligação com a satisfação no relacionamento.

Esse dado pode ser associado com o estudo de Dela Coleta (1991), que perguntou de maneira aberta as causas que as pessoas atribuem ao sucesso nas relações. Depois do amor (três variáveis independentes no modelo de regressão), as duas principais causas foram a compreensão e o respeito, ambas as características relacionadas à Intimidade. As causas para o sucesso na relação da amostra, no entanto, podem ser relacionadas às três dimensões do amor de Sternberg (1986). Lemieux & Hale (2000) também buscaram a explicação da satisfação no relacionamento (medida pela *RelAS*) com as três dimensões do amor, porém com uma amostra com participantes com uma média de 15,1 anos de casados. As dimensões apareceram na ordem Decisão/compromisso ( $\beta = 0,57$ ), Paixão ( $\beta = 0,24$ ) e Intimidade ( $\beta = 0,16$ ) para homens e Intimidade ( $\beta = 0,48$ ), Paixão ( $\beta = 0,29$ ) e Decisão/compromisso ( $\beta = 0,25$ ) para mulheres. O referido estudo ainda encontrou maiores níveis de variância explicada para o modelo (73% para homens e 87% para mulheres) em comparação com a presente tese (58% para ambos).

#### 4 Considerações Finais

O número elevado de sujeitos permite fazer diversos tipos de análise. O fato de ter as cinco regiões do Brasil representadas por 13 Unidades da Federação é inédito para estudos da Psicologia sobre o amor em lápis e papel, dentro do que foi levantado na literatura científica. Apesar disso, trata-se de uma amostra por conveniência, composta basicamente por universitários e que possui desequilíbrio no número de participantes por sexo, região do país, idade, dentre outros. O elevado número de participantes, contudo, permite a realização de análises inferenciais mesmo para grupos de difícil acesso.

Este estudo apresentou três instrumentos de construtos relacionados ao amor com boas propriedades psicométricas. Considerando a escassez de instrumentos sobre amor no

Brasil, a presente tese é uma contribuição para a área. O fato de ter-se um número razoável de participantes de praticamente metade das Unidades da Federação do Brasil traz a possibilidade de uma normatização nacional para as três escalas. Contudo, deve-se observar que essa normatização será possível apenas para as populações representadas na amostra estudada. Nesse ponto, a aplicação simultânea dos testes foi um procedimento que permitiu conhecer as propriedades de cada escala em comparação com as demais.

Esse estudo possui a limitação de incluir apenas instrumentos de auto-relato. Nem sempre os auto-relatos trazem informações totalmente confiáveis. Assim, estudos que comparassem esse tipo de medida com dados coletados a respeito da percepção do amor pelo(a) parceiro(a), observações e levantamentos de dados qualitativos auxiliariam na compreensão do fenômeno. Diferentes abordagens metodológicas podem trazer contribuições significativas e importantes. Apesar dos problemas com auto-relatos, eles seguem sendo utilizados por ser a maneira mais rápida e fácil de fazer levantamentos sobre os fenômenos psicológicos. E, por se tratar de fenômenos que nem sempre se manifestam em comportamentos observáveis, os auto-relatos podem ser uma abordagem útil para investigar o amor.

Para a agenda de pesquisa, existe a necessidade de avaliar o novo modelo proposto para a teoria das cores do amor. Isso deve ser feito a partir da criação de um instrumento de medida. Embora não apresentado nesta tese, uma escala que avalia três eixos a partir dos seis estilos de amar foi aplicada em 207 sujeitos. No entanto, seus resultados não foram satisfatórios. Isso pode ser atribuído em parte a problemas na construção do instrumento, mas também ao fato de se pressupor um modelo teórico tal qual o formulado por Lee (1973). De qualquer forma, a verificação dos erros na criação desse instrumento, bem como os resultados de escalonamento multidimensional, devem embasar um novo teste. Deve-se observar alguns itens, como o sAmple\_36, que podem originar novos fatores.

A construção de tabelas normativas para os testes é outro passo importante a ser dado. Uma das justificativas para esse estudo é a carência de instrumentos para a avaliação do amor disponíveis ao(à) psicólogo(a) brasileiro(a). Assim, faz-se necessária a validação de testes junto ao CFP, o que deve ser feito a partir de manuais com base nas tabelas normativas. Uma das maneiras de levar benefícios para a sociedade a partir desse estudo é disponibilizar os testes com sua devida sustentação científica.

A principal área da Psicologia que pode beneficiar-se deste estudo é a Clínica. Nesse contexto, as escalas utilizadas neste estudo poderão identificar tipos de amor e auxiliar na compreensão do funcionamento psíquico de um(a) paciente, por exemplo. Uma vez que as

escalas podem ser aplicadas mais de uma vez na mesma pessoa, elas podem servir para acompanhar a evolução do sentimento em indivíduos e casais. Outra finalidade é a de identificar patologias relacionadas ao amor, pois instrumentos de medida proporcionam diagnósticos rápidos, eficazes e confiáveis dessas patologias. Escalas de amor e construtos relacionados podem ser usadas simplesmente para autoconhecimento, outro motivo que leva as pessoas aos consultórios de psicólogos(as).

As escalas poderão ser utilizadas em agências matrimoniais, como meio de conhecer o perfil de clientes e propor relacionamentos com melhores preditores de sucesso, além de acompanhá-los. Assim como hoje os instrumentos psicológicos são amplamente utilizados por empresas para a finalidade de seleção e acompanhamento dos seus funcionários, os testes de amor e construtos correlatos poderão ser utilizados para a seleção e acompanhamento matrimonial. Embora choque a ideia da tomada de decisões conjugais sustentadas na Avaliação Psicológica, espera-se que isso possa trazer benefícios às pessoas, como maximizar as chances de escolha de um(a) parceiro(a) mais compatível. A interferência dos testes na vida pessoal somente será feita para pessoas que entendam que os testes podem trazer benefícios para a sua vida, assim como a seleção de pessoal é feita somente por empresas que entendem os benefícios da avaliação psicológica para as organizações. Apesar deste estudo ter apresentado boas propriedades psicométricas para as escalas, são necessários estudos que avaliem o quão eficaz elas podem ser no uso prático.

Os instrumentos aferidos nesta tese atendem à tríade da validade (construto, critério e conteúdo). Eles apresentam evidências de validade de construto, verificada por meio da estrutura fatorial e convergente/discriminante; de critério, na forma de validade preditiva e concorrente; e de conteúdo, verificada por juízes em estudos anteriores a esta tese. Os instrumentos de medida ainda mostraram-se fidedignos. Este trabalho ampliou o número de testes de amor no Brasil com sustentação empírica. Conclui-se que a *RelAS*, a *ETAS* e a *LAS* são bons testes e que seu uso em pesquisa pode ser incentivado. Espera-se que a classe dos(as) psicólogos(as) reconheça os adequados parâmetros científicos dos testes e encontre a utilidade deles para a atuação profissional.

Espera-se, finalmente, que esta tese amplie a visibilidade da área do amor no Brasil. Muitos países estão descobrindo as contribuições de uma visão científica sobre esse sentimento. Este estudo tem também um papel de divulgação da área, tanto nos meios acadêmicos quanto nos meios aplicados da Psicologia. A adaptação de instrumentos, com seus respectivos reconhecimentos junto ao CFP, pode criar uma base para o desenvolvimento nacional da área da Psicologia do Amor. Ao mesmo tempo, representa

uma evolução para a Psicometria, mostrando que, com ferramentas adequadas, a área tem capacidade para medir as mais profundas emoções humanas.



## 5 Referências

- Alexandre, V. (2005). *Amor em grego*. Extraído de <http://recantodasletras.uol.com.br/poesias/32663>.
- Almeida, R., & Montero, P. (2001). Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 92-101.
- Antoine, P., Christophe, V., & Nandrino, J. L. (2008). Dyadic Adjustment Scale: Clinical interest of a revision and validation of an abbreviated form. *Encephale - Revue de Psychiatrie Clinique Biologique et Therapeutique*, 34(1), 38-46.
- Aron, A., Fisher, H., Mashek, D. J., Strong, G., Li, H., & Brown, L. L. (2005). Reward, motivation, and emotion systems associated with early-stage intense romantic love. *Journal of Neurophysiology*, 94, 327-337.
- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory*. Washington, DC: ERIC
- Baldwin, M. W. (1992). Relational Schemas and the Processing of Social Information. *Psychological Bulletin*, 112(3), 461-484.
- Baumeister, R., & Bratslavsky, E. (1999). Passion, Intimacy, and time: passionate love as function of change in Intimacy. *Personality and Social Psychology Review*, 3(1), 49-67.
- Barker, L. L. (1987). *Communication* (4<sup>a</sup> ed.). Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Barros, A. M. C. M., & Calvano, N. (2005). O teste de avaliação da tipologia do amor. *Anais do II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. Gramado – RS: IBAP.
- Bem, D. J. (1972). Self-perception theory. Em L. Berkowitz (Org.): *Advances in Experimental Social Psychology*, 6, 1-62.
- Berscheid, E. (2010). Love in the fourth dimension. *Annual Review of Psychology*, 61, 1-25.
- Berscheid, E., & Regan, P. M. (2005). *The Psychology of Interpersonal Relationships*. New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Booth, A., & Dabbs, J. M. (1993). Testosterone and men's marriages. *Social Forces*, 72(2), 463-477.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil (2008). *Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008*. Brasília: Diário Oficial da União.
- Buscaglia, L. (1982). *Vivendo, amando e aprendendo*. Rio de Janeiro: Record.

- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12(1), 1-49.
- Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origin through sexual selection. *American Psychologist*, 50(3), 164-168.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100(2), 204-232.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications and programming*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Carvalho, L. F., Bueno, J. M. H., & Kleberis, F. (2008). Estudo psicométricos preliminares do Inventário de Ciúme Romântico. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 335-346.
- Cassepp-Borges, V. (2007). Identificação dos adolescentes de hoje com a personagem de Cinderela. *Boletim de Psicologia*, LVII(127), 239-254.
- Cassepp-Borges, V. (2009). Devolução de dados por correio eletrônico: uma alternativa para pesquisas quantitativas. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 149-152.
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em L. Pasquali (org.). *Instrumentação psicológica: fundamentos e prática* (pp. 506-520). Porto Alegre: Artmed.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 20(3), 513-522.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2009). Versión reducida de la Escala Triangular del Amor: características de sentimiento en Brasil. *Revista Interamericana de Psicología*, 43(1), 30-38.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Cavalcanti, J. P. N. (2007). *Reações a cenários de infidelidade conjugal: são o amor e o ciúme explicações?* Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Chojnacki, J. T., & Walsh, W. B. (1990). Reliability and concurrent validity of the Sternberg Triangular Love Scale. *Psychological Reports*, 67(1), 219-224.
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução 007, de 14 de junho de 2003*. Brasília: Autor.

- Conselho Federal de Psicologia (2009). *Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – Lista de testes com parecer favorável*. Extraído do sítio <http://www2.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm> no dia 30/06/2009.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução 196, de 10 de outubro de 1996*. Brasília: Diário Oficial da União.
- Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Custódio, C. E. G. (2002). *Análise da satisfação e equilíbrio amoroso em docentes universitários casados*. Dissertação de mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Darwin, C. (1871). *The descent of man and selection in relation to sex*. London: Murray.
- Davies, M. F. (2001). Socially desirable responding and impression management in the endorsement of love styles. *The Journal of Psychology*, 135, 562-570.
- Davis, K. E. (1985). Near and dear: Friendship and love compared. *Psychology Today*, 19(2), 22-30.
- De Andrade, A. L., & Wachelke, J. F. R. (2006, Julho). Pesquisa psicológica via internet: satisfação em relacionamentos de casal e bem estar psicológico, validação e parâmetros psicométricos. Florianópolis: Em Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (org.): *Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC*. Florianópolis: SBPC.
- De Andrade, A. L., Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona* 3(1), 89-102.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *Psico*, 18(2), 90-112.
- Dela Coleta, M. F. (1991). Causas atribuídas ao sucesso e fracasso no casamento. *Psico*, 22(2), 21-39.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2006). Psychometric analysis of the German Dyadic Adjustment Scale. *Zeitschrift fur Psychologie*, 214(1), 1-9.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1998). Attitude structure and function. Em D. T. Gilbert; S. T. Fiske & G. Lindzey (Orgs.). *The handbook of social psychology*, 1 & 2 (4th ed.). (pp. 269-322). New York: McGraw-Hill.
- Fabrigar, L. R., Visser, P. S., & Browne, M. W. (1997). Conceptual and Methodological Issues in Testing the Circumplex Structure of Data in Personality and Social Psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 1(3), 204-223.

- Ferrer Pérez, V. A., Bosch Fiol, E., Navarro Guzmán, C., Ramis Palmer, M. C., & García Buades, E. (2008). El concepto de amor em España. *Psicothema*, 20(4), 589-595.
- Fisher, H. (2006). *Por que amamos? A natureza e a química do amor romântico*. Rio de Janeiro: Record.
- Freire, R. (2008). *Frases e mensagens*. Extraído do sítio <http://www.frases.mensagens.nom.br/pensamentos/?q=limit%E1-lo> em 20/11/2008.
- Freud, S. (1987). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1987). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1987). Os instintos e suas vicissitudes. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (1987). O tabu da virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III). Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (1987). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II). Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912)
- Freud, S. (1987). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910)
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572-583.
- Gable, S. L., & Poore, J. (2008). Which Thoughts Count? Algorithms for Evaluating Satisfaction in Relationships. *Psychological Science*, 19(10), 1030-1036.

- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *14*(1), 31-39.
- Gupta, U. & Singh, P. (1982). An exploratory study of love and liking and type of marriages. *Indian Journal of Applied Psychology*, *19*(2), 92-97.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hatfield, E. (1988). The Juvenile Love Scale: A child's version of the passionate love scale. Em C. M. Davis, W. L. Yaber, & S. L. Davis (Orgs.), *Sexuality-related measures: A compendium*. Bloomington: Indiana University Press.
- Hatfield, E., & Rapson, R. (1987). Passionate love/sexual desire: Can the same paradigm explain both? *The Archives of Sexual Behavior*, *16*, 259-278.
- Hatfield, E., Schmitz, E., Cornelius, J., & Rapson, R. (1988). Passionate love: How early does it begin? *Journal of Psychology and Human Sexuality*, *1*, 35-52.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence*, *9*, 383-410.
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1983). *Uma nova visão do amor* [L. H. de Carvalho, trad.]. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524.
- Hays, W. L. (1963). *Statistics for psychologists*. New York, NY: Holt, Rinehart and Winston.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 392-402.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1989). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, *15*(2), 147-159.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, *50*, 93-98.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, *15*(1), 137-142.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*(5), 784-794.
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, *9*, 15-25.

- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo, 13*(3), 593-601.
- Hirakata, V. N. (2009). Estudos transversais e longitudinais com desfechos binários: qual a melhor medida de efeito a ser utilizada? *Revista HCPA, 29*(2), 174-176.
- Holland, J. L. (1959). A theory of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology, 6*(1), 35-45.
- Holland, J. L. (1996). Exploring careers with a typology: What we have learned and some new directions. *American Psychologist, 51*(4), 397-406.
- Hundertmark, J., Esterman, A. Ben-Tovim, D., Austin M. A., & Dougherty, M. (2007). The South Australian Couples Sildenafil Study: Double-blind, parallel-group randomized controlled study to examine the psychological and relationship consequences of sildenafil use in couples. *Journal of Sexual Medicine, 4*(4), 1126-1135.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009). *Divisão regional*. Extraído do sítio [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_div\\_int.shtm?c=1](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1) no dia 11/02/2009.
- Karwowski-Marques, A. P. M. (2008). *Percepções sobre o amor e satisfação com o relacionamento em casais*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- Kashy, D. A., & Snyder, D. K. (1995). Measurement and data analytic issues in couple research. *Psychological Assessment, 7*(3), 338-348.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais* [H. M. Rotundo, trad.]. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Langlois, J. H., Kalakanis, L., Rubenstein, A. J., Larson, A., Hallam, M., & Smoot, M. (2000). Maxims or myths of beauty? A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin, 126*(3), 390-423.
- Lasswell, T. E., & Lasswell, M. E. (1976). I love you but I'm not in love with you. *Journal of marriage and family counseling, 2*(3), 211-224.
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: an exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1974). The styles of loving. *Psychology today, 8*(5), 43-51.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin, 3*, 173-182.

- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion and commitment among married individuals: further testing of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports, 87*, 941-948.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2002). Cross-sectional analysis of Intimacy, Passion and Commitment: testing the assumptions of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports, 90*, 1009-1014.
- Lesch, E., & Engelbrecht, S. K. (2008). The reliability of the Dyadic Satisfaction (DS) subscale in a low-income semi-rural South African community. *Journal of Psychology in Africa, 18*(2), 245-248.
- Mardia, K. V. (1970). Measures of multivariate skewness and kurtosis with applications. *Biometrika, 57*, 519-530.
- Martson, P. J., Hecht, M. L., Manke, M. L., McDaniel, S., & Reeder, H. (1998). The subjective experience of intimacy, passion, and commitment in heterosexual loving relationships. *Personal Relationships, 5*, 15-30.
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research, 45*(1), 25-37.
- Michaelis (2008). *Moderno dicionário de Língua Portuguesa*. Extraído do sítio <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=amor&CP=11036&typeToSearchRadio=exactly&pagRadio=10> em 20/11/2008.
- Milanés, P. (1981). Años (gravado por M. Sosa e R. Fagner) em *Traduzir-se* (LP). Rio de Janeiro: CBS.
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., Jesus, J. R., Gusmão, E. É. S., Chaves, S. S. S. & Coelho, J. A. P. M. (2008). Estrutura fatorial da escala de atitudes frente a relacionamentos afetivos estáveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*(3), 331-339.
- Murthy, K., Rotzien, A. & Vacha-Haase, T. (1996). Second-order structure underlying the Hendrick-Hendrick Love Attitudes Scale. *Educational and Psychological Measurement, 56*, 108-121.
- Neto, F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences, 14*, 795-803.
- Neto, F. (1994). Love styles among Portuguese students. *The Journal of Psychology, 128*, 613-616.
- Neto, F. (1998). Atitudes em relação ao amor. *Psicologia, Educação e Cultura, 2*, 263-279.

- Neto, F. (2002). Colors associated with styles of love. *Perceptual and Motor Skills*, 94, 1303-1310.
- Neto, F., Mullet, E., Deschamps, J. C., Barros, J., Benvindo, R., Camino, L., Falconi, A., Kagibanga, V., & Machado, M. (2000). Cross-Cultural variations in attitudes toward love. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 626-635.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- Nunes, C. H. S. S., Primi, R., Nunes, M. F. O., Muniz, M., Cunha, T. F., & Couto, G. (2008). Teoria de Resposta ao Item para otimização de escalas tipo likert – um exemplo de aplicação. *Revista Iberoamericana de Evaluación Psicológica*, 25(1), 51-79.
- Ortigue, S., Bianchi-Demicheli, F. Hamilton, A. F. de C., & Grafton, S. T. (2007). The neural basis of love as a subliminal prime: An event-related functional magnetic resonance imaging study. *Journal of cognitive neuroscience*, 19(7), 1218-1230.
- Overbeek, G., Ha, T., Scholte, R., De Kemp, R., & Engels, R. C. M. E. (2007). Brief report: Intimacy, passion and commitment in romantic relationships – Validation of Triangular Love Scale for adolescents. *Journal of Adolescence*, 30, 523–528.
- Pascal, B. (1660). *Pensées* (W. F. Trotter, trad.). Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Livro eletrônico extraído do sítio <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cc000074.pdf> no dia 10/02/2009.
- Pasquali, L. (1999). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. Em: L. Pasquali (org.) *Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração* (pp. 37-71). Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Pasquali, L. (2004). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (2005). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Pasquali, L. (2007). *Teoria de Resposta ao Item: teoria, procedimentos e aplicações*. Brasília: LabPAM.
- Perlin, G. dal B. (2001). *Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?* Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.



- Perlin, G. dal B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Tese de doutorado não publicada. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.
- Perlin, G. dal B., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15-29.
- Pick de Weiss, S., & Andrade Palos, P. (1988). Desarrollo y validación de la Escala de Satisfacción Marital. *Psiquiatría*, 1, 9-20.
- Pilati, R., & Laros, J. A. (2007). Modelagem de Equações Estruturais em Psicologia: conceitos e aplicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 205-216.
- Platão (s. d.). *O Banquete*. Pará de Minas: Virtual books. Livro eletrônico extraído do sítio [http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/didaticos/download/O\\_banquete.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/didaticos/download/O_banquete.pdf) no dia 24 de janeiro de 2009.
- Prediger, D. J. (1982). Dimensions underlying Holland's hexagon: Missing link between interests and occupations? *Journal of Vocational Behavior*, 21(3), 259-287.
- Priberam (2008). *Língua Portuguesa On-line*. Extraído do sítio [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx) em 20/11/2008.
- Ramos, A. L. M. (1998). *Ciúme romântico*. Teoria, medida e variáveis correlacionadas. Tese de doutorado não publicada. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.
- Ramos, A. L. M, Santos, F. H. R. & Costa, M. (1994). Escala de Atração Intersexual e Autoconceito – EAA. *Psico*, 25, 101-114.
- Ramos, A. L. M., Yazawa, S. A. K., & Salazar, A. F. (1994). Desenvolvimento de uma Escala de Ciúme Romântico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(3), 439-451.
- Real Academia Española (2008). *Diccionario de la lengua española*. Extraído do sítio [http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO\\_BUS=3&LEMA=Amor](http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO_BUS=3&LEMA=Amor) em 20/11/2008.
- Reis, B. F. (1992). O amor à luz da Psicologia científica. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 5(2), 23-40.
- Reis, B. F. (1995). Uma escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(1), 67-71.
- Royal Swedish Academy (2010). *Amaritya Sen*. Extraído do sítio [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/economics/laureates/1998/sen.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/economics/laureates/1998/sen.html) em 08/06/2010.

- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology, 16*, 265-273.
- Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Koller, S. H. (2009). Preparando um artigo científico. Em A. A. Z. P. Sabadini, M. I. C. Sampaio, & S. H. Koller (org.). *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica* (pp. 123-170). São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Sangrador, J. L. (1993). Consideraciones psicosociales sobre el amor romántico. *Psicothema, 5*(supl.), 181-196.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Auters, I., et al. (2003). Are men universally more dismissing than woman? Gender differences in romantic attachment across 62 cultural regions. *Personal Relationships, 10*, 307-331.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Auters, I., et al. (2004). Patterns and universals of adult romantic attachment across 62 cultural regions: Are models of self and of other pancultural constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology, 35*(4), 367-402.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allik, J., Angleitner, A., Ault, L., Auters, I., et al. (2004). Patterns and universals of mate poaching across 53 nations: The effects of sex, culture, and personality on romantically attracting another person's partner. *Journal of Personality and Social Psychology, 86*(4), 560-584.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allik, J., Ault, L., Auters, I., Bennet, K. L., et al. (2003). Universal sex differences in the desire for sexual variety: Tests from 52 nations, 6 continents, and 13 islands. *Journal of Personality and Social Psychology, 85*(1), 85-104.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues, 50*(4), 19-45.
- Scorsolini-Comin, F. (2009). *Casar, verbo (in)transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist, 55*(1), 5-14.
- Shakespeare, W. (s. d.). *Romeu e Julieta*. Livro eletrônico extraído do sítio <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000087.pdf>

- Shaver, P., Schwartz, J., Kirson, D., & O'Connor, C. (1987). Emotion Knowledge: Further Exploration of a Prototype Approach. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*(6), 1061-1086.
- Shek, D. T. L., & Cheung, C. K. (2008). Dimensionality of the Chinese Dyadic Adjustment Scale based on Confirmatory Factor Analyses. *Social Indicators Research, 86*(2), 201-212.
- Skinner, B. F. (1967). *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, SP: Papyrus.
- Smith, E. R., & Mackie, D. M. (1995). *Social Psychology*. New York: Worth Publishers.
- Sophia, E. C., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria, 29*(1), 55-62.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family, 38*(1), 15-28.
- Sprecher, S. (1999). "I love you today more than yesterday": Romantic partners' perceptions of changes in love and related affect over time. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(1), 46-53.
- Sprecher, S., & Fehr, B. (1995). Compassionate love for close others and humanity. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(5), 629-651.
- Sprecher, S., & Felmlee, D. (1992). The influence of parents and friends on the quality and stability of romantic relationships: A three-wave longitudinal investigation. *Journal of Marriage and the Family, 54*, 888-900.
- SPSS (2006). *Statistical Package for Social Sciences* (versão 15.0)[programa de computador]. Chicago, Illinois: autor.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love*. New York: Basic Books.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Psychology, 27*, 313-335.
- Sternberg, R. J. & Whitney, C. (1991). *O relacionamento inteligente: usando a razão em assuntos do coração* [A. S. Rodrigues, trad.]. Rio de Janeiro: Rio fundo
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1989). *Using multivariate statistics* (2<sup>nd</sup> Ed.). New York: Harper & Row.

- Thompson, B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Vendramini, C. M. M., & Dias, A. S. (2005). Teoria de Resposta ao Item na análise de uma prova de estatística em universitários. *Psico-USF*, 10(2), 201-210.
- Villa, M. B. (2005). *Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal*. Tese de doutorado não publicada. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação do relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18.
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12(2), 221-225.
- Walster, E., Aronson, V., Abrahams, D., & Rottmann, L. (1966). Importance of physical attractiveness in dating behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4(5), 508-516.
- Websters (2009). *Love*. Extraído do sítio <http://www.websters-online-dictionary.org/definition/love> em 25/01/2009.
- Weeden, J., & Sabini, J. (2007). Subjective and objective measures of attractiveness and their relation to sexual behavior and sexual attitudes in university students. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 79-88.
- Yela, C. (1996). Componentes básicos del amor: algunas matizaciones al modelo de Sternberg. *Revista de Psicología Social*, 11(2), 185-201.
- Yela, C. (1997). Curso temporal de los componentes básicos del amor a lo largo de la relación de pareja. *Psicothema*, 9(1), 1-15.
- Yela, C. (1998). Temporal course of the basic components of love throughout relationships. *Psychology in Spain*, 2(1), 76-86.
- Young, L. J., Wang, Z., & Insel, T. R. (1998). Neuroendocrine basis of monogamy. *Trends in Neuroscience*, 21(2), 71-75.

## Anexo A

**Questionário**

Solicitamos que você responda as seguintes perguntas sobre você da maneira mais sincera possível:

- 1) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 2) Curso: \_\_\_\_\_ Semestre \_\_\_\_\_
- 3) Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/19\_\_\_\_
- 4) Quantos filhos(as) você possui? \_\_\_\_\_ filhos(as) ( ) Não tenho filhos(as)
- 5) Orientação sexual: ( ) Heterossexual ( ) Bissexual ( ) Homossexual ( )  
\_\_\_\_\_
- 6) Estado civil (responda baseando-se em sua situação legal): ( ) Solteiro(a) ( ) Noivo(a) ( ) Casado(a)  
( ) Divorciado(a) ( ) Viúvo(a) ( ) Outros \_\_\_\_\_
- 7) Caso tenha respondido que és solteiro(a), divorciado(a) ou viúvo(a), você possui namorado (a) ou relacionamento fixo? ( ) Sim ( ) Não
- 8) Você possui mais de um relacionamento fixo? ( ) Sim ( ) Não
- 9) Você possui relacionamento(s) eventuais? ( ) Sim ( ) Não
- 10) Você mora com seu parceiro(a)? ( ) Sim ( ) Parte do tempo ( ) Não ( ) Não possuo parceiro(a)
- 11) Preencha o espaço em branco com o nome de alguém que você ama.  
Preferencialmente, coloque o nome da pessoa com quem você compõe um par amoroso. Caso você não esteja envolvido(a) em um relacionamento, poderá escolher outra pessoa que você ame ou tenha amado. Você deverá pensar nesta pessoa para responder todas as perguntas desta pesquisa:

- 
- 12) Sexo da pessoa citada: ( ) Masculino ( ) Feminino
  - 13) Data de nascimento da pessoa citada: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (Caso você não saiba, mencione a idade desta pessoa): \_\_\_\_\_ anos

14.1) Cite 3 adjetivos que caracterizam você:

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_

14.2) Cite 3 adjetivos que caracterizam a pessoa que você ama:

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_

15.1) Como é a relação com a pessoa pela qual você responderá o questionário? Marque um "X" na letra referente a esta relação e, se for o caso, também dentro do parênteses em branco correspondente.

- a) Amigo(a) ( ) Gostaria que sempre fosse amigo(a) ( ) Gostaria de ter mais do que a amizade

- b) Amor platônico ( ) A pessoa sabe do meu sentimento ( ) Suspeito que saiba do meu sentimento ( ) Não sabe do meu sentimento
- c) Relacionamento eventual (“Ficante”)
- d) Ainda não sei se já estou namorando
- e) Relacionamento sem compromisso ( ) Combinado entre o casal ( ) Não combinado
- f) Namorado(a)
- g) Moramos juntos ( ) Temos uma relação amorosa ( ) Somente moramos juntos
- h) Noivo(a)
- i) Casado(a) ( ) Civil ( ) Religioso ( ) Ambos
- j) Ex ( ) namorado(a) ( ) noivo(a), ( ) marido/esposa, ( ) \_\_\_\_\_
- l) Amante
- m) Mãe/madrasta
- n) Pai/padrasto
- o) Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc...
- p) Outros \_\_\_\_\_

15.2) Existe alguma especificidade da relação de você não contemplada na pergunta 15.1?

---

---

---

---

16) Tempo que vocês se conhecem: \_\_\_\_\_

Tempo de relacionamento: \_\_\_\_\_

17) Descreva como é o seu sentimento por esta pessoa:

---

---

---

---

18) Descreva como é o sentimento desta pessoa por você:

---

---

---

---

19.1) Eu me considero:

- a) Muito Feio(a) b) Feio(a) c) Nem feio(a) nem bonito(a) d) Bonito(a) e) Muito Bonito(a)

19.2) Eu considero que a pessoa que amo é:

- a) Muito Feio(a) b) Feio(a) c) Nem feio(a) nem bonito(a) d) Bonito(a) e) Muito Bonito(a)

20.1) Minhas condições sócio-econômicas são:

- a) Péssimas
- b) Ruins
- c) Médias
- d) Boas
- e) Excelentes

20.2) As condições sócio-econômicas da pessoa que amo são:

- a) Péssimas
- b) Ruins
- c) Médias
- d) Boas
- e) Excelentes

21.1) Você exerce alguma atividade remunerada?

- a) Sim
- b) Não

21.2) A pessoa que você ama exerce alguma atividade remunerada?

- a) Sim
- b) Não

22.1) Qual a sua religião?

---

22.2) Qual a religião de quem você ama?

---

23.1) Sua Escolaridade

- a) Analfabeto(a)
- b) Primeiro grau incompleto
- c) Primeiro grau completo
- d) Segundo grau incompleto
- e) Segundo grau completo
- f) Superior incompleto
- g) Superior completo
- h) Pós-graduação incompleta
- i) Pós-graduação completa

23.2) Escolaridade da pessoa que ama

- a) Analfabeto(a)
- b) Primeiro grau incompleto
- c) Primeiro grau completo
- d) Segundo grau incompleto
- e) Segundo grau completo
- f) Superior incompleto
- g) Superior completo
- h) Pós-graduação incompleta
- i) Pós-graduação completa

Anexo B. Carta de aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa



Comitê de Ética em Pesquisa  
Instituto de Ciências Humanas  
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: Amor: da adaptação de testes existentes à criação de um novo instrumento de mensuração

Pesquisadora Responsável: Vicente Cassepp-Borges

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "Amor: da adaptação de testes existentes à criação de um novo instrumento de mensuração".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VIII.13 da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 2 de outubro de 2009.

Profa. Dra. Debora Diniz  
Coordenadora do CEP/ICH





Anexo C  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado(a) participante:

Por motivo da realização da tese de doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, o aluno Vicente Cassepp-Borges (caspepp@gmail.com), regularmente matriculado, está realizando uma pesquisa com o objetivo de investigar o relacionamento amoroso dos(as) brasileiros(as). No presente estudo, as informações serão obtidas através de questionário aplicado de forma coletiva. Tal trabalho, como objetivos acadêmicos, tem por finalidade possibilitar ao aluno e à Universidade um maior conhecimento sobre o tema proposto.

Desde já, informamos que sua participação é **voluntária** e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, você poderá solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o **sigilo** e a **confidencialidade** de suas informações individuais, preservando sua identidade e das instituições envolvidas na pesquisa. Após 6 meses, haverá uma devolução dos resultados para os(as) participantes que desejarem informar seu endereço de e-mail. Este Termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra deverá ser devolvida ao(à) pesquisador(a).

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade acadêmica e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

\_\_\_\_\_  
Vicente Cassepp-Borges  
Estudante de Doutorado  
(CRP 01/14098)  
caspepp@gmail.com

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Pasquali  
Orientador da pesquisa  
(CRP 01/322)  
labpam@unb.br

Frente ao que foi acima exposto, eu, \_\_\_\_\_ expresso meu consentimento em relação à minha participação na pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

E-mail (se desejar receber devolução): \_\_\_\_\_

## Anexo D. Correio eletrônico com a devolução dos resultados

Assunto: **XXXX** - Resultados da pesquisa sobre amor

Prezado(a) participante:

Agradeço pela sua imprescindível participação no estudo do meu mestrado, respondendo a três instrumentos psicológicos sobre o amor no dia **XX/XX/XXXX**. Tenho muito prazer em entrar em contato para apresentar alguns resultados parciais. Apesar de ainda não ter concluído a pesquisa, creio ser interessante já fazer este contato, uma vez que se passaram aproximadamente 6 meses da sua participação.

Para uma melhor compreensão da pesquisa, é importante ter uma pequena compreensão da Teoria Triangular do Amor de Sternberg, que embasou este estudo. Esta teoria decompõe o sentimento em três partes (vértices de um triângulo): a Intimidade, a Paixão, e a Decisão/compromisso. A Intimidade é caracterizada pelo sentimento de proximidade e conexão no relacionamento. A Paixão é o componente responsável pela atração física e sexual, pelo romance e o desejo de estar juntos e pela excitação. Por fim, a Decisão/compromisso se refere à certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento a longo prazo. Assim, a escala que você respondeu se propõe a avaliar as três dimensões do amor.

Esta pesquisa continua sendo realizada, o que significa que poucas análises dos dados foram realizadas. Desta maneira, estamos estabelecendo uma comparação com dados parciais. Com relação aos seus dados individuais, foram obtidos os seguintes escores:

Sub-escala de Intimidade: **XXX/9** (maior que **XX** % dos participantes)

Sub-escala de Paixão: **XXX/9** (maior que **XX** % dos participantes)

Sub-escala de Decisão/compromisso: **XXX/9** (maior que **XX** % dos participantes)

Total da Escala: **XXX/9** (maior que **XX** % dos participantes).

Chamo a atenção para o fato de que estes números refletem apenas seus escores individuais, a fim de satisfazer a sua curiosidade. Não é possível fazer nenhum entendimento clínico apenas com estes escores, sendo necessário conhecer a história de vida em questão.

Por fim, gostaria de fazer algumas pequenas perguntas sobre como evoluiu sua relação desde a sua participação na pesquisa. Apesar de tomar pouco tempo, as respostas destas perguntas são fundamentais para ampliarmos a compreensão do fenômeno do amor. Você pode copiar e colar as perguntas em um correio eletrônico (e-mail) de resposta.

1) Se você estava envolvido(a) em um relacionamento no momento de sua participação no estudo, você permanece neste relacionamento? Caso você não estivesse em um relacionamento amoroso, você já conheceu alguma pessoa? Gostaria que você fizesse uma breve descrição sobre o que aconteceu na sua vida amorosa desde sua participação na pesquisa até agora.

2) Quando realizada a coleta de dados, você respondeu os questionários pensando em uma pessoa que amava. Gostaríamos de repetir a mesma pergunta, sobre como é AGORA a relação com a pessoa pela qual você respondeu o questionário? Marque um “X” dentro do parêntese em branco correspondente a esta relação. Marque somente uma alternativa.

**a) Amigo(a):**

Gostaria que sempre fosse amigo(a)     Gostaria de ter mais do que a amizade

**b) Amor platônico:**

A pessoa sabe do meu sentimento     Suspeito que saiba do meu sentimento      
Não sabe do meu sentimento

**c) Relacionamento eventual (“Ficante”):**

Relacionamento eventual (“Ficante”)

**d) Ainda não sei se já estou namorando:**

Ainda não sei se já estou namorando

**e) Relacionamento sem compromisso:**

Combinado entre o casal     Não combinado

**f) Namorado(a):**

Namorado(a)

**g) Moramos juntos:**

Temos uma relação amorosa     Somente moramos juntos

**h) Noivo(a):**

Noivo(a)

**i) Casado(a):**

Civil     Religioso     Ambos

**j) Ex:**

Ex-namorado(a)     Ex-noivo(a),     Ex-marido/esposa,     \_\_\_\_\_

**l) Amante:**

Amante

**m) Mãe/madrasta:**

Mãe/madrasta

**n) Pai/padrasto:**

( ) Pai/padrasto

**o) Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc...:**

( ) Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc...

**p) Outros:**

( ) \_\_\_\_\_

3) Se possível, faça uma breve descrição do que aconteceu na sua relação com esta pessoa nos últimos 6 meses.

Reitero meus mais sinceros agradecimentos pela sua participação e me coloco à disposição para o esclarecimento de quaisquer dúvidas. Agradeço entusiasticamente pela sua contribuição. Ela de fato está sendo muito importante e valorizada. Assim que concluir este estudo, entrarei em contato para apresentar os resultados finais. Saudações cordiais:

## Anexo E. Correio eletrônico com novo pedido de participação

Assunto: **XXXX** – Muito obrigado pela sua participação

Prezado(a) participante:

Espero que você já tenha recebido seus resultados individuais com relação a uns questionários que você respondeu sobre amor. Senão, por favor, não hesite em solicitar. Agradeço muito pela sua participação até aqui!

Peço desculpas pela insistência, mas estou escrevendo para pedir novamente a sua resposta às pequenas perguntas colocadas ao final desta mensagem. Caso você não deseje participar, por favor, deixe-me saber. Mas, reafirmo que sua participação é bastante importante. Compreendo suas preocupações e afazeres diários, mas o tempo para responder esta mensagem é inferior a 5 minutos, vitais para este estudo e o entendimento do fenômeno. Compreendo também que os questionários aplicados foram longos, o que me faz valorizar ainda mais a sua ajuda. Mas, estas três pequenas perguntas curtas são essenciais para concluir a sua participação. Por fim, reafirmo meu compromisso ético em manter o sigilo com relação às suas respostas.

Assim, gostaria de fazer algumas pequenas perguntas sobre como evoluiu sua relação desde a sua participação na pesquisa. Você pode copiar e colar as perguntas em um correio eletrônico (e-mail) de resposta.

1) Se você estava envolvido(a) em um relacionamento no momento de sua participação no estudo, você permanece neste relacionamento? Caso você não estivesse em um relacionamento amoroso, você já conheceu alguma pessoa? Gostaria que você fizesse uma breve descrição sobre o que aconteceu na sua vida amorosa desde sua participação na pesquisa até agora.

2) Quando realizada a coleta de dados, você respondeu os questionários pensando em uma pessoa que amava. Gostaríamos de repetir a mesma pergunta, sobre como é AGORA a relação com a pessoa pela qual você respondeu o questionário? Marque um “X” dentro do parêntese em branco correspondente a esta relação. Marque somente uma alternativa.

**a) Amigo(a):**

Gostaria que sempre fosse amigo(a)     Gostaria de ter mais do que a amizade

**b) Amor platônico:**

A pessoa sabe do meu sentimento     Suspeito que saiba do meu sentimento     Não sabe do meu sentimento

**c) Relacionamento eventual (“Ficante”):**

Relacionamento eventual (“Ficante”)

**d) Ainda não sei se já estou namorando:**

( ) Ainda não sei se já estou namorando

**e) Relacionamento sem compromisso:**

( ) Combinado entre o casal ( ) Não combinado

**f) Namorado(a):**

( ) Namorado(a)

**g) Moramos juntos:**

( ) Temos uma relação amorosa ( ) Somente moramos juntos

**h) Noivo(a):**

( ) Noivo(a)

**i) Casado(a):**

( ) Civil ( ) Religioso ( ) Ambos

**j) Ex:**

( ) Ex-namorado(a) ( ) Ex-noivo(a), ( ) Ex-marido/esposa, ( ) \_\_\_\_\_

**l) Amante:**

( ) Amante

**m) Mãe/madrasta:**

( ) Mãe/madrasta

**n) Pai/padrasto:**

( ) Pai/padrasto

**o) Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc...:**

( ) Filho(a), neto(a), sobrinho(a), afilhado(a), etc...

**p) Outros:**

( ) \_\_\_\_\_

3) Se possível, faça uma breve descrição do que aconteceu na sua relação com esta pessoa nos últimos 6 meses.

Reitero meus mais sinceros agradecimentos pela sua participação e me coloco à disposição para o esclarecimento de quaisquer dúvidas. Agradeço entusiasticamente pela sua contribuição. Ela de fato está sendo muito importante e valorizada. Assim que concluir este estudo, entrarei em contato para apresentar os resultados finais. Saudações cordiais:

## ANEXO F.

Tabela F1

*Teste post hoc nas escalas por tipo de relacionamento (sexo masculino)*

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)		
					Limite inferior	Limite superior	
<b>RelAS_total</b>							
Amigo	Amor Platônico ou ex	,191	,184	,839	-,31	,70	
	Relacionamento romântico não estável	,010	,201	1,00	-,54	,56	
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	-1,040(*)	,168	,000	-1,50	-,58	
	Parente	-1,175(*)	,265	,000	-1,90	-,45	
	Amigo	-,191	,184	,839	-,70	,31	
	Relacionamento romântico não estável	-,180	,164	,807	-,63	,27	
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-1,231(*)	,120	,000	-1,56	-,90	
	Parente	-1,366(*)	,238	,000	-2,02	-,71	
	Amigo	-,010	,201	1,00	-,56	,54	
	Amor Platônico ou ex	,180	,164	,807	-,27	,63	
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	-1,051(*)	,145	,000	-1,45	-,65	
	Parente	-1,185(*)	,252	,000	-1,87	-,50	
	Amigo	1,040(*)	,168	,000	,58	1,50	
	Amor Platônico ou ex	1,231(*)	,120	,000	,90	1,56	
Parente	Relacionamento romântico não estável	1,051(*)	,145	,000	,65	1,45	
	Parente	-,135	,225	,975	-,75	,48	
	Amigo	1,175(*)	,265	,000	,45	1,90	
	Amor Platônico ou ex	1,366(*)	,238	,000	,71	2,02	
	Relacionamento romântico não estável	1,185(*)	,252	,000	,50	1,87	
	Relacionamento romântico estável	,135	,225	,975	-,48	,75	
	<b>ETAS-R_Intimidade</b>						
	Amigo	Amor Platônico ou ex	-,055	,304	1,00	-,89	,78
Relacionamento romântico não estável		-,265	,332	,931	-1,18	,64	
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	-1,648(*)	,277	,000	-2,41	-,89	
	Parente	-1,399(*)	,437	,013	-2,60	-,20	
	Amigo	,055	,304	1,00	-,78	,89	
	Relacionamento romântico não estável	-,210	,271	,937	-,95	,53	
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-1,593(*)	,198	,000	-2,14	-1,05	
	Parente	-1,345(*)	,393	,006	-2,42	-,27	
	Amigo	,265	,332	,931	-,64	1,18	
	Amor Platônico ou ex	,210	,271	,937	-,53	,95	

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)		
					Limite inferior	Limite superior	
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	-1,382(*)	,240	,000	-2,04	-,73	
	Parente	-1,134	,415	,051	-2,27	,00	
	Amigo	1,648(*)	,277	,000	,89	2,41	
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,593(*)	,198	,000	1,05	2,14	
Parente	Parente	1,382(*)	,240	,000	,73	2,04	
	Amigo	,248	,372	,963	-,77	1,27	
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,399(*)	,437	,013	,20	2,60	
	Relacionamento romântico estável	1,345(*)	,393	,006	,27	2,42	
ETAS-R_Paixão	Relacionamento romântico não estável	1,134	,415	,051	,00	2,27	
	Relacionamento romântico estável	-,248	,372	,963	-1,27	,77	
	Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-,824(*)	,284	,032	-1,60	-,05
	Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico não estável	-,509	,311	,474	-1,36	,34
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	-1,378(*)	,259	,000	-2,09	-,67	
	Parente	1,876(*)	,409	,000	,76	3,00	
	Amigo	,824(*)	,284	,032	,05	1,60	
	Relacionamento romântico não estável	,315	,253	,724	-,38	1,01	
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-,554(*)	,185	,024	-1,06	-,05	
	Parente	2,700(*)	,367	,000	1,69	3,70	
	Amigo	,509	,311	,474	-,34	1,36	
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	-,315	,253	,724	-1,01	,38	
Relacionamento romântico estável	Parente	-,869(*)	,224	,001	-1,48	-,26	
	Amigo	2,385(*)	,388	,000	1,32	3,45	
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,378(*)	,259	,000	,67	2,09	
	Parente	,554(*)	,185	,024	,05	1,06	
Parente	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	,869(*)	,224	,001	,26	1,48	
	Parente	3,254(*)	,348	,000	2,30	4,21	
	Amigo	-1,876(*)	,409	,000	-3,00	-,76	
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-2,700(*)	,367	,000	-3,70	-1,69	
ETAS-R_Dec./Compr.	Relacionamento romântico não estável	-2,385(*)	,388	,000	-3,45	-1,32	
	Relacionamento romântico estável	-3,254(*)	,348	,000	-4,21	-2,30	
	Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	,048	,329	1,00	-,85	,95
	Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico não estável	,365	,360	,849	-,62	1,35
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	-2,059(*)	,299	,000	-2,88	-1,24	
	Parente	-2,730(*)	,473	,000	-4,03	-1,43	
	Amigo	-,048	,329	1,00	-,95	,85	
	Relacionamento romântico não estável	,317	,293	,816	-,49	1,12	



(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-2,107(*)	,215	,000	-2,69	-1,52
	Parente	-2,778(*)	,425	,000	-3,94	-1,61
	Amigo	-,365	,360	,849	-1,35	,62
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	-,317	,293	,816	-1,12	,49
Relacionamento romântico estável	Parente	-2,423(*)	,259	,000	-3,13	-1,71
	Amigo	-3,094(*)	,449	,000	-4,32	-1,86
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,059(*)	,299	,000	1,24	2,88
Parente	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,107(*)	,215	,000	1,52	2,69
	Parente	2,423(*)	,259	,000	1,71	3,13
	Amigo	-,671	,402	,455	-1,77	,43
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,730(*)	,473	,000	1,43	4,03
	Relacionamento romântico estável	2,778(*)	,425	,000	1,61	3,94
ETAS-R_Amor Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	3,094(*)	,449	,000	1,86	4,32
	Relacionamento romântico estável	,671	,402	,455	-,43	1,77
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-,244	,264	,887	-,97	,48
	Relacionamento romântico não estável	-,119	,288	,994	-,91	,67
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-1,706(*)	,240	,000	-2,36	-1,05
	Parente	-,892	,380	,131	-1,93	,15
	Amigo	,244	,264	,887	-,48	,97
	Relacionamento romântico não estável	,125	,235	,984	-,52	,77
	Relacionamento romântico estável	-1,462(*)	,172	,000	-1,93	-,99
	Parente	-,648	,341	,318	-1,58	,29
Relacionamento romântico não estável	Amigo	,119	,288	,994	-,67	,91
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	-,125	,235	,984	-,77	,52
	Parente	-1,587(*)	,208	,000	-2,16	-1,02
	Amigo	-,773	,360	,202	-1,76	,21
Relacionamento romântico estável	Amigo	1,706(*)	,240	,000	1,05	2,36
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,462(*)	,172	,000	,99	1,93
	Parente	1,587(*)	,208	,000	1,02	2,16
Parente	Amigo	,814	,323	,088	-,07	1,70
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	,892	,380	,131	-,15	1,93
	Parente	,648	,341	,318	-,29	1,58
	Relacionamento romântico não estável	,773	,360	,202	-,21	1,76
	Relacionamento romântico estável	-,814	,323	,088	-1,70	,07
LAS_Eros Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-,214	,137	,527	-,59	,16
	Relacionamento romântico não estável	-,159	,151	,830	-,57	,25

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	-,779(*)	,125	,000	-1,12	-,44
	Parente	,130	,199	,966	-,41	,67
	Amigo	,214	,137	,527	-,16	,59
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico não estável	,055	,122	,991	-,28	,39
	Relacionamento romântico estável	-,565(*)	,089	,000	-,81	-,32
	Parente	,344	,178	,301	-,14	,83
Relacionamento romântico estável	Amigo	,159	,151	,830	-,25	,57
	Amor Platônico ou ex	-,055	,122	,991	-,39	,28
	Relacionamento romântico estável	-,620(*)	,108	,000	-,92	-,32
Parente	Parente	,289	,188	,541	-,23	,80
	Amigo	,779(*)	,125	,000	,44	1,12
	Amor Platônico ou ex	,565(*)	,089	,000	,32	,81
Amigo	Relacionamento romântico não estável	,620(*)	,108	,000	,32	,92
	Parente	,909(*)	,169	,000	,45	1,37
	Amigo	-,130	,199	,966	-,67	,41
LAS_Agape	Amor Platônico ou ex	-,344	,178	,301	-,83	,14
	Relacionamento romântico não estável	-,289	,188	,541	-,80	,23
	Relacionamento romântico estável	-,909(*)	,169	,000	-1,37	-,45
Amor Platônico ou ex	Amor Platônico ou ex	-,152	,166	,892	-,61	,30
	Relacionamento romântico não estável	,124	,183	,961	-,38	,62
	Relacionamento romântico estável	-,544(*)	,151	,003	-,96	-,13
Relacionamento romântico não estável	Parente	,067	,249	,999	-,62	,75
	Amigo	,152	,166	,892	-,30	,61
	Relacionamento romântico não estável	,276	,149	,348	-,13	,68
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	-,392(*)	,109	,003	-,69	-,09
	Parente	,218	,226	,870	-,40	,84
	Amigo	-,124	,183	,961	-,62	,38
Parente	Amor Platônico ou ex	-,276	,149	,348	-,68	,13
	Relacionamento romântico estável	-,668(*)	,133	,000	-1,03	-,30
	Parente	-,057	,238	,999	-,71	,60
Amigo	Amigo	,544(*)	,151	,003	,13	,96
	Amor Platônico ou ex	,392(*)	,109	,003	,09	,69
	Relacionamento romântico não estável	,668(*)	,133	,000	,30	1,03
Relacionamento romântico não estável	Parente	,611(*)	,215	,038	,02	1,20
	Amigo	-,067	,249	,999	-,75	,62
	Amor Platônico ou ex	-,218	,226	,870	-,84	,40
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico não estável	,057	,238	,999	-,60	,71

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
	Relacionamento romântico estável	-,611(*)	,215	,038	-1,20	-,02
<hr/>						
LAS_Mania						
Amigo	Amor Platônico ou ex	-,074	,158	,990	-,51	,36
	Relacionamento romântico não estável	,169	,174	,868	-,31	,64
	Relacionamento romântico estável	,137	,144	,874	-,26	,53
	Parente	,008	,238	1,00	-,64	,66
Amor Platônico ou ex	Amigo	,074	,158	,990	-,36	,51
	Relacionamento romântico não estável	,243	,143	,437	-,15	,63
	Relacionamento romântico estável	,211	,104	,256	-,07	,50
	Parente	,082	,217	,996	-,51	,68
Relacionamento romântico não estável	Amigo	-,169	,174	,868	-,64	,31
	Amor Platônico ou ex	-,243	,143	,437	-,63	,15
	Relacionamento romântico estável	-,031	,127	,999	-,38	,32
	Parente	-,160	,228	,956	-,79	,47
Relacionamento romântico estável	Amigo	-,137	,144	,874	-,53	,26
	Amor Platônico ou ex	-,211	,104	,256	-,50	,07
	Relacionamento romântico não estável	,031	,127	,999	-,32	,38
	Parente	-,129	,206	,971	-,69	,44
Parente	Amigo	-,008	,238	1,00	-,66	,64
	Amor Platônico ou ex	-,082	,217	,996	-,68	,51
	Relacionamento romântico não estável	,160	,228	,956	-,47	,79
	Relacionamento romântico estável	,129	,206	,971	-,44	,69
<hr/>						
LAS_Pragma						
Amigo	Amor Platônico ou ex	-,066	,160	,994	-,51	,37
	Relacionamento romântico não estável	,049	,176	,999	-,43	,53
	Relacionamento romântico estável	,058	,146	,995	-,34	,46
	Parente	-,115	,241	,990	-,78	,55
Amor Platônico ou ex	Amigo	,066	,160	,994	-,37	,51
	Relacionamento romântico não estável	,115	,145	,933	-,28	,51
	Relacionamento romântico estável	,125	,106	,764	-,17	,41
	Parente	-,048	,220	,999	-,65	,55
Relacionamento romântico não estável	Amigo	-,049	,176	,999	-,53	,43
	Amor Platônico ou ex	-,115	,145	,933	-,51	,28
	Relacionamento romântico estável	,010	,129	1,00	-,34	,36
	Parente	-,163	,232	,955	-,80	,47
Relacionamento romântico estável	Amigo	-,058	,146	,995	-,46	,34
	Amor Platônico ou ex	-,125	,106	,764	-,41	,17

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Parente	Relacionamento romântico não estável	-,010	,129	1,00	-,36	,34
	Parente	-,173	,209	,922	-,75	,40
	Amigo	,115	,241	,990	-,55	,78
	Amor Platônico ou ex	,048	,220	,999	-,55	,65
	Relacionamento romântico não estável	,163	,232	,955	-,47	,80
	Relacionamento romântico estável	,173	,209	,922	-,40	,75
<hr/>						
LAS_Storge						
Amigo	Amor Platônico ou ex	,107	,155	,959	-,32	,53
	Relacionamento romântico não estável	,073	,170	,993	-,39	,54
Amor Platônico ou ex	Relacionamento romântico estável	,160	,141	,787	-,23	,55
	Parente	,063	,230	,999	-,57	,69
	Amigo	-,107	,155	,959	-,53	,32
	Relacionamento romântico não estável	-,033	,140	,999	-,42	,35
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	,053	,102	,985	-,23	,33
	Parente	-,044	,208	1,00	-,61	,53
	Amigo	-,073	,170	,993	-,54	,39
	Amor Platônico ou ex	,033	,140	,999	-,35	,42
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	,087	,124	,956	-,25	,43
	Parente	-,011	,219	1,00	-,61	,59
	Amigo	-,160	,141	,787	-,55	,23
	Amor Platônico ou ex	-,053	,102	,985	-,33	,23
Parente	Relacionamento romântico não estável	-,087	,124	,956	-,43	,25
	Parente	-,097	,198	,988	-,64	,44
	Amigo	-,063	,230	,999	-,69	,57
	Amor Platônico ou ex	,044	,208	1,00	-,53	,61
	Relacionamento romântico não estável	,011	,219	1,00	-,59	,61
	Relacionamento romântico estável	,097	,198	,988	-,44	,64
<hr/>						
LAS_Ludus						
Amigo	Amor Platônico ou ex	,275	,149	,351	-,13	,68
	Relacionamento romântico não estável	-,242	,164	,579	-,69	,21
	Relacionamento romântico estável	,492(*)	,136	,003	,12	,86
Amor Platônico ou ex	Parente	,088	,225	,995	-,53	,70
	Amigo	-,275	,149	,351	-,68	,13
	Relacionamento romântico não estável	-,517(*)	,135	,001	-,89	-,15
	Relacionamento romântico estável	,217	,098	,179	-,05	,49
	Parente	-,188	,205	,891	-,75	,37

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Relacionamento romântico não estável	Amigo	,242	,164	,579	-,21	,69
	Amor Platônico ou ex	,517(*)	,135	,001	,15	,89
	Relacionamento romântico estável	,734(*)	,119	,000	,41	1,06
Relacionamento romântico estável	Parente	,330	,216	,545	-,26	,92
	Amigo	-,492(*)	,136	,003	-,86	-,12
	Amor Platônico ou ex	-,217	,098	,179	-,49	,05
Parente	Relacionamento romântico não estável	-,734(*)	,119	,000	-1,06	-,41
	Parente	-,404	,195	,235	-,94	,13
	Amigo	-,088	,225	,995	-,70	,53
	Amor Platônico ou ex	,188	,205	,891	-,37	,75
	Relacionamento romântico não estável	-,330	,216	,545	-,92	,26
	Relacionamento romântico estável	,404	,195	,235	-,13	,94

Teste *post hoc* Tukey HSD

\* diferença entre medias significativa ( $p < 0,05$ ).

Tabela F2.

*Teste post hoc nas escalas por tipo de relacionamento (sexo feminino)*

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
RelAS_total Amigo	Amor Platônico ou ex	,656(*)	,156	,000	,23	1,08
	Relacionamento romântico não estável	,415	,171	,109	-,05	,88
	Relacionamento romântico estável	-,964(*)	,142	,000	-1,35	-,58
Amor Platônico ou ex	Parente	-1,275(*)	,210	,000	-1,85	-,70
	Amigo	-,656(*)	,156	,000	-1,08	-,23
	Relacionamento romântico não estável	-,241	,130	,343	-,60	,11
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-1,620(*)	,089	,000	-1,86	-1,38
	Parente	-1,931(*)	,178	,000	-2,42	-1,44
	Amigo	-,415	,171	,109	-,88	,05
	Amor Platônico ou ex	,241	,130	,343	-,11	,60
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	-1,379(*)	,113	,000	-1,69	-1,07
	Parente	-1,690(*)	,192	,000	-2,21	-1,17

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Relacionamento romântico estável	Amigo	,964(*)	,142	,000	,58	1,35
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,620(*)	,089	,000	1,38	1,86
	Relacionamento romântico não estável	1,379(*)	,113	,000	1,07	1,69
	Parente	-,310	,167	,338	-,77	,14
	Amigo	1,275(*)	,210	,000	,70	1,85
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,931(*)	,178	,000	1,44	2,42
	Relacionamento romântico não estável	1,690(*)	,192	,000	1,17	2,21
	Relacionamento romântico estável	,310	,167	,338	-,14	,77
ETAS-R_Intimidade						
Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	,994(*)	,238	,000	,34	1,64
	Relacionamento romântico não estável	,407	,262	,527	-,31	1,12
	Relacionamento romântico estável	-1,191(*)	,218	,000	-1,79	-,60
	Parente	-1,428(*)	,319	,000	-2,30	-,56
Amor Platônico ou ex	Amigo	-,994(*)	,238	,000	-1,64	-,34
	Relacionamento romântico não estável	-,586(*)	,199	,027	-1,13	-,04
	Relacionamento romântico estável	-2,185(*)	,135	,000	-2,55	-1,82
	Parente	-2,422(*)	,270	,000	-3,16	-1,68
Relacionamento romântico não estável	Amigo	-,407	,262	,527	-1,12	,31
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	,586(*)	,199	,027	,04	1,13
	Relacionamento romântico estável	-1,599(*)	,174	,000	-2,07	-1,12
	Parente	-1,836(*)	,291	,000	-2,63	-1,04
Relacionamento romântico estável	Amigo	1,191(*)	,218	,000	,60	1,79
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,185(*)	,135	,000	1,82	2,55
	Relacionamento romântico não estável	1,599(*)	,174	,000	1,12	2,07
	Parente	-,237	,252	,881	-,93	,45
Parente	Amigo	1,428(*)	,319	,000	,56	2,30
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,422(*)	,270	,000	1,68	3,16
	Relacionamento romântico não estável	1,836(*)	,291	,000	1,04	2,63
	Relacionamento romântico estável	,237	,252	,881	-,45	,93
ETAS-R_Paixão						
Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-,849(*)	,246	,005	-1,52	-,18
	Relacionamento romântico não estável	-1,620(*)	,271	,000	-2,36	-,88
	Relacionamento romântico estável	-2,037(*)	,225	,000	-2,65	-1,42
	Parente	,602	,337	,381	-,32	1,52
Amor Platônico ou ex	Amigo	,849(*)	,246	,005	,18	1,52
	Relacionamento romântico não estável	-,770(*)	,206	,002	-1,33	-,21
	Relacionamento romântico estável	-1,188(*)	,140	,000	-1,57	-,81
	Parente	1,452(*)	,287	,000	,67	2,24

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Relacionamento romântico não estável	Amigo	1,620(*)	,271	,000	,88	2,36
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	,770(*)	,206	,002	,21	1,33
	Parente	-,417	,180	,139	-,91	,07
Relacionamento romântico estável	Amigo	2,222(*)	,309	,000	1,38	3,07
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,037(*)	,225	,000	1,42	2,65
	Parente	1,188(*)	,140	,000	,81	1,57
Parente	Amigo	,417	,180	,139	-,07	,91
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,639(*)	,269	,000	1,90	3,37
	Relacionamento romântico estável	-,602	,337	,381	-1,52	,32
Parente	Amigo	-1,452(*)	,287	,000	-2,24	-,67
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-2,222(*)	,309	,000	-3,07	-1,38
	Relacionamento romântico estável	-2,639(*)	,269	,000	-3,37	-1,90
<hr/>						
ETAS-R_Dec./Compr.						
Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,081(*)	,268	,001	,35	1,81
	Relacionamento romântico estável	,616	,295	,226	-,19	1,42
	Parente	-1,857(*)	,245	,000	-2,53	-1,19
Amor Platônico ou ex	Amigo	-2,901(*)	,359	,000	-3,88	-1,92
	Relacionamento romântico não estável	-1,081(*)	,268	,001	-1,81	-,35
	Relacionamento romântico estável	-,466	,224	,229	-1,08	,15
Relacionamento romântico não estável	Amigo	-2,938(*)	,152	,000	-3,35	-2,52
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico estável	-3,982(*)	,303	,000	-4,81	-3,15
	Parente	-,616	,295	,226	-1,42	,19
Relacionamento romântico estável	Amigo	,466	,224	,229	-,15	1,08
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	-2,473(*)	,196	,000	-3,01	-1,94
	Parente	-3,516(*)	,328	,000	-4,41	-2,62
Parente	Amigo	1,857(*)	,245	,000	1,19	2,53
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,938(*)	,152	,000	2,52	3,35
	Relacionamento romântico estável	2,473(*)	,196	,000	1,94	3,01
Parente	Amigo	-1,044(*)	,283	,002	-1,82	-,27
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	2,901(*)	,359	,000	1,92	3,88
	Relacionamento romântico estável	3,982(*)	,303	,000	3,15	4,81
Parente	Amigo	3,516(*)	,328	,000	2,62	4,41
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	1,044(*)	,283	,002	,27	1,82
	Relacionamento romântico estável					
<hr/>						
ETAS-R_Amor						
Amigo	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável	,455	,209	,187	-,11	1,03
	Relacionamento romântico estável	-,126	,230	,982	-,75	,50
	Parente	-1,679(*)	,191	,000	-2,20	-1,16
Parente	Amigo	-1,429(*)	,280	,000	-2,19	-,66
	Amor Platônico ou ex Relacionamento romântico não estável					
	Relacionamento romântico estável					

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Amor Platônico ou ex	Amigo	-,455	,209	,187	-1,03	,11
	Relacionamento romântico não estável	-,582(*)	,174	,008	-1,06	-,11
	Relacionamento romântico estável	-2,134(*)	,118	,000	-2,46	-1,81
Relacionamento romântico não estável	Parente	-1,884(*)	,237	,000	-2,53	-1,24
	Amigo	,126	,230	,982	-,50	,75
	Amor Platônico ou ex	,582(*)	,174	,008	,11	1,06
Relacionamento romântico estável	Relacionamento romântico estável	-1,552(*)	,153	,000	-1,97	-1,14
	Parente	-1,302(*)	,255	,000	-2,00	-,60
	Amigo	1,679(*)	,191	,000	1,16	2,20
Parente	Amor Platônico ou ex	2,134(*)	,118	,000	1,81	2,46
	Relacionamento romântico não estável	1,552(*)	,153	,000	1,14	1,97
	Parente	,250	,221	,790	-,35	,85
Parente	Amigo	1,429(*)	,280	,000	,66	2,19
	Amor Platônico ou ex	1,884(*)	,237	,000	1,24	2,53
	Relacionamento romântico não estável	1,302(*)	,255	,000	,60	2,00
Parente	Relacionamento romântico estável	-,250	,221	,790	-,85	,35
	LAS_Eros					
	Amigo	Amor Platônico ou ex	-,112	,105	,823	-,40
Relacionamento romântico não estável		-,211	,115	,353	-,53	,10
Relacionamento romântico estável		-,603(*)	,096	,000	-,86	-,34
Amor Platônico ou ex	Parente	,339	,148	,146	-,06	,74
	Amigo	,112	,105	,823	-,17	,40
	Relacionamento romântico não estável	-,100	,087	,781	-,34	,14
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-,492(*)	,059	,000	-,65	-,33
	Parente	,451(*)	,127	,004	,10	,80
	Amigo	,211	,115	,353	-,10	,53
Relacionamento romântico estável	Amor Platônico ou ex	,100	,087	,781	-,14	,34
	Relacionamento romântico estável	-,392(*)	,076	,000	-,60	-,18
	Parente	,551(*)	,136	,001	,18	,92
Parente	Amigo	,603(*)	,096	,000	,34	,86
	Amor Platônico ou ex	,492(*)	,059	,000	,33	,65
	Relacionamento romântico não estável	,392(*)	,076	,000	,18	,60
Parente	Parente	,943(*)	,120	,000	,62	1,27
	Amigo	-,339	,148	,146	-,74	,06
	Amor Platônico ou ex	-,451(*)	,127	,004	-,80	-,10
Parente	Relacionamento romântico não estável	-,551(*)	,136	,001	-,92	-,18
	Relacionamento romântico estável	-,943(*)	,120	,000	-1,27	-,62
	LAS_Agape					



(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
Amigo	Amor Platônico ou ex	,135	,133	,849	-,23	,50
	Relacionamento romântico não estável	,278	,146	,318	-,12	,68
	Relacionamento romântico estável	-,237	,122	,294	-,57	,10
Amor Platônico ou ex	Parente	-,091	,189	,989	-,61	,42
	Amigo	-,135	,133	,849	-,50	,23
	Relacionamento romântico não estável	,143	,111	,695	-,16	,45
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	-,372(*)	,075	,000	-,58	-,17
	Parente	-,226	,162	,632	-,67	,22
	Amigo	-,278	,146	,318	-,68	,12
Relacionamento romântico estável	Amor Platônico ou ex	-,143	,111	,695	-,45	,16
	Relacionamento romântico estável	-,515(*)	,097	,000	-,78	-,25
	Parente	-,369	,173	,208	-,84	,10
Parente	Amigo	,237	,122	,294	-,10	,57
	Amor Platônico ou ex	,372(*)	,075	,000	,17	,58
	Relacionamento romântico não estável	,515(*)	,097	,000	,25	,78
Amigo	Parente	,146	,153	,876	-,27	,56
	Amigo	,091	,189	,989	-,42	,61
	Amor Platônico ou ex	,226	,162	,632	-,22	,67
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico não estável	,369	,173	,208	-,10	,84
	Relacionamento romântico estável	-,146	,153	,876	-,56	,27
	Parente					
<b>LAS_Mania</b>						
Amigo	Amor Platônico ou ex	-,243	,129	,322	-,59	,11
	Relacionamento romântico não estável	-,170	,141	,748	-,56	,22
	Relacionamento romântico estável	-,133	,118	,788	-,45	,19
Amor Platônico ou ex	Parente	,196	,178	,805	-,29	,68
	Amigo	,243	,129	,322	-,11	,59
	Relacionamento romântico não estável	,073	,107	,960	-,22	,36
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	,110	,072	,552	-,09	,31
	Parente	,439(*)	,151	,031	,03	,85
	Amigo	,170	,141	,748	-,22	,56
Relacionamento romântico estável	Amor Platônico ou ex	-,073	,107	,960	-,36	,22
	Relacionamento romântico estável	,037	,093	,995	-,22	,29
	Parente	,366	,162	,161	-,08	,81
Parente	Amigo	,133	,118	,788	-,19	,45
	Amor Platônico ou ex	-,110	,072	,552	-,31	,09
	Relacionamento romântico não estável	-,037	,093	,995	-,29	,22
Amigo	Parente	,329	,142	,141	-,06	,72
	Amigo	-,196	,178	,805	-,68	,29

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)	
					Limite inferior	Limite superior
	Amor Platônico ou ex	-,439(*)	,151	,031	-,85	-,03
	Relacionamento romântico não estável	-,366	,162	,161	-,81	,08
	Relacionamento romântico estável	-,329	,142	,141	-,72	,06
<b>LAS_Pragma</b>						
Amigo	Amor Platônico ou ex	-,117	,124	,878	-,46	,22
	Relacionamento romântico não estável	-,049	,136	,997	-,42	,32
	Relacionamento romântico estável	,095	,113	,920	-,22	,40
Amor Platônico ou ex	Parente	-,165	,171	,873	-,63	,30
	Amigo	,117	,124	,878	-,22	,46
	Relacionamento romântico não estável	,069	,103	,963	-,21	,35
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	,212(*)	,070	,021	,02	,40
	Parente	-,047	,146	,998	-,45	,35
	Amigo	,049	,136	,997	-,32	,42
Relacionamento romântico estável	Amor Platônico ou ex	-,069	,103	,963	-,35	,21
	Relacionamento romântico estável	,143	,090	,502	-,10	,39
	Parente	-,116	,157	,947	-,54	,31
Parente	Amigo	-,095	,113	,920	-,40	,22
	Amor Platônico ou ex	-,212(*)	,070	,021	-,40	-,02
	Relacionamento romântico não estável	-,143	,090	,502	-,39	,10
Parente	Parente	-,259	,137	,325	-,63	,12
	Amigo	,165	,171	,873	-,30	,63
	Amor Platônico ou ex	,047	,146	,998	-,35	,45
Parente	Relacionamento romântico não estável	,116	,157	,947	-,31	,54
	Relacionamento romântico estável	,259	,137	,325	-,12	,63
	Parente					
<b>LAS_Storage</b>						
Amigo	Amor Platônico ou ex	,314	,119	,064	-,01	,64
	Relacionamento romântico não estável	,222	,131	,436	-,14	,58
	Relacionamento romântico estável	,447(*)	,109	,000	,15	,74
Amor Platônico ou ex	Parente	,051	,165	,998	-,40	,50
	Amigo	-,314	,119	,064	-,64	,01
	Relacionamento romântico não estável	-,092	,099	,888	-,36	,18
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	,133	,067	,275	-,05	,32
	Parente	-,263	,141	,336	-,65	,12
	Amigo	-,222	,131	,436	-,58	,14
Relacionamento romântico não estável	Amor Platônico ou ex	,092	,099	,888	-,18	,36
	Relacionamento romântico estável	,224	,087	,074	-,01	,46
	Parente	-,172	,151	,789	-,59	,24

(I)	(J)	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	p	Intervalo de confiança (95%)		
					Limite inferior	Limite superior	
Relacionamento romântico estável	Amigo	-,447(*)	,109	,000	-,74	-,15	
	Amor Platônico ou ex	-,133	,067	,275	-,32	,05	
	Relacionamento romântico não estável	-,224	,087	,074	-,46	,01	
	Parente	-,396(*)	,133	,024	-,76	-,03	
	Parente	Amigo	-,051	,165	,998	-,50	,40
		Amor Platônico ou ex	,263	,141	,336	-,12	,65
		Relacionamento romântico não estável	,172	,151	,789	-,24	,59
		Relacionamento romântico estável	,396(*)	,133	,024	,03	,76
LAS_Ludus							
Amigo	Amor Platônico ou ex	-,149	,106	,625	-,44	,14	
	Relacionamento romântico não estável	-,359(*)	,117	,018	-,68	-,04	
	Relacionamento romântico estável	,188	,098	,301	-,08	,46	
Amor Platônico ou ex	Parente	-,173	,150	,778	-,58	,24	
	Amigo	,149	,106	,625	-,14	,44	
	Relacionamento romântico não estável	-,209	,087	,117	-,45	,03	
Relacionamento romântico não estável	Relacionamento romântico estável	,338(*)	,059	,000	,18	,50	
	Parente	-,024	,129	1,00	-,38	,33	
	Amigo	,359(*)	,117	,018	,04	,68	
Relacionamento romântico estável	Amor Platônico ou ex	,209	,087	,117	-,03	,45	
	Relacionamento romântico estável	,547(*)	,076	,000	,34	,76	
	Parente	,186	,138	,661	-,19	,56	
Parente	Amigo	-,188	,098	,301	-,46	,08	
	Amor Platônico ou ex	-,338(*)	,059	,000	-,50	-,18	
	Relacionamento romântico não estável	-,547(*)	,076	,000	-,76	-,34	
Parente	Parente	-,362(*)	,122	,025	-,69	-,03	
	Amigo	,173	,150	,778	-,24	,58	
	Amor Platônico ou ex	,024	,129	1,00	-,33	,38	
Parente	Relacionamento romântico não estável	-,186	,138	,661	-,56	,19	
	Relacionamento romântico estável	,362(*)	,122	,025	,03	,69	

Teste *post hoc* Tukey HSD.

\* diferença entre medias significativa ( $p < 0,05$ ).

## ANEXO G. ANOVAS fatoriais referentes à Tabela 33

Variável Dependente: *RelAS*

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	666,252(a)	9	74,028	67,232	0,000
Intercepto	15625,291	1	15625,291	14190,833	0,000
Tipo de relacionamento	531,010	4	132,753	120,565	0,000
Sexo	3,357	1	3,357	3,049	0,081
Interação	11,127	4	2,782	2,526	0,039
Resíduo	1596,571	1450	1,101		
Total	40069,988	1460			
Total corrigido	2262,823	1459			

a  $R^2 = 0,294$  ( $R^2$  ajustado = 0,290)

Variável Dependente: ETAS-R\_Intimidade

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	1122,573(a)	9	124,730	46,225	0,000
Intercepto	28177,410	1	28177,410	10442,579	0,000
Tipo de relacionamento	883,583	4	220,896	81,864	0,000
Sexo	1,071	1	1,071	0,397	0,529
Interação	31,168	4	7,792	2,888	0,021
Resíduo	3912,563	1450	2,698		
Total	74472,418	1460			
Total corrigido	5035,136	1459			

a  $R^2 = 0,223$  ( $R^2$  ajustado = 0,218)

Variável Dependente: ETAS-R\_Paixão

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	846,649(a)	9	94,072	34,700	0,000
Intercepto	25658,750	1	25658,750	9464,525	0,000
Tipo de relacionamento	701,082	4	175,270	64,651	0,000
Sexo	,096	1	0,096	0,035	0,851
Interação	47,527	4	11,882	4,383	0,002
Resíduo	3922,882	1447	2,711		
Total	77077,074	1457			
Total corrigido	4769,530	1456			

a  $R^2 = 0,178$  ( $R^2$  ajustado = 0,172)

Variável Dependente: ETAS-R\_Decisão/Compromisso

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	2355,747(a)	9	261,750	78,625	0,000
Intercepto	21887,075	1	21887,075	6574,452	0,000
Tipo de relacionamento	1907,196	4	476,799	143,221	0,000
Sexo	1,698	1	1,698	0,510	0,475
Interação	42,186	4	10,546	3,168	0,013
Resíduo	4827,209	1450	3,329		
Total	61656,579	1460			
Total corrigido	7182,956	1459			

a  $R^2 = 0,328$  ( $R^2$  ajustado = 0,324)

## Variável Dependente: ETAS-R\_Amor

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	1097,632(a)	9	121,959	59,220	0,000
Intercepto	25324,963	1	25324,963	12297,143	0,000
Tipo de relacionamento	867,929	4	216,982	105,361	0,000
Sexo	,001	1	0,001	0,001	0,981
Interação	30,957	4	7,739	3,758	0,005
Resíduo	2986,157	1450	2,059		
Total	69001,028	1460			
Total corrigido	4083,788	1459			

a  $R^2 = 0,269$  ( $R^2$  ajustado = 0,264)

## Variável Dependente: LAS\_Eros

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	125,279(a)	9	13,920	27,053	0,000
Intercepto	7322,334	1	7322,334	14230,880	0,000
Tipo de relacionamento	114,842	4	28,710	55,798	0,000
Sexo	,139	1	0,139	0,270	0,604
Interação	2,103	4	0,526	1,022	0,395
Resíduo	729,615	1418	0,515		
Total	20818,816	1428			
Total corrigido	854,894	1427			

a  $R^2 = 0,147$  ( $R^2$  ajustado = 0,141)

## Variável Dependente: LAS\_Agape

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	140,838(a)	9	15,649	19,551	0,000
Intercepto	4784,013	1	4784,013	5976,855	0,000
Tipo de relacionamento	62,287	4	15,572	19,454	0,000
Sexo	24,135	1	24,135	30,152	0,000
Interação	4,526	4	1,132	1,414	0,227
Resíduo	1117,391	1396	0,800		
Total	13187,902	1406			
Total corrigido	1258,229	1405			

a  $R^2 = 0,112$  ( $R^2$  ajustado = 0,106)

## Variável Dependente: LAS\_Mania

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	12,706(a)	9	1,412	1,903	0,048
Intercepto	4113,021	1	4113,021	5543,724	0,000
Tipo de relacionamento	6,024	4	1,506	2,030	0,088
Sexo	,164	1	0,164	0,221	0,638
Interação	4,429	4	1,107	1,492	0,202
Resíduo	1039,435	1401	0,742		
Total	10997,391	1411			
Total corrigido	1052,141	1410			

a  $R^2 = 0,012$  ( $R^2$  ajustado = 0,006)

## Variável Dependente: LAS\_Pragma

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	10,500(a)	9	1,167	1,634	0,101
Intercepto	5811,725	1	5811,725	8138,554	0,000
Tipo de relacionamento	6,699	4	1,675	2,345	0,053
Sexo	,865	1	0,865	1,211	0,271
Interação	,755	4	0,189	0,264	0,901
Resíduo	1002,594	1404	0,714		
Total	14383,303	1414			
Total corrigido	1013,093	1413			

a  $R^2 = 0,010$  ( $R^2$  ajustado = 0,004)

## Variável Dependente: LAS\_Storge

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	22,534(a)	9	2,504	3,751	0,000
Intercepto	7669,368	1	7669,368	11490,726	0,000
Tipo de relacionamento	11,593	4	2,898	4,342	0,002
Sexo	,014	1	0,014	0,020	0,886
Interação	2,861	4	0,715	1,072	0,369
Resíduo	946,430	1418	0,667		
Total	17820,783	1428			
Total corrigido	968,964	1427			

a  $R^2 = 0,023$  ( $R^2$  ajustado = 0,017)

## Variável Dependente: LAS\_Ludus

Fonte de Variação	Soma quadrática tipo III	gl	Média Quadrática	F	p
Modelo corrigido	101,988(a)	9	11,332	20,399	0,000
Intercepto	3581,529	1	3581,529	6447,009	0,000
Tipo de relacionamento	60,293	4	15,073	27,133	0,000
Sexo	18,639	1	18,639	33,551	0,000
Interação	4,383	4	1,096	1,973	0,096
Resíduo	784,413	1412	0,556		
Total	8086,177	1422			
Total corrigido	886,402	1421			

a  $R^2 = 0,115$  ( $R^2$  ajustado = 0,109)